

Fernanda Ferreira Spoladore

**UM ESTUDO CONTRASTIVO DE LÍNGUAS TUPI:**

**Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé**

Uberlândia/MG

2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU**  
**INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA - ILEEL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS - PPGE**

**UM ESTUDO CONTRASTIVO DE LÍNGUAS TUPI:**  
**Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Doutorado), do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para o cumprimento da etapa de Defesa Pública de Tese de Doutorado.

**Área de concentração:** Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

**Linha de pesquisa:** Teoria, descrição e análise linguística.

**Tema:** Análise e descrição de fenômenos morfossintáticos e lexicais.

**Orientadora:** Profa. Dra. Dulce do Carmo Franceschini.

Uberlândia/MG

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

- S762e  
2017      Spoladore, Fernanda Ferreira, 1986-  
Um estudo contrastivo de línguas tupi : Araweté, Kamaiurá, Aweti e  
Sateré-Mawé / Fernanda Ferreira Spoladore. - 2017.  
272 f. : il.
- Orientadora: Dulce do Carmo Franceschini.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa  
de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.  
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2018.605>  
Inclui bibliografia.
1. Linguística - Teses. 2. Análise linguística (Linguística) - Teses. 3.  
Índios - Línguas - Teses. I. Franceschini, Dulce do Carmo. II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
Estudos Linguísticos. III. Título.

---

CDU: 801

Fernanda Ferreira Spoladore

## UM ESTUDO CONTRASTIVO DE LÍNGUAS TUPI:

Araweté – Kamaiurá (Tupi-Guarani), Aweti e Sateré-Mawé

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Doutorado), do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

**Área de concentração:** Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

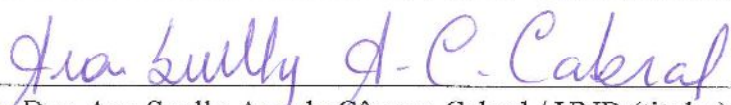
**Linha de pesquisa:** Teoria, descrição e análise linguística.

### Banca Examinadora:

Participação via Skype

---

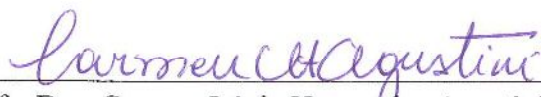
Profa. Dra. Dulce do Carmo Franceschini / UFU / UFFS (orientadora)

  
Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral / UNB (titular)

Participação via Skype

---

Profa. Dra. Eliete de Jesus Bararúá Solano / UFPA (titular)

  
Profa. Dra. Carmen Lúcia Hernandes Agustini / UFU (titular)

  
Prof. Dr. Guilherme Fromm / UFU (titular)

---

Prof. Dr. Andérbio Márcio Silva Martins / UFGD (suplente)

---

Prof. Dr. José Simão da Silva Sobrinho / UFU (suplente)

**Aos povos Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.**  
**À minha querida avó, Maria Luiza Spoladore (*in memoriam*).**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho:

Aos pesquisadores Ruth Maria Fonini Monserrat, Yonne de Freitas Leite (*in memoriam*), Márcia Damaso Vieira, Dulce do Carmo Franceschini, Lucy Seki (*in memoriam*), Cristina de Cássia Borella, Eliete de Jesus Bararuá Solano, Denize de Souza Carneiro e Wary Kamaiurá Sabino, os quais foram à campo, coletaram, pesquisaram e publicaram seus estudos, dos quais me apropriei para desenvolver o presente trabalho. Registro aqui o meu agradecimento, a minha admiração e o meu respeito por estes linguistas que, tendo contribuído imensamente para o conhecimento e a compreensão de línguas como o Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, são exemplo de engajamento e comprometimento com a causa indígena.

À minha orientadora, Dulce do Carmo Franceschini, exemplo de linguista e pesquisadora coerente, competente e comprometida com os estudos linguísticos indígenas, por sua orientação, formação e ensinamentos valiosos os quais levarei comigo. Também por me receber com carinho em sua casa, pelos compartilhamentos e pela amizade.

À professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, linguista e pesquisadora admirável, completamente envolvida com a causa indígena. Registro aqui a minha admiração e o meu respeito sem tamanho. Também pelo carinho com que me recebeu no LALLI/UNB, pela confiança com que me cedeu material sobre o Aweti, por seus ensinamentos e seu bom humor ímpar. Muito obrigada!

À professora Carmen Lúcia Hernandez Agustini, linguista e pesquisadora competente por quem tenho muito carinho e admiração, por contribuir para a minha formação desde o curso de Mestrado. À professora Eliete de Jesus Bararuá Solano, pelo carinho e disponibilidade, aos professores Guilherme Fromm, José Simão da Silva Sobrinho e Andérbio Márcio Silva Martins, por aceitarem o convite para compor esta banca de defesa. Agradeço imensamente!

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), pelas orientações administrativas e pelo apoio, sempre que necessário.

Aos meus pais, Valéria e José Roberto, exemplos de amor, paciência e dedicação, por nos ensinarem desde pequenos a importância do estudo e do conhecimento. Também pela educação pautada em valores como integridade, respeito e altruísmo. A vocês, meu amor incondicional!

À minha querida avó, Maria Luiza (*in memoriam*), que, apesar de toda simplicidade, sempre me incentivou a estudar. Pouco sabia escrever, mas dizia que *queria me ver na universidade*. Mulher simples, amorosa, íntegra e guerreira, dona da minha maior saudade!

À Maria De Maria, minha companheira, pelo laço sólido de amor, respeito, amizade e lealdade construído. Não tenho palavras para agradecer o seu suporte e incentivo afetuosos diante do meu cansaço ou desânimo. Gratidão imensa pela parceria e por todo o tempo que me dedicas!

Aos meus amigos queridos, José de Oliveira Sateré e Denize de Souza Carneiro, pela amizade, parceria e pelos diálogos sobre a língua Sateré-Mawé.

Aos meus queridos irmãos, José Roberto e Gustavo, às minhas cunhadas, aos meus pequenos sobrinhos (*meu alento em meio ao caos*) e a todos os meus familiares e amigos, pelo carinho e pela amizade. Também pela preocupação e torcida. Muito obrigada!

Agradeço, principalmente, a Deus, a quem devo todas as coisas.

*Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque tu estás comigo* (Salmo 23).

Desde que se tenham algumas descrições de línguas, aparecerão espíritos curiosos bastante para dedicar-se a comparar essas descrições e daí tirar conclusões, classificando as línguas como relacionadas umas com as outras ou como pertencentes a tipos semelhantes num ou noutro particular (RODRIGUES, 1994, p. 5).



## RESUMO

O objetivo deste trabalho, composto por oito capítulos, é apresentar um estudo comparativo das construções nominais e verbais de quatro línguas do tronco Tupi, bem como de seus enunciados independentes. Estritamente sincrônico, contempla as línguas Araweté e Kamaiurá, dois dos membros da família Tupi-Guarani, bem como Aweti e Sateré-Mawé, membros únicos de famílias de mesmo nome, a fim de apontar suas semelhanças e diferenças. Este estudo, em que não se propõe a descrição dessas línguas, é baseado em propostas descritivas já realizadas. No *primeiro capítulo*, apresentamos o objetivo e a justificativa deste trabalho. No *segundo capítulo*, porém, trazemos algumas considerações históricas, demográficas e sociolinguísticas em relação aos povos Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé. No *capítulo terceiro*, apresentamos algumas considerações sobre as Linguísticas Contrastiva e Tipológica, bem como as perspectivas teóricas do Funcionalismo Estrutural e Enunciação. Em seguida, discutimos os enunciados de predicado não verbal e de predicado verbal em línguas naturais. No *capítulo quarto*, por sua vez, estão apresentados os nomes e verbos do Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, comparados em nível morfossintático e semântico. No *capítulo quinto*, em seguida, apresentamos a estrutura dos sintagmas nominais e posposicionados destas línguas, bem como a função que podem desempenhar nos enunciados. Nos *capítulos sexto e sétimo*, por seu turno, propomos um contraste dos enunciados de predicado não verbal e de predicado verbal. Finalmente, no *capítulo oitavo*, estão apresentadas as considerações finais deste trabalho.

**Palavras-chave:** Estudo contrastivo. Línguas Tupi. Araweté. Kamaiurá. Aweti. Sateré-Mawé.

## ABSTRACT

The aim of this work, composed of eight chapters, is to present a comparative study of nominal and verbal constructions of four Tupi trunk languages, as well as their independent sentences. Strictly synchronic, it includes Araweté and Kamaiurá languages, two members of Tupi-Guarani family, as well as Aweti and Sateré-Mawé, unique members of its families, in order to point out their similarities and differences. This study, in which it is not proposed to describe these languages, is based on descriptive proposals already made. In the *first chapter*, we present the purpose and justification of this work. In the *second chapter*, we bring some historical, demographic and sociolinguistic considerations in relation to Araweté, Kamaiurá, Aweti and Sateré-Mawé people. In the *third chapter*, we present some considerations about Contrastive and Typological Linguistics, as well as theoretical perspectives of Structural Functionalism and Enunciation. After that, we discuss the sentences of nonverbal and verbal predicate in natural languages. In the *fourth chapter*, in turn, we present the names and verbs of Araweté, Kamaiurá, Aweti and Sateré-Mawé, compared in morphosyntactic and semantic levels. In the *fifth chapter*, we expose the structure of postpositional and noun phrases in these languages, as well as function they can play in the sentences. In the *sixth* and *seventh chapters*, in turn, we propose a contrast of nonverbal and verbal predicate sentences. Finally, in the *eighth chapter*, we present the final considerations of this work.

**Keywords:** Contrastive study. Tupi languages. Araweté. Kamaiurá. Aweti. Sateré-Mawé.

## LISTA DE QUADROS

**Quadro A:** Actantes *versus* circunstantes.

**Quadro B:** Plano morfossintático *versus* plano semântico-referencial.

**Quadro C:** Prefixos relacionais em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.

**Quadro D:** Prefixos pessoais e prefixos *alienáveis* em Sateré-Mawé.

**Quadro E:** Prefixos pessoais e prefixos *inalienáveis* em Sateré-Mawé.

**Quadro F:** As proformas de série possessiva do Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.

**Quadro G:** Proformas do Araweté.

**Quadro H:** Proformas do Kamaiurá.

**Quadro I:** Proformas do Aweti.

**Quadro J:** Proformas do Sateré-Mawé.

**Quadro K:** Hierarquia de referência pessoal: Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.

**Quadro L:** Proformas de série ativa: Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.

**Quadro M:** Proformas de série imperativa: Araweté, Kamaiurá e Aweti.

**Quadro N:** Proformas de série inativa: Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.

**Quadro O:** Proformas de série *portmanteau*: Kamaiurá e Sateré-Mawé.

**Quadro P:** Prefixos relacionais em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.

**Quadro Q:** Prefixos relacionais em Sateré-Mawé.

**Quadro R:** Compatibilidade entre prefixos pessoais e índices de voz atributiva.

**Quadro S:** Compatibilidade entre prefixos pessoais e índice de voz média.

**Quadro T:** Compatibilidade entre prefixos pessoais e índices de voz ativa.

**Quadro U:** Compatibilidade entre prefixos pessoais e índices de voz inversa.

## LISTA DE IMAGENS

**Imagem 1:** Tronco linguístico Tupi

**Imagem 2:** Terra Indígena Araweté/Igarapé Ipixuna.

**Imagem 3:** Parque Indígena do Xingu.

**Imagem 4:** Região dos rios Andirá e Waikurapá.

**Imagem 5:** Região dos rios Marau-Urupadi.

## LISTA DE ABREVIATURAS

<b>A</b>	Proforma de série ativa
<b>ABS</b>	Absolutivo
<b>ACC</b>	Acusativo
<b>Adj.</b>	Adjetivo
<b>Adv.</b>	Advérbio
<b>Adv.der.</b>	Advérbio derivado
<b>Art.</b>	Artigo
<b>Asp.</b>	Aspecto
<b>At.</b>	Atestado
<b>At.A</b>	Orientação ativa atélica
<b>Aten.</b>	Atenuativo
<b>ATR</b>	Caso atributivo
<b>Atrib.</b>	Orientação atributiva
<b>Atrib.neg.</b>	Nominalizador atributivo negativo
<b>At.T</b>	Orientação ativa télica
<b>Aud.</b>	Audível
<b>Aux.</b>	Verbo auxiliar
<b>Caus.</b>	Causativo
<b>CC</b>	Causativo-comitativo
<b>circ.</b>	Modo circunstancial
<b>CL2</b>	Classe pessoas (Suaíli)
<b>CL7</b>	Classe artefatos (Suaíli)
<b>col.</b>	Coletivizador
<b>Conf.</b>	Confirmativo
<b>Cont.</b>	Aspecto continuativo
<b>COP</b>	Cópula
<b>cor. (c.)</b>	Correferencial
<b>DAT</b>	Dativo
<b>decl.</b>	Declarativo
<b>def.</b>	Definido
<b>det.</b>	Determinante
<b>dem.</b>	Demonstrativo
<b>Dist.Pas.</b>	Passado distante
<b>Enf.</b>	Ênfase
<b>ERG</b>	Ergativo
<b>Est.</b>	Aspecto estativo
<b>Ex.</b>	Existencial
<b>excl. (ex.)</b>	Primeira pessoa exclusiva

<b>f.</b>	Feminino
<b>Foc.</b>	Foco
<b>Fut.</b>	Futuro
<b>G</b>	Relacional genérico
<b>GEN</b>	Genitivo
<b>i.</b>	Proforma de série imperativa
<b>I</b>	Proforma de série inativa
<b>Imp.</b>	Imperativo
<b>Imp.Neg.</b>	Imperativo-negativo
<b>Impf.</b>	Aspecto imperfeito
<b>incl. (in.)</b>	Primeira pessoa inclusiva
<b>Ind.</b>	Modo indicativo
<b>Ines.</b>	Inessivo
<b>Inter.</b>	Interrogativo
<b>Ints.</b>	Aspecto Intensivo
<b>Inv.</b>	Orientação inversa
<b>IR</b>	Intencional real
<b>Loc.</b>	Caso locativo
<b>m.</b>	Masculino
<b>Med.</b>	Orientação média
<b>N</b>	Caso nuclear
<b>Neg.</b>	Marca de negação
<b>n.fut.</b>	Não futuro
<b>NM</b>	Caso não marcado
<b>NOM</b>	Nominativo
<b>Nom.</b>	Nominalizador
<b>Nom.A</b>	Nominalizador agentivo
<b>Nom.Atr.</b>	Nominalizador atributivo
<b>obj.</b>	Marca genérica do <i>objeto</i>
<b>P</b>	Proforma de série <i>portmanteau</i>
<b>p.</b>	Proforma de série possessiva
<b>p.part.</b>	Plural partitivo
<b>Part.</b>	Partícula Enunciativa
<b>Pas.</b>	Passado
<b>Perf.</b>	Aspecto perfectivo
<b>PFX</b>	Prefixo
<b>pl.</b>	Plural
<b>PLU</b>	Pluralizador
<b>Posp.</b>	Posposição
<b>Posp.der.</b>	Posposição derivada
<b>Pres.</b>	Presente

<b>Prob.</b>	Probabilidade
<b>Proib.</b>	Proibitiva
<b>R<sup>1</sup></b>	Relacional de contiguidade
<b>R<sup>2</sup></b>	Relacional de não contiguidade
<b>Ra.</b>	Relacional alienável
<b>rad. gen.</b>	Radical genérico
<b>Rec.</b>	Orientação recíproca
<b>red.</b>	Reduplicação
<b>Ref.</b>	Referenciante
<b>Refl.</b>	Reflexivo
<b>Reit.</b>	Reiterativo
<b>REL</b>	Relator
<b>RLS</b>	Realis
<b>Retr.</b>	Existência retrospectiva
<b>Ri.</b>	Relacional inalienável
<b>SFX</b>	Sufixo
<b>sg.</b>	Singular
<b>simil.</b>	Similitivo
<b>Sup.</b>	Suposto
<b>TH</b>	Sufixo temático
<b>TOP</b>	Tópico
<b>TRAN</b>	Caso translativo
<b>VDR</b>	Verdadeiro

## SUMÁRIO

Dedicatória	
Agradecimentos	
Epígrafe	
Resumo	
Abstract	
Lista de quadros	
Lista de imagens	
Lista de abreviaturas	

### Capítulo I: INTRODUÇÃO

1.1	Justificativa e objetivos .....	19
-----	---------------------------------	----

### Capítulo II: ARAWETÉ, KAMAIURÁ, AWETI E SATERÉ-MAWÉ: OS POVOS E SUAS LÍNGUAS

2.1	Classificação linguística .....	22
2.2	Os Araweté .....	23
2.2.1	História, contato e território .....	23
2.2.2	Araweté e sua Língua .....	26
2.3	Os Aweti e Kamaiurá: História, contato e território .....	27
2.3.1	Aweti e sua Língua .....	32
2.3.2	Kamaiurá e sua Língua .....	34
2.4	Os Sateré-Mawé .....	35
2.4.1	História, contato e território .....	35
2.4.2	Sateré-Mawé e sua Língua .....	38
2.5	Considerações gerais .....	40

### Capítulo III. ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

3.1	Linguística Contrastiva .....	41
3.2	Concepção de Linguagem .....	43

<b>3.3</b>	<b>Enunciados de predicado não verbal em línguas naturais</b>	<b>47</b>
<b>3.3.1</b>	<b>Cópula: definição, função e tipologia</b>	<b>48</b>
<b>3.3.1.1</b>	Cópulas verbais	51
<b>3.3.1.2</b>	Cópulas não verbais	53
<b>3.3.2</b>	<b>Enunciado de predicado nominal</b>	<b>57</b>
<b>3.3.2.1</b>	Enunciado inclusivo	57
<b>3.3.2.2</b>	Enunciado equativo	59
<b>3.3.3</b>	<b>Enunciado de predicado adjetival</b>	<b>61</b>
<b>3.3.4</b>	<b>Enunciado de predicado possessivo</b>	<b>66</b>
<b>3.3.5</b>	<b>Enunciado de predicado locativo</b>	<b>67</b>
<b>3.3.6</b>	<b>Enunciado de predicado existencial</b>	<b>71</b>
<b>3.4</b>	<b>Enunciados de predicado verbal em línguas naturais</b>	<b>72</b>
<b>3.4.1</b>	Análise morfossintática	72
<b>3.4.1.1</b>	Instrumentos relacionais	75
<b>3.4.1.2</b>	Proposta de uma tipologia linguística	82
<b>3.4.2</b>	Análise morfossintática e semântico-referencial	82
<b>3.5</b>	<b>Considerações gerais</b>	<b>85</b>

#### **Capítulo IV. NOMES E VERBOS EM ARAWETÉ, KAMAIURÁ, AWETI E SATERÉ-MAWÉ**

<b>4.1</b>	Descritivos em Araweté	87
<b>4.2</b>	Descritivos em Aweti	91
<b>4.3</b>	<b>Classe dos Nomes</b>	<b>93</b>
<b>4.3.1</b>	Classificação morfossemântica	93
<b>4.3.2</b>	Classificação morfossintática	95
<b>4.3.2.1</b>	Estrutura dos nomes possuíveis	96
<b>4.3.2.1.1</b>	Prefixos relacionais	97
<b>4.3.2.1.2</b>	Proformas de série possessiva	108
<b>4.4</b>	<b>Classe dos Verbos</b>	<b>120</b>
<b>4.4.1</b>	<b>Proformas de série ativa, inativa e <i>portmanteau</i></b>	<b>121</b>
<b>4.4.1.1</b>	Hierarquia de referência pessoal	125
<b>4.4.1.1.1</b>	Proformas de série ativa	131
<b>4.4.1.1.2</b>	Proformas de série inativa	139



4.4.1.1.3	Proformas de série <i>portmanteau</i> .....	146
4.4.2	<b>Prefixos relacionais</b> .....	148
4.4.2.1	Relacional de voz atributiva .....	153
4.4.2.2	Relacional de voz média .....	156
4.4.2.3	Relacional de voz ativa .....	158
4.4.2.4	Relacional de voz inversa .....	161
4.4.3	<b>Prefixos específicos</b> .....	164
4.4.3.1	Prefixos reflexivos e recíprocos .....	164
4.4.3.2	Prefixos causativos .....	168
4.5	<b>Considerações gerais</b> .....	173

## Capítulo V. SINTAGMAS NOMINAIS E POSPOSICIONADOS EM ARAWETÉ, KAMAIURÁ, AWETI E SATERÉ-MAWÉ

5.1	<b>Sintagma nominal</b> .....	175
5.1.1	Determinantes do nome .....	178
5.1.1.1	Construção genitiva .....	178
5.1.1.2	Demonstrativos e numerais .....	181
5.1.1.3	Verbos em função epítética .....	183
5.1.2	Funções do sintagma nominal .....	184
5.2	<b>Sintagma posposicionado</b> .....	187
5.3	<b>Considerações gerais</b> .....	189

## Capítulo VI. ENUNCIADOS DE PREDICADO NÃO VERBAL EM ARAWETÉ, KAMAIURÁ, AWETI E SATERÉ-MAWÉ

6.1	<b>Enunciados equativo e inclusivo</b> .....	191
6.2	<b>Enunciado atributivo</b> .....	196
6.2.1	Atributivo inerente .....	197
6.2.2	Atributivo não inerente .....	200
6.3	<b>Enunciado possessivo</b> .....	201
6.3.1	Possessivo-equativo .....	201
6.3.2	Possessivo não equativo .....	204
6.4	<b>Enunciado locativo</b> .....	206

<b>6.5</b>	<b>Enunciado existencial</b> .....	<b>210</b>
<b>6.6</b>	<b>Considerações gerais</b> .....	<b>212</b>

## **Capítulo VII. ENUNCIADOS DE PREDICADO VERBAL EM ARAWETÉ, KAMAIURÁ, AWETI E SATERÉ- MAWÉ**

<b>7.1</b>	<b>Enunciados Declarativos</b> .....	<b>221</b>
<b>7.1.1</b>	Enunciado uniactancial não agentivo .....	<b>221</b>
<b>7.1.2</b>	Enunciado uniactancial agentivo .....	<b>225</b>
<b>7.1.3</b>	Enunciado biactancial .....	<b>228</b>
<b>7.2</b>	<b>Enunciados Interrogativos</b> .....	<b>238</b>
<b>7.2.1</b>	Enunciado uniactancial não agentivo .....	<b>241</b>
<b>7.2.2</b>	Enunciado uniactancial agentivo .....	<b>242</b>
<b>7.2.3</b>	Enunciado biactancial .....	<b>244</b>
<b>7.3</b>	<b>Enunciados Imperativos</b> .....	<b>247</b>
<b>7.3.1</b>	Enunciado uniactancial não agentivo .....	<b>248</b>
<b>7.3.2</b>	Enunciado uniactancial agentivo .....	<b>249</b>
<b>7.3.3</b>	Enunciado biactancial .....	<b>250</b>
<b>7.4</b>	<b>Considerações gerais</b> .....	<b>253</b>

<b>Capítulo VIII. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>254</b>
--	------------

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>261</b>
---	------------

## Capítulo I: INTRODUÇÃO

No plano mundial tem-se considerado que hoje qualquer língua falada por menos de 100 mil pessoas tem sua sobrevivência ameaçada e necessita de especial atenção. [...] O aspecto mais grave está, porém, no outro lado do espectro demográfico, nas línguas infimamente minoritárias, com populações que não vão além de mil pessoas. Essa é a situação de três quartos (76%) das nossas línguas indígenas e significa que é tarefa de alta prioridade e urgência a pesquisa científica que visa à documentação, análise, classificação e interpretação teórica dessas línguas, que em sua grande maioria só existem aqui (RODRIGUES, 2005, p. 36).

### 1.1 Justificativa e objetivos

A relevância da presente tese está fundamentada na importância da realização de estudos sobre línguas indígenas. Atualmente, a situação deste tipo de pesquisa é de ascensão, a partir da conscientização da classe de linguistas a respeito do desaparecimento acelerado de diferentes povos e, conseqüentemente, de suas línguas. Sabe-se, todavia, que os trabalhos linguísticos de documentação, análise, classificação, comparação e interpretação teórica são ainda insuficientes, tendo em vista a existência de aproximadamente 220 povos e apenas 180 línguas, a grande maioria sem nenhum registro (RODRIGUES, 2016, p. 187).

Essa discrepância entre o número de povos e línguas é um indício de que muitos indígenas já não são falantes de suas línguas maternas. Para alguns desses povos, o processo de recuperação linguística já não é mais possível, dada a inexistência de documentação suficiente acerca do funcionamento dessas línguas. Em contrapartida, alguns povos tiveram suas línguas documentadas e descritas, geralmente por linguistas com a colaboração dos próprios falantes, o que lhes permite engajar em atividades de preservação e fortalecimento. Em último caso, outros povos vêem a possibilidade de recuperá-las, seja por meio do conhecimento de poucos falantes acerca da língua que se pretende resgatar ou da obtenção de algum tipo de documentação realizada previamente à perda/extinção linguística. Esse processo de retomada gira em torno da rememoração da língua esquecida por alguns falantes e do seu compartilhamento com os que já a perderam ou nunca aprenderam, o que possibilita recuperar parte da cultura e da história que lhe são intrínsecas.

Juntas, as línguas brasileiras representam a diversidade linguística e cultural de nosso país. Nelas podemos enxergar a organização das experiências e do conhecimento de mundo de seus falantes, de modo que são uma espécie de reflexo da cultura de seus povos. Nesta perspectiva, o desaparecimento de uma língua significa o apagamento de aspectos essenciais

da cultura e visão de mundo de um povo. Nas palavras de Rodrigues (2002, p. 27), “cada língua [...] brasileira não só reflete, assim, aspectos importantes da visão de mundo desenvolvida pelo povo que a fala, mas constitui, além disso, a única porta de acesso ao conhecimento pleno dessa visão de mundo que só nela é expressa”.

A documentação e os estudos acerca de diferentes línguas contribuem ainda para o processo de compreensão do funcionamento da linguagem humana. Tais estudos, conforme Perini (2008, p. 56-58), funcionam como *fonte de dados* para a elaboração de teorias linguísticas, além de contribuírem para o abandono de conceitos arraigados duvidosos. Em consonância, Rodrigues (2002, p. 5) afirma que “cada nova estrutura linguística que se descobre pode levar-nos a alterar conceitos antes firmados e pode abrir-nos horizontes novos para a visualização geral do fenômeno da linguagem humana”.

Em se tratando de línguas já descritas e analisadas, parte-se do pressuposto de que as línguas Tupi apresentam-se mais ou menos semelhantes, isto é, compartilham de elementos e estratégias pouco ou muito similares. O presente trabalho, portanto, tem como objetivo propor um estudo contrastivo das construções nominais e verbais de quatro línguas do tronco Tupi, bem como de seus enunciados independentes, a fim de apontar suas diferenças e semelhanças. Estritamente sincrônico, contempla as línguas Araweté e Kamaiurá, dois dos membros da família Tupi-Guarani, bem como Aweti e Sateré-Mawé, membros únicos de famílias de mesmo nome.

Este estudo, porém, em que não se propõe a descrição destas línguas, é baseado em trabalhos descritivos já realizados. Para o Araweté, baseamo-nos nos trabalhos *Observações Preliminares sobre a Língua Araweté*, de Leite e Vieira (1998), e *Descrição Gramatical da Língua Araweté*, de Solano (2009). Em se tratando do Kamaiurá, porém, embasamo-nos em sua gramática desenvolvida por Seki (2000), intitulada *Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Por sua vez, foram fundamentais para a nossa compreensão da língua Aweti os seguintes estudos: *A Negação em Aweti e Prefixos Pessoais em Aweti*, de Monserrat (1975, 1976), *Aspectos Morfossintáticos da Língua Aweti (Tupi)*, de Borella (2000), e *Awetýza Ti?íngatú: Construindo uma Gramática da Língua Awetý, com Contribuições para o Conhecimento do seu Desenvolvimento Histórico*, de Sabino (2016). Ademais, o conhecimento da língua Sateré-Mawé aqui apresentado é resultado, principalmente, da pesquisa *La langue Sateré-Mawé: description et analyse morphosyntaxique*, de Franceschini (1999), também das pesquisas *A Interrogação em Sateré-Mawé*, de Spoladore (2011), e *A Negação em Sateré-Mawé*, de Carneiro (2012).

Deve-se atentar ainda para o fato de que os estudos linguísticos têm uma importância de cunho social, sobretudo quando inseridos nas escolas, uma vez que podem colaborar para o ensino, a valorização e a preservação de uma língua e cultura nela depositada. Por conseguinte, além do objetivo puramente teórico desta tese, espera-se também atingir um objetivo prático, o de contribuir para o ensino e o estudo das línguas Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé nas escolas das comunidades indígenas, bem como nos cursos de Licenciatura Intercultural Indígena e de Pós-Graduação.

No próximo capítulo, apresento informações históricas, demográficas e sociolinguísticas relevantes a respeito desses povos.

## Capítulo II:

### ARAWETÉ, KAMAIURÁ, AWETI E SATERÉ-MAWÉ: OS POVOS E SUAS LÍNGUAS

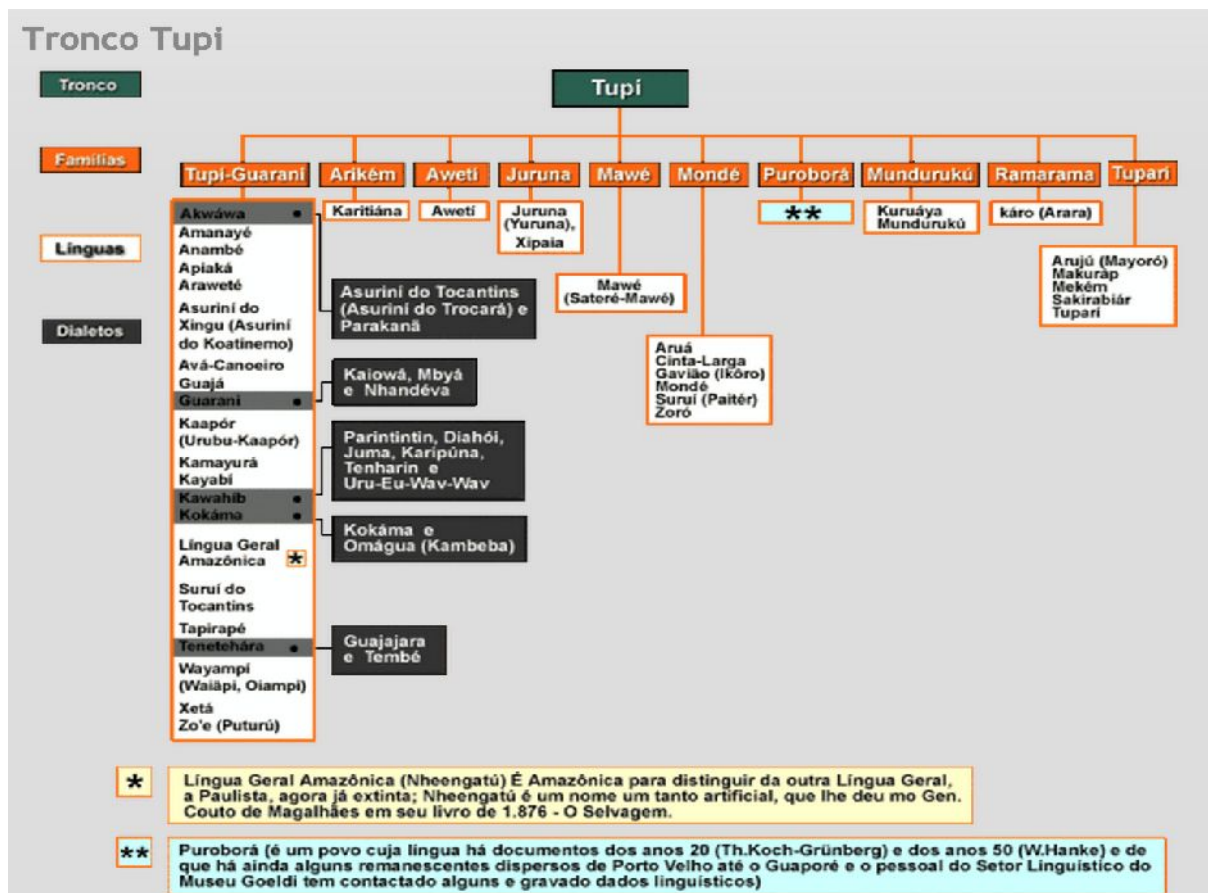
#### 2.1 Classificação linguística

Segundo Rodrigues (2002), as línguas indígenas brasileiras são, em sua maioria, agrupadas em dois grandes troncos: Tupi e Macro-Jê. Este agrupamento é condicionado pelas semelhanças entre as línguas, que são ainda subgrupadas em diferentes famílias em razão de serem pouco ou muito similares.

No presente trabalho, tecemos uma comparação entre quatro línguas do tronco Tupi, duas pertencentes à grande família Tupi-Guarani, *Araweté* e *Kamaiurá*, e duas de famílias de membro único, *Aweti* e *Sateré-Mawé*.

A imagem, a seguir, ilustra o tronco linguístico Tupi e suas famílias.

**Imagem 1:** Tronco linguístico Tupi (RODRIGUES, 1986/2002).



Fonte: Instituto Socioambiental (1997).

## 2.2 Os Araweté

### 2.2.1 História, contato e território

A concepção araweté de territorialidade é aberta; eles não tinham, até bem pouco, a noção de um domínio exclusivo sobre um espaço contínuo e homogêneo [...]. Os Araweté não parecem ter uma geografia mitológica ou sítios sagrados. Sua atitude objetiva e subjetiva era um incessante ir em frente, deixando para trás os mortos e os inimigos (VIVEIROS DE CASTRO, CAUX & HEURICH, 2017).

Oficialmente desconhecidos até o início dos anos 70, a história dos Araweté foi marcada por deslocamentos incessantes em consequência de ataques por grupos indígenas inimigos. Em razão de conflitos com os povos Caiapó e Parakanã<sup>1</sup>, migraram da nascente do rio Bacajá<sup>2</sup> para as margens do rio Xingu, no estado do Pará, onde fixaram morada há aproximadamente 50 anos “entre as bacias dos rios Bom Jardim, ao sul, e Piranhaquara, ao norte, que inclui os rios Canafistula, Jatobá e Ipixuna”. Afugentados, os indígenas Asurini que viviam naquela região deslocaram-se para o rio Ipiçava.

Em 1971, ainda conforme Viveiros de Castro et al. (2017), os Araweté foram contactados por meio do que se chamou de *Frente de Atração do Ipixuna*<sup>3</sup>, movimento político indigenista da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) voltado à pacificação e sedentarização dos indígenas. Em outros termos, essa intervenção tinha como objetivo estabelecer contato amistoso com os indígenas, a fim de que abandonassem o nomadismo para dedicar-se a práticas de agricultura e viver no mesmo lugar permanentemente. Até julho de 1974, os contatos dos sertanistas com os Araweté, considerados até então *índios isolados*, deram-se de forma bastante esporádica. Em janeiro de 1971, sua aldeia é encontrada por Antônio Cotrim Soares, chefe da *Frente de Atração* naquele ano; em seguida, Raimundo Alves, novo chefe do movimento, depara-se na mata com um grupo de indígenas Araweté em novembro de 1973; pouco tempo depois, o *Posto Velho*, construído e administrado pela FUNAI, é estabelecido às margens do rio Ipixuna, a aproximadamente 8 km de uma de suas aldeias. Apesar das tentativas de contato pelos sertanistas, a aldeia continuou fechada para os funcionários da FUNAI, não obstante o registro da visita de um grupo de Araweté ao *Posto Velho* em julho de 1974.

<sup>1</sup> Os Parakanã somavam, há três anos, 1576 indivíduos (SESAI, 2014). Segundo Informações do Instituto Socioambiental (ISA, 2004), habitam atualmente as Terras Indígenas *Parakanã*, situada na bacia do rio Tocantins, e *Apyterewa*, localizada na bacia do Xingu, ambas no estado do Pará.

<sup>2</sup> O rio Bacajá é um afluente do rio Xingu, pela sua margem direita, e tem a sua foz nas proximidades da cidade de Altamira, no estado do Pará.

<sup>3</sup> Em 1970, tendo em vista a construção da rodovia Transamazônica, o governo brasileiro viu-se diante da necessidade de atrair e pacificar os povos indígenas que viviam nas proximidades do médio rio Xingu. Surge daí o movimento *Frente de Atração do Ipixuna* (VIVEIROS DE CASTRO et al., 2017).

Atacados pelos Parakanã, os Araweté de ambas as aldeias foram obrigados a deslocarem-se para as margens do rio Xingu, onde se estabeleceram em acampamentos improvisados próximos aos roçados de camponeses que habitavam aquela região. Em razão do contato com os *brancos*<sup>4</sup> do beiradão, muitos Araweté ficaram doentes, tendo sido resgatados pelos funcionários da FUNAI em julho de 1976. Embora não se saiba exatamente qual era a população Araweté antes do trajeto de volta ao posto do alto rio Ipixuna, 66 indígenas em média morreram em consequência de sua perda na mata ou porque não tinham força suficiente para a caminhada que totalizou 17 dias. Durante o percurso, alguns Araweté se deslocaram em direção as suas aldeias, mas, novamente atacados pelos Parakanã, não tiveram outra saída senão se dirigirem até o *Posto Velho* e se juntar com os outros Araweté sobreviventes. O primeiro censo realizado pela FUNAI contabilizou, em março do seguinte ano, apenas 120 indígenas (VIVEIROS DE CASTRO et al., 2017).

Em 1978, o Posto da FUNAI foi deslocado para um sítio próximo à foz do rio Ipixuna, onde os Araweté conviveram com os *brancos* até o ano de 2001. Nesse período, Viveiros de Castro et al. (ibid.) afirmam que “havia toda uma série de procedimentos de 'infantilização' dos índios, pequenos ritos de degradação [...], censuras sobre a 'pouca higiene' de certas práticas tradicionais, e o costume de se lhes pôr apelidos pejorativos”. Além disso, embora a intenção dos funcionários da FUNAI fosse a de amparar os Araweté e evitar sua morte por conflitos e doenças, criou-se estreita dependência desses indígenas em relação à Fundação, pois tornaram-se necessitados de um conjunto de itens que o Posto lhes disponibilizava, como combustível, fósforos, roupas, espelho, armas, munição, medicamentos, entre outros.

Em maio de 1992, deu-se início ao processo de demarcação da área que seria permanentemente habitada pelos Araweté, correspondente a 985 mil hectares; apenas em 1996, porém, é que houve a homologação da Terra Indígena Araweté/Igarapé Ipixuna. Sua extensão equivale a 940.900 hectares, limitada pelo rio Xingu, à oeste, e pelas Terra Indígenas Koatinemo<sup>5</sup>, ao norte e nordeste, Apyterewa, ao sul, e Trincheira/Bacajá<sup>6</sup>, ao sudeste (ibid.).

Dados da FUNAI de 2009 apontavam para uma população Araweté de 380 indígenas vivendo em três aldeias distintas (Ipixuna, Pakaña e Juruati), o que remete à retomada de seu padrão tradicional de agrupamento familiar. Segundo dados mais recentes da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), a população Araweté está aumentando, visto que somavam 467 indígenas em 2014.

---

<sup>44</sup> Não índios.

<sup>5</sup> A Terra Indígena *Koatinemo* é habitada por cerca de 180 indígenas Asurini (SIASI/SESAI, 2014).

<sup>6</sup> Segundo dados da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA, 2010), as Terras Indígenas *Trincheira/Bacajá* e *Cateté* são habitadas por, aproximadamente, 1818 indígenas Xikrin.





### 2.2.2 Araweté e sua Língua

A língua Araweté, de acordo com Rodrigues (2002), é um dos membros da grande família de línguas Tupi-Guarani, assim como o Kamaiurá. A partir de evidências morfológicas e lexicais, o Araweté é ainda subclassificado como membro do subramo V desta família, tendo em vista sua semelhança com as línguas Asurini do Xingu e Anambé do Cairari (RODRIGUES e CABRAL, 2002).

Em razão de conflitos com povos indígenas inimigos e após o contato oficial com os *brancos*, em 1970, a população Araweté foi drasticamente diminuída. Ainda assim, manteve-se monolíngue, em sua maioria, por 10 anos. Algum tempo depois, os Araweté continuavam predominantemente falantes de sua língua materna, embora uma pequena porção pudesse ser considerada falante não fluente do Português (VIVEIROS DE CASTRO et al., 2017). Alguns dados mais recentes (SIAI/SESAI, 2014), porém, apontavam para uma população araweté de aproximadamente 467 indígenas, dos quais não se sabe exatamente a proporção entre falantes monolíngues e bilíngues.

Apesar de terem recuperado parte de sua população, a extinção do Araweté continua sendo uma ameaça para seus falantes. Em razão disso, são estritamente necessários os estudos de descrição e análise dessa língua, com fins de documentação e preservação do conhecimento que se tem a seu respeito. Não obstante, é recente a maioria dos trabalhos voltados à compreensão do Araweté, tendo em vista a situação de monolingüismo que a maioria de seus falantes compartilhou durante uma década, bem como o trajeto complexo até a região do rio Ipixuna que dificultara a chegada de pesquisadores e afins.

Em 1985, entretanto, Rodrigues classificou o Araweté como membro do subramo V da família Tupi-Guarani. Intitulado *Relações internas na família linguística Tupi-Guarani*, esse trabalho de classificação foi também possível por meio do acesso que se tinha a listas de palavras dessa língua. Em seguida, o antropólogo Viveiros de Castro (1986) publica uma obra<sup>7</sup> em que tece considerações, entre outras, sobre a vida dos Araweté, suas relações conflituosas com *brancos* e outros grupos indígenas, e sua organização social e cultural; além disso, apresenta os sons do Araweté, bem como a sua correspondência com os do Português e Inglês. Em 1998, Leite e Vieira são as responsáveis por desenvolver o primeiro estudo estritamente linguístico a respeito dessa língua. Intitulado *Observações Preliminares sobre a Língua Araweté*, apresenta informações sobre sua fonologia e morfossintaxe. No ano seguinte, Leite et al. (1999) desenvolveram o estudo *Fonética Acústica e Representação*

---

<sup>7</sup> Os estudos sobre o Araweté, listados nessa seção, não esgotam as pesquisas realizadas sobre essa língua.

*Fonológica: as vogais do Araweté*, em que contemplam a compreensão de aspectos fonético-fonológicos dessa língua. Por sua vez, o capítulo *Reverendo a Classificação Interna da Família Tupi-Guarani* é de autoria de Rodrigues e Cabral (2002), que, por meio de um estudo contrastivo, propõem que as línguas Araweté, Anambé do Cairarí, Ararandewára e Amanajé sejam membros do subramo V da família Tupi-Guarani. Em 2003, a publicação *Sobre as línguas Tupi-Guarani do Xingu e os seus deslocamentos pré-históricos* é fruto do compromisso de Cabral e Solano, a partir de dados do Araweté e outras línguas da família Tupi-Guarani, de elucidar os deslocamentos geográficos de seus povos. Em 2004, Solano defendeu a dissertação de Mestrado *A posição do Araweté na Família Tupi-Guarani: considerações linguísticas e históricas*, em que apresenta uma comparação do Araweté, Asurini do Xingu e Wayampí, considerando aspectos da fonologia, morfossintaxe e do léxico dessas línguas. Cabral e Solano, em seguida, a fim de fortalecer a hipótese de proximidade genética do Araweté, Asurini do Xingu e Anambé do Cairarí, publicaram, em 2006, o estudo que chamaram de *Mais fundamentos para a hipótese de proximidade genética do Araweté com línguas do subramo V da Família Tupi-Guarani*. Dois anos depois, Cabral e Solano (2008) desenvolveram *Um Estudo Preliminar sobre a Negação em Araweté*, cujo objetivo foi o de expandir o conhecimento que já se tinha a respeito da expressão da negação nesta língua. Em 2009, Solano defendeu a tese *Descrição Gramatical da Língua Araweté*, fruto de seu doutoramento, em que descreve essa língua de forma bastante completa, levando em consideração aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos, semânticos e pragmáticos.

### **2.3 Os Aweti e Kamaiurá: História, contato e território**

Estima-se que os Aweti tenham chegado à região do Xingu entre os anos de 1600 a 1800, depois dos povos de línguas Karib e Aruak e antes dos Kamaiurá<sup>8</sup>. Autoidentificados os sucessores de uma aglutinação entre os antepassados Aweti e Anumaniã, os Aweti atuais se apropriam de narrativas antigas para contar que os grupos teriam chegado à região do Alto Xingu por intermédio do rio Kurisevo. Depois de guerrearem com diferentes povos – entre outros, os indígenas Ikpeng, com os quais mantiveram relação hostil –, teriam se acomodado nas adjacências de sua foz, em companhia dos Bakairi. Em momento posterior, os Anumaniã teriam sido absolutamente dizimados em visita aos Trumai, salvos os idosos e as mulheres, abrigados pelos Aweti (VILLAS BÔAS, 1970, p. 31). Um de seus falantes, em depoimento,

---

<sup>8</sup> Informações do Instituto Socioambiental.

corroborar com a informação de que Anumaniã e Aweti teriam sido duas etnias distintas. Afirma, entretanto, que a língua dos Aweti teria se perdido e a língua dos Anumaniã aceita como Aweti<sup>9</sup> (BORELLA, 2000, p. 26).

Sobre os Kamaiurá, também não se sabe exatamente onde viviam antes de sua chegada ao Alto Xingu. De origem imprecisa, há quem diga que sejam oriundos da região norte do Tapajós (GALVÃO, 1953), rio brasileiro de nascente mato-grossense e que banha uma parcela do estado do Pará. Outra hipótese é a de que, coagidos por povos rivais e não indígenas, teriam migrado da costa norte brasileira, passando pelo território Karajá, no baixo rio Araguaia, até a região do Xingu (MÜNZEL, 1973 apud SEKI, 2000, p. 34). Samain (1980, p. 22), por sua vez, corrobora com essa hipótese ao afirmar que os Kamaiurá tenham migrado da costa norte; calcula, porém, que tenham alcançado o Xingu por intermédio do rio mato-grossense Suyá Missu, depois de terem percorrido extensão considerável do rio Araguaia.

Em depoimento, os Kamaiurá atuais narram que os seus antepassados teriam chegado à região do Xingu pelo rio mato-grossense Auaiá Missu, depois de terem se dispersado dos indígenas Tapirapé, com quem permaneceram até o confronto com *brancos* e índios *bravos*. Em seguida, depois de atacados por indígenas Suyá e Juruna, teriam chegado a Morená, região de entroncamento dos rios Kuluene, Ronuro e Batovi, formadores do rio Xingu. Teriam, então, se agregado aos indígenas Waurá, que habitavam a região do Jacaré, extensão do baixo rio Kuluene, entre a foz dos rios Kurisevo e Batovi. Com os Waurá, compartilharam por algum tempo a margem esquerda da lagoa Ypawu, antes que se mudassem para a região do Batovi. Os Kamaiurá, em contrapartida, teriam permanecido nessa margem por tempo considerável, até que não indígenas chegassem à região. Por essa razão, teriam se mudado para a margem oposta da lagoa, onde tempo depois teriam sido acometidos por um surto de gripe, propagada por indígenas Mehinako. Em decorrência dessa epidemia muitos Kamaiurá morreram, tendo se agrupado os remanescentes em uma única aldeia. Partiram depois em direção ao rio Tuatuari, em consequência de um novo confronto com os Suyá e Juruna. Por conseguinte, uma parte dos Kamaiurá teria sido acolhida pelos Aweti e Mehinako e os demais se dividido em três localidades distintas. Entre 1948 e 1950, foram contactados por *brancos* em região próxima à foz do rio Tuatuari; por volta de 1952, porém, regressaram à lagoa Ypawu, onde fixaram morada e permanecem até os dias atuais (SEKI, 2000, p. 34).

De população numerosa, os xinguanos foram vítimas de colonizadores europeus que, em meados de 1750<sup>10</sup>, cultivaram a prática do escravagismo entre os indígenas. Além disso,

---

<sup>9</sup> Borella (2000, p. 26), em seu trabalho de descrição e análise da língua Aweti, refere-se à língua Aweti, não à língua Anumaniã. Todavia, segundo ela mesma afirma, pode *estar analisando, na verdade, a língua Anumaniã*.

tiveram a sua população radicalmente diminuída em razão de doenças infecciosas trazidas pelos estrangeiros, entre elas gripe, malária, sarampo e varíola. Desfavoráveis ao ideal de assimilação cultural propagada pelos escravocratas, os nativos sobreviventes acomodaram-se no Alto Xingu. A chegada conflituosa nessa região desencadeou estranhamento e combates, o que ocasionou a extinção de muitos povos e a assimilação entre grupos díspares. Inexplorado até 1884, o Alto Xingu passou a ser cenário de caravanas científicas e de desbravadores, depois que Karl von den Steinen<sup>11</sup>, antropólogo alemão, *abriu caminho* aos demais. Trazendo produtos manufaturados e enfermidades, contribuíram enormemente para a redução demográfica dos povos que ali viviam (STEINEN, 1940 apud SEKI, 2000, p. 36). Estima-se que aproximadamente três mil indígenas habitavam essa região até 1900; passados 50 anos, esse número reduziu mais que a metade.

Não bastasse a chegada de pesquisadores e exploradores em 1884, o Xingu foi *palco* de expedições nacionais a partir de 1946. A expedição *Roncador-Xingu*, concebida pelo Governo Federal e encabeçada pelos irmãos Villas Bôas, tinha como intuito identificar e civilizar as regiões *mostradas em branco* nas cartas geográficas brasileiras. Avessos, entretanto, à política de Rondon Pacheco, cujo objetivo era estabelecer contato pacífico com os indígenas a fim de torná-los trabalhadores rurais, os irmãos Villas Bôas pretenderam intervir minimamente na maneira como estavam organizados, na medida em que acreditavam que a sobrevivência desses povos estava fortemente atrelada à manutenção de sua cultura e, portanto, ao seu isolamento do contato com fazendeiros e exploradores econômicos (RIBEIRO, 1997, p. 194).

Não obstante a doutrina *protecionista* na qual estava pautada, essa expedição teve um papel decisivo no processo de recessão demográfica e aculturação dos povos xinguanos, que, em vinte anos, tiveram a sua região transformada pela criação de áreas de pouso e postos indígenas, batizados *Diauarum*, ao norte, e *Leonardo Villas-Bôas*, ao sul. Em decorrência desse contato, avalia-se que alguns povos tenham migrado para essa região e/ou se aglutinado, além disso, que comunidades inteiras tenham se dissipado.

A fim de salvaguardar o ecossistema da região do Xingu e os povos indígenas que ali viviam, efetivou-se em 1961 a demarcação e homologação do Parque Nacional do Xingu, cuja área foi reduzida a um quarto do que se assinou em decreto. A partir da criação da Fundação Nacional do Índio, em 1967, foi nomeado Parque Indígena do Xingu, de responsabilidade

---

<sup>10</sup> Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Povos\\_do\\_Xingu](https://pt.wikipedia.org/wiki/Povos_do_Xingu).

<sup>11</sup> Acompanhado de militares financiados pelo Império brasileiro, Karl von den Steinen foi o primeiro a desbravar a região do Alto Xingu, nos anos 1884 e 1887.

administrativa desse órgão indigenista<sup>12</sup>. Teve sua área delimitada novamente em 1978, equivalendo em torno de 2.642.000 hectares. Todavia, a instituição da maior reserva indígena brasileira trouxe benefícios e malefícios para os povos xinguanos. De um lado, tendo garantido a posse do território aos aldeões, tornou possível mantê-lo a salvo de invasores, assim como permitiu a salvaguarda de seu patrimônio cultural. De outro, embora tenha obstruído a entrada de missionários, dificultado o arranjo familiar entre indígenas e *brancos*, e contribuído para apaziguar os confrontos entre povos xinguanos, a criação do Parque Indígena do Xingu favoreceu a adoção de comportamentos não indígenas, uma vez que passou a viabilizar a entrada de artefatos industriais, bem como de recursos medicinais e de saneamento (JUNQUEIRA, 1967 apud SEKI, 2000, p. 38).

A datar de 1970, porém, a ameaça aos povos xinguanos tornou-se mais veemente, tendo em vista o desflorestamento da área fronteira à do Parque, a construção de estradas, e o estabelecimento de propriedades rurais e urbanas próximas à da reserva. Entre outras, a implantação da estrada *Xavantina-Cachimbo* foi bastante conflituosa, já que, ao ser edificada nas dependências do Baixo Xingu, favoreceu a construção de novos postos de atendimento, no interior e nas áreas limítrofes do Parque, oportunizou a entrada de enfermidades, e desencadeou confrontos entre *brancos* e indígenas (LEA & FERREIRA, 1984 apud SEKI, 2000, p. 38). Assim, tendo propiciado o acesso de *brancos* à reserva e de xinguanos às áreas urbanas, facilitou a entrada de materiais citadinos (barco a motor, televisão, rádio) nos domínios do Parque, apesar disso, tornou os xinguanos conscientes no que se refere à existência de outros povos indígenas em regiões que não a da reserva (SEKI, 2000, p. 38).

Habitado por quatorze povos distintos, que equivalem juntos a aproximadamente 5.500 indígenas, o Parque Indígena do Xingu é dividido em três localidades: a do Baixo, Médio e Alto Xingu, situadas nas respectivas regiões norte<sup>13</sup>, central e sul da reserva. Em companhia de grupos<sup>14</sup> como Kalapalo, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Waurá e Yawalapiti, os Aweti e Kamaiurá habitam atualmente o *coração* do Alto Xingu, no estado do

<sup>12</sup> Denominado Parque Nacional do Xingu, em 1961, esse território era de responsabilidade do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), atualmente extinto, e de órgãos ambientais. Nomeado Parque Indígena do Xingu, em 1967, passou a ser administrado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

<sup>13</sup> Habitam o Baixo Xingu os povos Kayabi e Juruna, cujas línguas são membros das famílias Tupi-Guarani e Juruna, ambas pertencentes ao tronco Tupi. São também moradores dessa região os povos Kayapó, Panará, Suyá, e Tapayuna, cujas línguas pertencem à família Jê, vinculadas ao tronco Macro-Jê. Igualmente habitantes do Baixo Xingu, os povos Ikpeng e Trumai são falantes de línguas cujas famílias não estão agrupadas em tronco: Karib e Trumai, respectivamente (SEKI, 2000, p. 31).

<sup>14</sup> As línguas Mehinako, Yawalapiti e Waurá são membros da família Aruak, ao passo que são afiliadas à família Karib as línguas Kalapalo, Matipu e Nahukuá. As famílias Aruak e Karib não estão agrupadas em troncos. As línguas Aweti e Kamaiurá, por sua vez, são membros de famílias distintas, Aweti e Tupi-Guarani, respectivamente, ambas pertencentes ao tronco Tupi (SEKI, 2000, p. 32).

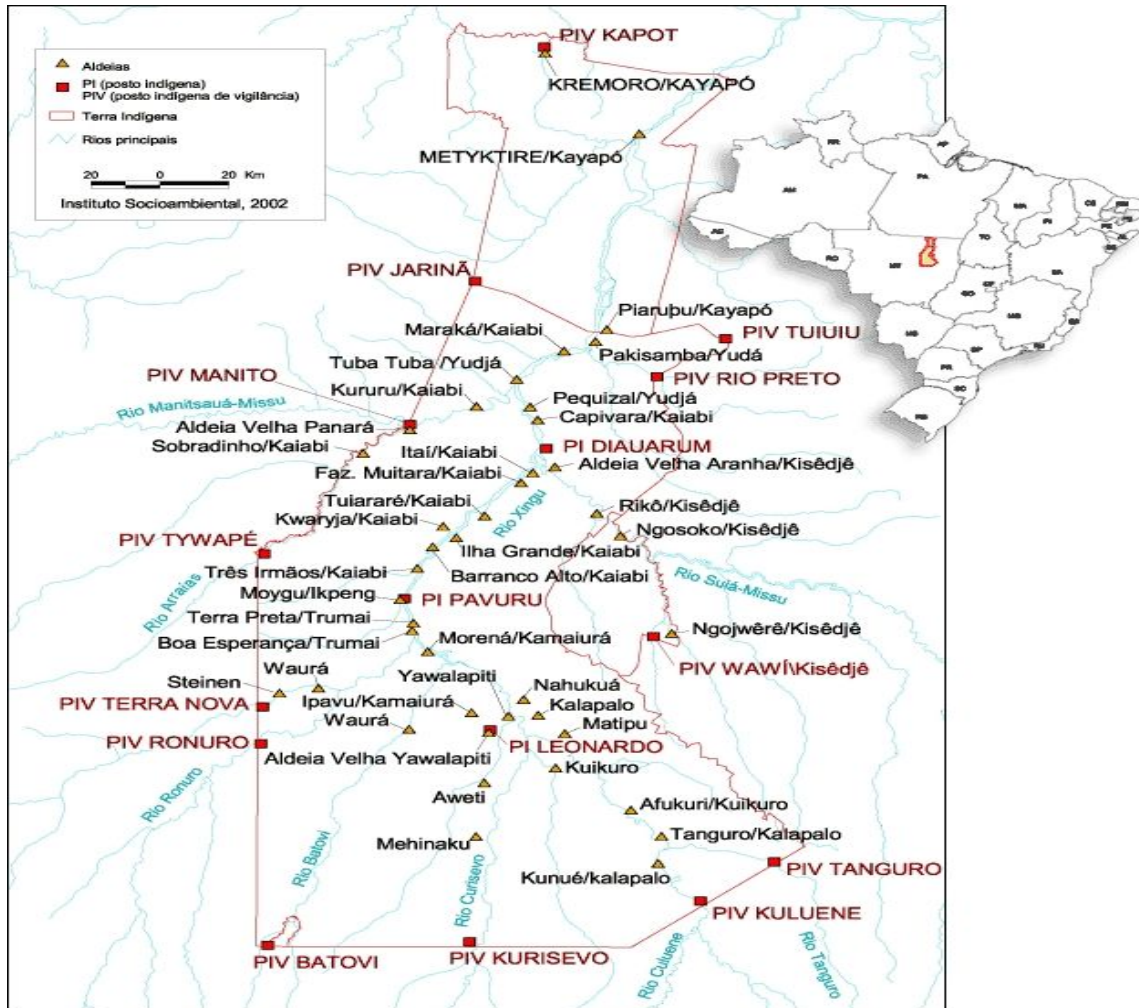
Mato Grosso. Mais especificamente, os Aweti são moradores das proximidades do ribeirão Tuatuari, há cerca de 20 km ao sul do *Posto Leonardo* e 7 km do *Tsuepelu*, ancoradouro importante situado no rio Kurisevo. Os Kamaiurá, por sua vez, são habitantes de duas aldeias (Ipavu e Morená) localizadas nos arredores da lagoa Ypawu, há 10 km ao norte do *Posto Leonardo* e seis quilômetros do rio Kuluene.

Embora não se saiba de que maneira cada grupo tenha contribuído para o estabelecimento da cultura homogênea que compartilham atualmente, o que se sabe é que comungam de comportamento e costumes congêneres, realizando trocas, casamentos e rituais interétnicos (ibid., p. 34). Entretanto, ainda que preservem a cultura do casamento e das cerimônias interaldeões, os Aweti atuais são pouco influentes politicamente, em razão da recessão populacional desastrosa que experimentaram a partir de 1900. Ao contrário, tendo fixado morada em posição estratégica, entre os grupos de língua Aruak e Karib, os Aweti antigos atuaram como medianeiros ao noticiar informações e conduzir mercadorias entre povos vizinhos (MENGET, 1977, p. 38).

Não obstante a isonomia cultural constatada, cada um dos povos xinguanos preserva o seu próprio idioma, ícone identitário de um grupo perante os demais. De acordo com Schaden (1969 apud SEKI, 2000, p. 39), a sobrevivência dessas línguas, em virtude da resistência desses povos em mantê-las, os “eleva [...] à categoria de um dos principais símbolos de identidade étnica”. Durante muito tempo, o comportamento conservador dos grupos xinguanos no que se refere à manutenção linguística acabou por intimidar a adoção de uma língua *de contato*, comum a todos os grupos, bem como por inibir a assimilação de características próprias de cada idioma, salvos alguns empréstimos lexicais relacionados a crenças e rituais (SEKI, 2000, pp. 42-43). Atualmente, todavia, avalia-se que a língua portuguesa tenha sido priorizada em situações cuja comunicação entre indígenas e *brancos* é pretendida, também entre alguns povos xinguanos e em determinadas escolas indígenas (KAMAIURÁ, 2012, p. 20).

A imagem, a seguir, ilustra o Parque Indígena do Xingu, os postos de atendimento indígena construídos nessa região por expedições nacionais e os povos distintos que ali vivem.

**Imagem 3:** Parque Indígena do Xingu.



Fonte: Instituto Socioambiental (2002).

### 2.3.1 Aweti e sua Língua

[...] a redução demográfica não deixou de marcar o grupo, especialmente em termos culturais. Várias tradições, passadas de uma geração de especialistas formados para a próxima, foram interrompidas; notadamente não há mais cantores de formação completa na aldeia. [...] os jovens cresceram sem conhecer, numa base regular na própria aldeia, uma série de rituais, vários dos quais ainda vivos em aldeias vizinhas<sup>15</sup>.

Pertencente ao tronco linguístico Tupi, o Aweti é membro único da família que leva o seu nome. Categorizada, até 1971, como membro da família Tupi-Guarani, a língua Aweti foi reclassificada depois da realização de estudos linguísticos que atestaram diferenças razoáveis em relação às outras línguas dessa família. Embora reclassificada, avalia-se que o Aweti apresenta mais semelhanças com as línguas da família Tupi-Guarani do que com as demais do

<sup>15</sup> Informações do Instituto Socioambiental.



tronco Tupi. Dentre uma infinidade de razões, uma delas pode ser a interferência que teria recebido do Kamaiurá. Ainda que não se saiba se Aweti e Kamaiurá mantiveram contato em momento anterior a sua chegada ao Xingu, o que se sabe é que mantêm relação de longa data, visto que se estabeleceram nessa região há, pelo menos, três séculos (RODRIGUES, 2002, p. 35).

Em 2000, a população Aweti correspondia a cerca de 100 indígenas, monolíngues em sua maioria (BORELLA, 2000, p. 27), lamentavelmente, sua língua foi se perdendo quando da construção de uma nova aldeia. Entre os adultos, 17 (44,73%) falavam Aweti e 9 (23,68%) o Kamaiurá; por sua vez, 12 (31,57%) eram bilíngues, cujo domínio experimentava estágios distintos. Inversamente à instabilidade demográfica atestada no século XX, quando em 1954, eram apenas 23, restabeleceram parte de sua nação, atingindo, em 2011, o contingente de 195 indivíduos. Majoritariamente falantes de Aweti, os moradores da aldeia principal têm sido capazes de mantê-la como também a identidade do grupo<sup>16</sup>. Apesar disso, avalia-se uma situação de bilinguismo entre os Aweti, que em 2012 somavam aproximadamente 350 indivíduos. Segundo Warý Kamaiurá (2012, p. 13), são inúmeros os Aweti bilíngues que, além de sua língua materna, tem conhecimento do Kamaiurá, Mehinako, Yawalapiti, Trumai, Waurá ou Portugêses.

Contrariando o ideal de preservação de sua língua e cultura, sabe-se de indígenas Aweti que fixaram morada em outras localidades que não as comunidades de seu povo (Tazu'jyt, Saidão e Mirassol). Tendo se estabelecido juntamente aos Kamaiurá ou aos Trumai, contribuíram para a recessão populacional e o esmaecimento de sua língua, já que, nessas situações, pouco ensinaram o Aweti a seus filhos<sup>17</sup>. Averso a essa informação, entretanto, Warý Kamaiurá (ibid., p. 27) afirma que nos casos em que a transferência de Awetis para as comunidades Kamaiurá ocorre em função do casamento entre seus falantes, é comum o bilinguismo entre os cônjuges e seus filhos.

De população ainda pequena, os Aweti correm o risco de extinção linguística. Estudos que contemplem a descrição e análise de sua língua são bastante necessários, a fim de documentar e preservar o que se sabe a respeito desse sistema<sup>18</sup>. Os primeiros pesquisadores da língua Aweti começaram a atuar nos anos 70. Inicialmente, Emmerich e Monserrat (1972) propuseram um estudo no qual explicaram o seu sistema fonológico. Ruth Monserrat, estudiosa do Aweti há mais de quarenta anos, apresentou em 1975 uma proposta de descrição e análise do sistema negativo dessa língua. Pouco tempo depois, desenvolveu dois estudos em que

<sup>16</sup> Informações do Instituto Socioambiental.

<sup>17</sup> Informações do Instituto Socioambiental.

<sup>18</sup> Os estudos sobre o Aweti, listados nessa seção, não esgotam as pesquisas a respeito dessa língua.

contempla a compreensão dos prefixos pessoais, em 1976, e do processo de nasalização, em 1977. No ano de 2000, Cristina Borella defendeu a sua dissertação de Mestrado, na qual apresenta sua proposta de descrição e análise de aspectos morfossintáticos do Aweti. Um dos últimos trabalhos realizados, porém, é de autoria do pesquisador alemão Sebastian Drude<sup>19</sup> e dois professores Aweti, cujo estudo, publicado em 2007, contempla uma proposta de descrição dos processos morfofonológicos e do sistema ortográfico dessa língua. Nesse mesmo ano, Monserrat se dedicou à investigação do grau de parentesco genético entre o Proto-Tupi-Guarani e o Aweti. Em seguida, Drude (2011) aponta os tipos de nominalização observados nesta língua, bem como as formas verbais empregadas em seus enunciados subordinados. O trabalho mais recente, fruto do doutoramento em 2016 do indígena Warý Kamaiurá, apresenta uma proposta de descrição e análise do Aweti, levando em consideração aspectos fonológicos, morfossintáticos e semânticos.

### 2.3.2 Kamaiurá e sua Língua

Os Kamaiurá, que somente em 2001 admitiram a construção de um prédio escolar em sua aldeia, se utilizam destes argumentos para justificar sua opção por um processo educacional escolar bilingue em português e kamaiurá, com currículo diferenciado, construído pela própria comunidade. [...] O momento histórico atual do contato entre índios e não índios pode ser detectado pelo teor das demandas dos índios em relação à educação escolar (CARVALHO, 2006, pp. 51-52).

O Kamaiurá pertence à família Tupi-Guarani, afiliada ao tronco linguístico Tupi (RODRIGUES, 2002, p. 35). Falantes majoritários de sua língua materna, os Kamaiurá vêm se preocupando em recuperar a sua população que, em 1938, correspondia em média a 240 indivíduos. Entretanto, em razão de um surto viral na região, contabilizou-se em 1954 apenas 94 indígenas que, após dezesseis anos, passaram a somar 131. Favoravelmente, avaliou-se um notável salto demográfico quando somaram 355 indivíduos em 2002 e aproximadamente 467 em 2011<sup>20</sup>.

Em razão do convívio com povos distintos em território xinguano, alguns Kamaiurá são bilíngues. Em níveis distintos, dominam línguas como o Aweti, Kuikuro ou Matipu, faladas por povos da região Sul, bem como Suyá, Ikpeng, Kayabi ou Juruna, dos povos do Norte. Além disso, alguns Kamaiurá são bilíngues em Português (KAMAIURÁ, 2012, p. 13).

<sup>19</sup> Sebastian Drude, por meio do programa *Documentation of Endangered Languages* financiado pela Volkswagen Foundation, tem contribuído para as pesquisas sobre a língua Aweti há cerca de dez anos.

<sup>20</sup> Informações do Instituto Socioambiental.

É interessante dizer que, na percepção do povo Kamaiurá, ele seria fruto de cinco povos distintos que em determinado período de sua história teriam se agrupado. As motivações que levaram a essa assimilação não foram elucidadas em sua plenitude, assim não se sabe exatamente se a língua Kamaiurá falada hoje é resultado do contato entre esses povos, uma vez que cada um tinha a sua própria língua, como também não se sabe se, em detrimento delas, o Kamaiurá teria sido a língua eleita pelo grupo. Nas palavras de Seki (2000, p. 43), os “descendentes de alguns desses grupos originais são ainda reconhecidos na comunidade atual [...] e apenas um indivíduo é unanimemente considerado como sendo *Kamaiurá de verdade*”.

Os estudos acerca dessa língua<sup>21</sup>, ao contrário de outras línguas indígenas brasileiras, encontram-se bastante avançados. Os primeiros a respeito da fonologia do Kamaiurá foram desenvolvidos na década de 70 quando Salzer, em 1976, desenvolve o artigo *Fonologia provisória da língua Kamaiurá*. Em 1981, Silva defende a sua dissertação de Mestrado sobre a fonologia segmental do Kamaiurá e, em 1986, Everett e Seki tratam da reduplicação nesta língua. O estudo mais completo, entretanto, é de autoria de Lucy Seki. Publicada em 2000, a *Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu* oferece uma proposta de descrição e análise dessa língua nos níveis fonológico, morfológico, lexical e sintático. Pesquisadora do Kamaiurá há quase cinquenta anos, Seki é também autora de artigos variados, alguns listados a seguir: *O Kamaiurá: Língua de Estrutura Ativa* (SEKI, 1976); *Marcadores de pessoa no verbo Kamaiurá* (SEKI, 1982); *A reduplicação em Kamaiurá e Tupinambá* (SEKI, 1984); *Sobre as partículas da língua Kamaiurá* (SEKI, 1997); *Estratégias de relativização em Kamaiurá* (SEKI, 2000); *Classes de palavras e categorias sintático-funcionais em Kamaiurá* (SEKI, 2001); *Causativos em Kamaiurá* (SEKI, 2004); *Réflexions sur les valeurs modales en Kamaiurá* (SEKI, 2007); entre muitos outros.

## 2.4 Os Sateré-Mawé

### 2.4.1 História, contato e território

Inventores da cultura do Guaraná, os Sateré-Mawé transformaram a ‘*Paullinia Cupana*’, uma trepadeira silvestre da família das Sapindáceas, em arbusto cultivado, introduzindo seu plantio e beneficiamento. O guaraná é uma planta nativa da região das terras altas da bacia hidrográfica do rio Maués-Açu, que coincide precisamente com o território tradicional Sateré-Mawé (LORENZ, 1992).

---

<sup>21</sup> Os estudos sobre o Kamaiurá, listados nessa seção, não esgotam as pesquisas a respeito dessa língua.

O contato inicial do povo Sateré-Mawé com povos não indígenas aconteceu em 1669, quando a missão jesuítica Tupinambarana chegou à região Amazônica a fim de dar início ao processo de catequização dos indígenas (LORENZ, 1992, p. 16). Não obstante a *civilização* desses povos, os jesuítas favoreceram a ocupação da região por imigrantes.

Em 1835, segundo Ilari e Basso (2006, p. 63), negros, índios, mestiços e elite local juntaram-se frente à Cabanagem, movimento de revolta em oposição ao governo regencial da província do Grão-Pará. Os cabanos, que viviam em cabanas de barro em situação de miséria, clamavam por melhores condições de vida; os fazendeiros e comerciantes, por sua vez, lutavam por questões político-administrativas. De acordo com Lorenz (1992, p. 16), os Sateré-Mawé, também os Munduruku<sup>22</sup> e os Mura<sup>23</sup>, uniram-se aos cabanos na revolta social da Cabanagem, motivo pelo qual foram vítimas de epidemias e perseguições.

As drogas do sertão (canela, castanha, cravo, guaraná, pimenta, urucum, baunilha) e a seringa presentes naquela região atraíram viajantes de todo lugar. Também o desenvolvimento econômico dos municípios de Barreirinha, Itaituba, Maués e Parintins impulsionou a ocupação territorial amazônica e, conseqüentemente, a redução do território onde os Sateré-Mawé viviam. Tiveram que abandonar grande parte da extensão onde os seus antepassados tradicionalmente habitavam: segundo relatos, toda a região entre os rios Madeira e Tapajós, até as suas cabeceiras, ao sul, e até as ilhas Tupinambaranas, ao norte (ibid., pp. 16-18).

Sabe-se que a região entre os rios Abacaxi, Amana, Mariacuã, Marmelos, Parauari e Sucunduri, também os locais onde foram erguidas as cidades de Maués e Parintins, no Amazonas, e Itaituba, no Pará, fizeram parte do território tradicional dos Sateré-Mawé. Em razão da diminuição territorial, desencadeada, principalmente, pelo processo de catequização dos indígenas, pelo desenvolvimento econômico propiciado pelas drogas do sertão, e pela revolta da Cabanagem, os Sateré-Mawé fixaram morada nas margens dos rios Andirá, Manjuru, Marau, Miriti e Urupadi, no ano de 1978 (ibid., p. 22).

Segundo dados do Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé (CGTSM), sua população somava 13.350 indivíduos em 2014, os quais vivem em sua maioria nas margens do médio rio Amazonas, região fronteira dos estados Amazonas e Pará. O território Sateré-Mawé, que

---

<sup>22</sup> Os Munduruku, segundo o Instituto Socioambiental (ISA), estão atualmente divididos pelos estados do Amazonas, Mato Grosso e Pará. Em sua maior parte, habitam a Terra Indígena Munduruku às margens do rio Cururu, afluente do Tapajós, no estado do Pará. Em 2010, segundo a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), somavam aproximadamente 12 mil falantes.

<sup>23</sup> A população Mura, no ano de 2010, era de aproximadamente 16 mil falantes (FUNASA). Segundo dados do Instituto Socioambiental (ISA), hoje habitam, majoritariamente, as Terras Indígenas localizadas às margens dos rios Madeira, Amazonas e Purus, embora haja indígenas Mura vivendo em centros urbanos amazonenses como Manaus, Autazes e Borba.





A realização de uma pesquisa sociodemográfica recente é extremamente necessária para que se saiba a situação real da língua Sateré-Mawé no que concerne à perda/ganho de falantes. O que se sabe, entretanto, é que a perda linguística é maior nas comunidades mais próximas dos centros urbanos, devido à facilidade do deslocamento e, por conseguinte, do contato desses indígenas com a língua Portuguesa. Logo, é necessário atentar-se para o fato de que a apropriação do Português pelos Sateré-Mawé, concomitantemente à recusa de sua língua materna, pode levar ao apagamento linguístico e cultural desse povo em pouco tempo. Nos termos de D'Angelis (2005, p. 9),

Quando o bilinguismo [...] deixa de ser uma necessidade coletiva do grupo indígena e chega a se tornar uma necessidade de praticamente todos os indivíduos de uma comunidade, então se está diante de uma situação irreversível de avanço da língua portuguesa sobre os espaços da língua indígena.

A situação descrita por D'Angelis ainda não é a vivenciada majoritariamente pelo povo Sateré-Mawé. Nesta perspectiva, em defesa de sua preservação e perpetuação linguística e cultural é que são voltados os estudos inseridos no projeto *Aspectos Morfosintáticos da Língua Sateré-Mawé*, coordenado pela Profa. Dra. Dulce do Carmo Franceschini. Atualmente pesquisadora e docente na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)<sup>25</sup>, Franceschini defendeu em 1999 a tese *La langue Sateré-Mawé: description et analyse morphosyntaxique*, fruto de seu doutoramento na universidade francesa Paris VII - Denis Diderot. Neste trabalho, apresenta uma proposta de descrição e análise morfossemântica-aspectual dos nomes, pronomes e verbos da língua Sateré-Mawé. Nos últimos anos, publicou diferentes artigos acerca desse sistema, entre eles: *A Voz Inversa em Sateré-Mawé*, em 2002; *Os Valores da Voz Média em Sateré-Mawé*, em 2007; *As posposições em Sateré-Mawé e Incorporação do Objeto em Sateré-Mawé*, em 2009; *Estrutura actancial em Mawé (Tupi)* e *A orientação e o aspecto verbal em Sateré-Mawé*, em 2010; *Processos de nominalização em Mawé*, em 2011; entre outros<sup>26</sup>.

Os resultados de sua pesquisa de doutoramento possibilitaram, ainda, a elaboração de uma gramática monolíngue, *Sateré-Mawé pusu aḡkukaḡ*, publicada em 2005 e entregue às escolas da comunidade por intermédio da Organização dos Professores Indígenas dos Rios Andirá e Waikurapá (OPISMA). Além da gramática, Franceschini coordenou, no período de 2004 a 2008, a elaboração de um dicionário temático monolíngue, cuja publicação ainda não

<sup>25</sup> A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) está localizada em Chapecó, município de Santa Catarina.

<sup>26</sup> Os estudos sobre o Sateré-Mawé, listados nessa seção, não esgotam as pesquisas a respeito dessa língua.

está prevista. Ambas as produções, da gramática e do dicionário, contaram com a colaboração ativa de professores indígenas.

Os primeiros estudos sobre a língua Sateré-Mawé, entretanto, surgiram na década de 70. O primeiro, intitulado *Assinalamento fonológico das unidades gramaticais em Sateré*, é de autoria de Albert Graham e Sue Graham, publicado em 1978. Em seguida, Albert Graham, Sue Graham e Carl H. Harrison descreveram os *Prefixos pessoais e numerais da língua Sateré-Mawé*. Em 1997, Márcia Suzuki propôs um estudo sobre o sistema dêitico dessa língua.

Na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e sob a orientação de Franceschini, foram defendidas as seguintes dissertações de Mestrado: *A Interrogação em Sateré-Mawé*, em 2011, *Construções Negativas em Sateré-Mawé*, em 2012, e *Conectores de Enunciados em Sateré-Mawé*, em 2014. Spoladore (2011) apresenta uma proposta de descrição e análise morfossemântica do sistema interrogativo do Sateré-Mawé, mais especificamente de suas partículas e proformas interrogativas simples e complexas. Carneiro (2012), em seguida, traz uma proposta de descrição e análise dos mecanismos morfossintáticos empregados em enunciados negativos. Peixoto (2014), por sua vez, contempla uma proposta de descrição e análise de unidades linguísticas que funcionam como conectores de enunciados nesta língua. Além destes, foram desenvolvidos os seguintes estudos: *Negação e Focalização em Sateré-Mawé*, por Carneiro e Franceschini (2015); *Proformas Negativas em Sateré-Mawé*, por Carneiro e Franceschini (2016); *As Proformas Interrogativas da Língua Sateré-Mawé*, por Franceschini e Spoladore (2016); bem como *Proformas Negativas e Interrogativas em Sateré-Mawé*, por Carneiro e Spoladore (2017).

## 2.5 Considerações gerais

Neste capítulo, reuni elementos históricos, demográficos e sociolinguísticos a respeito dos povos Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé. Apresentei informações relevantes sobre diferentes aspectos da história desses povos, destacando o percurso que realizaram desde o contato com outros povos e *brancos*, este marcado por relações pouco amistosas, movimentos de *pacificação*, tentativas de aculturação, invasão/redução territorial, epidemias e mortes, até a conquista pelo direito às terras que habitam atualmente. Trouxe, além disso, informações linguísticas importantes, atentando para os casos de perda linguística e bilinguismo, e um apanhado dos trabalhos já realizados acerca da língua desses povos. No capítulo seguinte, apresento a abordagem teórico-metodológica adotada na presente tese.



### Capítulo III: ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Esse estudo está fundamentado nos arcabouços teóricos da Linguística Contrastiva e Tipológica, com base na perspectiva teórica do Funcionalismo Estrutural de linha francesa, complementada pelos estudos de Benveniste sobre a enunciação.

#### 3.1 Linguística Contrastiva

Subdisciplinas da Linguística, segundo Fisiak (1980, p. 1), as *Linguísticas Contrastiva* e *Histórico-Comparada* são distintas. A *Histórico-Comparada*<sup>27</sup>, a partir da comparação entre duas ou mais línguas, tem por finalidade a identificação das relações de parentesco entre elas, a reconstrução de uma protolíngua comum, bem como a compreensão do desenvolvimento dessas línguas ao longo dos anos, revelando como se tornaram dissemelhantes em relação à língua-mãe. A *Contrastiva*, por sua vez, embora parta igualmente do contraste de duas ou mais línguas (ou subsistemas linguísticos), não tem por objetivo apontar a afinidade genética ou origem comum entre elas. Valendo-se de um método sincrônico-analítico, tem por finalidade principal estabelecer as semelhanças e diferenças que compartilham.

Conforme Franco (1989, p. 172), pensou-se, durante muito tempo, que a Linguística Contrastiva deveria considerar, em se tratando de dois ou mais (sub)sistemas, apenas as suas diferenças. Esta concepção é fruto do que se pensava ser o intuito dessa subdisciplina, intervir nas causas que retardavam o processo de aprendizagem de uma segunda língua (L2), consideradas, até então, as divergências entre a língua materna do falante e a L2 em questão. Exemplo disso é a obra *Languages in Contact*, de Weinreich, na qual apresenta uma comparação de três das quatro línguas nacionais faladas na Suíça: Francês, Alemão e Romanche. Publicada em 1953, sua finalidade é apresentar as diferenças entre esses sistemas, de modo a contribuir para amenizar as dificuldades de aprendizagem de seus falantes.

Inicialmente associada ao ensino de línguas, a Linguística Contrastiva foi negligenciada por uma classe de linguistas teóricos que a consideraram puramente pedagógica. A partir de 1968, porém, os objetivos teóricos dessa subdisciplina foram sendo delineados, ampliando,

---

<sup>27</sup> Segundo Corrêa-da-Silva (2010, p. 59), dentre os primeiros estudos comparativos europeus no século XVI, registra-se, entre outros, o de *Sigismundus Gelenius* (1537), no qual demonstra a relação de parentesco entre as línguas Grego, Latim, Alemão e Tcheco. *Sebastian Munsterus*, em 1544, por meio da comparação entre as línguas Finlandês, Lapão e Estoniano, demonstra a relação genética entre elas. Em carta publicada em 1605, *Josephus Justus Scaliger* introduz o conceito de família linguística e suas ramificações, propondo quatro famílias principais (Eslavo, Latim, Grego e Germânico) e sete famílias menores (Albanês, Turco, Húngaro, Finlandês, Irlandês, Bretão Antigo e Basco).

por conseguinte, o interesse de linguistas por essa área de pesquisa. Zabrocki (1970), a esse respeito, reconheceu a importância de se considerar tanto as diferenças quanto as semelhanças entre dois ou mais (sub)sistemas, tendo em vista que “uma linguística que, ao analisar sistemático-estruturalmente os contrastes linguísticos, deixasse fora de consideração as diferenças seria uma contradição em si mesma<sup>28</sup>” (FRANCO, 1989, p. 171).

Em conferência realizada em Washington<sup>29</sup>, Wilga Rivers propõe nomenclaturas distintas para os estudos contrastivos teóricos e aplicados, a saber: *gramática linguística* e *gramática pedagógica*. Nesta perspectiva, compete à gramática pedagógica buscar soluções para os problemas relacionados ao ensino e aprendizagem de línguas, enquanto à gramática linguística cumpre reunir conhecimento a respeito de como funcionam as línguas naturais (AARTS e WEKKER, 1990, p. 166).

Em outros termos, a relevância teórica da Linguística Contrastiva consiste, sobretudo, em contribuir para a *Linguística Tipológica*. Esta, cujo propósito é a categorização de línguas naturais em tipos específicos (em razão das semelhanças que compartilham), pode propor, a partir do estudo dos padrões linguísticos encontrados, implicações universais, ou *universais linguísticos*<sup>30</sup> (CROFT, 1990, p. 1).

Segundo Franco (1989, p. 172), entretanto, o contraste de dois ou mais (sub)sistemas deve sujeitar-se a alguns critérios. Em princípio, a sua descrição individual, etapa anterior ao trabalho contrastivo, deve pautar-se no mesmo modelo de gramática, além disso, manter a uniformidade terminológica e metodológica. Em acréscimo, de acordo com Aarts e Weeker (1990, p. 163), uma gramática contrastiva teórica adequada deve seguir, pelo menos, três critérios: abranger todos os níveis de análise (fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático); ser bidirecional, tratando em *pé de igualdade* todas as línguas contrastadas; e ser não seletiva, isto é, apresentar tanto as semelhanças quanto as diferenças entre elas.

Neste estudo, cujo objetivo é apresentar um contraste das línguas Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, a partir de estudos descritivos já realizados, tentou-se, na medida do possível, manter a uniformidade terminológica, apresentar suas semelhanças e diferenças (*não seletividade*), bem como tratar em *pé de igualdade* os (sub)sistemas contrastados (*bidirecionalidade*), exceto quando da ausência de dados *correspondentes* em todos eles.

<sup>28</sup> Conforme Kühlwein e Wilss (1981).

<sup>29</sup> 19th Annual Round Table, Washington, 1968.

<sup>30</sup> Neste trabalho, compreendemos os *universais linguísticos* de uma perspectiva funcional. Isso significa que “é a universalidade dos usos a que a língua serve, nas sociedades humanas, que explica a existência de propriedades que se manifestam na maioria das línguas [...] em contraposição à postura gerativista, que considera que os universais derivam de uma herança linguística genética comum à espécie humana” (FURTADO DA CUNHA, BISPO & SILVA, 2013, s/p).

### 3.2 Concepção de Linguagem

[...] vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda vida dos homens (BENVENISTE, 1989, p. 229).

Veículo de ação social, a linguagem exerce um papel central na vida humana, uma vez que permite a organização e a expressão de nosso pensamento, permeia nossas atividades, possibilita a transmissão de informações e propicia nossa interação com o outro.

Duplamente articulada, a linguagem humana revela, por meio de signos linguísticos<sup>31</sup>, o modo como a experiência, comum a todos os membros de uma comunidade linguística, é sistematizada. Em outros termos, cabe à linguagem, por meio de unidades de *forma vocal e sentido* (monemas), possibilitar a comunicação de experiências e necessidades humanas. Estamos diante da *primeira articulação da linguagem*. Por *segunda articulação*, porém, entende-se a combinação de unidades fônicas (fonemas) para fins de composição da forma vocal (significante) das unidades de primeira articulação. Distintos entre si, os fonemas são arranjos de inúmeras formas, o que condiciona intrinsecamente a diferença de sentido dos monemas<sup>32</sup>. Consoante Martinet (1964, p. 17),

[...] é um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fônica – os monemas; esta expressão fônica articula-se por sua vez em unidades distintivas e sucessivas – os fonemas –, de número fixo em cada língua e cuja natureza e relações mútuas também diferem de língua para língua.

Objeto da Linguística, a linguagem humana se desdobra sob a forma de inúmeras e distintas línguas naturais, correspondentes, uma a uma, à cultura ímpar. As línguas são reflexo cultural, de modo que nelas estão impressos os costumes, crenças e saberes particulares de uma nação (ibid., p. 9). Influenciadas sociocultural e historicamente, cabe a elas a organização

<sup>31</sup> A noção de signo linguístico foi, fundamentalmente, empregada por Saussure entre 1907 e 1911, nas aulas que ministrou em Genebra e que deram origem ao *Curso de Linguística Geral*. Para Saussure (1969, p. 80), o signo linguístico é *uma entidade psíquica de duas faces*, constituída de significante e significado. O significado é o mesmo que conceito ou ideia, e está relacionado à imagem psíquica de um objeto ou realidade social. O significante, por sua vez, é a parte mais concreta do signo e está relacionado à imagem acústica que nos é perceptível através dos sentidos. Em outros termos, o significado é a representação mental que automaticamente se cria quando pensamos, por exemplo, na palavra *carro*, imagem esta ligada à meio de transporte, locomoção. O significante, por seu turno, consiste na representação gráfica que se processa em nosso cérebro, representada foneticamente por [*'karu*].

<sup>32</sup> Por exemplo, em *pato* e *mato*.

das experiências e do conhecimento de mundo de seus falantes, em outros termos, é seu papel comunicar e transmitir a cultura de seu povo. Nas palavras de Câmara Jr. (1955, p. 55-56),

São os centros de interesse de determinada cultura que se estruturam na forma interna da língua. Criam-se morfemas distintos para exprimir coisas consideradas distintas, constituem-se morfemas complexos para significar coisas consideradas associadas a outras já significadas por morfemas simples, não há morfemas para significar coisas de que não cogita a cultura, criam-se classes de morfemas na base por que a cultura classifica as coisas que eles exprimem.

Distintas, as línguas identificam e distinguem cultural e socialmente um povo, por conseguinte, o desaparecimento de uma língua significa a sua perda identitária, como também a destruição de uma bagagem cultural em parte irrecuperável. Em razão disso, os trabalhos de documentação, descrição, análise e comparação linguísticas são fundamentais, tendo em vista que caminham em direção contrária a sua perda e extinção. Assim, a preservação linguística configura-se, de antemão, como a manutenção da língua bem como das crenças, tradições e conhecimentos que nela são depositados. De acordo com Benveniste (1976, p. 32),

A cultura define-se como um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradições, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade, o que é senão um universo de símbolos integrados numa estrutura específica e que a linguagem manifesta e transmite? Pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma.

O autor, entretanto, contesta a compreensão da linguagem como instrumento de comunicação. Embora a conceba como um ato comunicativo, entende a linguagem como própria e intrínseca ao homem. Considerá-la *instrumento*, ao contrário, é concebê-la externa ao indivíduo e o indivíduo à margem da linguagem, uma vez que

não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. [...] Todos os caracteres da linguagem, a sua natureza imaterial, o seu funcionamento simbólico, a sua organização articulada, o fato de que tem um conteúdo, já são suficientes para tornar suspeita essa assimilação a um instrumento, que tende a dissociar do homem a propriedade da linguagem (ibid., p. 285).

A linguagem, conforme Benveniste, é intrínseca ao homem e a subjetividade inerente à linguagem. É na linguagem, e por meio dela, que o indivíduo se vê diante da possibilidade de imprimir-lhe marcas pessoais que o colocam em relação com o outro, em tempo e espaço particulares. Nos termos do autor, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui

sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego” (ibid., p. 286).

A subjetividade é percebida por meio de recursos linguísticos materializados sob a forma de enunciado, disponíveis em cada língua particular, e a serviço do sujeito/locutor: resumem-se em *índices específicos* e *procedimentos acessórios*. Os índices específicos são sistematizados em categorias (pessoal, temporal e espacial) distintas, cujas formas exprimem pessoalidade (pronomes e verbos), temporalidade (verbos e advérbios) e espacialidade (pronomes e advérbios). Os procedimentos acessórios, por sua vez, dizem respeito à maneira como o sujeito agencia, sintagmaticamente, as formas linguísticas que elege, a fim de compor enunciado cujo sentido é aquele que deseja transmitir (BENVENISTE, 1989, p. 85).

Ao imprimi-los na linguagem, que se concretiza a partir da interação, o locutor “exige e pressupõe o outro” (ibid., p. 93). Significa dizer que o seu *status* de sujeito está condicionado, não apenas à apropriação do sistema linguístico, mas à relação que estabelece com o alocutário, visto que a subjetividade depende da relação de intersubjetividade do par *eu-tu*, protagonistas da enunciação. Assim, locutor e alocutário, compartilhando dos elementos tempo e espaço, alternam-se como sujeitos: o *eu* se torna *tu*, e vice-versa. Estamos diante do critério da *reversibilidade*. Nos termos de Benveniste (1976, p. 286),

A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso. Por isso, eu propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo tu e que me diz tu. A polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental, cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma consequência pragmática. Polaridade, aliás, muito singular em si mesma, e que apresenta um tipo de oposição do qual não se encontra o equivalente em lugar nenhum, fora da linguagem.

Para o autor, a língua tem *dupla significância*, concebida como sistema de signos (*domínio semiótico*) e como sistema de expressão (*domínio semântico*).

No *domínio semiótico*, a noção de forma diz respeito à capacidade de uma unidade linguística de “dissociar-se em constituintes de nível inferior” (ibid., p. 135). Em outros termos, significa dizer que a decomposição de uma unidade em porções não segmentáveis é a operação necessária para se chegar aos seus elementos formais. A noção de sentido, em direção contrária, diz respeito “a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior” (ibid., p. 136). Por exemplo, o merisma (traço distintivo) define-se como integrante do fonema; o fonema, por sua vez, como integrante do morfema; o morfema como integrante da palavra,

e assim por diante. Em resumo, “a dissociação leva-nos à constituição formal; a integração leva-nos às unidades significantes” (ibid., p. 135).

A língua como sistema semiótico tem o signo como unidade mínima. Nesse domínio, o sentido não diz respeito à relação entre os signos e as coisas denotadas (referência), mas à relação de oposição entre eles no interior do sistema. Aqui o sentido opera nos moldes saussurianos, dado que corresponde à propriedade distintiva e opositiva do signo ser o que os outros signos não são.

Ao se passar para o “domínio semântico, se deixa [...] o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso” (ibid., p. 139). A língua como sistema semântico tem a frase como unidade máxima. Sua forma se dá pelo agenciamento sintático, definido como a organização dos sintagmas pelo sujeito; seu sentido, porém, é definido como a ideia que expressa. Não a ideia expressa pelas palavras que lhe são constitutivas, estas “contraem valores que em si mesmas não possuíam e que são até mesmo contraditórios com aqueles que elas possuem em outros lugares<sup>33</sup>” (BENVENISTE, 1989, p. 232). Mais do que isso, o sentido da frase corresponde a sua ideia global, implicando “referência à situação de discurso e à atitude do locutor” (ibid., p. 230).

Em consonância, Hagège (1982, p. 27) apresenta o conceito de enunciado como qualquer “produção linguística aceita pelos locutores nativos como completa e possuidora de uma entonação reconhecida como ligada a esse fato<sup>34</sup>”. Nessa perspectiva, para a sua análise satisfatória, deve-se considerar três pontos de vista (ou níveis de análise linguística), os quais, embora estreitamente relacionados, elucidam aspectos distintos do enunciado. São eles:

- (a) morfossintático;
- (b) semântico-referencial;
- (c) enunciativo-hierárquico.

O nível *morfossintático* compreende dois campos: o da morfologia e o da sintaxe. Pertence à morfologia o estudo das formas, enquanto cabe à sintaxe o estudo das relações entre os sintagmas. As classes de palavras, comuns em línguas sistematizadas, agrupam os termos que compartilham de características semelhantes. Não obstante, uma unidade pode apresentar

<sup>33</sup> Segundo Benveniste (1989, p. 232), “isto é tão comum que nós nem tomamos consciência; tal liame entre ‘ter’ e ‘perder’ em ‘eu tenho perdido’, entre ‘ir’ e ‘vir’ em ‘ele vai vir’, entre ‘dever’ e ‘receber’ em ‘ele deve receber’”.

<sup>34</sup> Em consonância, Hagège (1982, p. 27) apresenta o conceito de enunciado como qualquer “production linguistique acceptée par les locuteurs natifs comme complète et possédant une intonation reconnue comme liée à ce fait”.

diferentes funções, dependendo do tipo de relação (actancial ou determinativa) que estabelece com as outras unidades do enunciado. As relações actanciais são estabelecidas entre os sintagmas em função de actante e de predicado (nominal ou verbal); em outra perspectiva, as relações de determinação são firmadas entre as unidades determinantes e as unidades determinadas (núcleo) no interior de um sintagma.

O nível *semântico-referencial*, segundo Hagège, “abrange a relação entre o enunciado e o que ele fala<sup>35</sup>” (ibid.), isto é, esclarece como este representa as relações percebidas entre as coisas e/ou os seres do mundo real. Ao nível *enunciativo-hierárquico*, entretanto, pertence “a relação entre o enunciado e o locutor-interlocutor, que escolhe uma estratégia que define uma hierarquia entre o que o enunciado diz (rema) e sobre o que ele diz (tema, considerado como menos informativo)<sup>36</sup>” (ibid., p. 31). Em outros termos, a comunicação entre locutor e interlocutor é realizada mediante dois tipos de informações, uma que ambos compartilham (temática) e outra nova (remática). Conforme Koch (1997, p. 93), “do ponto de vista funcional, cada enunciado divide-se em (pelo menos) duas partes – tema e rema –, [...] tem-se um segmento comunicativamente estático – o tema – oposto a outro segmento comunicativamente dinâmico – o rema, núcleo ou comentário”.

Apresentamos a seguir uma tipologia dos enunciados de *predicado não verbal* e de *predicado verbal* em línguas naturais.

### 3.3 Enunciados de predicado não verbal em línguas naturais

A fim de se evitar equívocos, é fundamental esclarecer que os enunciados de *predicado não verbal* não são necessariamente caracterizados pela ausência de verbo. Isso porque, em muitas línguas, os sintagmas em função de actante e predicativo<sup>37</sup> são relacionados por meio de (a) cópula verbal. Outras línguas, porém, dispõem de enunciados efetivamente não verbais, uma vez que (b) são caracterizados pela ausência de cópula; e/ou (c) empregam cópula não verbal, geralmente pronome ou partícula.

<sup>35</sup> O nível *semântico-referencial*, segundo Hagège, “recouvre la relation entre l'énoncé et ce dont il parle” (ibid.), isto é, esclarece como este representa as relações percebidas entre as coisas e/ou os seres do mundo real.

<sup>36</sup> Ao nível *enunciativo-hierárquico*, entretanto, pertence “la relation entre l'énoncé et le locuteur-auditeur, qui choisit une stratégie définissant une hiérarchie entre ce que l'énoncé dit (rhème) et ce sur quoi il le dit (thème, considéré comme moins informatif)” (ibid., p. 31).

<sup>37</sup> Neste capítulo, o *predicativo* corresponde à função sintática desempenhada por um sintagma nominal, adjetival, adverbial ou preposicional/posposicional que predica condição, qualidade, estado, propriedade e/ou localização do referente expresso pelo sintagma nominal em função de actante (ou morfema pessoal = índice actancial), estes relacionados por elemento de ligação (cópula). Nestas condições, *cópula* e *predicativo* correspondem ao predicado não verbal do enunciado.

É o caso das línguas<sup>38</sup> Bisã, Yagua e Hebraico, cujos enunciados, ilustrados a seguir, assemelham-se pelo emprego de predicado não verbal. O primeiro, do Bisã, emprega cópula verbal; o segundo, do Yagua, é caracterizado pela ausência de cópula; e o terceiro, do Hebraico, distinto pelo emprego de cópula pronominal.

(1) Bisã <sup>39</sup>	(2) Yagua <sup>40</sup>	(3) Hebraico <sup>41</sup>
<b>zibergaren mun - on</b> ‘trabalhador’ 1sg.+COP ‘Sou [um] trabalhador.’	<b>máchituru ráy</b> ‘professora’ 1sg. ‘Eu [sou] professora.’	<b>yossi ve dan hem xaverim</b> <i>Yossi</i> ‘e’ <i>Dan</i> COP ‘amigos’ ‘Yossi e Dan [são] amigos.’

O enunciado do Bisã é caracterizado pelo emprego da cópula verbal {-*on*}, flexionada por morfema pessoal. Como elemento de ligação, relaciona o morfema de primeira pessoa do singular {*mun-*}, índice actancial, e o sintagma nominal **zibergaren** ‘trabalhador’, em função de predicativo. Não verbal, o enunciado do Yagua é constituído de dois sintagmas nominais justapostos: **máchituru** ‘professora’ e **ráy** ‘eu’, empregados em função de predicado e actante, nesta ordem. Em Hebraico, o pronome **hem** é empregado em função de cópula, relacionando o actante **yossi ve dan** ‘Yossi e Dan’, com o qual concorda em número (plural) e gênero (masculino), e o predicativo **xaverim** ‘amigos’.

### 3.3.1 Cópula: definição, função e tipologia

A cópula tem sido investigada sob diferentes vieses, visto que, entre outros aspectos, se tem buscado compreender (a) a função que ela desempenha nas diferentes línguas em que é empregada, (b) as propriedades morfossintáticas que carrega, (c) a sua origem histórica, bem como (d) a sua compatibilidade com diferentes tipos de predicados.

Também as definições do termo *cópula* têm sido bastante variadas. Uma delas concebe a cópula como sendo um elemento de ligação. Segundo Payne (1997, p. 114), “cópula é qualquer morfema (afixo, partícula, ou verbo) que junta, ou ‘casa’, dois elementos nominais em uma construção de predicado nominal<sup>42</sup>”. A definição de Schachter e Shopen (2007, p. 54)

<sup>38</sup> As línguas Bisão, Yagua e Hebraico são faladas, respectivamente, na Nigéria, no nordeste do Peru e em Israel.

<sup>39</sup> Conforme Prost (1950 apud SCHREIBER, 2008, p. 65).

<sup>40</sup> Conforme Payne (1997, p. 118).

<sup>41</sup> Conforme Junger (1981 apud HENGVELD, 1992, p. 190).

<sup>42</sup> Segundo Payne (1997, p. 114), “copula is any morpheme (affix, particle, or verb) that joins, or ‘couples’, two nominal elements in a predicate nominal construction”.



vai de encontro à supracitada: “cópulas são palavras usadas para indicar a relação entre um sujeito e um predicado nominal ou adjetivo<sup>43</sup>”.

Stassen (1997, p. 76) propõe que os elementos copulares, a partir de suas propriedades morfossintáticas, sejam separados em dois grupos. O primeiro, o das *cópulas verbais*, comporta elementos cujas características são próprias de verbos, tais como as marcas morfológicas (pessoa, número, gênero, tempo, modo e/ou aspecto) que carregam, e/ou a posição que ocupam no enunciado. Do segundo grupo, porém, participam as *cópulas não verbais*, caracterizadas por comportamento morfológico e sintático distinto do supracitado.

Por um lado, encontramos casos de itens copulares que, com base em suas características formais, devem ser considerados como pertencentes à classe de verbos da língua. [...] Em contraste, encontramos idiomas em que a codificação de predicados nominais requer um item de apoio discreto que não pode ser classificado como um verbo completo. Embora esses itens funcionem como um morfema de ligação entre sujeito e predicado [...], eles geralmente não possuem características morfológicas que distinguem a classe de verbos na língua. Muitas vezes, eles também diferem dos verbos "reais" em seu comportamento sintático, pois não ocorrem nas posições canônicas para verbos<sup>44</sup> (ibid.).

Entre as *cópulas não verbais*, conforme este autor, estão as cópulas pronominais (*pró-cópulas*) e as partículas copulares, cuja função original consiste em auxiliar na organização das informações que o enunciado veicula. Em outros termos, sua função primária consiste em evidenciar parte do enunciado, por exemplo, o *foco* ou o *tópico*, em construções de *tópico-comentário*, atuando em sua estrutura informacional.

Derivadas de pronomes pessoais ou demonstrativos, as cópulas pronominais são empregadas originalmente em enunciados do tipo *tópico-comentário* como elementos anafóricos ao *tópico*. Nas línguas em que se observa o emprego desse tipo de cópula, todavia, o processo de gramaticalização distinto que sofreram evidencia funcionamento semelhante, em maior ou menor grau, ao dos pronomes de terceira pessoa dos quais têm origem. De um grupo, participam as *pró-cópulas* que, tendo sofrido gramaticalização em menor grau, carregam as informações de número e gênero; ocupam a posição dos pronomes em função actancial dos quais foram originados; e/ou são mais compatíveis com os actantes que

<sup>43</sup> A definição de Schachter e Shopen (2007, p. 54) vai de encontro à supracitada: “copulas are words used to indicate the relation between a subject and a predicate nominal or adjective”.

<sup>44</sup> On the one hand, we encounter cases of copular items which, on the basis of their formal characteristics, must be considered to belong to the class of verbs of the language. [...] In contrast, we find languages in which encoding of predicate nominals requires an overt support item which cannot be classified as a full-fledged verb. Although these items function as a linking morpheme between subject and predicate [...], they typically lack the morphological features which distinguish the class of verbs in the language. Quite commonly they also differ from ‘real’ verbs in their syntactic behaviour, as they do not occur in the positions which are canonical for verbs (ibid.).

referenciam a terceira pessoa do discurso. De outro, estão localizadas as cópulas que, tendo sido gramaticalizadas em maior grau, perderam traços pronominais particulares, uma vez que se tornaram invariáveis quanto à flexão em número e gênero e/ou compatíveis com todo tipo de actante, mesmo os que não referenciam a terceira pessoa (ibid.).

Também em relação às partículas, o que se observa são comportamentos distintos entre as línguas. De um lado, estão agrupadas as partículas que mantiveram o seu funcionamento original e atuam, ainda, como *marcadores discursivos*. De outro, as partículas que, tendo sofrido efetivo processo de gramaticalização, funcionam exclusivamente como morfemas de ligação. Conforme Stassen (ibid., p. 85), entretanto, ainda que essas partículas funcionem tão somente como elementos de ligação, sua origem pragmático-funcional é revelada por suas propriedades sintáticas.

Consoante Hengeveld (1992, p. 191), as cópulas não verbais apresentam natureza discriminante, na medida em que caracterizam o enunciado como veículo de predicação não verbal. Nas palavras do autor, “sua principal função é permitir o reconhecimento dos tipos de predicação não verbal envolvidos e, como tal, eles são melhor caracterizados como sinais de predicação não verbal<sup>45</sup>”.

As *cópulas verbais*, entretanto, apresentam características próprias de verbos, tais como as marcas morfológicas (pessoa, número, gênero, tempo, modo e/ ou aspecto) que carregam, e/ou a posição que ocupam no enunciado. Das propriedades atribuídas às cópulas verbais, encontradas na literatura, uma delas parece ter maior anuência por parte dos pesquisadores. A de que sejam semanticamente vazias. Nos termos de Payne (1997, p. 111), que se apropria de um exemplo do Inglês,

nesta construção [Frieda é uma professora], o predicado é *é uma professora*, e o conteúdo semântico principal desse predicado está incorporado ao nome *professora*. O verbo *é* simplesmente especifica a relação entre *Frieda* e *teacher* e carrega a informação de tempo/aspecto e pessoa/número necessária em predicções independentes em Inglês<sup>46</sup>.

Isso implica em dizer que, embora a cópula seja integrante do predicado, este mantém a sua natureza não verbal, visto que não cabe à cópula carregar o conteúdo semântico

<sup>45</sup> Nas palavras do autor, “their main function is to enable the recognition of the non-verbal predication types involved, and as such they are best characterized as signs of non-verbal predication”.

<sup>46</sup> In this construction [Frieda is a teacher], the predicate is *is a teacher*, and the main semantic content of this predicate is embodied in the noun *teacher*. The verb *is* (a form of be) simply specifies the relationship between *Frieda* and *teacher* and carries the tense/aspect and person/number information required of independent predications in English (PAYNE, 1997, p. 111).

principal da predicação. A esse respeito, há o fato de que a ausência de cópula, em muitas línguas, não causa prejuízo ao sentido do enunciado. De acordo com Hengeveld (1992, p. 32), “a característica mais saliente da cópula é não fazer nenhuma contribuição independente para o sentido do enunciado. Esta característica se reflete no fato de que, em algumas línguas e em circunstâncias variáveis, pode ser deixada de fora sem afetar o sentido do enunciado<sup>47</sup>”.

Em determinadas línguas, a cópula verbal funciona como apoio, tendo em vista a capacidade que têm de operar sintaticamente ao dar suporte a certas raízes não verbais, tornando-as aptas a atuarem como predicados. Nos termos deste autor, “uma cópula permite que um predicado não verbal atue como um predicado principal em línguas e circunstâncias em que o predicado não verbal não poderia cumprir esta função por conta própria<sup>48</sup>” (ibid.).

Apresentamos, a seguir, uma tipologia para enunciados de *predicado não verbal*.

### 3.3.1.1 Cópulas verbais

Entre as *cópulas verbais* (HENGEVELD, 1992, p. 188) estão os verbos e os afixos copulativos (verbalizadores). Os primeiros carregam marcas morfológicas (pessoa, número, gênero, tempo, modo e/ou aspecto) e/ou ocupam posição sintática próprios de outros verbos da mesma língua. Os últimos, por sua vez, são adicionados à raiz que é núcleo do predicado, atribuindo-lhe comportamento verbal, isto é, a partir da inserção desse tipo de sufixo, a raiz se torna apta a receber marcas morfológicas específica de verbos.

Os enunciados, a seguir, ilustram o emprego de *cópulas verbais* e *afixos copulativos*.

(4) Éwé <sup>49</sup>	(5) Coreano <sup>50</sup>
<p><b>kpolu    e - nye    nutsu</b>  <i>Kpolu</i>   3sg.+COP   ‘homem’  ‘Kpolu é [um] homem.’</p>	<p><b>na - ĭi    nuna - nĭn    sansæŋnĭm    i - ʌt - ta</b>  1sg.+GEN ‘irmã’+TOP   ‘professora’ COP+Pas.+Ind.  ‘Minha irmã mais velha era [uma] professora.’</p>

<sup>47</sup> De acordo com Hengeveld (1992, p. 32), “the most salient feature of the copula is that it makes no independent contribution to the meaning of the sentence. This feature is reflected in the fact that in some languages and under varying circumstances it can be left out without affecting the meaning of the sentence”.

<sup>48</sup> Nos termos deste autor, “a copula enables a nonverbal predicate to act as a main predicate in those languages and under those circumstances in which the nonverbal predicate could not fulfill this function on its own” (ibid.).

<sup>49</sup> Conforme Westermann (1907 apud WETZER, 1996, p. 159).

<sup>50</sup> Conforme Insun Park (PAYNE, 1997, p. 116).

Os enunciados do Éwé<sup>51</sup> e Coreano, acima, empregam cópula verbal. Em Éwé, a cópula {-nye} é flexionada pelo morfema de terceira pessoa do singular {-e-}, índice actancial. Como elemento de ligação, estabelece a relação entre dois sintagmas nominais: *kpolu* ‘Kpolu’, em função actancial, e *nutsu* ‘homem’, em função de predicativo. Em Coreano, em seguida, a cópula *iata* veicula as informações de tempo (passado) e modo (indicativo), relacionando actante (*naïi nunanĭn* ‘minha irmã mais velha’) e predicativo (*sansæŋnĭm* ‘professora’).

(6) Hebraico <sup>52</sup>			(7) Yagua <sup>53</sup>	
<b>dina</b>	<b>hayta</b>	<b>mora</b>	<b>ra - vyícha - núú - yanu</b>	<b>máchituru</b>
<i>Dina</i>	COP/3sg./Pas.	‘professora’	1sg.+COP+Cont.+Pas.	‘professora’
‘Dina era [uma] professora.’			‘[Eu] costumava ser [uma] professora.’	

Também os enunciados do Hebraico e Yagua, acima, são caracterizados pelo emprego de cópula verbal. Em Hebraico, ilustrado em (6), a cópula *hayta* carrega as informações de pessoa/número (terceira singular) e tempo (passado), relacionando os sintagmas nominais *dina* ‘Dina’, em função actancial, e *mora* ‘professora’, em função de predicativo. Em Yagua, mostrado em (7), a cópula {-vyícha-} é flexionada pelo morfema de primeira pessoa do singular {-ra-}, índice actancial, e carrega as informações de aspecto (continuativo) e tempo (passado). Como elemento de ligação, relaciona índice actancial e sintagma nominal em função de predicativo (*máchituru* ‘professora’).

(8) Krongó <sup>54</sup>		(9) Muruwari <sup>55</sup>	
<b>àakù</b>	<b>m - àa - nímyà</b>	<b>marnta - ma - yu</b>	
3sg.f.	f.+Impf./COP+‘mulher’	‘frio’+COP+1sg.	
‘Ela é [uma] mulher.’		‘Eu estou frio.’	

Estes enunciados do Krongó<sup>56</sup> e Muruwari<sup>57</sup> são marcados pelo emprego de morfema copulativo. Em Krongó, o morfema copulativo {-àa-} é prefixado à raiz nominal {-nímyà}

<sup>51</sup> Língua falada principalmente em Gana, Togo e Benim.

<sup>52</sup> Conforme Haugereid, Melnik e Wintner (2013, p. 70).

<sup>53</sup> Conforme Payne (1997, p. 118).

<sup>54</sup> Conforme Reh (1985 apud HENGVELD, 1992, p. 189).

<sup>55</sup> Conforme Oates (1988 apud DRYER, 2007, p. 227).

<sup>56</sup> Língua falada no estado do Cordofão, no Sudão.

‘mulher’, núcleo do predicado, que passa a receber marca de gênero feminino, expresso pelo morfema {*m-*}. Por sua vez, o sintagma nominal *àakù* ‘ela’ desempenha função actancial neste enunciado. Em Muruwari, semelhantemente, a cópula {-*ma*} é sufixada à raiz adjetival {*marnta-*} ‘frio’, núcleo do predicado, que passa a se comportar como os verbos dessa língua, recebendo o sufixo de primeira pessoa do singular {-*yu*}, índice actancial.

### 3.3.1.2 Cópulas não verbais

As cópulas não verbais (STASSEN, 1997, p. 76), entre elas, as pronominais e as partículas, funcionam como marca de predicação. São morfemas discriminatórios, cuja função, além de relacionar actante e predicativo, consiste em marcar o enunciado de predicado não verbal. Sabe-se, porém, que a função original das cópulas pronominais e partículas copulares é de ordem pragmática. Em algumas línguas, essas cópulas mantiveram a sua função primária e ainda são empregadas como marcadores discursivos, operando na estrutura informacional do enunciado. Em outras línguas, entretanto, sofreram intenso processo de gramaticalização e, por isso, perderam a sua função elementar, atuando não mais que elemento de ligação e marca de predicação.

Os enunciados, a seguir, ilustram o emprego de *pró-cópulas* e *partículas copulares*.

(10a) Árabe Egípcio <sup>58</sup>	(10b) Árabe Egípcio
<p><b>il - bint      hiyya      l - masʔu:la</b>  ‘a’+‘menina’   COP/3sg.f.   ‘a’+‘responsável’  ‘A menina [é] a responsável.’</p>	<p><b>il - riga:la      humma      il - masʔuli:n</b>  ‘os’+‘homens’   COP/3pl.   ‘os’+‘responsáveis’  ‘Os homens [são] os responsáveis.’</p>

As cópulas pronominais do Árabe Egípcio são formalmente idênticas aos seus pronomes de terceira pessoa: *hiyya* (sg./f.), *huwwa* (sg./m.) e *humma* (pl./f./m.). Acima, as cópulas *hiyya* e *humma* são empregadas em concordância (pessoa/número/gênero) com o actante. Em (10a), a cópula *hiyya* relaciona os sintagmas nominais *ilbint* ‘a menina’, em função actancial, e *lmasʔu:la* ‘a responsável’, em função de predicativo. Em (10b), por sua vez, actante (*ilriga:la* ‘os homens’) e predicativo (*ilmasʔuli:n* ‘os responsáveis’) são relacionados pela cópula *humma*.

<sup>57</sup> Língua indígena australiana.

<sup>58</sup> Conforme Edwards (2006, p. 55).

Edwards (2006, p. 55), entretanto, contesta a análise de que as pró-cópulas empregadas em Árabe Egípcio sejam veículo de foco contrastivo. Para o autor, elas são restritas a enunciados equativos, caracterizados pela possibilidade de inversão de seus sintagmas sem prejuízo gramatical ou semântico. Em suas palavras, “se essas construções são verdadeiramente equivalentes, esperamos que sejam reversíveis e informacionalmente neutras<sup>59</sup>”.

(11a) Hebraico <sup>60</sup>			(11b) Hebraico <sup>61</sup>		
<b>ha - mora</b>	<b>hi</b>	<b>sporta?it</b>	<b>dani</b>	<b>hu</b>	<b>xole</b>
‘a’+‘professora’	COP/3sg.f.	‘atleta’	<i>Dani</i>	COP/3sg.m.	‘doente’
‘A professora [é uma] atleta.’			‘Dani [está] doente.’		

Em Hebraico, similarmente, os enunciados de tempo presente podem ser marcados por cópulas pronominais, cujas formas são equivalentes a dos pronomes de terceira pessoa dessa língua: **hi** (sg./f.), **hu** (sg./m.), **hen** (pl./f.) e **hem** (pl./m.). Os enunciados acima ilustram o emprego das cópulas **hi** e **hu**, as quais concordam (pessoa/número/gênero) com o sintagma nominal em função actancial. Em (11a), actante (**hamora** ‘a professora’) e predicativo (**sporta’it** ‘atleta’) são relacionados pela cópula **hi**. Em (11b), por seu turno, a cópula **hu** relaciona os sintagmas **dani** ‘Dani’, nominal em função de actante, e **xole** ‘doente’, adjetival em função de predicativo.

(12) Ucraniano <sup>62</sup>				(13) Russo <sup>63</sup>			
<b>maksym</b>	<b>to</b>	<b>naš</b>	<b>drug</b>	<b>cookie</b>	<b>eto</b>	<b>tolstaja</b>	<b>koshka</b>
<i>Maksym</i>	COP/‘este’	‘nosso’	‘amigo’	<i>Cookie</i>	COP/‘este’	‘gordo’	‘gato’/NOM
‘Maksym [é] nosso amigo.’				‘Cookie [é o] gato gordo.’			

A pró-cópula **to**, derivada do demonstrativo neutro **te**, é empregada em Ucraniano “para indicar predicatividade<sup>64</sup>” (SHEVELOV, 1933 apud RICHARDSON, 2007, p. 216). Como

<sup>59</sup> Em suas palavras, “if these constructions are indeed true equatives, we would expect them to be both reversible, and informationally neutral”.

<sup>60</sup> Conforme Haugereid, Melnik e Wintner (2013, p. 72).

<sup>61</sup> Conforme Eguren (2012, p. 263).

<sup>62</sup> Conforme Shevelov (1933 apud RICHARDSON, 2007, p. 216).

<sup>63</sup> Conforme Markman (2008, p. 366).

<sup>64</sup> A pró-cópula **to**, derivada do pronome demonstrativo neutro **te**, é empregada em Ucraniano “purely to indicate predicativity” (SHEVELOV, 1933 apud RICHARDSON, 2007, p. 216).

elemento de ligação, relaciona dois sintagmas nominais: *maksym* ‘Maksym’, em função de actante, e *naš drug* ‘nosso amigo’, em função de predicativo.

Também em Russo, o pronome demonstrativo neutro *eto* pode desempenhar a função de cópula. Consoante Markman (2008, p. 366), nas construções em que é empregado, funciona como marcador discursivo, “onde o constituinte que precede *eto* é topicalizado e o constituinte que segue *eto* é focalizado<sup>65</sup>”. No enunciado em (13), supracitado, actante (*cookie* ‘Cookie’) e predicativo (*tolstaja koshka* ‘gato gordo’) são relacionados pela pró-cópula *eto*.

(14a) Panare <sup>66</sup>	(14b) Panare
<p><b>iʔyan    kəh    eʔñapa</b>  ‘xamã’    COP    <i>Panare</i>  ‘Panare [é um] xamã.’</p>	<p><b>eʔtʃipen    mən    manko</b>  ‘fruta’    COP    ‘manga’  ‘Manga [é uma] fruta.’</p>

Derivadas provavelmente de pronomes dêiticos, as formas *kəj* (animado/próximo), *nəj* (animado/distante) e *mən* (inanimado) são partículas copulares empregadas em Panare<sup>67</sup> (GILDEA, 1998, p. 156) de acordo com condições bastante específicas, explicitadas a seguir: (a) exigem que o referente expresso pelo sintagma em função actancial corresponda à terceira pessoa; (b) variam de acordo com a animacidade desse referente; (c) têm o seu emprego condicionado pela percepção do falante em considerá-lo próximo ou distante.

Supracitados, os enunciados do Panare são marcados pelas cópulas *kəh* e *mən*. Em (14a), a cópula *kəh* relaciona actante (*iʔyan* ‘xamã’) e predicativo (*eʔñapa* ‘Panare’), sendo o seu emprego condicionado pela condição animada da entidade *panare*<sup>68</sup> e pela percepção do falante em considerá-la próxima. O enunciado em (14b), por sua vez, é caracterizado pela cópula *mən*, cujo emprego depende da condição inanimada da entidade *manga*. Como elemento de ligação, relaciona os sintagmas nominais *eʔtʃipen* ‘fruta’, em função actancial, e *manko* ‘manga’, em função de predicativo.

<sup>65</sup> Consoante Markman (2008, p. 366), nas construções em que é empregado, funciona como marcador discursivo, “where the constituent preceding *eto* is topicalized and the constituent following *eto* is focused”.

<sup>66</sup> Conforme Gildea (1998, p. 156).

<sup>67</sup> Língua falada no Estado de Bolívar, no sul da Venezuela.

<sup>68</sup> Os lexemas em *itálico* fazem referência ao nível semântico.

(15) Kanuri <sup>69</sup>	(16) Haussá <sup>70</sup>
<p><b>kâm      átə      shí      távəramà</b></p> <p>‘homem’ ‘este’ COP/3sg.m. ‘carpinteiro’</p> <p>‘Este homem [é um] carpinteiro.’</p>	<p><b>kano      garī      babba      nē</b></p> <p><i>Kano</i> ‘cidade’ ‘grande’ COP/sg.m.</p> <p>‘Kano [é uma] cidade grande.’</p>

Em Kanuri<sup>71</sup>, os enunciados de predicado nominal são opcionalmente caracterizados pelo emprego de cópula pronominal. No enunciado em (15), a pró-cópula **shí** concorda em pessoa/número (terceira singular) e gênero (masculino) com o sintagma nominal **kâm** ‘homem’, cuja função é actancial. Como elemento de ligação, relaciona o actante **kâm** e o predicativo **távəramà** ‘carpinteiro’.

Em Haussá<sup>72</sup>, os enunciados de predicado nominal são também caracterizados pelo emprego de morfema copular, que, além de ocupar a posição final do enunciado, concorda com o sintagma empregado em função actancial, características estruturais estranhas aos verbos reais dessa língua (STASSEN, 1997, p. 80). No enunciado em (16), a cópula **nē** concorda em número (singular) e gênero (masculino) com o actante **kano** ‘Kano’, relacionando-o ao predicativo **garī babba** ‘cidade grande’.

(17) Suaíli <sup>73</sup>	(18) Vai <sup>74</sup>
<p><b>ki - su      ni      ki - kali</b></p> <p>CL7/sg.+‘faca’ COP CL7/sg.+‘afiada’</p> <p>‘A faca [está] afiada.’</p>	<p><b>mō      kóro      mú      nda</b></p> <p>‘homem’ ‘velho’ COP 1sg.</p> <p>‘Eu sou [um] homem velho.’</p>

As línguas Suaíli<sup>75</sup> e Vai<sup>76</sup>, supracitadas, ilustram o emprego de partícula copular. Em Suaíli, ilustrada em (17), a partícula **ni** relaciona os seguintes sintagmas: **kisu** ‘a faca’, nominal em função actancial, e **kikali** ‘afiada’, adjetival em função de predicativo. Em Vai, representada

<sup>69</sup> Conforme Lukas (1937 apud WETZER, 1996, p. 172).

<sup>70</sup> Conforme Abraham (1941 apud STASSEN, 1997, p. 80).

<sup>71</sup> Dialeto falado na Nigéria, no Níger, no Chade e nos Camarões, bem como por pequenas minorias no sul da Líbia e por uma diáspora no Sudão.

<sup>72</sup> Língua africana falada em países como Benin, Burkina Faso, Camarões, Gana, Níger, Nigéria, Sudão e Togo.

<sup>73</sup> Conforme Pustet (2005, p. 41).

<sup>74</sup> Conforme Koelle (1854 apud WETZER, 1996, p. 87).

<sup>75</sup> Língua falada na África Oriental.

<sup>76</sup> Língua falada na Libéria e em Serra Leoa.



em (18), os sintagmas nominais *nda* ‘eu’ e *mō kóro* ‘homem velho’ desempenham as respectivas funções de actante e de predicativo, relacionados pela partícula *mú*.

A fim de classificar os *predicados não verbais*, apropriamo-nos, a seguir, da tipologia proposta por Payne (1997), que categorizou os predicados dessa natureza em *nominal* (inclusivo e equativo), *atributivo*, *possessivo*, *locativo* e *existencial*, caracterizados pela ausência ou pelo emprego de cópula.

### 3.3.2 Enunciado de predicado nominal

O predicado nominal é caracterizado por um nome ao qual é incorporado o conteúdo semântico da predicação. Pode expressar as noções semânticas de inclusão ou equivalência (PAYNE, 1997, p. 111).

#### 3.3.2.1 Enunciado inclusivo

O *enunciado inclusivo* é formado de actante e predicado nominal. Em nível semântico-referencial, a entidade (definida) representada pelo actante é incluída entre a classe de itens (genérica) expressa pelo predicado. Em enunciados marcados pelo emprego de elemento de ligação, sua função é relacionar actante e predicativo (PAYNE, 1997, p. 111).

Os enunciados a seguir são *inclusivos*.

(19) Mansi <sup>77</sup>	(20) Kukama-Kukamiria <sup>78</sup>
<p><b>petr jarkin nomtəŋ xum</b>  <i>Petr Jarkin</i> ‘esperto’ ‘homem’  ‘Petr Jarkin [é um] homem esperto.’</p>	<p><b>etse kukama waina</b>  1sg.f. <i>Kukama</i> ‘mulher’  ‘Eu [sou uma] mulher Kukama.’</p>

Ausentes de cópula, os enunciados inclusivos do Mansi<sup>79</sup> e Kukama-Kukamiria<sup>80</sup> são caracterizados pelo emprego de dois sintagmas nominais justapostos. Em (19), do Mansi, os sintagmas *petr jarkin* ‘Petr Jarkin’ e *nomtəŋ xum* ‘homem esperto’ funcionam como actante e predicado, respectivamente. Em Kukama-Kukamiria, em (20), emprega-se os sintagmas *etse*

<sup>77</sup> Conforme Balandin (1960 apud WAGNER-NAGY e VIOLA, 2009, p. 130).

<sup>78</sup> Conforme Vallejos (2016, p. 330).

<sup>79</sup> Língua do povo Mansi falada em territórios russos.

<sup>80</sup> Dialeto (família Tupi-Guarani) do povo Kukama-Kukamiria falado no Peru, Brasil e Colômbia.

‘eu’ e *kukama waina* ‘mulher Kukama’: o primeiro desempenha função actancial; o segundo, por sua vez, função de predicado.

(21) Kosreano <sup>81</sup>	(22) Komi <sup>82</sup>
<p><b>ma sacn usr soko</b>  ‘coisa’ dem. ‘banana’ ‘planta’  ‘Aquela coisa [é uma] bananeira.’</p>	<p><b>maša abu veleđiś</b>  <i>Maša</i> Neg. ‘professora’  ‘Maša não [é uma] professora.’</p>

Empregados em Kosreano<sup>83</sup> e Komi<sup>84</sup>, os enunciados acima são inclusivos e ausentes de cópula. Em Kosreano<sup>85</sup>, os sintagmas nominais *ma sacn* ‘aquela coisa’ e *usr soko* ‘bananeira’ são justapostos, desempenhando as respectivas funções de actante e predicado. Semelhantemente, dois sintagmas nominais são empregados em Komi: *maša* ‘Maša’, em função actancial, e *abu veleđiś* ‘professora (neg.)’, em função de predicado.

Os enunciados inclusivos, a seguir, são caracterizados pelo emprego de *cópula verbal*.

(23a) Indonésio <sup>86</sup>	(23b) Indonésio
<p><b>saya adalah guru</b>  1sg. COP ‘professor’  ‘Eu sou [um] professor.’</p>	<p><b>budi bukan guru</b>  <i>Budi</i> COP/Neg. ‘professor’  ‘Budi não é [um] professor.’</p>

Caracterizados pelo emprego de cópula verbal, os enunciados inclusivos acima são empregados em Indonésio<sup>87</sup>. Em (23a), a cópula *adalah* relaciona dois sintagmas nominais: *saya* ‘eu’, em função actancial, e *adalah guru* ‘sou professor’, em função de predicativo. Em (23b), semelhantemente, actante (*budi* ‘Budi’) e predicativo (*guru* ‘professor’) são relacionados pela cópula negativa *bukan*.

<sup>81</sup> Conforme Lee (1975 apud DRYER, 2007, p. 234).

<sup>82</sup> Conforme Hamari (2015, p. 249).

<sup>83</sup> Língua falada nos Estados Federados da Micronésia.

<sup>84</sup> Língua do povo Komi falada na parte europeia do Nordeste da Rússia.

<sup>85</sup> Em Kosreano, consoante Dryer (2007, p. 234), os enunciados equativos e inclusivos são morfossintaticamente distintos. Os equativos são caracterizados pelo emprego da partícula cópula *pa*; já os inclusivos, por sua ausência.

<sup>86</sup> Conforme Moeljadi, Bond e Morgado da Costa (2016, p. 445).

<sup>87</sup> Língua falada na Indonésia.

### 3.3.2.2 Enunciado equativo

O *enunciado equativo*, assim como o inclusivo, é formado de actante e predicado nominal. No enunciado equativo, porém, a entidade representada pelo actante é idêntica à entidade expressa pelo predicado. Em razão dessa equivalência ( $A = B$ ), a inversão dos nominais é perfeitamente aceitável, embora, em alguns casos, seja impossível definir a sua função. Algumas línguas exigem o emprego de cópula, cuja função é relacionar actante e predicativo (PAYNE, 1997, p. 111).

Os enunciados a seguir são *equativos*.

(24) Kanamari <sup>88</sup>	(25) Guaraní Paraguaio <sup>89</sup>
<p><b>ha - owamok    ba:da</b></p> <p>3sg.+‘esposa’    <i>Bada</i></p> <p>‘Bada [é] esposa dele.’</p>	<p><b>tani    che - memby</b></p> <p><i>Tani</i>    1p.+‘criança’</p> <p>‘Tani [é] minha criança.’</p>

Ausentes de cópula, os enunciados equativos do Kanamari<sup>90</sup> e Guaraní Paraguaio<sup>91</sup> são caracterizados pelo emprego de dois sintagmas nominais justapostos. Em Kanamari, a raiz nominal {-*owamok*} ‘*esposa*’, núcleo do sintagma em função de predicado, seleciona dois elementos: o sintagma *ba:da* ‘*Bada*’, empregado em função de actante, e o prefixo de terceira pessoa do singular {*ha-*}, índice actancial. Também em Guaraní Paraguaio, o sintagma *tani* ‘*Tani*’ e o prefixo de primeira pessoa do singular {*che-*} são selecionados pela raiz nominal {-*memby*} ‘*criança*’. Nesta língua, os enunciados de predicado equativo e possessivo são idênticos morfossintaticamente; a distinção entre eles, todavia, se dá pela relação de concordância entre os elementos em função actancial: se nominal e prefixo possessivo não concordam, tem-se um predicado equativo (acima); se concordam, porém, tem-se um predicado possessivo (ex. 48).

<sup>88</sup> Conforme Anjos (2011, p. 278).

<sup>89</sup> Conforme Velázquez-Castillo (1996, p. 66).

<sup>90</sup> Língua (família Katukina) do povo Kanamari falada no oeste do estado do Amazonas, Brasil.

<sup>91</sup> Dialeto do povo Guaraní falado no Paraguai.

(26) Groelandês <sup>92</sup>	(27) Maltês <sup>93</sup>
<p><b>hansi    tassa    pisurtaq</b>  <i>Hansi</i>    COP    ‘líder’  ‘Hansi [é] o líder.’</p>	<p><b>pietru    hu    l - eżaminatur</b>  <i>Pedro</i>    COP/3sg.m.    def.+examinador’  ‘Pedro [é] o examinador.’</p>

Equativos, os enunciados do Groelandês<sup>94</sup> e Maltês<sup>95</sup>, acima, são marcados pelo emprego de cópula não verbal. Em Groelandês, ilustrado em (26), os sintagmas nominais *hansi* ‘Hansi’, em função actancial, e *pisurtaq* ‘líder’, em função de predicativo, são relacionados pela partícula *tassa*. Já em Maltês, apresentado em (27), a cópula pronominal *hu* concorda em pessoa/número (terceira singular) e gênero (masculino) com o sintagma nominal em função actancial (*pietru* ‘Pedro’), relacionando-o ao sintagma nominal *eżaminatur* ‘examinador’, em função de predicativo.

(28a) Nepalês <sup>96</sup>	(28b) Nepalês
<p><b>ao - rə    ŋa - za: - rə</b>  dem.+pl.    1sg.+‘criança’+pl.  ‘Estas [são] minhas crianças.’</p>	<p><b>ao - rə    ŋa - za: - rə    ma:hkə</b>  dem.+pl.    1sg.+‘criança’+pl.    COP/Neg.  ‘Estas não [são] minhas crianças.’</p>

Em Nepalês<sup>97</sup>, os enunciados equativo-afirmativos são caracterizados pela ausência de cópula, ao contrário, os equativo-negativos exigem partícula específica de negação. Em (28a), afirmativo, a raiz nominal {-za:rə} ‘crianças’ é núcleo do sintagma em função de predicado, selecionando dois elementos: o sintagma nominal *aorə* ‘estas’, em função de actante, e o prefixo de primeira pessoa do singular {ŋa-}, índice actancial. Em (28b), negativo, actante e predicativo são relacionados pela cópula negativa *ma:hkə*.

Os enunciados equativos, a seguir, são distintos pelo emprego de *cópula verbal*.

<sup>92</sup> Conforme Fortescue (1984 apud DRYER, 2007, p. 234).

<sup>93</sup> Conforme Stassen (1996 apud DALMI, 2015, p. 76).

<sup>94</sup> Língua falada na Groelândia.

<sup>95</sup> Língua falada nas ilhas de Malta, Gozo e Comino.

<sup>96</sup> Conforme Watters (2002 apud AIKHENVALD, 2015, p. 227).

<sup>97</sup> Língua indo-ariana falada no Nepal, Butão e em algumas regiões da Índia e de Mianmar (antiga Birmânia).

(29) Espanhol <sup>98</sup>	(30) Gaélico Escocês <sup>99</sup>
<p><b>juan es el assassino</b></p> <p><i>Juan</i> COP/3sg./Pres. def. ‘assassino’</p> <p>‘João é o assassino.’</p>	<p><b>s’e calum an tidsear</b></p> <p>COP/3sg. <i>Calum</i> def. ‘professor’</p> <p>‘Calum é o professor.’</p>

Os enunciados do Espanhol e Gaélico Escocês<sup>100</sup>, acima, ilustram o emprego de cópula verbal. Em Espanhol, ilustrado em (29), a cópula **es** veicula as informações de pessoa/número (terceira singular) e de tempo (presente). Como elemento de ligação, relaciona os sintagmas nominais **juan** ‘*João*’, em função de actante, e **el assassino** ‘*o assassino*’, em função de predicativo. Também em Gaélico Escocês, apresentado em (30), actante (**calum** ‘*Calum*’) e predicativo (**an tidsear** ‘*o professor*’) são relacionados por meio da cópula **s’e**, em concordância com o sintagma nominal em função actancial.

### 3.3.3 Enunciado de predicado adjetival

É formado de actante e predicado adjetival, marcado em algumas línguas pelo emprego de cópula. Em nível semântico-referencial, o predicado expressa propriedade ou estado da entidade expressa pelo actante (PAYNE, 1997, p. 111).

Em línguas naturais, os adjetivos podem representar, entre outras, as seguintes propriedades ou estados: (1) físicas e estáveis: alto, baixo, grande, pequeno, áspero, liso, doce, salgado, etc.; (2) impalpáveis: covarde, corajoso, grosseiro, educado, tímido, extrovertido, cauteloso, aventureiro, etc.; (3) impalpáveis e temporárias: triste, feliz, doente, saudável, faminto, saciado, frio, quente (GIVÓN, 2001).

Em muitas línguas, porém, os vocábulos que expressam esses conceitos não são agrupados em classe específica, em razão de serem formalmente idênticos aos nomes ou verbos (PAYNE, 1997, p. 63).

Os enunciados a seguir são *atributivos*.

<sup>98</sup> Conforme Roy (2013, p. 10).

<sup>99</sup> Conforme Roy (2013, p. 10).

<sup>100</sup> Língua falada, principalmente, na Escócia.

(31) Murinypata <sup>101</sup>	(32) Wayana <sup>102</sup>
<p><b>panɲun</b>   <b>kan'i - ka</b>   <b>putput</b>  'mulher'   'esta'+TOP   'grávida'  'Esta mulher [está] grávida.'</p>	<p><b>ëpatën</b>   <b>ëile</b>  'professor'   'bravo'  'O professor [é] bravo.'</p>

Atributivos, os enunciados do Murinypata<sup>103</sup> e Wayana<sup>104</sup> são formados de dois sintagmas justapostos. Em Murinypata, ilustrado em (31), os sintagmas nominal *panɲun kan'ika* 'esta mulher' e adjetival *putput* 'grávida' funcionam como actante e predicado, nesta ordem. Similarmente, em (32), o enunciado do Wayana é caracterizado pelo emprego de dois sintagmas: *ëpatën* 'professor', nominal em função actancial, e *ëile* 'bravo', adjetival em função de predicado.

(33) Crioulo Jamaicano <sup>105</sup>	(34) Kombai <sup>106</sup>
<p><b>jan</b>   <b>brait</b>  <i>João</i>   'brilhante'  'João [é] brilhante.'</p>	<p><b>a</b>   <b>mene</b>   <b>yafe - rabo</b>  'casa'   'esta'   'boa'+ 'muito'  'Esta casa [é] muito boa.'</p>

Ausentes de cópula, os enunciados atributivos supracitados são empregados em Crioulo Jamaicano<sup>107</sup> e Kombai<sup>108</sup>. Em Crioulo, os sintagmas *jan* 'João' (nominal) e *brait* 'brilhante' (adjetival) são empregados em função de actante e predicado, respectivamente. O enunciado do Kombai, semelhantemente, é caracterizado pelo emprego dos sintagmas *a mene* 'esta casa', nominal em função actancial, e *yaferabo* 'muito boa', adjetival em função de predicado. Nesta língua, há um sufixo copulativo {-a} que ocorre opcionalmente com predicados adjetivais. Este sufixo, entretanto, é incompatível com o sufixo {-rabo} 'muito', ilustrado em (34).

<sup>101</sup> Conforme Walsh (1976 apud DRYER, 2007, p. 225).

<sup>102</sup> Conforme Camargo (2003, p. 134).

<sup>103</sup> Língua isolada falada no norte da Austrália.

<sup>104</sup> Língua indígena (família Karib) falada em região fronteiriça do Brasil, da Guiana Francesa e do Suriname.

<sup>105</sup> Conforme Dürleman-Tame (2008 apud DALMI, 2016, p. 11).

<sup>106</sup> Conforme De Vries (1993 apud DRYER, 2007, p. 238).

<sup>107</sup> Dialeto do Inglês falado na Jamaica.

<sup>108</sup> Língua do povo Kombai falada na Indonésia.

(35) Vietnamita <sup>109</sup>	(36) Tâmil <sup>110</sup>
<p><b>tiêm    nây    nho    lăm</b></p> <p>‘barco’   ‘este’   ‘pequeno’   ‘muito’</p> <p>‘Este barco [é] muito pequeno.’</p>	<p><b>ava   poṇṇu   rompa   azaku</b></p> <p>‘dela’   ‘filha’   ‘muito’   ‘bonita’</p> <p>‘A filha dela [é] muito bonita.’</p>

Semelhantes, os enunciados do Vietnamita<sup>111</sup> e Tâmil<sup>112</sup>, supracitados, empregam dois sintagmas justapostos. Em Vietnamita, o sintagma nominal *tiêm nây* ‘este barco’ é empregado em função actancial, seguido do sintagma adjetival *nho lăm* ‘muito pequeno’, em função de predicado. Em Tâmil, por sua vez, os sintagmas *ava poṇṇu* ‘filha dela’, nominal, e *rompa azaku* ‘muito bonita’, adjetival, são justapostos em função de actante e predicado, respectivamente.

(37) Logo <sup>113</sup>	(38) Kombai <sup>114</sup>
<p><b>aʔdi        tovo - ro</b></p> <p>3sg.   ‘preguiçoso’+COP</p> <p>‘Ele [é] preguiçoso.’</p>	<p><b>mofene       rubu - khey - a</b></p> <p>‘aquilo’   ‘ruim’+Adj.+COP</p> <p>‘Aquilo [é] ruim.’</p>

Próprios do Logo<sup>115</sup> e Kombai, os enunciados atributivos acima são caracterizados pelo emprego de cópula não verbal. Em Logo, ilustrado em (37), a cópula {-ro} relaciona a raiz adjetival {*tovo-*} ‘preguiçoso’, núcleo do sintagma em função de predicado, ao sintagma nominal *aʔdi* ‘ele’, cuja função é actancial. Em Kombai, por sua vez, os predicados adjetivais podem ou não (ex. 34) ocorrer com cópula. Em (38), acima, a cópula {-a} é opcionalmente sufixada à raiz adjetival {*rubu-*} ‘ruim’, núcleo do predicado, relacionando-a ao sintagma em função actancial *mofene* ‘aquilo’.

<sup>109</sup> Conforme Thompson (1965 apud WETZER, 1996, p. 229).

<sup>110</sup> Conforme Asher (1982 apud WETZER, 1996, p. 157).

<sup>111</sup> Língua falada no Vietnã.

<sup>112</sup> Língua falada no sul da Índia, Sri Lanka, Myanmar, Indonésia, Vietnã, Singapura, entre outras.

<sup>113</sup> Conforme Tucker (1940 apud DRYER, 2007, p. 231).

<sup>114</sup> Conforme De Vries (1993 apud DRYER, 2007, p. 238).

<sup>115</sup> Língua falada na República Democrática do Congo.

(39) Suaíli <sup>116</sup>	(40) Kanuri <sup>117</sup>
<b>wa - toto    ha - wa    ni    wa - dogo</b> pl.+‘criança’   ‘esta’+pl.   COP   pl.+‘pequena’ ‘Estas crianças [são] pequenas.’	<b>fátò - á - má    kúrà    gò</b> ‘casa’+def.+Enf.   ‘grande’   COP ‘A casa [é] grande.’

Não verbais, os enunciados do Suaíli e Kanuri, supracitados, empregam cópula não verbal. Em Suaíli, ilustrada em (39), observa-se o emprego de dois sintagmas: *watoto hawa* ‘estas crianças’, nominal, e *wadogo* ‘pequenas’, adjetival. Como elemento de ligação, a cópula *ni* relaciona actante (*watoto hawa*) e predicativo (*wadogo*). Em Kanuri, por seu turno, há duas possibilidades de cópula: pronominal (ex. 15) e partícula. Em (40), acima, a sufixação do morfema enfático {-*má*} ao nominal {*fàtòé-*} ‘a casa’ condiciona o emprego da partícula *gò*, cuja função é relacionar os sintagmas *fàtòémá*, nominal em função actancial, e *kúrà* ‘grande’, adjetival em função de predicativo.

Os enunciados atributivos, adiante, são caracterizados pelo emprego de *cópula verbal*.

(41) Éwé <sup>118</sup>	(42) Espanhol <sup>119</sup>
<b>e - le    kpuie</b> 3sg.+COP   ‘baixo’ ‘Ele é baixo.’	<b>ofelia    está    enferma</b> <i>Ofelia</i> COP/3sg./Pres.   ‘doente’ ‘Ofelia está doente.’

Copulativos, os enunciados do Éwé e Espanhol são caracterizados pelo emprego de cópula verbal. Em Éwé, os enunciados de predicado nominal e adjetival são caracterizados pelo emprego de cópulas verbais distintas: em predicado nominal, emprega-se a cópula {-*nye*} (ex. 4); em predicado adjetival, porém, a cópula {-*le*}. Em (41), acima, esta é flexionada pelo morfema de terceira pessoa do singular {*e-*}, índice actancial, relacionando-o ao sintagma adjetival *kpuie* ‘baixo’, em função de predicativo. Em Espanhol<sup>120</sup>, ilustrado em (42), a cópula *está* configura-se como marca de pessoa/número (terceira singular) e tempo

<sup>116</sup> Conforme Dryer (2007, p. 226).

<sup>117</sup> Conforme Cyffer (1974 apud WETZER, 1996, p. 172).

<sup>118</sup> Conforme Westermann (1907 apud WETZER, 1996, p. 159).

<sup>119</sup> Conforme Payne (2007, p. 120).

<sup>120</sup> Em enunciados atributivos do Espanhol (PAYNE, 1997, p. 120), a cópula *está* indica *estado*, cabendo à cópula *es* indicar *propriedade*.



(presente), relacionando os sintagmas *ofelia* ‘Ofelia’, nominal em função de actante, e *enferma* ‘doente’, adjetival em função de predicativo.

(43) Mauka <sup>121</sup>	(44) Purki <sup>122</sup>
<p><b>dî      à      tímí</b>  ‘mel’   COP   ‘doce’  ‘O mel é doce.’</p>	<p><b>k<sup>h</sup>o      rdamo      duk</b>  3sg.   ‘bonita’   COP/Pres.  ‘Ela é bonita.’</p>

Os enunciados atributivos acima são marcados pelas cópulas verbais *à*, em Mauka, e *duk*, em Purki. Em Mauka, os sintagmas *dî* ‘mel’, nominal, e *tímí* ‘doce’, adjetival, desempenham as funções de actante e predicativo, respectivamente, relacionados pela cópula *à*. Em Purki, similarmente, a relação entre actante (*k<sup>h</sup>o* ‘ela’) e predicativo (*rdamo* ‘bonita’) é realizada por meio da cópula *duk* (de tempo presente).

(45) Koromfe <sup>123</sup>	(46) Babungo <sup>124</sup>
<p><b>də      lugni      a      bīnīā      la</b>  3sg.   ‘gato’/pl.   Art.   ‘preto’/pl.   COP  ‘Os gatos dele são pretos.’</p>	<p><b>fāzi      kâ      lùu      ŋkèè      kàjâə</b>  ‘comida’   ‘esta’   COP   ‘boa’   ‘muito’  ‘Esta comida é muito boa.’</p>

Empregados em Koromfe<sup>125</sup> e Babungo<sup>126</sup>, os enunciados supracitados são assinalados pelo emprego de cópula verbal. Em Koromfe, ilustrado em (45), a cópula *la* relaciona os sintagmas nominal *də lugni a* ‘os gatos dele’ e adjetival *bīnīā* ‘pretos’: o primeiro desempenha função actancial; ao segundo, porém, cabe a função de predicativo. Em Babungo, representado em (46), a cópula *lùu* estabelece a ligação entre actante e predicativo, a seguir: *fāzi kâ* ‘esta comida’ e *ŋkèè kàjâə* ‘muito boa’.

<sup>121</sup> Conforme Ebermann (1986 apud DRYER, 2007, p. 231).

<sup>122</sup> Conforme Rangan (1979 apud DRYER, 2007, p. 230).

<sup>123</sup> Conforme Rennison (1997 apud DRYER, 2007, p. 239).

<sup>124</sup> Conforme Schaub (1985 apud DRYER, 2007, p. 239).

<sup>125</sup> Língua falada em Burkina Faso, país africano.

<sup>126</sup> Língua do povo Vengo falada em Camarões.

### 3.3.4 Enunciado de predicado possessivo

Formado minimamente de predicado possessivo, expressa, em nível semântico-referencial, a posse de referente humano ou não humano. Em algumas línguas, exige-se o emprego de elemento de ligação (PAYNE, 1997, p. 111-112).

Os enunciados a seguir são *possessivos*.

(47) Papua Malaia <sup>127</sup>	(48) Guarani Paraguaio <sup>128</sup>
<p><b>saya empat ana</b>  1sg. ‘quatro’ ‘criança’  ‘Eu [tenho] quatro crianças.’</p>	<p><b>(che) che - memby - ta</b>  1 1p.+‘criança’+Fut.  ‘Eu [tere]i uma criança.’</p>

Ausentes de cópula, os enunciados possessivos do Papua Malaia<sup>129</sup> e Guarani Paraguaio, acima, são caracterizados pelo emprego de dois sintagmas nominais justapostos. Em Papua Malaia, emprega-se os sintagmas nominais *saya* ‘eu’, em função actancial, e *empat ana* ‘quatro crianças’, em função de predicado. Em Guarani, o sintagma nominal *che* ‘eu’, em função actancial, concorda com o morfema de primeira pessoa do singular {*che-*}, prefixado à raiz nominal {-*memby*} ‘criança’, núcleo do sintagma em função de predicado.

(49) Amele <sup>130</sup>	(50) Guarani Kaiowá <sup>131</sup>
<p><b>ija sign ca</b>  1sg. ‘faca’ ‘com’  ‘Eu [tenho] uma faca.’  (Lit.: Eu com faca.)</p>	<p><b>ɲwira na - i - pepo - i</b>  ‘pássaro’ Neg.+3+‘asa’+Neg.  ‘O pássaro não [tem] asas.’</p>

Assim como em Papua Malaia e Guarani Paraguaio, os enunciados acima ilustram o emprego de dois sintagmas justapostos, configurando ausência de cópula. Em Amele<sup>132</sup>, apresentado em (49), emprega-se os sintagmas *ija* ‘eu’ e *sign ca* ‘com a faca’. O primeiro,

<sup>127</sup> Conforme Kluge (2017, p. 512).

<sup>128</sup> Conforme Velázquez-Castillo (1996, p. 66).

<sup>129</sup> Variedade não padrão de Malaia falada no litoral da Papua Ocidental, localizada na Nova Guiné.

<sup>130</sup> Conforme Roberts (1987 apud THAM, 2013, p. 304).

<sup>131</sup> Conforme Camargo (2008, p. 130).

<sup>132</sup> Língua falada na Papua-Nova Guiné.

nominal, funciona como actante; ao segundo, posposicionado, cabe a função de predicado. Em Guarani Kaiowá<sup>133</sup>, ilustrado em (50), os sintagmas nominais *ɲwira* ‘pássaro’ e *naipepoi* ‘asa dele (neg.)’ desempenham as funções de actante e predicado. Neste enunciado, o actante *ɲwira* concorda com o prefixo de terceira pessoa {*i-*}, índice actancial, prefixado à raiz nominal {-*pepo*} ‘asa’.

Os enunciados possessivos, a seguir, são caracterizados pelo emprego de *cópula*.

(51) Suaíli <sup>134</sup>	(52) Nzadi <sup>135</sup>
<p><b>juma   a - na   wa - nafunzi   wa - tano</b></p> <p><i>Juma</i>   3+COP   CL2+‘aluno’   CL2+‘cinco’</p> <p>‘Juma [tem] cinco alunos.’</p>	<p><b>mi   é ye   ye   bãàn</b></p> <p>1sg.   COP/Pres.   ‘com’   ‘crianças’</p> <p>‘Eu [tenho] crianças.’</p> <p>(Lit.: Eu estou com crianças.)</p>

Os enunciados do Suaíli e Nzadi<sup>136</sup>, acima, são marcados pelo emprego de *cópula*. Em Suaíli, a *cópula* possessiva {-*na*} é flexionada pelo morfema de terceira pessoa {*a-*}, índice actancial. Como elemento de ligação, relaciona os sintagmas nominais *juma* ‘Juma’, em função actancial, e *wanafunzi watano* ‘cinco alunos’, em função de predicativo. Em Nzadi, por sua vez, a *cópula* verbal *é ye* relaciona os sintagmas *mi* ‘eu’ e *ye bãàn* ‘com crianças’. Ao primeiro, nominal, cabe a função de actante; o segundo, preposicionado, desempenha a função de predicativo.

### 3.3.5 Enunciado de predicado locativo

Caracterizado pelo emprego de predicado locativo, expressa, em nível semântico-referencial, a localização de referente humano ou não humano. Assim como os enunciados de predicado possessivo, podem ser marcados pelo emprego de *cópula* (PAYNE, 1997, p. 112).

Os enunciados a seguir são *locativos*.

<sup>133</sup> Dialeto de Guarani (família Tupi-Guarani) falado no estado do Mato Grosso do Sul, Brasil.

<sup>134</sup> Conforme Ashton (1947 apud MARTEN, 2013, p. 47).

<sup>135</sup> Conforme Crane, Hyman e Tukumu (2011, p. 145).

<sup>136</sup> Língua bantu falada na República Democrática do Congo.

(53) Árabe <sup>137</sup>	(54) Wauja <sup>138</sup>
<b>al - walad - u      fii    l - ghorfat - i</b> Art.+‘menino’+NOM   ‘em’   Art.+‘quarto’+GEN ‘O menino [está] no quarto.’	<b>ʔitsa      i - naʔku - ʔpaj      eʔtene</b> ‘canoa’      3sg.+Loc.+Impf.      ‘remo’ ‘O remo [está] dentro da canoa.’

Não verbais, os enunciados locativos do Árabe e Wauja<sup>139</sup> acima não empregam cópula. Em Árabe, ilustrado em (53), emprega-se os sintagmas *alwaladu* ‘o menino’, nominal, e *fii lghorfati* ‘no quarto’, preposicionado. Justapostos, desempenham função de actante e predicado, nesta ordem. Em Wauja, em (54), o sintagma *eʔtene* ‘remo’ desempenha função actancial, em concordância com o prefixo de terceira pessoa {*i-*}. Por sua vez, cabe ao sintagma *ʔitsa iʔnakuʔpaj* ‘dentro da canoa’ a função de predicado.

(55) Asurini do Xingu <sup>140</sup>	(56) Pitjantjatjara <sup>141</sup>
<b>kunumi      iʔ - ve</b> ‘menino’      ‘água’+Loc. ‘O menino [está] na água.’	<b>tjitji      kutjra      ngura - ka</b> ‘criança’      ‘dois’      ‘campo’+‘em’ ‘As duas crianças [estão] no campo.’

Assim como em Árabe e Wauja, os enunciados do Asurini do Xingu<sup>142</sup> e Pitjantjatjara<sup>143</sup>, acima, empregam dois sintagmas justapostos. Em Asurini, os sintagmas *kunumi* ‘menino’ e *iʔve* ‘na água’ funcionam como actante e predicado, respectivamente. O enunciado do Pitjantjatjara, semelhantemente, é constituído dos sintagmas *tjitji kutjra* ‘duas crianças’, em função actancial, e *nguraka* ‘no campo’, em função de predicado.

O mais comum, todavia, é observar línguas que empregam cópula nesse tipo de enunciado. Segundo Payne (1997, p. 121), os elementos copulares empregados em enunciados de predicado locativo são geralmente de *natureza verbal*, apresentados adiante.

<sup>137</sup> Conforme Al-Horais (2006, p. 104).

<sup>138</sup> Conforme Postigo (2014, p. 201).

<sup>139</sup> Língua (família Aruak) do povo Wauja falada no Alto Xingu, no estado do Mato Grosso, Brasil.

<sup>140</sup> Conforme Pereira (2009, p. 268).

<sup>141</sup> Conforme Douglas (1959 apud STASSEN, 2005, p. 483).

<sup>142</sup> Língua (família Tupi-Guarani) falada pelo povo Asurini do Xingu no estado do Pará, Brasil.

<sup>143</sup> Língua indígena falada no Sul da Austrália.

(57) Koromfe <sup>144</sup>	(58) Miskito <sup>145</sup>
<p><b>də wẽ dāāne</b></p> <p>3sg. COP ‘casa’</p> <p>‘Ele está em casa.’</p>	<p><b>aisi - kam bāra sa</b></p> <p>‘pai’+‘seu’ ‘aqui’ COP/3sg./Pres.</p> <p>‘Seu pai está aqui.’</p>

As línguas Koromfe e Miskito<sup>146</sup>, acima, ilustram o emprego de cópula verbal. A língua Koromfe é conhecida por empregar cópula idêntica em enunciados de predicado nominal e adjetival (cf. 45), mas cópula distinta em enunciados de predicado locativo. Em (57), acima, o que se observa é o emprego do verbo copular *wẽ*, que relaciona dois sintagmas nominais: *də* ‘ele’, em função actancial, e *dāāne* ‘casa’, em função de predicativo. Em Miskito, apresentado em (58), actante (*aisikam* ‘teu pai’) e predicativo (*bāra* ‘aqui’) são relacionados pela cópula *sa*, marca de pessoa/número (terceira singular) e tempo (presente).

(59) Babungo <sup>147</sup>	(60) Irlandês moderno <sup>148</sup>
<p><b>ɲwá lùu táa yìwìṅ</b></p> <p>3sg. COP ‘em’ ‘mercado’</p> <p>‘Ele está no mercado.’</p>	<p><b>tá sé sa tseomra</b></p> <p>COP/Pres. 3sg.m. ‘no’ ‘quarto’</p> <p>‘Ele está no quarto.’</p>

Copulativos, os enunciados locativos acima ilustram o emprego de cópula verbal em Babungo e Irlandês. Conhecida por empregar cópula verbal idêntica em predicados nominais, adjetivais (ex. 46) e locativos, o Babungo emprega em (59) a cópula *lùu*. Como elemento de ligação, relaciona os sintagmas *ɲwá* ‘ele’, nominal em função actancial, e *táa yìwìṅ* ‘no mercado’, preposicionado em função de predicativo. Também em Irlandês, os sintagmas *sé* ‘ele’ e *sa tseomra* ‘no quarto’ funcionam como actante e predicativo, relacionados pela cópula verbal *tá*, marca de tempo (presente).

<sup>144</sup> Conforme Rennison (1997 apud DRYER, 2007, p. 239).

<sup>145</sup> Conforme Conzemius (1927 apud STASSEN, 2005, p. 482).

<sup>146</sup> Língua falada no Nordeste da Nicarágua, América Central.

<sup>147</sup> Conforme Schaub (1985 apud DRYER, 2007, p. 239).

<sup>148</sup> Conforme Greene (1966 apud STASSEN, 2005, p. 482).

(61) Crioulo Jamaicano <sup>149</sup>	(62) Kanamari <sup>150</sup>
<p><b>di      bwai - dem      de(h)      ina      Landan</b>  Art.   ‘menino’+pl.   COP   ‘em’   <i>Londres</i>  ‘Os meninos estão em Londres.’</p>	<p><b>tan - tu      pi:da      hak      iki</b>  COP+Neg.   ‘onça’   ‘casa’   Ines.  ‘A onça não está dentro da casa.’</p>

Os enunciados acima são caracterizados pelo emprego das cópulas verbais *de(h)*, do Crioulo Jamaicano, e {*tan-*}, do Kanamari. Em Crioulo Jamaicano, os enunciados de predicado nominal e adjetival (cf. 33) são marcados pela ausência de cópula. Em predicados locativos, porém, a cópula verbal *de(h)* é obrigatória, relacionando, em (61), os sintagmas *di bwaidem* ‘os meninos’, nominal em função actancial, e *ina Landan* ‘em Londres’, preposicionado em função de predicativo. Em Kanamari, ilustrado em (62), a cópula {*tan-*} recebe a marca de negação {-*tu*}, comportamento típico dos verbos desta língua. Como elemento de ligação, relaciona os sintagmas *pi:da* ‘onça’, nominal, e *hak iki* ‘dentro da casa’, posposicionado, os quais funcionam como actante e predicativo, nesta ordem.

(63) Suaíli <sup>151</sup>	(64) Nzadi <sup>152</sup>
<p><b>yu - ko      london</b>  3+COP   <i>Londres</i>  ‘Ele está em Londres.’</p>	<p><b>mi      é ye      kó      ndzó</b>  1sg.   COP/Pres.   ‘em’   ‘casa’  ‘Eu estou em casa.’</p>

Assim como em Crioulo Jamaicano e Kanamari, os enunciados do Suaíli e Nzadi, acima, ilustram o emprego de cópula. Em Suaíli, de acordo com Ashton (1947 apud MARTEN, 2013, p. 47), três morfemas copulares são empregados: a cópula *pura* (exs. 17 e 39), a possessiva (ex. 51) e a locativa. Em (63), acima, a cópula locativa {-*ko*} é flexionada pelo morfema de terceira pessoa {*yu-*} ‘ele’, índice actancial, relacionando-o ao sintagma nominal *london* ‘Londres’, em função de predicativo. Em Nzadi, em (64), os sintagmas *mi* ‘eu’, nominal, e *kó ndzó* ‘em casa’, preposicionado, funcionam como actante e predicativo. Neste enunciado, assim como no de predicado possessivo (cf. 52), os sintagmas são relacionados pela cópula verbal *é ye*.

<sup>149</sup> Conforme Dürleman-Tame (2008 apud DALMI, 2016, p. 12).

<sup>150</sup> Conforme Anjos (2011, p. 274).

<sup>151</sup> Conforme Marten (2013, p. 62).

<sup>152</sup> Conforme Crane, Hyman e Tukumu (2011, p. 145).

### 3.3.6 Enunciado de predicado existencial

É formado, basicamente, de predicado existencial, marcado em algumas línguas pelo emprego de cópula. Em nível semântico-referencial, expressa a existência da entidade a que se refere, geralmente em localização específica (PAYNE, 1997, p. 112), ou a presença de entidade humana ou não humana (MCNALLY, 2011, p. 1830).

Os enunciados a seguir são *existenciais*.

(65a) Asurini do Xingu <sup>153</sup>	(65b) Asurini do Xingu
<p><b>djajtita    ivaka    re</b>  ‘estrela’   ‘céu’   Posp.  ‘Há estrelas no céu.’</p>	<p><b>ki    ita    nativi</b>  ‘aqui’   ‘pedra’   Neg.  ‘Aqui não há pedra.’</p>

Os enunciados supracitados são do Asurini do Xingu. Em (65a), emprega-se dois sintagmas: *djajtita* ‘estrela’, nominal em função de predicado, e *ivaka re* ‘no céu’, posposicionado em função circunstancial. Em (65b), em seguida, o sintagma nominal *ita nativi*<sup>154</sup> ‘pedra (neg)’ funciona como predicado, antecedido do sintagma em função de circunstante *ki* ‘aqui’.

(66) Hebraico <sup>155</sup>	(67) Kurtöp <sup>156</sup>
<p><b>yeš    harbe    tisot    ad    xacot</b>  Part./Ex. ‘muitos’ ‘vôos’ ‘até’ ‘meia noite’  ‘Há muitos vôos até meia noite.’</p>	<p><b>bapja    gapo = ya    mutla</b>  ‘faisão’ pl./Foc.+‘também’ COP/Neg./Ex.  ‘Não há faisões e outros.’</p>

Próprio do Hebraico, o enunciado em (66) é marcado pela partícula existencial *yeš*. Em função de predicado, o sintagma nominal *harbe tisot* ‘muitos vôos’ antecede o sintagma preposicionado *ad xacot* ‘até meia noite’, em função de circunstante. Já em Kurtöp<sup>157</sup>, ilustrado em (67), emprega-se a cópula negativo-existencial *mutla*. Neste enunciado, cópula mais sintagma nominal (*bapja gapoya* ‘faisões e outros’) correspondem ao predicado.

<sup>153</sup> Conforme Pereira (2009, pp. 269-271).

<sup>154</sup> Segundo Pereira (2009, p. 270), a forma negativa *nativi* “implica ‘não ter’ no sentido de estar ausente”.

<sup>155</sup> Conforme Francez (2007 apud MC NALLY, 2011, p. 1831).

<sup>156</sup> Conforme Hyslop (2017, p. 249).

<sup>157</sup> Língua falada no nordeste do Butão.

(68a) Kanamari <sup>158</sup>	(68b) Kanamari
<p><b>ita - puru      an = ka</b></p> <p>‘lenha’+‘pedaço’      COP+Perf.</p> <p>‘Havia um pedaço de lenha.’</p>	<p><b>an - tu      ita</b></p> <p>COP+Neg.      ‘lenha’</p> <p>‘Não existia lenha.’</p>

Em Kanamari, os enunciados de predicado nominal (cf. 24) não empregam cópula. Os de predicado locativo (cf. 62) e existencial, entretanto, são marcados por cópulas verbais distintas. Os enunciados acima ilustram o emprego de predicado existencial, assinalado pela cópula verbal {*an-*}. Em (68a), esta é sufixada pelo morfema aspectual {-*ka*}; em (68b), porém, recebe o sufixo de negação {-*tu*}.

A seguir, apresentamos uma tipologia para os enunciados de *predicado verbal*.

### 3.4 Enunciados de predicado verbal em línguas naturais

Em se tratando de enunciados de *predicado verbal*, o estudo contrastivo aqui proposto (entre Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé) parte da proposta tipológica actancial de Gilbert Lazard (1994, 1998).

Entende-se por actância, nas palavras do autor (1994, p. IX), “os fatos relativos às relações gramaticais que se estabelecem entre o predicado verbal e os termos nominais que dependem dele. Estas questões são fundamentais para o estudo da língua, porque a actância é o cerne da gramática de qualquer língua<sup>159</sup>”.

#### 3.4.1 Análise morfossintática

Do ponto de vista morfossintático, um enunciado verbal é constituído de um predicado e de seus actantes, isto é, de um verbo e dos sintagmas indispensáveis para a completude de seu sentido. Nesta perspectiva, num dado enunciado, às diferentes funções sintáticas que os sintagmas assumem em decorrência de sua relação com o predicado verbal dá-se o nome de *funções actanciais*.

<sup>158</sup> Conforme Anjos (2011, pp. 272-274).

<sup>159</sup> Entende-se por actância, nas palavras do autor (1994, p. IX), “les faits relatifs aux relations grammaticales qui s'établissent entre le prédicat verbal et les termes nominaux qui en dépendent. Ces questions sont centrales dans l'étude du langage, car l'actance est au coeur de la grammaire de toute langue”.



Esta questão está estritamente relacionada à valência verbal. Nos termos de Crystal (2000, p. 264),

o termo valência se origina da química e é usado na linguística com referência ao número e aos tipos de laços que podem existir entre os elementos sintáticos. Como na química, um determinado elemento pode ter diferentes valências em diferentes contextos. Uma gramática de valências apresenta um modelo de sentença contendo um elemento fundamental (em geral, um verbo) e certo número de elementos dependentes (denominados actantes, complementos ou valentes).

Em Língua Portuguesa, por exemplo, em razão do número de actantes que exige, os verbos são frequentemente classificados em uniactancial, biactancial ou triactancial. Os exemplos a seguir são de Silva<sup>160</sup> (2001, p. 96) e Ilari & Basso<sup>161</sup> (2014, p. 89).

**(69a) Todo fim de semana chove.**

**(69b) O gato ronrona.**

**(69c) O empregado serviu os clientes.**

**(69d) Beethoven dedicou a Sonata Primavera ao Conde Moritz von Fries às 14 horas.**

Os enunciados de (a) a (d) são, respectivamente, avalente, uniactancial, biactancial e triactancial. Em (a), o predicado verbal **chove** não seleciona actantes. Em (b), por sua vez, o actante único **o gato** é selecionado pelo predicado uniactancial **ronrona**. O enunciado em (c), em seguida, é constituído do predicado biactancial **serviu** e dos actantes **o empregado** e **os clientes**. Em (d), porém, o predicado triactancial **dedicou** seleciona os actantes **Beethoven**, **a Sonata Primavera** e **ao Conde Moritz von Fries**.

Note, em (d), o emprego de outro sintagma, **às 14 horas**, denominado *circunstante*. Segundo Tesnière (1959, p. 102), os circunstantes são elementos que referenciam, em nível semântico-referencial, “as circunstâncias de tempo, lugar, modo, etc. em que se realiza o processo<sup>162</sup>”. Consoante Vilela (1999 apud SILVA, 2001, p. 94), são *circunstantes* os “elementos instanciados na frase que não pertencem à insaturação do verbo”.

A tabela a seguir, de sua autoria, explicita as características que diferem os actantes e circunstantes em línguas naturais.

<sup>160</sup> Exemplos (69b-c).

<sup>161</sup> Exemplos (69a) e (69d, adaptado).

<sup>162</sup> Segundo Tesnière (1959, p. 102), os circunstantes são elementos que referenciam, em nível semântico-referencial, “les circonstances de temps, lieu, manière, etc. dans lesquelles se déroulent le procès”.

**Quadro A:** Actantes *versus* circunstantes

Actantes	Circunstantes
Obrigatoriedade	Não obrigatoriedade
Latência	Não latência
Restrições estreitas de compatibilidade	Livre coocorrência com qualquer predicado
Actantes	Especificações de actantes
Específicos de classes	Não específicos de classes
Valor proposicional	Caráter não proposicional

Fonte: Vilela (1999 apud SILVA, 2001, p. 94).

Em resumo, num dado enunciado, o predicado verbal seleciona obrigatoriamente os seus actantes, termos indispensáveis para a completude de seu sentido. Nas palavras de Vilela (1994, p. 201), “os actantes estão ligados ao verbo por meio dos traços que determinam qual a categoria semântica a que devem pertencer os termos que preenchem os lugares vazios previstos e qual a função semântico-sintática desempenhada por esses termos na estrutura proposicional”. Ao contrário, não há obrigatoriedade em relação ao emprego de circunstantes no enunciado, uma vez que não são selecionados pelo verbo, mas especificações de actantes.

Além disso, o emprego de actantes obedece estreitamente a determinadas restrições de compatibilidade com o predicado verbal, o que significa que, por questões de ordem semântica<sup>163</sup>, um termo nominal pode ser compatível com um verbo, mas incompatível com outro. O emprego de circunstantes, entretanto, não está sujeito a este princípio de compatibilidade, o que permite a sua livre coocorrência com qualquer predicado verbal.

Os actantes são específicos de classes. Tendo em vista o sistema linguístico a que pertencem, agrupam-se em classes de palavras que compartilham dos mesmos critérios morfossemânticos; inversamente, os circunstantes não são específicos de classes. Além disso, os actantes apresentam valor proposicional, logo, seu emprego é fundamental para que uma proposição seja completa em termos sintáticos e semânticos. Ao contrário, a supressão de um circunstante no enunciado não o afeta sintaticamente tornando-lhe agramatical.

<sup>163</sup> Consideremos os seguintes enunciados: (a) Ele comeu o biscoito. e (b) Ele cavou o buraco. Em (a), o predicado verbal *comer*, biactancial, seleciona o termo pronominal *ele*, em função de primeiro actante, e o nominal *o biscoito*, em função de segundo actante. Em (b), os termos *ele* e *o buraco*, em função de primeiro e segundo actante, respectivamente, são selecionados pelo predicado verbal biactancial *cavar*. Observe que os enunciados \*Ele comeu o buraco e \*Ele cavou o biscoito tornam-se agramaticais, uma vez que a permuta dos actantes *o biscoito* e *o buraco* fere o princípio da compatibilidade semântica verbo-nominal.

### 3.4.1.1 Instrumentos relacionais

O predicado verbal é o centro do enunciado e todos os actantes lhe estão relacionados. Segundo Lazard (1994, p. 1), em línguas naturais, diferentes *instrumentos relacionais* – marcas e procedimentos sintáticos (as) – são empregados para explicitar as relações entre os termos nominais e o verbo de que são dependentes; são eles:

- (a) morfemas relatores
- (b) índices actanciais
- (c) ordenamento de palavras
- (d) coalescência

Conforme Lazard, há línguas em que se emprega apenas um destes instrumentos relacionais; outras, porém, são conhecidas por acumularem dois ou mais, de forma simultânea, no mesmo enunciado.

#### (a) Os morfemas relatores

Segundo Lazard (1994, p. 1), o emprego de morfemas relatores tem sido observado de duas maneiras: (1) afixado ao termo nominal (declinação); ou (2) em posição anterior/seguinte a do nome (adposição). A primeira é comumente empregada nas línguas do mundo,

não somente nas línguas indo-europeias como o Latim, o Grego Clássico, o Sânscrito, o Alemão, as línguas eslavas, mas ainda muitas outras: línguas fino-húngaras, caucasianas do Nordeste e do Sul, turcas, mongois, dravídicas, australianas, esquimós, certas línguas ameríndias<sup>164</sup> (ibid., p. 2).

O exemplo do Latim, a seguir, exemplifica a afixação de morfema relator a um nome.

(70) Latim <sup>165</sup>			
<b>nunti - us</b>	<b>epistula - m</b>	<b>dedit</b>	<b>senator - i</b>
‘messageiro’+NOM	‘carta’+ACC	‘dar’	‘senador’+DAT
‘O messageiro deu a carta ao senador.’			

<sup>164</sup> Non seulement dans des langues indo-européennes comme le latin, le grec classique, le sanscrit, l’allemand, les langues slaves, mais encore beaucoup d’autres: langues finno-ougriennes, caucasiennes du Nord-Est et du sud, turques, mongoles, dravidiennes, australiennes, esquimau, certaines langues amérindiennes (LAZARD, 1994, p. 2).

<sup>165</sup> Conforme Lazard (1994, p. 1).

Acima, o predicado triactancial *dedit* ‘dar’ seleciona os actantes {*nunti-*} ‘mensageiro’, {*epistula-*} ‘carta’ e {*senator-*} ‘senador’, os quais ocorrem com os sufixos {-us}, nominativo, {-m}, acusativo, e {-i}, dativo. Aos sintagmas nominais *nuntius* e *epistulam*, assinalados pelos sufixos {-us} e {-m}, cabem as funções sintáticas de sujeito e objeto; já o sintagma nominal *senatori* funciona como objeto indireto, uma vez assinalado pelo sufixo {-i}.

Consoante Lazard (ibid., p. 3), entretanto, são os relatores não afixados os mais frequentemente empregados nas línguas do mundo<sup>166</sup>. Conforme a língua, configuram-se em preposições ou posposições, em razão de serem empregados em posição anterior ou posterior a do nome que acompanham.

O enunciado da língua Añun<sup>167</sup>, a seguir, ilustra o emprego de relator não afixado, em posição anterior a do nome.

(71) Añun <sup>168</sup>				
<b>hiinkiatĩ</b>	<b>nĩ - kakarĩ</b>	<b>nĩ - maana</b>	<b>nĩ - mi</b>	<b>onĩnakai</b>
‘vai trazer’	‘sua’+‘comida’	‘sua’+‘esposa’	REL	‘pescador’
‘A esposa do pescador vai trazer-lhe sua comida.’				

Acima, o predicado trivalente *hiinkiatĩ* ‘vai trazer’ seleciona os actantes *onĩnakai* ‘pescador’, *nĩmaana* ‘sua esposa’ e *nĩkakarĩ* ‘sua comida’. Neste enunciado, o emprego do relator *nĩmi*, preposicionado ao nome *onĩnakai*, é responsável por elucidar a ideia de que é a esposa quem trará comida ao pescador, e não o contrário (ibid.).

## (b) Índices actanciais

Nas línguas em que se observa o emprego de índices actanciais, estes aparecem prefixados e/ou sufixados à raiz verbal<sup>169</sup> e conduzem geralmente as noções de pessoa, número, gênero e/ou classe. É comum que tais afixos correferenciem um nome, neste caso, diz-se que nome e verbo estão em relação de concordância (LAZARD, 1994, p. 7-8).

<sup>166</sup> Segundo Lazard (1994, p. 3, tradução nossa), “a maioria das línguas da Europa [...], mas também as línguas semíticas, muitas línguas africanas, o Chinês, o Tailandês, o Vietnamita, o Indonésio, as línguas polinésias, etc.”.

<sup>167</sup> Língua falada pelo povo Añun no noroeste da Venezuela.

<sup>168</sup> Conforme Patte (1991 apud LAZARD, 1994, p. 3).

<sup>169</sup> A afixação de índices actanciais ao verbo é tradicionalmente conhecida por *conjugação*.

O emprego de índices actanciais prefixados ao verbo é demasiadamente comum nas línguas do mundo, conforme ilustram as línguas Tapirapé<sup>170</sup> e Asurini do Xingu abaixo.

(72) Tapirapé <sup>171</sup>	(73) Asurini do Xingu <sup>172</sup>
<b>eiri - Ø    a - ãpa    a - kawĩ - Ø</b> <i>Eiri+Ref. 3+‘fazer’ 3cor.+‘cauim’+Ref.</i> ‘Eiri faz seu próprio cauim.’	<b>ga    u - avatxi    u - tim</b> 3sg.m. 3cor.+‘milho’ 3+‘plantar’ ‘Ele plantou seu próprio milho.’

Em Tapirapé, a raiz verbal {-*ãpa*} ‘fazer’ é flexionada pelo prefixo de terceira pessoa {-*a-*}, índice actancial, em concordância com o sintagma nominal *eiri*, em função de actante. Também em Asurini do Xingu, a raiz verbal {-*tim*} ‘plantar’ é prefixada pelo morfema pessoal {-*u-*}, referente à terceira pessoa, o qual concorda com o sintagma nominal *ga* ‘ele’, empregado em função actancial.

Os exemplos abaixo são do Árabe Clássico e Malak-Malak<sup>173</sup>.

(74) Árabe Clássico <sup>174</sup>	(75) Malak-Malak <sup>175</sup>
<b>ya - ktub - ūna</b> PFX+‘escrever’+SFX ‘Eles escrevem.’	<b>t’aṇar    tapak    mu - t - aṛiñ</b> ‘lança’ ‘quebrar’ PFX+Aux.+SFX ‘Minha lança quebrou.’ (Lit.: A lança quebrou para mim.)

Em Árabe Clássico, a raiz uniactancial {-*ktub-*} ‘escrever’ é prefixada pelo índice {-*ya-*} e sufixada pelo índice {-*ūna*}, os quais combinados referenciam a terceira pessoa do plural. Em Malak-Malak, porém, os índices actanciais {-*mu-*} e {-*aṛiñ*} não são afixados ao verbo principal do enunciado (*tapak* ‘quebrar’), mas ao auxiliar {-*t-*}.

<sup>170</sup> Língua (família Tupi-Guarani) do povo Tapirapé falada no estado do Mato Grosso, Brasil.

<sup>171</sup> Conforme Praça (2007, p. 91).

<sup>172</sup> Conforme Pereira (2009, p. 106).

<sup>173</sup> Língua (quase extinta) do povo Malak-Malak falada no Território do Norte, na Austrália.

<sup>174</sup> Conforme Lazard (1994, p. 6).

<sup>175</sup> Conforme Birk (1976 apud LAZARD, 1994, p. 7).

### (c) O ordenamento de termos

Segundo Lazard (1994, p. 14), há línguas em que a posição dos actantes é responsável por identificar a sua função no enunciado. Em enunciados constituídos por dois sintagmas nominais, o predicado verbal é comumente observado nas três posições a seguir:

(a) em primeira posição (VNN)

(b) entre o primeiro e o segundo actante (NVN)

(c) em posição final (NNV)

Em línguas de ordem VNN, cujo predicado aparece em primeira posição, o mesmo é geralmente seguido do actante sujeito e do actante objeto, nesta ordem. Esse é o caso do Árabe, do Náuatle<sup>176</sup>, das línguas das Filipinas e da Polinésia (ibid.). Também do Irlandês antigo e do Tonga<sup>177</sup>, ilustrados a seguir.

(76) Irlandês antigo <sup>178</sup>	(77) Tonga <sup>179</sup>
<p><b>beogidir in spirut in corp</b>            ‘vivificar’/3sg. Art. ‘espírito’ Art. ‘corpo’            ‘O espírito vivifica o corpo.’</p>	<p><b>‘oku ‘ofeina ‘e he tamai hono ‘ofefine</b>            Pres. ‘amar’ ERG Ref. ‘pai’ 3p. ‘filha’            ‘O pai ama a sua filha.’</p>

O Irlandês antigo e o Tonga, acima, ilustram ordenamento do tipo VSO. Em (76), do Irlandês, o predicado biactancial *beogidir* antecede o actante sujeito *in spirut* ‘o espírito’ e o actante objeto *in corp* ‘o corpo’, nesta ordem. Também em Tonga, apresentada em (77), são empregados o predicado biactancial *‘oku ‘ofeina*, em primeira posição, seguido do actante sujeito *‘e he tamai* ‘o pai’ e do actante objeto *hono ‘ofefine* ‘sua filha’, em posição final.

(78) Malgaxe <sup>180</sup>	(79) Nias <sup>181</sup>
<p><b>mahita trano tsara aho</b>            ‘ver’ ‘casa’ ‘bela’ 1sg.            ‘Eu vejo uma bela casa.’</p>	<p><b>i - rino vakhe ina - gu</b>            3sg.RLS+‘cozinhar’ ABS+‘arroz’ ‘mãe’+1p.            ‘Minha mãe cozinhou arroz.’</p>

<sup>176</sup> Língua do povo Náuatle falada região central do México.

<sup>177</sup> Língua falada no Reino de Tonga.

<sup>178</sup> Conforme Carnie, Harley e Pyatt (2000, p. 43).

<sup>179</sup> Conforme Devane (2008, p. 8).

<sup>180</sup> Conforme Dez (1980 apud LAZARD, 1998, p. 13).

<sup>181</sup> Conforme Brown (2001 apud DRYER, 2005, p. 330).

Em Malgaxe<sup>182</sup> e Nias<sup>183</sup>, entretanto, observa-se ordenamento do tipo VOS. Em Malgaxe, o predicado biactancial *mahita* é seguido do actante objeto *trano tsara* ‘bela casa’ e do actante sujeito *aho* ‘eu’, empregados nesta ordem. Também em Nias, o predicado *irino*, biactancial, é imediatamente seguido do actante objeto *vakhe* ‘arroz’ e, logo depois, do actante sujeito *inagu* ‘minha mãe’.

Já em línguas como o Francês, o Tailandês, o Vietnamita, o Indonésio e em línguas europeias, majoritariamente, o predicado verbal é empregado em posição medial à dos actantes sujeito e objeto (NVN), estes em posição inicial e final (ibid.). A esse respeito, conforme Dryer (2005, p. 330), são mais raras as línguas em que o actante objeto é empregado em posição anterior a do predicado, ambos seguidos do actante sujeito. Os enunciados, a seguir, pertencem às línguas Karitiána<sup>184</sup> e Hixkaryana<sup>185</sup>.

(80) Karitiána <sup>186</sup>			(81) Hixkaryana <sup>187</sup>		
<b>taso</b>	<b>Ø - naka - ʔi - t</b>	<b>tiʔi</b>	<b>toto</b>	<b>y - ahosi - ye</b>	<b>kamara</b>
‘homem’	3+decl.+‘comer’+n.fut.	‘comida’	‘homem’	3:3+‘agarrar’+Dist.Pas.	‘onça’
‘O homem comeu a comida.’			‘A onça agarrou o homem.’		

Em Karitiána, “a ordem default [padrão] de constituintes nas sentenças declarativas transitivas é SVO” (STORTO & ROCHA, 2014, p. 20). Em (80), acima, o actante sujeito *taso* ‘homem’ e o actante objeto *tiʔi* ‘comida’ são intercalados pelo predicado biactancial *nakaʔit*. Em (81), porém, empregado em Hixkaryana, observa-se ordenamento do tipo OVS. Neste enunciado, o actante objeto *toto* ‘homem’ é empregado em posição inicial, seguido do predicado biactancial *yahosiye* e do actante sujeito *kamara* ‘onça’.

Finalmente, a ordem NNV é amplamente observada em línguas iraniano-arianas, indo-arianas, dravídicas, turcas e japonesas, que empregam os actantes sujeito e objeto, em primeira e segunda posição, anteriormente ao predicado (LAZARD, 1994, p. 14). Essa é também a ordem mais básica do Asurini do Xingu, “a que chamamos de predominante na língua” (PEREIRA, 2009, p. 274).

<sup>182</sup> Língua falada por parte majoritária da população de Madagascar, ilha africana.

<sup>183</sup> Língua do povo Nias falada ao norte da Sumatra, na Indonésia.

<sup>184</sup> Língua (família Arikém) do povo Karitiána falada no norte do estado de Rondônia, Brasil.

<sup>185</sup> Língua (família Karib) do povo Hixkaryana falada nos estados do Amazonas e Pará, Brasil.

<sup>186</sup> Conforme Storto e Rocha (2014, pp. 19-33).

<sup>187</sup> Conforme Derbyshire (1979 apud DRYER, 2005, p. 330).

(82a) Asurini do Xingu <sup>188</sup>	(82b) Asurini do Xingu
<p><b>kuji djenipawa u - kitik</b>  ‘mulher’ ‘jenipapo’ 3+‘ralar’  ‘A mulher ralou jenipapo.’</p>	<p><b>maja kunumi u - ?u</b>  ‘cobra’ ‘menino’ 3+‘comer’  ‘A cobra mordeu o menino.’</p>

Nos enunciados acima, do Asurini do Xingu, o actante sujeito (*kuji* ‘mulher’, *maja* ‘cobra’) é posicionado antes do actante objeto (*djenipawa* ‘jenipapo’, *kunumi* ‘menino’), ambos em posição anterior a do predicado biactancial *ukitik*, em (82a), e *u?u*, em (82b).

De acordo com Dryer (2005, p. 330), todavia, as línguas mais raras são aquelas em que o actante objeto é empregado em posição anterior a do actante sujeito, ambos seguidos do predicado. Os enunciados abaixo ilustram esse tipo de ordenamento.

(83) Nadêb <sup>189</sup>	(84) Tobati <sup>190</sup>
<p><b>awad kalapéé kapúh</b>  ‘onça’ ‘criança’ ‘ver’/Ind.  ‘A criança vê a onça.’</p>	<p><b>syaw mahai nehu mo - ikor - i</b>  ‘remo’ ‘grande’ 1sg. Caus.+‘quebrar’+3sg.  ‘Eu quebrei o remo grande.’</p>

As línguas Nadêb<sup>191</sup> e Tobati<sup>192</sup>, acima, ilustram ordenamento do tipo OSV. Em Nadêb, o predicado biactancial *kapúh* seleciona o actante objeto *awad* ‘onça’, em primeira posição, e o actante sujeito *kalapéé* ‘criança’, em posição seguinte. Também em Tobati, são empregados o actante objeto *syaw mahai* ‘remo grande’, seguido imediatamente do actante sujeito *nehu* ‘eu’, ambos seguidos do predicado biactancial *moikori*.

Entende-se, contudo, a partir de uma perspectiva funcional, que a ordem básica dos sintagmas apenas pode ser observada em enunciados *pragmaticamente neutros* (PAYNE, 1997, p. 76). Isso implica em considerar a língua não como um objeto estático, mas vulnerável às influências pragmáticas, as quais frequentemente alteram a ordem básica dos enunciados.

<sup>188</sup> Conforme Pereira (2009, pp. 275-284).

<sup>189</sup> Conforme Weir (1994 apud DRYER, 2005, p. 330).

<sup>190</sup> Conforme Donohue (2002 apud KÖRTVÉLYESSY, 2017, p. 58).

<sup>191</sup> Língua (família Makú) do povo Nadêb falada no noroeste do estado do Amazonas, Brasil.

<sup>192</sup> Língua do povo Tobati falada na Indonésia.



#### (d) Coalescência

Em muitas línguas, conforme Lazard (1994, p. 15), a relação entre os elementos de um enunciado é estabelecida por meio da *coalescência*, procedimento através do qual se realiza a fusão entre verbo e nome. Em algumas línguas, como as ameríndias, por exemplo, observa-se uma estrutura de predicação, resultado da incorporação efetiva do nome ao verbo.

Os enunciados das línguas Guajajára<sup>193</sup> e Paresí<sup>194</sup>, a seguir, ilustram a *coalescência*:

(85a) Guajajára <sup>195</sup>	(85b) Guajajára
<p><b>u - kuiwar - apo kury</b>  3+‘coivara’+‘fazer’ ‘então’  ‘Eles fazem a coivara então<sup>196</sup>.’</p>	<p><b>a - kumanaʔi - ʔu ihé</b>  1sg.+‘feijão’+‘comer’ 1sg.  ‘Eu comi feijão.’</p>

(86a) Paresí <sup>197</sup>	(86b) Paresí
<p><b>na = tiha - kahi - ts - oa</b>  1sg.+‘lavar’+‘mão’+TH+Med.  ‘Eu lavei minhas mãos.’</p>	<p><b>joao Ø = waiya - txiyete - tya</b>  João 3sg.+‘ver’+‘neto’+TH  ‘João viu o neto [de alguém].’</p>

Em Guajajára, observa-se a incorporação das raízes nominais {*kuiwar*-} ‘coivara’ e {*kumanaʔi*-} ‘feijão’ às raízes verbais {-*apo*} ‘fazer’ e {-*ʔu*} ‘comer’, respectivamente. O mesmo se observa em Paresí, em que às raízes verbais {*tiha*-} ‘lavar’ e {*waiya*-} ‘ver’ são incorporadas as raízes nominais {-*kahi*} ‘mão’ e {-*txiyete*} ‘neto’.

Nesses processos de coalescência (ibid., p. 17),

o nome perde a sua função actancial. A única ligação gramatical com o verbo é aquele estabelecido pela coalescência, e sua relação semântica resulta unicamente do confronto de seus respectivos conteúdos. É só por comparação com uma sentença equivalente sem coalescência que podemos ter o que seria a função actancial deste nome<sup>198</sup>.

<sup>193</sup> Língua (família Tupi-Guarani) do povo Guajajára falada no estado do Maranhão, Brasil.

<sup>194</sup> Língua (família Aruák) do povo Paresí falada no oeste do estado do Mato Grosso, Brasil.

<sup>195</sup> Conforme José Guajajára (2008 apud CARREIRA, 2008, p. 113).

<sup>196</sup> *Coivara* é uma técnica agrícola utilizada em comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhas no Brasil.

<sup>197</sup> Conforme Brandão (2016, p. 276).

<sup>198</sup> Le nom perd sa fonction actancielle. Le seul lien grammatical qu'il ait avec le verbe est celui qu'établit la coalescence, et leur relation sémantique résulte uniquement de la confrontation de leur contenu respectif. Ce n'est que par comparaison avec une phrase équivalente sans coalescence que l'on peut avoir quelle serait la fonction actancielle de ce nom (LAZARD, 1994, p. 17).

Em outros termos, a coalescência é o que garante minimamente uma relação gramatical entre o nome incorporado e o verbo. Por essa razão, apenas se pode afirmar a função actancial deste nome observando o seu emprego em enunciado correspondente em que não há incorporação.

#### **3.4.1.2 Proposta de uma tipologia linguística**

Segundo Lazard (1994, p. 18), ao se considerar os *instrumentos relacionais* empregados pelas línguas do mundo, é possível separá-las em três tipos: *concêntricas*, *excêntricas* e de *combinação variável*.

São *concêntricas* as línguas em que se observa a integração de índice actancial ao predicado verbal. Nestas línguas, de verbos estruturalmente complexos, é comum que o índice codificado no verbo seja explicitado por sintagma nominal.

Por sua vez, dá-se o nome de *excêntricas* às línguas cujos verbos não carregam índices actanciais, embora passíveis de carregar eventuais morfemas indicadores de tempo, modo e/ou aspecto. Nestas línguas, é comum que aos nomes sejam afixados morfemas relatores (indicadores de caso) ou que os nomes sejam acompanhados de morfemas relatores não afixados (adposições).

Por fim, nas línguas de *combinação variável*, observa-se a ocorrência de instrumentos relacionais junto ao verbo e ao nome.

#### **3.4.2 Análise morfossintática e semântico-referencial**

Segundo Lazard (1994, p. 68), as relações identificadas no mundo exterior têm sua representação, ainda que parcialmente fiel, nas relações que se estabelecem entre predicado verbal, actantes e circunstâncias, visto que remetem a processo, participantes e circunstâncias, relacionados no plano semântico-referencial.

A seguir, o quadro de nomenclaturas representa a paridade das relações observadas em ambos os planos.

**Quadro B:** Plano morfossintático *versus* plano semântico-referencial.

<b>Plano morfossintático</b> (funções actanciais)	Predicado verbal	Actantes	Circunstantes
<b>Plano semântico</b> (papéis semânticos)	Processo	Participantes	Circunstâncias

Fonte: Lazard (1994, p. 68).

No plano morfossintático, fala-se em *função actancial*, desempenhada pelo actante a partir de sua relação com o predicado; no plano semântico-referencial, porém, fala-se em *papel semântico*, exercido pelo referente do actante (participante) a partir de sua relação com o referente do predicado (processo).

Segundo Lazard (ibid., p. 64), os papéis semânticos mais recorrentes nas línguas do mundo são denominados agente e paciente. Em linhas gerais, recebe o nome de *agente* o participante que inicia um processo (*O menino matou a barata*); em via contrária, recebe o nome de *paciente* o participante que sofre os efeitos processuais (*A barata morreu; Felipe consertou a televisão*).

Há línguas, porém, em que se observa uma variedade de papéis<sup>199</sup>: o de *experienciador*, papel do participante que experimenta percepção/sensação física ou psíquica (*João adora os quadros do Picasso; Juliana ama Carlos*); o de *destinatário*, papel do participante a quem se destina uma doação, presente, etc. (*A mãe deu dinheiro ao filho; Ele entregou a carta à namorada*); o de *beneficiário*, papel do participante a quem o processo traz proveito ou prejuízo (*A mulher ajudou as crianças; A chuva inundou a cidade*); o de *instrumento*, papel da entidade que serve de artefato para a realização de um processo (*João quebrou o vaso com um martelo*); e o de *objeto resultante*, papel da entidade que se configura como o resultado da ação expressa pelo verbo (*Ele entregou a carta à namorada*). Dentre outros, de acordo com Chafe (1979 apud PEZATTI, 1993, p. 163), existe ainda o papel de *receptivo*, caracterizado como “o elemento que, embora afetado de algum modo pela ação, não muda seu estado ou condição como resultado, não podendo ser classificado, portanto, como paciente”.

<sup>199</sup> Segundo Lazard (1994), também se pode falar em papel temático dos circunstantes, como o que remete à relação espaço/tempo da realização de um processo; à razão pela qual este teve início, o objetivo que lhe serviu de incentivo, o modo de sua execução, entre outros.

Os exemplos (69c-d) são retomados a seguir e elucidam a relação que se estabelece entre os actantes e o predicado (nível morfossintático), e entre os participantes e o processo (nível semântico-referencial). Vejamos:

**87. O empregado serviu os clientes.**

Plano	O empregado	serviu	os clientes
<b>morfossintático</b> (funções actanciais)	Actante	Predicado verbal	Actante
<b>semântico</b> (papéis semânticos)	Participante agente	Processo	Participante beneficiário

O enunciado acima é constituído do predicado biactancial *serviu* e dois actantes: *o empregado* e *os clientes*. Em nível semântico-referencial, o predicado denota o processo de *servir*. Os actantes, por sua vez, remetem ao participante que realiza o processo (agente) e o participante que dele se beneficia (beneficiário).

**88. Beethoven dedicou a Sonata Primavera ao Conde Moritz von Fries às 14 horas.**

Plano	Beethoven	dedicou	a Sonata Primavera	ao Conde Moritz von Fries	às 14 horas
<b>morfossintático</b> (funções actanciais)	Actante	Predicado verbal	Actante	Actante	Circunstante
<b>semântico</b> (papéis semânticos)	Participante Agente	Processo	Objeto resultante	Participante beneficiário	Circunstância

Em (88), o predicado *dedicou* seleciona três actantes: *Beethoven*, *a Sonata Primavera* e *ao Conde Moritz*. Em nível semântico-referencial, o predicado remete à ação de *dedicar*. Os actantes, por sua vez, remetem ao participante que realiza a ação (agente), ao objeto que é

resultado da ação (objeto resultante), bem como ao participante que dela se beneficia (beneficiário), nesta ordem. O circunstante *às 14 horas*, por sua vez, remete semanticamente à circunstância *temporal* em que a ação foi realizada.

### 3.5 Considerações gerais

Neste capítulo, apresentei a abordagem teórico-metodológica utilizada na presente tese. Mostrei a distinção entre a *Linguística Histórico-Comparada* e a *Linguística Contrastiva* (FISIAK, 1980); além disso, argumentei que a relevância teórica da Linguística Contrastiva consiste, sobretudo, em contribuir para a *Linguística Tipológica* (CROFT, 1990).

Elucidei, em seguida, que o contraste de dois ou mais (sub)sistemas deve sujeitar-se a alguns critérios. Em princípio, a sua descrição individual deve pautar-se no mesmo modelo de gramática, além disso, manter a uniformidade terminológica e metodológica (FRANCO, 1989). Ademais, uma gramática contrastiva teórica adequada deve abranger todos os níveis de análise, ser bidirecional e não seletiva (AARTS E WEEKER, 1990).

Debrucei-me ainda sobre uma discussão a respeito do que se trata a linguagem (MARTINET, 1964; BENVENISTE, 1989), argumentando que as línguas identificam e distinguem cultural e socialmente um povo (CÂMARA JR., 1955; BENVENISTE, 1976). Por conseguinte, o desaparecimento de uma língua significa a sua perda identitária, como também a destruição de sua bagagem cultural.

Apresentei também o conceito de enunciado, proposto por Hagège (1982), bem como os três níveis (*morfossintático*, *semântico-referencial* e *enunciativo-hierárquico*) levados em consideração em uma análise satisfatória.

Destaquei que os enunciados de predicado não verbal podem ser caracterizados pela ausência ou pelo emprego de cópula (verbal ou não verbal) e que os predicados dessa natureza podem ser classificados em *nominal* (inclusivo e equativo), *atributivo*, *possessivo*, *locativo* e *existencial* (PAYNE, 1997).

Apresentei, em seguida, a proposta tipológica de Lazard (1994, 1998) para os enunciados de predicado verbal, como também os diferentes instrumentos relacionais empregados para explicitar as relações entre os actantes e o predicado de que dependem; são eles: *morfemas relatores*, *índices actanciais*, *ordenamento de palavras* e *coalescência*, todos apresentados neste capítulo. Mostrei, além disso, que as relações identificadas no mundo exterior têm sua representação, ainda que parcialmente fiel, nas relações que se estabelecem entre predicado,

actantes e circunstantes, visto que remetem a processo, participantes e circunstâncias, relacionados no plano semântico-referencial.

Em resumo, as principais características de predicados, aqui ilustradas em diferentes línguas naturais, expõem possibilidades estruturais distintas que fundamentam a análise contrastiva dos tipos de predicados encontrados nas línguas que elegi para este estudo: Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé. A partir disso, o que se apresenta a seguir é o contraste de cada uma individualmente, mas principalmente o contraste interlínguas. Estes serão tema dos capítulos seguintes.

## Capítulo IV:

### NOMES E VERBOS EM ARAWETÉ, KAMAIURÁ, AWETI E SATERÉ-MAWÉ

Neste capítulo, estão apresentados os nomes e verbos do Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé. Antes, porém, é preciso atentar-se para o fato de que a análise das raízes que expressam estado, qualidade e/ou propriedade não é consensual entre os pesquisadores. Isto se justifica por não apresentarem características morfológicas e sintáticas que justifiquem seu tratamento em classe de palavras específica, em outros termos, não há, nestas línguas, classe de adjetivos claramente definida. O que parece consensual, entretanto, é o comportamento destas raízes ora como nomes, ora como verbos, o que tem determinado duas análises distintas: uma delas as considera como parte da *classe dos nomes*; outra, porém, como parte da *classe dos verbos*.

Em Araweté, as raízes descritivas foram analisadas como *verbos intransitivo-ativos de estado* (cf. VIEIRA & LEITE) e como *nomes de sensações e qualidades* (cf. SOLANO). Em Aweti<sup>200</sup>, porém, como *verbos descritivos* (cf. BORELLA) e como *estados* (cf. MONSERRAT). Em Kamaiurá e Sateré-Mawé, por sua vez, como *verbos descritivos* (cf. SEKI) e *verbos estativos* (cf. FRANCESCHINI), respectivamente.

É evidente que as raízes descritivas compartilham de características tanto dos nomes quanto dos verbos, e que ambas as análises encontram justificativa nos dados, todavia, visto que o contraste de dois ou mais (sub)sistemas deve pautar-se no mesmo modelo de gramática (FRANCO, 1989), consideramos, neste trabalho, as *raízes descritivas como verbos*.

#### 4.1 Descritivos em Araweté

Solano (2009) analisa que, em Araweté, *sensações e qualidades* são expressas por vocábulos da classe dos nomes. De fato, descritivos e nomes compartilham de algumas propriedades morfológicas e sintáticas. Ambos podem funcionar como predicado; além disso, ocorrem com pronomes pessoais (em posição clítica) e prefixos relacionais, também com os sufixos aspectuais atenuativo e intensivo. Vejamos:

---

<sup>200</sup> Em seu trabalho, Sabino (2016) alterna em chamar de nomes descritivos e verbos descritivos.

(1a-d→) Araweté (cf. SOLANO)			
<b>he</b>	<b>Ø - tfirima</b>	<b>he</b>	
1sg.I	R <sup>1</sup> +‘cansado’	1sg.	
‘Eu estou cansado.’			
<b>he</b>	<b>Ø - a</b>	<b>ja</b>	<b>ruʔu</b>
1sg.p.	R <sup>1</sup> +‘casa’	Neg.	‘esta’
‘Esta não [é] minha casa.’			
<b>ne</b>	<b>r - uri</b>		
2sg.I	R <sup>1</sup> +‘alegre’		
‘[Você] está alegre.’			
<b>ne</b>	<b>r - a - tje</b>	<b>ruwĩ</b>	
2sg.p.	R <sup>1</sup> +‘casa’+Retr.	‘aquela’	
‘Aquela [foi] tua casa.’			

Nestes enunciados, tanto as raízes descritivas {-*tfirima*} ‘cansado’ e {-*uri*} ‘alegre’ quanto a raiz nominal {-*a*} ‘casa’ são núcleo de sintagma em função de predicado. Estas raízes compartilham ainda de morfologia idêntica, visto que ocorrem com o prefixo relacional (Ø- ∞ *r*-) e os pronomes pessoais *he* e *ne*.

Além disto, descritivos e nomes compartilham de morfologia derivacional que exprime aspecto atenuativo e intensivo.

(2a-d→) Araweté (cf. SOLANO)			
<b>u - pa</b>	<b>ja</b>	<b>ne</b>	<b>r - upehi - ʔi</b>
3A+‘acabar’	Neg.	2sg.p.	R <sup>1</sup> +‘sono’+Aten.
‘Acabou teu soninho.’			
<b>uru - ʔuʔu</b>	<b>ku</b>	<b>ure</b>	<b>meju - ʔi</b>
1excl.A+‘morder’	Foc.	1excl.	‘bolacha’+Aten.
‘Nós mordemos bolachinhas.’			
<b>h - uwiha - uhu</b>	<b>ina</b>		
R <sup>2</sup> +‘grande’+Ints.	Neg.		
‘Não [é] para ser grande <sup>201</sup> !’			
<b>ere - juka</b>	<b>ku</b>	<b>ne</b>	<b>jaku - hu</b>
2sg.A+‘matar’	Foc.	2sg.	‘jacu’+Ints.
‘Você matou o jacu grande.’			

Os enunciados acima são caracterizados pelo emprego de raízes descritivas e nominais. À esquerda, as raízes descritivas {-*upehi*-} ‘sono’ e {-*uwiha*-} ‘grande’ ocorrem com os sufixos {-*ʔi*}, atenuativo, e {-*uhu*}, intensivo. À direita, porém, as raízes nominais {-*meju*-} ‘bolacha’ e {-*jaku*-} ‘jacu’ são sufixadas pelos morfemas {-*ʔi*} e {-*hu*}, atenuativo e intensivo, respectivamente.

A partir dos dados de Solano (2009), pode-se perceber que também as raízes descritivas e verbais compartilham de algumas semelhanças em Araweté, a saber: podem funcionar como predicado; podem ocorrer com o nominalizador {-*ha*} e com o causativo {-*mu*}; podem ocorrer com pronomes pessoais (em posição clítica) e prefixos relacionais; podem ocorrer

<sup>201</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 314).



com a partícula *imi* em comandos negativos; bem como passar por processo de reduplicação. Vejamos os exemplos:

(3a-b) Araweté (cf. SOLANO)	
<b>i - kawihe      padidi</b> R <sup>2</sup> +‘gostosa’    ‘banana’ ‘A banana está gostosa.’	<b>u - pa              pida</b> 3A+‘acabar’    ‘peixe’ ‘O peixe acabou.’

Nos enunciados acima, verifica-se o emprego das raízes {-*kawihe*} ‘gostosa’, descritiva, e {-*pa*} ‘acabar’, intransitiva, ambas ocorrendo em função de predicado.

Os exemplos abaixo ilustram a ocorrência do sufixo nominalizador {-*ha*} com raízes descritivas, intransitivas e transitivas em Araweté.

(4a-f→) Araweté (cf. SOLANO)	
<b>u - pa      ku      pē      Ø - tfirima - ha</b> 3A+‘acabar’    Foc. 2pl.p.    R <sup>1</sup> +‘cansado’+Nom. ‘Acabou vosso cansaço <sup>202</sup> .’	<b>u - pa      ku      ne      Ø - tfiri?i - ha</b> 3A+‘acabar’    Foc. 2sg.p.    R <sup>1</sup> +‘triste’+Nom. ‘Acabou tua tristeza <sup>203</sup> .’
<b>he      i - jija - ha</b> 1sg.    3I+‘cantar’+Nom. ‘Eu [sou] a cantora <sup>204</sup> .’	<b>a - puta      rete      Ø - puhu - puhu - ha</b> 1A+‘gostar’    IR    R <sup>4</sup> +‘passear’+red.+Nom. ‘Eu gostei mesmo do passeio.’
<b>ne      Ø - pitiwu - ha      he</b> 2sg.p.    R <sup>1</sup> +‘ajudar’+Nom.    1sg. ‘Eu [sou] teu ajudante.’	<b>je      pida      a - muji - ha</b> ‘apenas’    ‘peixe’    1A+‘fazer’+Nom. ‘Apenas [eu] sou fazedor de peixe.’

Nestes enunciados, as raízes {-*tfirima*-} ‘cansado’ e {-*tfiri?i*-} ‘triste’, descritivas, {-*jija*-} ‘cantar’ e {-*puhu*-} ‘passear’, intransitivas, e {-*pitiwu*-} ‘ajudar’ e {-*muji*-} ‘fazer’, transitivas, ocorrem com o sufixo nominalizador {-*ha*}.

Os enunciados a seguir ilustram a ocorrência do prefixo causativo {-*mu*-} com raízes descritivas e intransitivas.

<sup>202</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 313).

<sup>203</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 314).

<sup>204</sup> Enunciado e tradução adaptados de Solano (2009, p. 245).

(5a-d→) Araweté (cf. SOLANO)	
<b>a - mu - ruhĩ      ku   he   ?i</b> 1sg.A+Caus.+‘frio’ Foc. 1sg. ‘água’ ‘Eu faço esfriar a água.’	<b>ere - mu - aku      ku   ne   ?i</b> 2sg.A+Caus.+‘quente’ Foc. 2sg. ‘água’ ‘Você faz esquentar a água <sup>205</sup> .’
<b>he   ku   te - memi      a - mu - tfe</b> 1sg. Foc. 1sg.p.+‘filho’ 1sg.A+Caus.+‘dormir’ ‘Eu fiz dormir meu filho.’	<b>ure   ku   uru - mu - pariri      tairuhu</b> 1excl. Foc. 1excl.A+Caus.+‘assustar’ ‘criança’ ‘Fomos NÓS quem fizemos assustar a criança <sup>206</sup> .’

Nos exemplos acima, o prefixo causativo {*mu-*} ocorre tanto com as raízes descritivas {-*ruhĩ*} ‘frio’ e {-*aku*} ‘quente’, quanto com as raízes intransitivas {-*tfe*} ‘dormir’ e {-*pariri*} ‘assustar’.

Outra semelhança compartilhada por raízes descritivas, intransitivas e transitivas é a sua ocorrência com pronomes pessoais e prefixos relacionais, bem como com a partícula proibitiva *imi*, empregada nos comandos negativos a seguir (SOLANO, 2009, p. 276).

(6a-d→) Araweté (cf. SOLANO)	
<b>ne      r - ahi      imi</b> 2sg.I R <sup>1</sup> +‘doente’ Proib. ‘Não [é] para você adoecer.’	<b>he      Ø - pi?ĩ      ina</b> 1sg.I R <sup>1</sup> +‘beliscar’ Neg. ‘Não me belisque!’
<b>e - tfe      imi</b> 2sg.i.+‘dormir’ Proib. ‘Não durma!’	<b>jiti      e - hi      imi</b> ‘batata’ 2sg.i.+‘assar’ Proib. ‘Não asse batata doce!’

Nos enunciados em (6a-b), acima, verifica-se o emprego das raízes {-*ahi*} ‘doente’, descritiva, e {-*pi?ĩ*} ‘beliscar’, transitiva, compartilhando de morfologia idêntica: pronome pessoal de série inativa (*ne*, *he*) e prefixo relacional de contiguidade (*r-* ∞ *Ø-*). Observe, ainda, a ocorrência da partícula proibitiva *imi* com as raízes {-*ahi*} ‘doente’ (ex. 6a), {-*tfe*} ‘dormir’ (ex. 6c) e {-*hi*} ‘assar’ (ex. 6d), descritiva, intransitiva e transitiva, respectivamente.

Além das semelhanças apresentadas, observou-se que raízes descritivas, intransitivas e transitivas podem sofrer processo de reduplicação, o que implica em expressar “as noções aspectuais de frequentativo e intensivo” (SOLANO, 2009, p. 343). Vejamos os exemplos:

<sup>205</sup> Enunciado e tradução adaptados de Solano (2009, p. 323).

<sup>206</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 196).

(7a-c) Araweté (cf. SOLANO)		
<b>he r - uri - uri</b> 1sg.I R <sup>1</sup> +‘alegre’+red. ‘[Eu] estou muito alegre.’	<b>a - tfe - tfe ku he</b> 1sg.A+‘dormir’+red. Foc. 1sg. ‘Eu dormi muito.’	<b>a - ji - pihi - pihi ku he</b> 1sg.A+refl.+‘pintar’+red. Foc. 1sg. ‘Eu me pinteí muito.’

Conforme exemplos, a raiz descritiva {-uri} ‘alegre’ passa a {-uriuri} ‘muito alegre’. O mesmo ocorre com as raízes intransitiva {-tfe} ‘dormir’ e transitiva {-pihi} ‘pintar’, as quais passam a {-tsetfe} ‘dormir muito’ e {-pihipihi} ‘pintar muito’. A reduplicação destas raízes indica aspecto intensivo.

Apesar dos dados do Araweté mostrarem a semelhança de suas raízes descritivas com nomes e verbos, tais raízes serão tratadas, neste trabalho, como *verbos descritivos*. Esta proposta se justifica pela necessidade de comparação entre o Araweté e as línguas Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, cujas raízes descritivas foram analisadas como *verbos* pelos seguintes pesquisadores: Vieira e Leite (1998), Seki (2000), Borella (2000) e Franceschini (1999).

#### 4.2 Descritivos em Aweti

Em Aweti, Monserrat (1976/2012b, p. 23) defendeu a existência de uma classe de palavras denominada *estado*. Desta classe fariam parte *raízes nominais substantivas ou adjetivas* que, sufixadas por morfema aspectual<sup>207</sup>, expressariam “situação ou estado transitório”.

Vejamos os exemplos:

(8a-c) Aweti (cf. MONSERRAT)		
<b>i - membir - eju</b> 1sg.p.+‘filho’+Cont. ‘Eu [estou] prenha.’	<b>e - pilaj - eju</b> 2sg.I+‘vermelho’+Cont. ‘Você está vermelho.’	<b>t - akup - Ø</b> 3I+‘quente’+Perf. ‘Ele(a) está quente.’

Segundo Monserrat, os vocábulos acima fariam parte da classe *estado*. Em (8a), a raiz *substantiva* {-membir-} ‘filho’ ocorre com o sufixo aspectual {-eju}, assim como a raiz

<sup>207</sup> Os morfemas aspectuais {-eju} ~ {-ju} indicam *aspecto imperfectivo* (continuativo e/ou progressivo). O morfema {-Ø}, porém, indica *aspecto perfectivo* (MONSERRAT, 1976/2012b).

*adjetiva* {**pilaŋ-**} ‘vermelho’, ilustrada em (8b). Em (8c), por sua vez, a raiz *adjetiva* {**akup-**} ‘quente’ ocorre com o sufixo aspectual {-Ø}.

Borella (2000, p. 112), porém, discorda da análise proposta por Monserrat e defende a não existência, em Aweti, de uma classe denominada *estado*. Nas palavras da autora, parece “pouco provável que haja uma classe de palavras independente para estado. Parece ser consenso na literatura linguística que os verbos se dividam semanticamente em, pelo menos, duas classes: a dos verbos ativos e a dos verbos estativos<sup>208</sup>”.

Nesta perspectiva, raízes como {**membir-**} ‘filho’ (*substantivas*, para Monserrat) fariam parte da *classe dos nomes*. Já raízes como {**pilaŋ-**} ‘vermelho’ e {**akup-**} ‘quente’ (*adjetivas*, para Monserrat) fariam parte da *classe dos verbos descritivos*.

Monserrat (1976/2012b) propôs, ainda, que na classe dos *nomes* estivessem inclusos os vocábulos que expressam *propriedades e qualidades*. Formados de raiz nominal *substantiva ou adjetiva*, seriam marcados pelo prefixo-cópula {**i-**} ~ {**t-**} e pelos alomorfes {-**itu**} ~ {-**tu**} do sufixo nominalizador<sup>209</sup>. Vejamos os exemplos:

(9a-c) Aweti (cf. MONSERRAT)		
<b>i - mempir - itu</b> <b>ʔen</b> COP+‘filho’+Nom. 2sg. ‘Você [tem] filho.’	<b>en</b> <b>i - teta - tu</b> 2sg. COP+‘grande’+Nom. ‘Você é grande.’	<b>ok</b> <b>i - pilaŋ - itu</b> ‘casa’ COP+‘vermelho’+Nom. ‘A casa é vermelha.’

Borella (2000, p. 116) questiona a análise do prefixo {**i-**} ~ {**t-**} como *cópula*. Para ela, a ocorrência destas raízes em função de predicado aliada à ocorrência deste prefixo, mesmo nos enunciados em que o actante expressa a segunda pessoa<sup>210</sup>, são fatores que podem ter levado Monserrat à análise deste morfema como cópula. Argumenta, entretanto, que tais raízes podem funcionar como predicado sem elemento de ligação, ademais, que este morfema é “uma forma idêntica do prefixo de terceira pessoa” e que sua ocorrência é condicionada pelo emprego do nominalizador {-**itu**} ~ {-**tu**}, cujo emprego implica em uma construção relativa.

Os enunciados abaixo ilustram esta nova proposta de análise.

<sup>208</sup> Conforme Schachter (1985).

<sup>209</sup> A forma {-**itu**} ocorre com radicais nominais terminados em consoante; por sua vez, a forma {-**tu**} ocorre com radicais nominais terminados em vogal (MONSERRAT, 1976/2012).

<sup>210</sup> Em Aweti, o prefixo de primeira pessoa é {**i-**} ~ {**it-**}, enquanto que o prefixo de terceira pessoa é {**i-**} ~ {**t-**} (MONSERRAT, 1976/2012b).

(10a-c) Aweti (cf. BORELLA)		
<b>i - mempir - itu</b> <b>?en</b>	<b>en</b> <b>i - teta - tu</b>	<b>ok</b> <b>i - pilan - itu</b>
3p.+‘filho’+Nom.Atr.    2sg.	2sg.    3I+‘grande’+Nom.Atr.	‘casa’    3I+‘vermelho’+Nom.Atr.
‘Você [é] o que [tem] filho.’	‘Você [é] o que [é] grande.’	‘A casa [é] a que [é] vermelha.’

Borella (2000), em coerência com a sua análise, propõe que apenas raízes como {-*mempir*} ‘filho’ (*substantivas*, para Monserrat) sejam parte da *classe dos nomes*, enquanto raízes como {-*teta*} ‘grande’ e {-*pilan*} ‘vermelho’ (*adjetivas*, para Monserrat) sejam parte da *classe dos verbos descritivos*.

É também esta a proposta adotada na presente tese. A seguir, estão apresentados os nomes e verbos do Araweté (cf. VIEIRA & LEITE; SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA; SABINO) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI).

### 4.3 A Classe dos Nomes

Nos estudos sobre o Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, os vocábulos pertencentes à classe dos nomes foram classificados segundo os critérios morfossintático e semântico. Em *Kamaiurá* (cf. SEKI), *Aweti* (cf. MONSERRAT; BORELLA; SABINO) e *Sateré-Mawé* (cf. FRANCESCHINI), os nomes possíveis foram denominados *alienáveis* e *inalienáveis*. Além disto, alguns nomes do Aweti e Kamaiurá foram denominados *não possíveis*.

Solano (2009), por sua vez, separou os nomes do *Araweté* em dois grupos: *dependentes* e *independentes*. Os nomes *dependentes* do Araweté equivaleriam aos nomes *alienáveis* e *inalienáveis* do Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé. Os *independentes*, porém, corresponderiam aos nomes *não possíveis* do Kamaiurá e Aweti.

#### 4.3.1 Classificação morfossemântica

Os nomes do Sateré-Mawé, assim como os do Kamaiurá e Aweti, foram subclassificados em *alienáveis* e *inalienáveis*. Os nomes *alienáveis* remetem, em nível semântico-referencial, à ser/coisa possuído(a) cuja relação com o possuidor é considerada superficial, extrínseca. Os nomes *inalienáveis*, por outro lado, referenciam ser/coisa possuído(a) cuja relação com o

possuidor é do tipo *parte-todo*, em outros termos, possuído e possuidor relacionam-se de maneira sólida, intrínseca, formando um todo<sup>211</sup>.

A relação entre possuído e possuidor, em determinada língua, é considerada *alienável* ou *inalienável* de acordo com a visão de mundo de seus falantes. Nesta perspectiva, em *Aweti*, os nomes *alienáveis* “referem-se a objetos do mundo cultural, ou a um animal quando apreendido ou domesticado” (MONSERRAT, 2012, p. 24); os nomes *inalienáveis*, por sua vez, referenciam, “em geral, as partes de um todo (do corpo humano, de animais, etc.) e relações de parentesco” (BORELLA, 2000, p. 66).

Em *Kamaiurá*, por sua vez, “entre os nomes *alienáveis* incluem-se termos para ferramentas (machado, faca), utensílios domésticos (cesta, panela) e armas (borduna, arco), exceto *flecha*”. Por outro lado, os nomes *inalienáveis* “denotam relações de parentesco e outras relações pessoais, termos relativos a partes do corpo humano, de animais, plantas e objetos em geral, e também termos relativos a objetos e conceitos estreitamente ligados ao homem e ao animal” (SEKI, 2000, p. 55).

Similarmente, em *Sateré-Mawé*, são *alienáveis* os nomes de “animais, de coisas não consideradas vitais, de algumas relações de parentesco, bem como de todos os objetos que não pertencem de maneira intrínseca ao domínio do possuidor, conseqüentemente, de todas as coisas que não são próprias à cultura mawé<sup>212</sup>”. Em contrapartida, são *inalienáveis* os nomes “de partes do corpo, de algumas relações de parentesco, os nomes de certas coisas feitas/fabricadas pelo possuidor e que pertencem de maneira intrínseca ao seu domínio<sup>213</sup>” (FRANCESCHINI, 1999, p. 33-34).

Os nomes *dependentes* do *Araweté* equivaleriam, por sua vez, aos nomes *alienáveis* e *inalienáveis* do *Kamaiurá*, *Aweti* e *Sateré-Mawé*. De acordo com Solano (2009, p. 96), são *dependentes* nomes como

‘mão’ e ‘galho’, cujos referentes correspondem a partes de um todo, temas que referem relações de parentesco como ‘pai’, ‘mãe’ e ‘filho’, os quais se caracterizam como categorias sociais, e temas cujos referentes são bens culturais como ‘arco’ e ‘flecha’, concebidos como parte dos seus respectivos usuários, existindo apenas em relação a seus respectivos criadores e/ou usuários.

<sup>211</sup> Conforme Klimov (1974, p. 23).

<sup>212</sup> Similarmente, em *Sateré-Mawé* (FRANCESCHINI, 1999, p. 33), são *alienáveis* os nomes “d’animaux, des choses qui ne sont pas considérées comme vitales, quelques termes de parenté, ainsi que tous les objets qui n’appartiennent pas de façon intrinsèque au domaine du possesseur, donc toutes les choses qui ne sont pas propres à la culture mawé”.

<sup>213</sup> Em contrapartida, são *inalienáveis* os nomes “des parties du corps, quelques noms de parenté, les noms de certaines choses faites/fabriquées par le possesseur et qui appartiennent de façon intrinsèque à son domaine” (FRANCESCHINI, 1999, p. 34).

Nomes como *mão*, *galho*, *pai*, *mãe* e *filho* foram igualmente classificados como *inalienáveis* em Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé. O nome *flecha*, por sua vez, foi classificado em Kamaiurá e Sateré-Mawé como *inalienável*, mas *alienável* em Aweti. Semelhantemente, os falantes de Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé concebem o nome *arco* como *alienável*. Em Araweté, também foram classificados como *dependentes* nomes como *cuia* e *cesto*, *alienáveis* nas demais línguas.

Os nomes *independentes* do *Araweté*, por sua vez, corresponderiam aos nomes *não possuíveis* do Kamaiurá e Aweti, uma vez que, segundo Solano (2009, p. 106), consistem em nomes de “elementos da natureza, nomes de animais e nomes de plantas”. Similarmente, em *Kamaiurá* (SEKI, 2000, p. 55), são *não possuíveis* os nomes de “pessoas (homem, mulher, criança), animais (onça, cobra), plantas (jatobazeiro, bananeira), minerais e fenômenos da natureza (pedra, água, fogo, chuva), corpos celestiais (sol, lua), formações geográficas (rio, montanha)”. Também em *Aweti*, conforme Monserrat (2000, p. 65), são *não possuíveis* os nomes de “elementos e fenômenos da natureza, nomes de animais, plantas ou pessoas”.

Franceschini (1999), em relação ao Sateré-Mawé, optou por não chamar os nomes de pessoas, animais, plantas, elementos e fenômenos da natureza de *não possuíveis*, visto que podem ocorrer nesta língua em sua forma possuída ainda que metaforicamente<sup>214</sup>, como, por exemplo, em um desenho ou uma história.

#### 4.3.2 Classificação morfossintática

Em *Kamaiurá*, conforme Seki (2000, p. 54), os nomes dividem-se, morfologicamente, em três grupos: (1) o dos *nomes inalienavelmente possuíveis*, assinalados por prefixos relacionais; (2) o dos *nomes alienavelmente possuíveis*, os quais podem ou não receber os relacionais; e (3) o dos *nomes não possuíveis*, os quais não ocorrem com estes prefixos. Em Kamaiurá, porém, diferentemente de línguas como Aweti e Sateré-Mawé, “não há marcadores específicos de posse alienável ou inalienável”.

Também os nomes do *Aweti*, segundo Borella (2000, p. 66), são formalmente agrupados em três subclasses: a dos *inalienáveis*, os quais ocorrem necessariamente com possuidor expresso por prefixo pessoal; a dos nomes *alienáveis*, os quais não necessariamente ocorrem com prefixo pessoal que remeta ao possuidor; e a dos nomes *não possuíveis*. Em Aweti, os nomes *alienáveis*, mas não os *inalienáveis*, são assinalados por prefixo relacional que indica

<sup>214</sup> Quando empregados metaforicamente, alguns nomes referentes a elementos e fenômenos da natureza, como *sol* e *chuva*, podem ser possuíveis. Outros nomes desta natureza também podem ser possuíveis metaforicamente.

posse desta natureza.

Em *Sateré-Mawé*, semelhantemente, o agrupamento dos nomes em subclasses distintas está também condicionado ao critério morfológico. Conforme Franceschini (1999, p. 25), o que distingue nomes *alienáveis* de *inalienáveis* é a sua compatibilidade com prefixos relacionais específicos, cuja função é revelar “o tipo de relação possessivo-genitiva que se estabelece entre o radical nominal e o prefixo pessoal ou o nome em função genitiva<sup>215</sup>”. Nesta língua, nomes *alienáveis* e *inalienáveis*, podem ocorrer em sua *forma absoluta*, isto é, reduzidos à raiz.

Em *Araweté*, consoante Solano (2009, p. 96), os nomes *dependentes* (*inalienáveis* e *alienáveis* nas demais línguas) “são aqueles cujos referentes [...] requerem um determinante”, expresso por prefixo pessoal, nome ou equivalente. Por sua vez, os nomes *independentes* (*não possuíveis* em Aweti e Kamaiurá) não requerem elemento determinante, tendo em vista que “não entram em relação de dependência como elemento determinado”.

#### 4.3.2.1 Estrutura dos nomes possuíveis

Em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, os nomes possuíveis apresentam em sua estrutura *elemento pronominal* (prefixo pessoal, pronome pessoal ou pronome clítico) e/ou *prefixo relacional* prefixados à raiz nominal.

Nestas línguas, o *elemento pronominal* codifica o possuidor. O *prefixo relacional*, por sua vez, foi analisado de diferentes formas: **(a)** como marca de relação sintática (cf. SEKI; SOLANO; SABINO); **(b)** como marca de relação semântica (cf. FRANCESCHINI; BORELLA); **(c)** como marca de possuidor (cf. SEKI).

Em *Araweté*, conforme Solano (2009, p. 96), os *prefixos relacionais* indicam a contiguidade ou não contiguidade entre o pronome pessoal e a raiz nominal. Em *Kamaiurá*, de acordo com Seki (2000, p. 56), os *prefixos relacionais* codificam um possuidor de terceira pessoa ou, assim como em Araweté, expressam a dependência sintática entre o pronome clítico e a raiz nominal.

Em *Aweti*, segundo Borella (2000, p. 78), e *Sateré-Mawé*, consoante Franceschini (1999, p. 25), o *prefixo relacional* indica o tipo de relação possessivo-genitiva que se estabelece entre os referentes do prefixo pessoal e da raiz nominal. Em Aweti, apenas a

<sup>215</sup> Conforme Franceschini (1999, p. 25), o que distingue nomes *alienáveis* de *inalienáveis* é a sua compatibilidade com prefixos relacionais específicos, cuja função é revelar “le type de relation possessive-génitive qui s’établit entre le radical nominal et le préfixe personnel ou le nom en fonction génitive”.



relação do tipo *alienável* é assinalada por meio de relacional; a língua Sateré-Mawé, porém, distingue prefixos relacionais de posse *alienável* ou *inalienável*.

Nas subseções a seguir, apresentamos os *prefixos relacionais* e os *elementos pronominais* destas línguas.

#### 4.3.2.1.1 Prefixos relacionais

A ocorrência de prefixos relacionais em línguas Tupi<sup>216</sup> é bastante comum. Sua função, segundo Rodrigues (1952, 1953, 1981[2010]), é **(a)** marcar a *contiguidade* ou *não contiguidade* entre os termos determinante e determinado, isto é, assinalar a (in)dependência sintática entre eles. Ademais, **(b)** assinalar a ocorrência de um termo em sua forma genérica.

Esta proposta de análise dos relacionais é adotada por Seki (2000), para o Kamaiurá, por Solano (2009), para o Araweté, e por Sabino (2016), para o Aweti. Já Franceschini (1999) e Borella (2000), em seus estudos sobre o Sateré-Mawé e Aweti, respectivamente, analisaram os relacionais destas línguas a partir de sua função morfossemântica, uma vez que assinalam o tipo de relação semântica que se estabelece entre os referentes dos termos determinante e determinado, o que não invalida a proposta de Rodrigues.

O quadro a seguir apresenta os relacionais nestas línguas e suas funções.

---

<sup>216</sup> Também Karíb e Macro-Jê.

**Quadro C:** Prefixos relacionais em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.

	<b>Função</b>	<b>Araweté</b> (cf. SOLANO)	<b>Kamaiurá</b> (cf. SEKI)	<b>Aweti</b> (cf. SABINO)	<b>Aweti</b> (cf. MONSERRAT) (cf. BORELLA)	<b>Sateré-Mawé</b> (cf. FRANCESCHINI)
M O R F O S S I N T A X E	<i>indicar contiguidade</i>	$\emptyset-_{\infty}$ ( $r- \sim n- \sim d-$ )	$\emptyset-_{\infty} (r- \sim n-)$	$\emptyset-_{\infty} t-$		
	(a) <i>indicar não contiguidade</i> (b) <i>codificar possuidor</i>	$i-_{\infty} t-_{\infty}$ ( $h- \sim d\zeta- \sim \delta-$ ) não contiguidade	$(i- \sim ij-)_{\infty}$ $t-_{\infty} h-$ codifica possuidor	$(i- \sim t-) \sim$ ( $nã- \sim n-$ ) $\sim$ não contiguidade		
M O R F O S S E M Â N T I C A	<i>indicar alienabilidade</i>			$e- \sim \emptyset-$	$e- \sim \emptyset-$	$he- \sim e-$
	<i>indicar inalienabilidade</i>					$i- \sim \emptyset-$ $h- \sim s-$ $h- \sim j-$ $h- \sim \emptyset-$
	<i>indicar genericidade do possuidor</i>	$t-_{\infty} \emptyset-_{\infty}$ ( $\#V \rightarrow \_$ )	$t-_{\infty} (\emptyset- \sim h-)_{\infty}$ ( $\#p, h \rightarrow m$ ) ( $\#V \rightarrow \_$ ) $_{\infty}$	$t-_{\infty} \emptyset-_{\infty} ?-$ $_{\infty} (\#p, t \rightarrow m, n)$	( $\#p \rightarrow m$ )	$\emptyset-_{\infty} s-_{\infty} j-_{\infty}$ ( $\#p, t, k \rightarrow m, n, \eta$ )

Fonte: quadro elaborado pela autora.

Em Araweté<sup>217</sup>, de acordo com Solano (2009, p. 97), a ocorrência dos alomorfes {Ø-} ∞ (r- ~ n- ~ d-) do *prefixo relacional* R<sup>1</sup> marca a *contiguidade sintática* do pronome de primeira ou de segunda pessoa em relação à raiz nominal. Nesta língua, a ocorrência de raízes nominais com um ou outro alomorfe deste prefixo é a base para separá-las em “duas classes temáticas distintas”, lexicalmente arbitrárias. À classe I pertencem as raízes compatíveis com o alomorfe {Ø-}; à classe II, porém, as raízes compatíveis com os alomorfes (r- ~ n- ~ d-).

Também em Kamaiurá, segundo Seki (2000, p. 56), o prefixo relacional {Ø-} ∞ (r- ~ n-) separa os nomes inalienáveis em duas subclasses, “lexicalmente arbitrárias e apenas parcialmente condicionadas fonológica e morfologicamente”. Os alomorfes (r- ~ n-)<sup>218</sup> ocorrem apenas com raízes iniciadas por vogal; o alomorfe {Ø-}, porém, é prefixado a raízes iniciadas por vogal ou consoante. Assim como em Araweté, a ocorrência deste prefixo em Kamaiurá indica uma relação de *dependência sintática* firmada entre o pronome clítico de primeira ou de segunda pessoa e a raiz nominal.

O quadro a seguir ilustra a ocorrência do *prefixo relacional de contiguidade* (R<sup>1</sup>) em Araweté e Kamaiurá.

(11)	Araweté (cf. SOLANO)	Kamaiurá (cf. SEKI)	Araweté (cf. SOLANO)	Kamaiurá (cf. SEKI)
	R <sup>1</sup> {Ø-}		R <sup>1</sup> {r-} ~ {n-} ~ {d-}	R <sup>1</sup> {r-} ~ {n-}
1sg.	he Ø - atĩ 1sg.p. R <sup>1</sup> +‘cabeça’ ‘cabeça de mim’	je = Ø - akaŋ 1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘cabeça’ ‘minha cabeça’	he r - eha 1sg.p. R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘olho de mim’	je = r - ea 1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘meu olho’
1incl.	mide Ø - atĩ 1incl.p. R <sup>1</sup> +‘cabeça’ ‘cabeça de nós’	jene = Ø - akaŋ 1incl.p.+R <sup>1</sup> +‘cabeça’ ‘nossa cabeça’	mide r - eha 1incl.p. R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘olho de nós’	jene = r - ea 1incl.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘nosso olho’
1excl.	ure Ø - atĩ 1excl.p. R <sup>1</sup> +‘cabeça’ ‘cabeça de nós’	ore = Ø - akaŋ 1excl.p.+R <sup>1</sup> +‘cabeça’ ‘nossa cabeça’	ure r - eha 1excl.p. R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘olho de nós’	ore = r - ea 1excl.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘nosso olho’
2sg.	ne Ø - atĩ 2sg.p. R <sup>1</sup> +‘cabeça’ ‘cabeça de você’	ne = Ø - akaŋ 2sg.p.+R <sup>1</sup> +‘cabeça’ ‘tua cabeça’	ne r - eha 2sg.p. R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘olho de você’	ne = r - ea 2sg.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘teu olho’

<sup>217</sup> Na análise do Araweté, Solano (2009, p. 97) adota a terminologia proposta por Rodrigues (1952, 1953, 1981[2010]), razão pela qual chama os prefixos relacionais de R<sup>1</sup>, R<sup>2</sup> e R<sup>4</sup>.

<sup>218</sup> Segundo Seki (2000, p. 56), o alomorfe {n-} do prefixo relacional (R<sup>1</sup>) ocorre exclusivamente com o pronome clítico {ne=}, de segunda pessoa do plural.

	<b>pẽ Ø - atfĩ</b>	<b>pe = Ø - akaŋ</b>	<b>pẽ r - eha</b>	<b>pe = n - ea</b>
2pl.	2pl.p. R <sup>1</sup> +‘cabeça’ ‘cabeça de vocês’	2pl.p.+R <sup>1</sup> +‘cabeça’ ‘vossa cabeça’	2pl.p. R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘olho de vocês’	2pl.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘vosso olho’

Acima, os nomes possíveis do Araweté e Kamaiurá são assinalados por *prefixo relacional de contiguidade*, cuja função é marcar a dependência sintática do pronome de primeira ou de segunda pessoa em relação à raiz nominal. À esquerda, as raízes nominais {-atfĩ} ‘cabeça’, do Araweté, e {-akaŋ} ‘cabeça’, do Kamaiurá, são prefixadas pelo alomorfe {Ø-}. À direita, a raiz {-eha} ‘olho’, do Araweté, é prefixada pelo alomorfe {r-}, enquanto a raiz {-ea} ‘olho’, do Kamaiurá, ocorre com os alomorfes {r-} ~ {n-} deste prefixo.

Em Araweté, conforme Solano (2009, p. 97), os alomorfes {i-} ∞ {t-} ∞ {h- ~ dʒ- ~ ð-} do *prefixo relacional* R<sup>2</sup> marcam “a não contiguidade sintática do determinante em relação ao tema determinado”, em outros termos, indica que determinante e determinado não compõem uma unidade sintática. Semelhantemente ao Araweté, ocorrem em Kamaiurá os alomorfes {i- ~ ij-} ∞ {t-} ∞ {h-}, analisados, entretanto, como marca de “possuidor de terceira pessoa especificada” (SEKI, 2009, p. 56).

Os exemplos a seguir ilustram a análise das autoras<sup>219</sup>.

<b>Araweté</b> (cf. SOLANO)		<b>Kamaiurá</b> (cf. SEKI)	
<b>(12)</b> R <sup>2</sup> {i-} ∞ {t-} ∞ {h- ~ dʒ- ~ ð-}		<b>(13)</b> 3p. {i- ~ ij-} ∞ {t-} ∞ {h-}	
<b>i - pa</b> R <sup>2</sup> +‘mão’ ‘mão dele (a)’	<b>i - ʔa</b> R <sup>2</sup> +‘cabelo’ ‘cabelo dele (a)’	<b>i - akaŋ</b> 3p.+‘cabeça’ ‘cabeça dele (a)’	<b>i - ʔap</b> 3p.+‘cabelo’ ‘cabelo dele (a)’
<b>t - u</b> R <sup>2</sup> +‘pai’ ‘pai dele (a)’	<b>t - adi</b> R <sup>2</sup> +‘filha’ ‘filha dele (a)’	<b>t - up</b> 3p.+‘pai’ ‘pai dele (a)’	<b>t - ajit</b> 3p.+‘filha’ ‘filha dele (a)’
<b>h - atfĩ</b> R <sup>2</sup> +‘cabeça’ ‘cabeça dele (a)’	<b>h - eha</b> R <sup>2</sup> +‘olho’ ‘olho dele (a)’	<b>h - ekowe</b> 3p.+‘coração’ ‘coração dele (a)’	<b>h - ea</b> 3p.+‘olho’ ‘olho dele (a)’

<sup>219</sup> Não se pretende aqui reanalisar a função do prefixo relacional nestas línguas, embora outra possibilidade seja considerar a presença de um morfema {Ø-} de terceira pessoa.

Acima, os nomes possíveis do Araweté e Kamaiurá são assinalados por *prefixos relacionais* bastante semelhantes. À esquerda, as raízes nominais do Araweté ocorrem com os alomorfes  $\{i-\} \infty \{t-\} \infty (h- \sim d\check{z}- \sim \check{o}-)$ . À direita, porém, as raízes do Kamaiurá são prefixadas pelos alomorfes  $(i- \sim ij-) \infty \{t-\} \infty \{h-\}$ .

Em se tratando da língua Aweti, porém, as análises realizadas por Monserrat (1976/2012b) e Borella (2000) são distintas da análise apresentada por Sabino (2016).

Em Aweti, segundo Sabino (2016, p. 71), os alomorfes ( $\emptyset-$   $\infty$   $t-$ ) do *prefixo relacional* R<sup>1</sup> marcam a *contiguidade sintática* do pronome pessoal de primeira ou de segunda pessoa em relação à raiz nominal. Assim como Solano, Sabino afirma que a ocorrência de raízes nominais, em Aweti, com um ou outro alomorfe deste prefixo é a base para separá-las em duas classes, lexicalmente arbitrárias. Os nomes a seguir ilustram a análise deste autor.

(14) Aweti (cf. SABINO)			
{ $\emptyset$ -}		{t-}	
<b>i - <math>\emptyset</math> - aput</b> 1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘cabeça’ ‘minha cabeça’	<b>i - <math>\emptyset</math> - kiwa</b> 1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘braço’ ‘meu braço’	<b>i - t - eta</b> 1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘meu olho’	<b>i - t - ok</b> 1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘casa’ ‘minha casa’

No trabalho de Sabino, não encontramos dados que ilustram a ocorrência de raiz nominal flexionada por outro prefixo que não o de primeira pessoa do singular. Também nos trabalhos de Monserrat e Borella, o segmento /t/ aparece<sup>220</sup> com raízes nominais flexionadas por prefixo de primeira pessoa do singular e de terceira pessoa. Por esta razão, analisam o segmento /t/ como parte do prefixo pessoal {it-}, o qual ocorre com raízes iniciadas por vogal, conforme exemplos abaixo.

<sup>220</sup> Segundo Borella (2000, p. 72), “no corpus analisado, houve um único exemplo em que o prefixo possessivo de segunda pessoa do singular {e-} se realiza também como o alomorfe {et-}, em dados coletados com informantes diferentes”.

(15) Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA)				
<b>it - eta</b> 1sg.p.+‘olho’ ‘meu olho’	<b>kaj - eta</b> 1incl.p.+‘olho’ ‘nosso olho’	<b>azo - eta</b> 1excl.p.+‘olho’ ‘nosso olho’	<b>(e) - eta</b> 2sg.p.+‘olho’ ‘teu olho’	<b>eʔi - eta</b> 2pl.p.+‘olho’ ‘vosso olho’
<b>i - po</b> 1sg.p.+‘mão’ ‘minha mão’	<b>kaj - po</b> 1incl.p.+‘mão’ ‘nossa mão’	<b>azo - po</b> 1excl.p.+‘mão’ ‘nossa mão’	<b>e - po</b> 2sg.p.+‘mão’ ‘tua mão’	<b>eʔi - po</b> 2pl.p.+‘mão’ ‘vossa mão’

Também conforme Sabino (2016, p. 71), o Aweti apresenta *prefixo relacional de não contiguidade*, realizado nos alomorfes (*i- ~ t-*) ~ (*nã- ~ n-*). Assim como em Araweté, sua função seria a de indicar que determinante e determinado não compõem uma unidade sintática. Monserrat (1976/2012b) e Borella (2000), todavia, analisaram estes morfemas como prefixos pessoais de terceira pessoa, não como relacionais. Vejamos:

(16) Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA)		
1sg.	<b>it - eta</b>	‘meu olho’
1incl.	<b>(e) - eta</b>	‘nosso olho’
1excl.	<b>kaj - eta</b>	‘nosso olho’
2sg.	<b>azo - eta</b>	‘teu olho’
2pl.	<b>eʔi - eta</b>	‘vosso olho’
3f.	<b>t - eta</b>	‘olho dele (a)’
3f.	<b>i - po</b>	‘mão dele (a)’
3m.	<b>n - eta</b>	‘olho dele (a)’
3m.	<b>nã - po</b>	‘mão dele (a)’

Borella (2000, p. 78) afirma que, em contextos com este, o Aweti “não apresenta nenhum prefixo relacional”, exceto o indicador de posse *alienável* {*Ø-*} ~ {*e-*}. Monserrat, em 1976, já havia apresentado este morfema como marca da relação possessivo-genitiva *alienável* que se estabelece entre os referentes do prefixo pessoal (possuidor) e da raiz nominal (possuído), análise esta também reiterada por Sabino (2016). Em Aweti, a ocorrência do alomorfe {*Ø-*} é condicionada pelo emprego de raízes iniciadas por vogal; o alomorfe {*e-*}, em contrapartida, é prefixado a raízes que se iniciam por consoante.

Também em Sateré-Mawé, conforme Franceschini (1999, p. 25), o prefixo relacional {*he-*} ~ {*e-*} indica posse *alienável*. Diferentemente do Aweti, porém, em que a ocorrência dos alomorfes do prefixo relacional é condicionada pelo segmento inicial (vogal ou consoante) da raiz nominal, em Sateré-Mawé, é determinada morfologicamente por sua compatibilidade com o prefixo pessoal.

No quadro abaixo estão apresentados os prefixos pessoais e os alomorfes {*he-*} ~ {*e-*}, do *prefixo relacional alienável*, com os quais são compatíveis.

**Quadro D:** Prefixos pessoais e prefixos *alienáveis* em Sateré-Mawé.

Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
	Prefixos pessoais	{ <i>he-</i> } ~ { <i>e-</i> }
		<i>posse alienável</i>
1sg.	<i>u-</i>	<i>he-</i>
1incl.	<i>a-</i>	<i>he-</i>
1excl.	<i>uru-</i>	<i>e-</i>
2sg.	<i>e-</i>	<i>e-</i>
2pl.	<i>e-</i>	<i>he-</i>
3sg.	<i>Ø-</i> (não cor.)	<i>he-</i>
	<i>to-</i> (cor.)	<i>e-</i>
3pl.	<i>i?atu-</i> (não cor.)	<i>e-</i>
	<i>ta?atu-</i> (cor.)	

Fonte: quadro elaborado pela autora.

Em se tratando dos alomorfes {*he-*} ~ {*e-*} do prefixo relacional *alienável*, observa-se a seguinte compatibilidade: os prefixos de *primeira pessoa do singular*, *primeira pessoa inclusiva*, *segunda pessoa do plural* e *terceira pessoa do singular não correferencial* são compatíveis com o alomorfe {*he-*}; por sua vez, os prefixos de *primeira pessoa exclusiva*, *segunda pessoa do singular*, *terceira pessoa do singular correferencial* e *terceira pessoa do plural* são compatíveis com o alomorfe {*e-*}.

O quadro a seguir ilustra a ocorrência do *prefixo relacional alienável* (Ra) em Aweti e Sateré-Mawé.

(17)	Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA)		Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
	{Ø-}	{e-}	{he-}	{e-}
1sg.	<b>it - Ø - ok</b> 1sg.p.+Ra.+‘casa’ ‘minha casa’	<b>it - e - ?ini</b> 1sg.p.+Ra.+‘rede’ ‘minha rede’	<b>u - he - ini</b> 1sg.p.+Ra.+‘rede’ ‘minha rede’	
1incl.	<b>kaj - Ø - ok</b> 1incl.p.+Ra.+‘casa’ ‘nossa casa’	<b>kaj - e - ?ini</b> 1incl.p.+Ra.+‘rede’ ‘nossa rede’	<b>a - he - ini</b> 1incl.p.+Ra.+‘rede’ ‘nossa rede’	
1excl.	<b>azo - Ø - ok</b> 1excl.p.+Ra.+‘casa’ ‘nossa casa’	<b>azo - e - ?ini</b> 1excl.p.+Ra.+‘rede’ ‘nossa rede’		<b>uru - e - ini</b> 1excl.p.+Ra.+‘rede’ ‘nossa rede’
2sg.	<b>e - Ø - ok</b> 2sg.p.+Ra.+‘casa’ ‘tua casa’	<b>(e) - e - ?ini</b> 2sg.p.+Ra.+‘rede’ ‘tua rede’		<b>e - e - ini</b> 2sg.p.+Ra.+‘rede’ ‘tua rede’
2pl.	<b>e?i - Ø - ok</b> 2pl.p.+Ra.+‘casa’ ‘vossa casa’	<b>e?i - e - ?ini</b> 2pl.p.+Ra.+‘rede’ ‘vossa rede’	<b>e - he - ini</b> 2pl.p.+Ra.+‘rede’ ‘tua rede’	
3	<b>t - Ø - ok</b> 3p.f.+Ra.+‘casa’ ‘casa dele (a)’ ‘casa deles (as)’	<b>n - e - ?ini</b> 3p.m.+Ra.+‘rede’ ‘rede dele (a)’ ‘rede deles (as)’	<b>Ø - he - ini</b> 3sg.p.+Ra.+‘rede’ ‘rede dele (a)’	<b>i?atu - e - ini</b> 3pl.p.+Ra.+‘rede’ ‘rede deles (as)’
3cor.	<b>(o) - Ø - ok</b> 3cor.+Ra.+‘casa’ ‘sua própria casa’	<b>w - e - ?ini</b> 3cor.+Ra.+‘rede’ ‘sua própria rede’		<b>to - e - ini</b> 3sg.cor.+Ra.+‘rede’ ‘sua própria rede’
				<b>ta?atu - e - ini</b> 3pl.cor.+Ra.+‘rede’ ‘suas próprias redes’

Acima, os nomes possíveis do Aweti e Sateré-Mawé são assinalados por *prefixo relacional alienável*<sup>221</sup>. Em Aweti, as raízes {-ok} ‘casa’ e {-?ini} ‘rede’ ocorrem com os alomorfes {Ø-} ~ {e-}, cujo emprego é condicionado pelo segmento inicial vocálico e consonantal, respectivamente. Já em Sateré-Mawé, a ocorrência dos alomorfes {he-} ~ {e-} com a raiz {-ini} ‘rede’ é condicionada por sua compatibilidade com o prefixo pessoal.

<sup>221</sup> Monserrat (1976/2012b) e Borella (2000), em se tratando do Aweti, apresentam a raiz nominal {-ok} ‘casa’ como alienável. Esta, porém, não é a análise realizada por Sabino (2016).



Em Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 1999, p. 25), além do prefixo *alienável*, as raízes nominais podem ocorrer com *prefixo relacional inalienável*, o qual ocorre nos seguintes alomorfes: (*i-* ~ *Ø-*) ∞ (*h-* ~ *s-*) ∞ (*h-* ~ *j-*) ∞ (*h-* ~ *Ø-*). A ocorrência destas raízes com um ou outro alomorfe permite separá-las em *quatro subclasses*, lexicalmente arbitrárias. Nomes como *cabeça* e *mão* ocorrem com os alomorfes {*i-*} ~ {*Ø-*}; nomes como *rabo* e *nome*, porém, com os alomorfes {*h-*} ~ {*s-*}; nomes como *dente* são marcados pelos alomorfes {*h-*} ~ {*j-*}; nomes como *olho* e *rosto*, por sua vez, pelos alomorfes {*h-*} ~ {*Ø-*}.

O quadro a seguir ilustra a ocorrência destes alomorfes com os prefixos pessoais do Sateré-Mawé. Vejamos:

**Quadro E:** Prefixos pessoais e prefixos *inalienáveis* em Sateré-Mawé.

Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)					
	Prefixos pessoais	{ <i>i-</i> } ~ { <i>Ø-</i> }	{ <i>h-</i> } ~ { <i>s-</i> }	{ <i>h-</i> } ~ { <i>j-</i> }	{ <i>h-</i> } ~ { <i>Ø-</i> }
1sg.	<i>u-</i>	<i>i-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>
1incl.	<i>a-</i>	<i>i-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>
1excl.	<i>uru-</i>	<i>Ø-</i>	<i>s-</i>	<i>j-</i>	<i>Ø-</i>
2sg.	<i>e-</i>	<i>Ø-</i>	<i>s-</i>	<i>j-</i>	<i>Ø-</i>
2pl.	<i>e-</i>	<i>i-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>
3sg.	<i>Ø-</i> (não cor.)	<i>i-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>
	<i>to-</i> (cor.)	<i>Ø-</i>	<i>s-</i>		<i>Ø-</i>
3pl.	<i>i?atu-</i> (não cor.)	<i>Ø-</i>	<i>s-</i>	<i>j-</i>	<i>Ø-</i>
	<i>ta?atu-</i> (cor.)				

Fonte: quadro elaborado pela autora.

Conforme o quadro, os alomorfes (*i-* ∞ *h-*) ocorrem com os prefixos de *primeira pessoa do singular* {*u-*}, *primeira pessoa inclusiva* {*a-*}, *segunda pessoa do plural* {*e-*}, e *terceira pessoa do singular* {*Ø-*}, não correferencial. Os alomorfes (*Ø-* ∞ *s-* ∞ *j-*), porém, ocorrem com os prefixos de *primeira pessoa exclusiva* {*uru-*}, *segunda pessoa do singular* {*e-*}, *terceira pessoa do singular* {*to-*}, correferencial, e *terceira pessoa do plural*.

O quadro a seguir ilustra a ocorrência do *prefixo relacional inalienável* (Ri) em Sateré-Mawé.

	(18) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)							
	subclasse 1		subclasse 2		subclasse 3		subclasse 4	
	{i-}	{Ø-}	{h-}	{s-}	{h-}	{j-}	{h-}	{Ø-}
1sg.	<b>u - i - po</b> 1sg.p.+Ri.+‘mão’ ‘minha mão’		<b>u - h - et</b> 1sg.p.+Ri.+‘nome’ ‘meu nome’		<b>u - h - iin</b> 1sg.p.+Ri.+‘dente’ ‘meu dente’		<b>u - h - eha</b> 1sg.p.+Ri.+‘olho’ ‘meu olho’	
1incl.	<b>a - i - po</b> 1in.p.+Ri.+‘mão’ ‘nossa mão’		<b>a - h - et</b> 1in.p.+Ri.+‘nome’ ‘nosso nome’		<b>a - h - iin</b> 1in.p.+Ri.+‘dente’ ‘nosso dente’		<b>a - h - eha</b> 1in.p.+Ri.+‘olho’ ‘nosso olho’	
1excl.		<b>uru - Ø - po</b> 1ex.p.+Ri.+‘mão’ ‘nossa mão’		<b>uru - s - et</b> 1ex.p.+Ri.+‘nome’ ‘nosso nome’		<b>uru - j - iin</b> 1ex.p.+Ri.+‘dente’ ‘nosso dente’		<b>uru - Ø - eha</b> 1ex.p.+Ri.+‘olho’ ‘nosso olho’
2sg.		<b>e - Ø - po</b> 2sg.p.+Ri.+‘mão’ ‘tua mão’		<b>e - s - et</b> 2sg.p.+Ri.+‘nome’ ‘teu nome’		<b>e - j - iin</b> 2sg.p.+Ri.+‘dente’ ‘teu dente’		<b>e - Ø - eha</b> 2sg.p.+Ri.+‘olho’ ‘teu olho’
2pl.	<b>e - i - po</b> 2pl.p.+Ri.+‘mão’ ‘vossa mão’		<b>e - h - et</b> 2pl.p.+Ri.+‘nome’ ‘vosso nome’		<b>e - h - iin</b> 2pl.p.+Ri.+‘dente’ ‘vosso dente’		<b>e - h - eha</b> 2pl.p.+Ri.+‘olho’ ‘vosso olho’	
3	<b>Ø - i - po</b> 3sg.p.+Ri.+‘mão’ ‘mão dele (a)’	<b>i?atu - Ø - po</b> 3pl.p.+Ri.+‘mão’ ‘mão deles (as)’	<b>Ø - h - et</b> 3sg.p.+Ri.+‘nome’ ‘nome dele (a)’	<b>i?atu - s - et</b> 3pl.p.+Ri.+‘nome’ ‘nome deles (as)’	<b>Ø - h - iin</b> 3sg.p.+Ri.+‘dente’ ‘dente dele (a)’	<b>i?atu - j - iin</b> 3pl.p.+Ri.+‘dente’ ‘dente deles (as)’	<b>Ø - h - eha</b> 3sg.p.+Ri.+‘olho’ ‘olho dele (a)’	<b>i?atu - Ø - eha</b> 3pl.p.+Ri.+‘olho’ ‘olho deles (as)’
3sg. cor.		<b>to - Ø - po</b> 3sg.c.+Ri.+‘mão’ ‘sua própria mão’		<b>to - s - et</b> 3sg.c.+Ri.+‘nome’ ‘seu próprio nome’				<b>to - Ø - eha</b> 3sg.c.+Ri.+‘olho’ ‘seu próprio olho’
3pl. cor.		<b>ta?atu - Ø - po</b> 3pl.c.+Ri.+‘mão’ ‘suas próprias mãos’		<b>ta?atu - s - et</b> 3pl.c.+Ri.+‘nome’ ‘seus próprios nomes’				<b>ta?atu - Ø - eha</b> 3pl.c.+Ri.+‘olho’ ‘seus próprios olhos’

Apesar das diferentes análises a respeito dos prefixos relacionais em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, há um consenso de que o relacional *genérico* indica a genericidade do possuidor do referente expresso pela raiz nominal. Na língua Araweté (cf. SOLANO), a raiz é marcada pelos alomorfes  $\{t-\} \infty \{\emptyset-\} \infty (\#V \rightarrow \_)$ ; em Kamaiurá (cf. SEKI), semelhantemente, ocorre com os alomorfes  $\{t-\} \infty (\emptyset- \sim h-) \infty (\#p, h \rightarrow m) \infty (\#V \rightarrow \_)$ . Em Aweti (cf. SABINO), por sua vez, é assinalada pelos alomorfes  $\{t-\} \infty \{\emptyset-\} \infty \{ʔ-\} \infty (\#p, t \rightarrow m, n)$ ; já em Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), ocorre com os alomorfes  $\{\emptyset-\} \infty \{s-\} \infty \{j-\} \infty (\#p, t, k \rightarrow m, n, \eta)$ .

Os exemplos a seguir ilustram a ocorrência do *relacional genérico* (G) nestas línguas.

(19)	Araweté (cf. SOLANO)	Kamaiurá (cf. SEKI)	Aweti (cf. MONSERRAT; SABINO)	Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
	$t- \infty \emptyset- \infty$ ( $\#V \rightarrow \_$ )	$t- \infty (\emptyset- \sim h-) \infty$ ( $\#p, h \rightarrow m$ ) $\infty$ ( $\#V \rightarrow \_$ )	$t- \infty \emptyset- \infty ʔ- \infty$ ( $\#p, t \rightarrow m, n$ )	$\emptyset- \infty s- \infty j- \infty$ ( $\#p, t, k \rightarrow m, n, \eta$ )
$\{\emptyset-\}$	$\emptyset - atfĩ$ G+‘cabeça’ ‘cabeça’	$\emptyset - akaŋ$ G+‘cabeça’ ‘cabeça’	$\emptyset - aput$ G+‘cabeça’ ‘cabeça’	$\emptyset - akaŋ$ G+‘cabeça’ ‘cabeça’
$\{s-\}$				$s - eha$ G+‘olho’ ‘olho’
$\{j-\}$				$j - iĩŋ$ G+‘dente’ ‘dente’
$\{t-\}$	$t - eha$ G+‘olho’ ‘olho’	$t - ea$ G+‘olho’ ‘olho’	$t - eta$ G+‘olho’ ‘olho’	
( $\#p \rightarrow m$ )		$pi \rightarrow mi$ ‘pé’	$pi \rightarrow mi$ ‘pé’	$pi \rightarrow mi$ ‘pé’
( $\#V \rightarrow \_$ )	$ekuj \rightarrow kuj$ ‘cuia’	$emijat \rightarrow mijat$ ‘presa’		

Conforme os exemplos, a raiz *cabeça* (*-atfĩ* AR; *-akaŋ* KA; *-aput* AW; *-akaŋ* SM) é marcada em todas as línguas pelo morfema  $\{\emptyset-\}$ . Em se tratando da raiz *olho*, porém, esta ocorre em Araweté (*-eha*), Kamaiurá (*-ea*) e Aweti (*-eta*) com o morfema  $\{t-\}$ , mas em Sateré-Mawé (*-eha*) com o morfema  $\{s-\}$ . Também nesta língua, a raiz *dente* (*-iĩŋ*) recebe o morfema  $\{j-\}$ , o qual não ocorre nas demais línguas.

Em Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, o segmento /p/ passa a /m/ em nomes como *pé* (*pi*), o que não ocorre em Araweté. Em Araweté, porém, a raiz *cuia* (*-kuj*) perde a sua vogal inicial, assim como a raiz *presa* (*-mijat*) do Kamaiurá. Já em Aweti e Sateré-Mawé isto não ocorre.

#### 4.3.2.1.2 Proformas de série possessiva

Em *Araweté*, as construções possessivas são caracterizadas pela ocorrência de prefixos correferenciais e pronomes pessoais. Os *prefixos correferenciais* codificam possuidor de primeira, segunda ou terceira pessoa, ao passo que os *pronomes pessoais*, não correferenciais, codificam possuidor de primeira ou segunda pessoa (cf. SOLANO).

Em *Kamaiurá*, por sua vez, tais construções são assinaladas por *pronome clítico* de primeira ou segunda pessoa, enquanto que “o possuidor de terceira pessoa é codificado por prefixos relacionais” (SEKI, 2000, p. 325), apresentados na subseção anterior.

Em *Aweti*, os *prefixos pessoais* codificam um possuidor de primeira, segunda ou terceira pessoa, podendo a terceira pessoa ser correferencial ou não. Diferentemente das demais línguas, entretanto, a ocorrência de prefixos não correferenciais em Aweti depende do sexo do falante (cf. MONSERRAT).

Também em *Sateré-Mawé*, as construções possessivas são marcadas por *prefixo pessoal* que codifica um possuidor de primeira, segunda ou terceira pessoa. Nesta língua, há distinção entre as formas de terceira pessoa do singular e do plural, o que não ocorre em Araweté, Kamaiurá e Aweti. Por outro lado, assemelha-se a estas línguas ao distinguir a terceira pessoa correferencial da não correferencial (cf. FRANCESCHINI).

Nos quadros abaixo estão apresentados os *prefixos correferenciais* e *pronomes pessoais* do Araweté; os *pronomes clíticos* do Kamaiurá; bem como os *prefixos pessoais* do Aweti e Sateré-Mawé. Em construção possessiva, chamá-los-emos *proformas de série possessiva*.

**Quadro F:** As proformas de série possessiva do Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.

	Araweté (cf. SOLANO)		Kamaiurá (cf. SEKI)	Aweti (cf. MONSERRAT)		Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
	<i>Prefixos correferenc.</i>	<i>Pronomes pessoais</i>	<i>Pronomes clíticos</i>	<i>Prefixos pessoais</i>		<i>Prefixos pessoais</i>
1sg.	<b>te- ~ tej-</b>	<b>he</b>	<b>je=</b>	<b>i- ~ it-</b>		<b>u-</b>
1incl.	<b>u- ~ uj-</b>	<b>mide</b>	<b>jene=</b>	<b>kaj-</b>		<b>a-</b>
1excl.	<b>uru- ~ uruj-</b>	<b>ure</b>	<b>ore=</b>	<b>ozo-</b>		<b>uru-</b>
2sg.	<b>e- ~ ej-</b>	<b>ne</b>	<b>ne=</b>	<b>e- ~ ej-</b>		<b>e-</b>
2pl.	<b>pe- ~ pej-</b>	<b>pẽ</b>	<b>pe=</b>	<b>eʔi-</b>		
3	<b>u-</b>		(cor.) <b>o- ~ w-</b>	(não cor.) <b>i- ~ t-</b> <b>nã- ~ n-</b>	(cor.) <b>o- ~ w-</b>	<b>Ø-</b> (não cor.) <b>to-</b> (cor.)
						<b>iʔatu-</b> (não cor.) <b>taʔatu-</b> (cor.)

Fonte: quadro elaborado pela autora.

A *primeira pessoa do singular* é expressa, nestas línguas, pelos seguintes elementos pronominais: em Araweté, pelas formas {**te-**} ~ {**tej-**}, *prefixo correferencial*, e **he**, *pronome pessoal*; em Kamaiurá, pelo *pronome clítico* {**je=**}; em Aweti, pelos *alomorfes* {**i-**} ~ {**it-**}; e, em Sateré-Mawé, pelo *prefixo pessoal* {**u-**}.

(20) Araweté (cf. SOLANO)		(21) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>te - pa</b> 1sg.cor.+‘mão’ ‘minha própria mão’	<b>he Ø - pa</b> 1sg.p. R <sup>1</sup> +‘mão’ ‘mão de mim’	<b>je = Ø - po</b> 1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘mão’ ‘minha mão’	<b>je = r - ea</b> 1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘meu olho’
(22) Aweti (cf. BORELLA)		(23) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>i - po</b> 1sg.p.+‘mão’ ‘minha mão’	<b>it - eta</b> 1sg.p.+‘olho’ ‘meu olho’	<b>u - i - po</b> 1sg.p.+Ri.+‘mão’ ‘minha mão’	<b>u - h - eha</b> 1sg.p.+Ri.+‘olho’ ‘meu olho’

A *primeira pessoa inclusiva*, em Araweté, pode ser codificada pelos alomorfes {**u-**} ~ {**uj-**}, *correferenciais*, ou pelo *pronome pessoal* **mide**. Em Kamaiurá, por sua vez, é expressa pelo *pronome clítico* {**jene=**}; em Aweti, pelo *prefixo pessoal* {**kaj-**}; e, em Sateré-Mawé, pelo *prefixo pessoal* {**a-**}.

(24) Araweté (cf. SOLANO)		(25) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>u - pa</b> 1incl.cor.+‘mão’ ‘nossa própria mão’	<b>mide Ø - pa</b> 1incl.p. R <sup>1</sup> +‘mão’ ‘mão de nós’	<b>jene = Ø - po</b> 1incl.p.+R <sup>1</sup> +‘mão’ ‘nossa mão’	<b>jene = r - ea</b> 1incl.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘nosso olho’
(26) Aweti (cf. BORELLA)		(27) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>kaj - po</b> 1incl.p.+‘mão’ ‘nossa mão’	<b>kaj - eta</b> 1incl.p.+‘olho’ ‘nosso olho’	<b>a - i - po</b> 1incl.p.+Ri.+‘mão’ ‘nossa mão’	<b>a - h - eha</b> 1incl.p.+Ri.+‘olho’ ‘nosso olho’

Em se tratando da *primeira pessoa exclusiva*, porém, esta é expressa em Araweté pelos alomorfes {*uru-*} ~ {*uruj-*}, *correferenciais*, ou pelo *pronome pessoal* *ure*. Em Kamaiurá, por seu turno, é expressa pelo *pronome clítico* {*ore=*}; em Aweti, pelo *prefixo pessoal* {*azo-*}; e, em Sateré-Mawé, pelo *prefixo pessoal* {*uru-*}.

(28) Araweté (cf. SOLANO)		(29) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>uru - pa</b> 1excl.cor.+‘mão’ ‘nossa própria mão’	<b>ure Ø - pa</b> 1excl.p. R <sup>1</sup> +‘mão’ ‘mão de nós’	<b>ore = Ø - po</b> 1excl.p.+R <sup>1</sup> +‘mão’ ‘nossa mão’	<b>ore = r - ea</b> 1excl.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘nosso olho’
(30) Aweti (cf. BORELLA)		(31) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>azo - po</b> 1excl.p.+‘mão’ ‘nossa mão’	<b>azo - eta</b> 1excl.p.+‘olho’ ‘nosso olho’	<b>uru - Ø - po</b> 1excl.p.+Ri.+‘mão’ ‘nossa mão’	<b>uru - Ø - eha</b> 1excl.p.+Ri.+‘olho’ ‘nosso olho’

A *segunda pessoa do singular* é expressa em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé por elementos pronominais bastante semelhantes. Em Araweté, é expressa pelos alomorfes {*e-*} ~ {*ej-*}, *correferenciais*, e pelo *pronome pessoal* *ne*. Em Kamaiurá, assim como em Araweté, é codificada pelo *pronome clítico* {*ne=*}. Em Aweti, assim como em Araweté, pelos alomorfes<sup>222</sup> {*e-*} ~ {*ej-*}. Em Sateré-Mawé, assim como em Araweté e Aweti, pelo *prefixo pessoal* {*e-*}.

<sup>222</sup> Conforme Monserrat (1976/2012b, p. 16) e Borella (2000, p. 132), as formas do Aweti {*e-*} ~ {*ej-*} alternam-se a partir do contexto fonológico: o prefixo {*ej-*} é compatível apenas com radicais verbais iniciados pela vogal /a/; o prefixo {*e-*}, por seu turno, compatível com radicais iniciados por consoante e qualquer vogal, exceto /a/.

(32) Araweté (cf. SOLANO)		(33) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>e - pa</b> 2sg.cor.+‘mão’ ‘tua própria mão’	<b>ne Ø - pa</b> 2sg.p. R <sup>1</sup> +‘mão’ ‘mão de você’	<b>ne = Ø - po</b> 2sg.p.+R <sup>1</sup> +‘mão’ ‘tua mão’	<b>ne = r - ea</b> 2sg.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘teu olho’
(34) Aweti (cf. BORELLA)		(35) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>e - po</b> 2sg.p.+‘mão’ ‘tua mão’	<b>e - eta</b> 2sg.p.+‘olho’ ‘teu olho’	<b>e - Ø - po</b> 2sg.p.+Ri.+‘mão’ ‘tua mão’	<b>e - Ø - eha</b> 2sg.p.+Ri.+‘olho’ ‘teu olho’

Já a *segunda pessoa do plural* é expressa em Araweté pelos alomorfes {*pe-*} ~ {*pej-*} do *prefixo correferencial* ou pelo *pronome pessoal* *pẽ*. Semelhantemente, é codificada em Kamaiurá pelo *pronome clítico* {*pe=*}. Em Aweti e Sateré-Mawé, por sua vez, é expressa pelos *prefixos pessoais* {*eʔi-*} e {*e-*}, respectivamente.

(36) Araweté (cf. SOLANO)		(37) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>pe - pa</b> 2pl.cor.+‘mão’ ‘vossa própria mão’	<b>pẽ Ø - pa</b> 2pl.p. R <sup>1</sup> +‘mão’ ‘mão de vocês’	<b>pe = Ø - po</b> 2pl.p.+R <sup>1</sup> +‘mão’ ‘vossa mão’	<b>pe = r - ea</b> 2pl.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘vosso olho’
(38) Aweti (cf. BORELLA)		(39) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>eʔi - po</b> 2pl.p.+‘mão’ ‘vossa mão’	<b>eʔi - eta</b> 2pl.p.+‘olho’ ‘vosso olho’	<b>e - i - po</b> 2pl.p.+Ri.+‘mão’ ‘vossa mão’	<b>e - h - eha</b> 2pl.p.+Ri.+‘olho’ ‘vosso olho’

Diferentemente das demais, a língua Sateré-Mawé distingue a *terceira pessoa não correferencial* do singular e do plural, expressa pelos respectivos *prefixos pessoais* {*Ø-*} e {*iʔatu-*}.

Em Aweti, porém, “há uma divisão entre os prefixos de terceira pessoa [...] vinculada a dois condicionamentos, um semântico e outro fonológico” (BORELLA, 2000, p. 86). Assim, os alomorfes {*i-*} ~ {*t-*} estão de acordo com a fala feminina; os alomorfes {*nã-*} ~ {*n-*}, por sua vez, de acordo com a fala masculina. Ademais, os alomorfes {*i-*} ~ {*nã-*} ocorrem com raízes iniciadas por consoante; os alomorfes {*t-*} ~ {*n-*}, porém, com raízes iniciadas por vogal.

(40) Aweti (cf. BORELLA)		(41) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>i - po</b> 3p.f.+‘mão’ ‘mão dele (a)’ ‘mão deles (as)’	<b>nã - po</b> 3p.m.+‘mão’ ‘mão dele (a)’ ‘mão deles (as)’	<b>Ø - i - po</b> 3sg.p.+Ri.+‘mão’ ‘mão dele (a)’	<b>i?atu - Ø - po</b> 3pl.p.+Ri.+‘mão’ ‘mão deles (as)’
<b>t - eta</b> 3p.f.+‘olho’ ‘olho dele (a)’ ‘olho deles (as)’	<b>n - eta</b> 3p.m.+‘olho’ ‘olho dele (a)’ ‘olho deles (as)’	<b>Ø - h - eha</b> 3sg.p.+Ri.+‘olho’ ‘olho dele (a)’	<b>i?atu - Ø - eha</b> 3pl.p.+Ri.+‘olho’ ‘olho deles (as)’

O Sateré-Mawé, mas não as demais línguas, distingue a *terceira pessoa correferencial* do singular e do plural, codificada pelos *prefixos pessoais* {*to-*} e {*ta?atu-*}, respectivamente. Em Araweté, porém, é expressa unicamente pelo *prefixo correferencial* {*u-*}. Em Kamaiurá e Aweti, por sua vez, pelos alomorfes {*o-*} ~ {*w-*}, analisados como *prefixo relacional*<sup>223</sup>, por Seki (2000), e como *prefixo pessoal*, por Borella (2000).

(42) Araweté (cf. SOLANO)		(43) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>u - pa</b> 3cor.+‘mão’ ‘própria mão dele (a)’ ‘própria mão deles (as)’	<b>u - eha</b> 3cor.+‘olho’ ‘próprio olho dele (a)’ ‘próprio olho deles (as)’	<b>o - po</b> 3cor.+‘mão’ ‘própria mão dele (a)’ ‘própria mão deles (as)’	<b>o - ea</b> 3cor.+‘olho’ ‘próprio olho dele (a)’ ‘próprio olho deles (as)’
(44) Aweti (cf. SABINO)		(45) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>o - po</b> 3cor.+‘mão’ ‘própria mão dele (a)’ ‘própria mão deles (as)’	<b>o - eta</b> 3cor.+‘olho’ ‘próprio olho dele (a)’ ‘próprio olho deles (as)’	<b>to - Ø - po</b> 3sg.cor.+Ri.+‘mão’ ‘própria mão dele (a)’	<b>ta?atu - Ø - eha</b> 3pl.cor.+Ri.+‘olho’ ‘próprio olho deles (as)’

A seguir, os nomes possíveis empregados em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé são comparados em termos de *elementos pronominais* e de *prefixos relacionais*.

<sup>223</sup> Embora analisado como *relacional* em Kamaiurá (SEKI, 2000), o prefixo de terceira pessoa correferencial está apresentado nesta subseção para fins de comparação com o Araweté, Aweti e Sateré-Mawé, línguas nas quais este morfema foi analisado como *prefixo pessoal*.



(46) Araweté (cf. SOLANO)		(47) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>he Ø - a</b> 1sg.p. R <sup>1</sup> +‘casa’ ‘casa de mim’	<b>ure Ø - ?a</b> 1excl.p. R <sup>1</sup> +‘cabelo’ ‘cabelo de nós’	<b>je = Ø - pit</b> 1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘casa’ ‘minha casa’	<b>ore = Ø - akaŋ</b> 1excl.p.+R <sup>1</sup> +‘cabeça’ ‘nossa cabeça’
(48) Aweti (cf. BORELLA)		(49) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>it - Ø - ok</b> 1sg.p.+Ra.+‘casa’ ‘minha casa’	<b>azo - ?ap</b> 1excl.p.+‘cabelo’ ‘nosso cabelo’	<b>u - i - ?iat</b> 1sg.p.+Ri.+‘casa’ ‘minha casa’	<b>uru - Ø - ?asap</b> 1excl.p.+Ri.+‘cabelo’ ‘nosso cabelo’

Em Araweté, as raízes nominais {-a} ‘casa’ e {-?a} ‘cabelo’ são prefixadas pelo alomorfe {Ø-} do prefixo *relacional de contiguidade* (R<sup>1</sup>). Sua função é indicar a contiguidade sintática dos pronomes pessoais **he**, de primeira pessoa do singular, e **ure**, de primeira pessoa exclusiva, em relação às respectivas raízes {-a} e {-?a}.

Em Kamaiurá, os nomes **jepit** ‘minha casa’ e **oreakay** ‘nossa cabeça’ são assinalados pelos respectivos pronomes clíticos {je=}, de primeira pessoa do singular, e {ore=}, de primeira pessoa exclusiva. Assim como em Araweté, as raízes {-pit} ‘casa’ e {-akaŋ} ‘cabeça’ são prefixadas pelo alomorfe {Ø-} do prefixo *relacional de contiguidade* (R<sup>1</sup>), cuja função é assinalar a dependência sintática entre os pronomes clíticos e as raízes nominais correspondentes.

Os nomes **itok** ‘minha casa’ e **azo?ap** ‘nosso cabelo’, por sua vez, pertencem ao Aweti. O primeiro é formado do prefixo pessoal {it-}, de primeira pessoa do singular, seguido do alomorfe {Ø-} do prefixo *relacional alienável*, e da raiz nominal {-ok} ‘casa’. O segundo, *inalienável*, é formado do morfema pessoal {azo-}, de primeira pessoa exclusiva, prefixado à raiz {-?ap} ‘cabelo’.

Em seguida, em Sateré-Mawé, ambas as raízes {-?iat} ‘casa’ e {-?asap} ‘cabelo’ recebem prefixos pessoais e relacionais. A raiz {-?iat} recebe o prefixo de primeira pessoa do singular {u-}, compatível com o alomorfe {i-} do *relacional inalienável*; a raiz {-?asap}, porém, recebe o prefixo {uru-}, de primeira pessoa exclusiva, e o alomorfe {Ø-} do *relacional inalienável* com o qual é compatível.

Nos trabalhos de Franceschini (1999) e Seki (2000), as raízes que referenciam a entidade casa<sup>224</sup> (-?iat SM; -pit KA) foram classificadas como *inalienáveis*: em Sateré-Mawé, é prefixada pelo relacional {i-}; em Kamaiurá, porém, não recebe marca desta natureza

<sup>224</sup> Neste capítulo, os termos *sublinhados* fazem referência ao nível semântico-referencial.

(cf. SEKI). No trabalho de Borella (2000), em contrapartida, a raiz {-*ok*} foi classificada como *alienável*, prefixada, por esta razão, pelo alomorfe {-*Ø*-}.

(50) Araweté (cf. SOLANO)		(51) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>ure</b> <b>r - uwa</b> 1excl.p. R <sup>1</sup> +‘rosto’ ‘rosto de nós’	<b>mide</b> <b>Ø - pa</b> 1incl.p. R <sup>1</sup> +‘mão’ ‘mão de nós’	<b>ore = r - owa</b> 1excl.p.+R <sup>1</sup> +‘rosto’ ‘nosso rosto’	<b>jene = Ø - po</b> 1incl.p.+R <sup>1</sup> +‘mão’ ‘nossa mão’
(52) Aweti (cf. BORELLA)		(53) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>azo - owa</b> 1excl.p.+‘rosto’ ‘nosso rosto’	<b>kaj - po</b> 1incl.p.+‘mão’ ‘nossa mão’	<b>uru - Ø - ewa</b> 1excl.p.+Ri.+‘rosto’ ‘nosso rosto’	<b>a - i - po</b> 1incl.p.+Ri.+‘mão’ ‘nossa mão’

Em Araweté, a construção possessiva **ure ruwa** ‘rosto de nós’ é formada do pronome pessoal **ure**, referente à primeira pessoa exclusiva, e do nominal **ruwa** ‘rosto’. Por sua vez, a construção **mide pa** ‘mão de nós’ é caracterizada pelo pronome pessoal **mide**, de primeira pessoa inclusiva, acompanhado do nominal **pa** ‘mão’. Nesta língua, a prefixação dos alomorfes (Ø- ∞ r-) do prefixo *relacional* R<sup>1</sup> expressa a *contiguidade sintática* entre os pronomes pessoais **ure** e **mide** em relação às raízes {-*uwa*} ‘rosto’ e {-*pa*} ‘mão’, respectivamente.

Em Kamaiurá, por sua vez, o nome **orerowa** ‘nosso rosto’ é constituído do pronome clítico {*ore*=}, relativo à primeira pessoa exclusiva, seguido do alomorfe {*r*-} do prefixo *relacional* R<sup>1</sup>, e da raiz nominal {-*owa*} ‘rosto’. O nome **jenepo** ‘nossa mão’, porém, é formado da raiz {-*po*} ‘mão’, prefixada pelo alomorfe {Ø-} do *relacional* R<sup>1</sup> e flexionada pelo pronome clítico de primeira pessoa inclusiva {*jene*=}. Assim como em Araweté, os alomorfes (Ø- ∞ r-) expressam em Kamaiurá a *contiguidade sintática* do pronome {*ore*=} em relação à raiz {-*owa*} ‘rosto’, bem como entre o pronome {*jene*=} e a raiz {-*po*} ‘mão’.

Em Aweti, os nomes **azowa** ‘nosso rosto’ e **kajpo** ‘nossa mão’ são formados unicamente de prefixo pessoal e raiz nominal. O primeiro, **azowa**, é composto do prefixo de primeira pessoa exclusiva {*azo*-}, seguido da raiz {-*owa*} ‘rosto’. O segundo, **kajpo**, é formado da raiz {-*po*} ‘mão’, flexionada pelo prefixo de primeira pessoa inclusiva {*kaj*-}.

Em Sateré-Mawé, por sua vez, os nomes **uruewa** ‘nosso rosto’ e **aipo** ‘nossa mão’ são assinalados pelos respectivos prefixos {*uru*-}, de primeira pessoa exclusiva, e {*a*-}, de primeira pessoa inclusiva. Em **uruewa**, o prefixo {*uru*-} ocorre com o alomorfe {Ø-} do

prefixo *relacional inalienável*; em **aipo**, porém, o prefixo {**a-**} é compatível com o alomorfe {**i-**}.

Nos trabalhos de Franceschini (1999), Seki (2000) e Borella (2000), as raízes que referenciam as entidades rosto e mão, acima apresentadas, foram classificadas como *inalienáveis (dependentes)*, em Araweté). Entretanto, apenas os alomorfes (**Ø-** ∞ **i-**) do Sateré-Mawé foram analisados como marca de relação possessivo-genitiva desta natureza.

(54) Araweté (cf. SOLANO)		(55) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>ne Ø - memi</b> 2sg.p. R <sup>1</sup> +‘filho’ ‘filho de você’	<b>pẽ r - u</b> 2pl.p. R <sup>1</sup> +‘pai’ ‘pai de vocês’	<b>ne = Ø - memirake</b> 2sg.p.+R <sup>1</sup> +‘filho’ ‘teu filho’	<b>pe = n - up</b> 2pl.p.+R <sup>1</sup> +‘pai’ ‘vosso pai’
(56) Aweti (cf. SABINO)		(57) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>e - membit</b> 2sg.p.+‘filho’ ‘teu filho’	<b>eʔi - up</b> 2pl.p.+‘pai’ ‘vosso pai’	<b>e - Ø - membit</b> 2sg.p.+Ri.+‘fillho’ ‘teu filho’	<b>e - i - iwot</b> 2pl.p.+Ri.+‘pai’ ‘vosso pai’

Empregadas em Araweté, as construções possessivas **ne memi** ‘filho de você’ e **pẽ ru** ‘pai de vocês’ são assinaladas pelos alomorfes (**Ø-** ∞ **r-**) do prefixo *relacional* R<sup>1</sup>. Sua função é expressar a *contiguidade sintática* dos respectivos pronomes pessoais **ne**, de segunda pessoa do singular, e **pẽ**, de segunda pessoa do plural, em relação às raízes nominais {**-memi**} ‘filho’ e {**-ru**} ‘pai’.

Em Kamaiurá, em seguida, os nomes **nememirake** ‘teu filho’ e **penup** ‘vosso pai’ são formados de pronome clítico, prefixo relacional e raiz nominal. O primeiro, **nememirake**, é composto do pronome clítico {**ne=**}, referente à segunda pessoa do singular; o segundo, **penup**, do pronome clítico de segunda pessoa do plural {**pe=**}. Semelhantemente ao Araweté, os alomorfes {**Ø-**} ∞ (**r-** ~ **n-**) do prefixo *relacional* R<sup>1</sup> expressam em Kamaiurá a *contiguidade sintática* entre os pronomes clíticos e as raízes nominais correspondentes.

Em Aweti, o nome **emembit** ‘teu filho’ é composto da raiz nominal {**-membit**} ‘filho’, flexionada pelo prefixo de segunda pessoa do singular {**e-**}. O nome **eʔiup** ‘vosso pai’, em seguida, é formado do prefixo de segunda pessoa do plural {**eʔi-**}, prefixado à raiz nominal {**-up**} ‘pai’.

Próprios do Sateré-Mawé, porém, os nomes **emembit** ‘teu filho’ e **eiwot** ‘vosso pai’ são formados de prefixo pessoal, prefixo relacional e raiz nominal. Em **emembit**, a raiz

{-*membit*} ‘filho’ é flexionada pelo prefixo de segunda pessoa do singular {-*e*-}, compatível com o alomorfe {-*Ø*-} do prefixo *relacional inalienável*; em *eiwot*, porém, a raiz {-*iwot*} ‘pai’ recebe o prefixo de segunda pessoa do plural {-*e*-}, compatível com o alomorfe {-*i*-}.

(58) Araweté (cf. SOLANO)		(59) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>u - epe</b> 3cor.+‘caminho’ ‘próprio caminho dele(a)’ ‘próprio caminho deles(as)’	<b>u - ekuj</b> 3cor.+‘cuia’ ‘própria cuia dele(a)’ ‘própria cuia deles(as)’	<b>o - jaʔẽ</b> 3cor.+‘panela’ ‘própria panela dele(a)’ ‘própria panela deles(as)’	<b>w - iwirapat</b> 3cor.+‘arco’ ‘próprio arco dele(a)’ ‘próprio arco deles(as)’
(60) Aweti (cf. SABINO)		(61) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>o - e - majāku</b> 3cor.+Ra.+‘cesto’ ‘próprio cesto dele(a)’ ‘próprio cesto deles(as)’	<b>w - e - ʔizapat</b> 3cor.+Ra.+‘arco’ ‘próprio arco dele(a)’ ‘próprio arco deles(as)’	<b>to - e - ʔiara</b> 3sg.cor.+Ra.+‘canoa’ ‘própria canoa dele(a)’	<b>taʔatu - e - kise</b> 3pl.cor.+Ra.+‘faca’ ‘própria faca deles(as)’

Acima, as raízes nominais do Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé são prefixadas por elemento pronominal de terceira pessoa correferencial.

Em Araweté, as raízes {-*epe*} ‘caminho’ e {-*ekuj*} ‘cuia’ ocorrem com o prefixo correferencial {-*u*-}. Em Kamaiurá, por sua vez, as raízes {-*jaʔẽ*} ‘panela’ e {-*iwirapat*} ‘arco’ são prefixadas pelos alomorfes {-*o*-} ~ {-*w*-} deste prefixo.

As raízes {-*majāku*} ‘cesto’ e {-*ʔizapat*} ‘arco’, em seguida, pertencem ao Aweti. A primeira ocorre com o alomorfe {-*o*-} do prefixo correferencial, ao passo que a segunda é flexionada pelo alomorfe {-*w*-} deste prefixo. Alienáveis, são assinaladas pelo alomorfe {-*e*-} do prefixo *relacional alienável*.

O Sateré-Mawé, diferentemente das demais línguas, distingue a terceira pessoa correferencial do singular e do plural. Nos exemplos acima, a raiz {-*ʔiara*} ‘canoa’ ocorre com o prefixo {-*to*-}, referente à terceira pessoa do singular, enquanto a raiz {-*kise*} ‘faca’ recebe o prefixo {-*taʔatu*-}, relativo à terceira pessoa do plural. Alienáveis, ocorrem com o alomorfe {-*e*-} do prefixo *relacional alienável*, compatível com os morfemas correferenciais {-*to*-} e {-*taʔatu*-}.

Nos trabalhos de Franceschini (1999), Seki (2000) e Sabino (2009), as raízes que referenciam as entidades canoa e faca (-*ʔiara*, -*kise*), do Sateré-Mawé, panela e arco (-*jaʔẽ*, -*iwirapat*), do Kamaiurá, e cesto e arco (-*majāku*, -*ʔizapat*), do Aweti, foram classificadas como *alienáveis*. Em Aweti e Sateré-Mawé, semelhantemente, são assinaladas

pelo alomorfe {*e-*} do prefixo *relacional alienável*; em Kamaiurá, entretanto, não se observa marca desta natureza (cf. SEKI).

(62) Araweté (cf. SOLANO)		(63) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>h - awaj</b> R <sup>2</sup> +‘rabo’ ‘rabo dele (a)’ ‘rabo deles (as)’	<b>i - hi</b> R <sup>2</sup> +‘mãe’ ‘mãe dele (a)’ ‘mãe deles (as)’	<b>h - uwaj</b> 3p.+‘rabo’ ‘rabo dele (a)’ ‘rabo deles (as)’	<b>h - et</b> 3p.+‘nome’ ‘nome dele (a)’ ‘nome deles (as)’
(64) Aweti (cf. SOLANO)		(65) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>t - uwaj</b> 3p.f.+‘rabo’ ‘rabo dele (a)’ ‘rabo deles (as)’	<b>nã - ti</b> 3p.m.+‘mãe’ ‘mãe dele (a)’ ‘mãe deles (as)’	<b>Ø - h - uwajpo</b> 3sg.p.+Ri.+‘rabo’ ‘rabo dele (a)’	<b>i?atu - s - et</b> 3pl.p.+Ri.+‘nome’ ‘nome deles (as)’

Em Araweté, as raízes nominais {-*awaj*} ‘rabo’ e {-*hi*} ‘mãe’ são prefixadas pelos alomorfes (*h-* ∞ *i-*) do prefixo *relacional de não contiguidade*<sup>225</sup> (R<sup>2</sup>). A ocorrência deste prefixo, segundo Solano (2009, p. 97), indica que o determinante, *não correferente* ao actante em função de sujeito, não pertence ao mesmo sintagma da raiz nominal.

Em Kamaiurá, em seguida, ambas as raízes {-*uwaj*} ‘rabo’ e {-*et*} ‘nome’ ocorrem com o prefixo {*h-*}, cuja função, conforme Seki (2000, p. 56), é codificar “um possuidor de terceira pessoa especificada, mencionada antes ou que é de alguma forma conhecida pelo contexto e que é distinta do sujeito”.

Os exemplos do Aweti, acima, ilustram a ocorrência dos alomorfes {*t-*} ~ {*nã-*} do prefixo de terceira pessoa não correferencial. O primeiro, {*t-*}, é próprio da fala feminina e compatível com raízes iniciadas por vogal; o segundo, {*nã-*}, próprio da fala masculina e compatível com raízes iniciadas por consoante. Nestas condições, a raiz {-*uwaj*} ‘rabo’ ocorre com o alomorfe {*t-*}, enquanto a raiz {-*ti*} ‘mãe’ é prefixada pelo alomorfe {*nã-*}.

Diferentemente das demais línguas, em Sateré-Mawé, as formas {*h-*} ~ {*s-*} foram analisadas como alomorfes do prefixo *relacional inalienável*. Acima, a raiz {-*uwajpo*} ‘rabo’ é prefixada pelo alomorfe {*h-*}, compatível com o prefixo de terceira pessoa do singular {*Ø-*}; já a raiz {-*et*} ‘nome’ ocorre com o prefixo de terceira pessoa do plural {*i?atu-*}, compatível com o alomorfe {*s-*}. Ambos os prefixos pessoais {*Ø-*} e {*i?atu-*} são não correferenciais.

<sup>225</sup> Embora analisado como *relacional* em Araweté (SOLANO, 2009), o prefixo de *não contiguidade* está novamente apresentado nesta subseção para fins de comparação com o Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.

Para finalizar esta subseção, apresentamos a seguir o paradigma do vocábulo *olho* em Araweté (*-eha*), Kamaiurá (*-ea*), Aweti (*-eta*) e Sateré-Mawé (*-eha*). Observe a semelhança das línguas Araweté (cf. SOLANO) e Kamaiurá (cf. SEKI), cuja raiz é prefixada pelos alomorfes {*r-*} ~ {*n-*} quando flexionada por prefixo de primeira ou segunda pessoa. Em Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), por sua vez, verifica-se o emprego dos alomorfes {*h-*} ~ {*Ø-*}, enquanto em Aweti não se observa a ocorrência de relacional (cf. MONSERRAT; BORELLA).

Observe, ainda, a semelhança em Araweté, Kamaiurá e Sateré-Mawé dos vocábulos *heha* (AR), *hea* (KA) e *heha* (SM), em que a raiz é prefixada pelo relacional {*h-*}. Em Sateré-Mawé, porém, a terceira pessoa do singular (*heha*) e do plural (*i?atueha*) são distintas. Bastantes semelhantes são também os vocábulos *ueha*, do Araweté, *oea*, do Kamaiurá, *oeta*, do Aweti, e *toeha*, do Sateré-Mawé, assinalados por prefixo de terceira pessoa correferencial. Em Sateré-Mawé, entretanto, distingue-se a terceira pessoa do singular (*toeha*) e do plural (*ta?atueha*), o que não ocorre nas demais línguas.

(66)	<b>Araweté</b> (cf. SOLANO)	<b>Kamaiurá</b> (cf. SEKI)	<b>Aweti</b> (cf. MONSERRAT; BORELLA)	<b>Sateré-Mawé</b> (cf. FRANCESCHINI)
1sg.	<b>he r - eha</b> 1sg.p. R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘olho de mim’	<b>je = r - ea</b> 1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘meu olho’	<b>it - eta</b> 1sg.p.+‘olho’ ‘meu olho’	<b>u - h - eha</b> 1sg.p.+Ri.+‘olho’ ‘meu olho’
1incl.	<b>mide r - eha</b> 1incl.p. R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘olho de nós’	<b>jene = r - ea</b> 1incl.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘nosso olho’	<b>kaj - eta</b> 1incl.p.+‘olho’ ‘nosso olho’	<b>a - h - eha</b> 1incl.p.+Ri.+‘olho’ ‘nosso olho’
1excl.	<b>ure r - eha</b> 1excl.p. R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘olho de nós’	<b>ore = r - ea</b> 1excl.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘nosso olho’	<b>azo - eta</b> 1excl.p.+‘olho’ ‘nosso olho’	<b>uru - Ø - eha</b> 1excl.p.+Ri.+‘olho’ ‘nosso olho’
2sg.	<b>ne r - eha</b> 2sg.p. R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘olho de você’	<b>ne = r - ea</b> 2sg.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘teu olho’	<b>(e) - eta</b> 2sg.p.+‘olho’ ‘teu olho’	<b>e - Ø - eha</b> 2sg.p.+Ri.+‘olho’ ‘teu olho’
2pl.	<b>pẽ n - eha</b> 2pl.p. R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘olho de vocês’	<b>pe = n - ea</b> 2pl.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘vosso olho’	<b>eʔi - eta</b> 2pl.p.+‘olho’ ‘vosso olho’	<b>e - h - eha</b> 2pl.p.+Ri.+‘olho’ ‘vosso olho’
3	<b>h - eha</b> R <sup>2</sup> +‘olho’ ‘olho dele (a)’ ‘olho deles (as)’	<b>h - ea</b> 3p.+‘olho’ ‘olho dele (a)’ ‘olho deles (as)’	<b>t - eta</b> 3p.f.+‘olho’ ‘olho dele (a)’ ‘olho deles (as)’	<b>Ø - h - eha</b> 3sg.p.+Ri.+‘olho’ ‘olho dele (a)’
				<b>iʔatu - Ø - eha</b> 3pl.p.+Ri.+‘olho’ ‘olho deles (as)’
3cor.	<b>u - eha</b> 3cor.+‘olho’ ‘próprio olho dele(a)’ ‘próprio olho deles(as)’	<b>o - ea</b> 3cor.+‘olho’ ‘próprio olho dele(a)’ ‘próprio olho deles(as)’	<b>o - eta</b> 3cor.+‘olho’ ‘próprio olho dele(a)’ ‘próprio olho deles(as)’	<b>to - Ø - eha</b> 3sg.cor.+Ri.+‘olho’ ‘próprio olho dele(a)’
				<b>taʔatu - Ø - eha</b> 3pl.cor.+Ri.+‘olho’ ‘próprio olho deles(as)’

#### 4.4 A Classe dos Verbos

As línguas Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé compartilham de sistemas verbais muito semelhantes, todavia, diferentes critérios foram adotados para esta classificação.

Em Kamaiurá (SEKI, 2000, p. 65) e Aweti (BORELLA, 2000, p. 130), os verbos foram subclassificados em *descritivos*, *intransitivo-ativos*<sup>226</sup> e *transitivos*, de acordo com critérios morfológico e sintático: **(a)** compatibilidade com proformas<sup>227</sup> *ativas*, *inativas* e *portmanteau* (Kamaiurá); **(b)** ocorrência com afixos derivacionais; e **(c)** transitividade.

Em Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 1999, p. 145), por sua vez, foram subclassificados em *estativos*, *médios* e *ativos*, de acordo com critérios morfossintático e semântico: **(a)** compatibilidade com proformas *ativas*, *inativas* e *portmanteau*; e **(b)** ocorrência com prefixos relacionais distintos, que indicam orientação verbal e aspecto lexical.

Em se tratando do Araweté, porém, Solano (2009, p. 118) estabeleceu a seguinte definição morfossintática: os “verbos integram a única classe de palavras cujos elementos se combinam com prefixos pessoais que codificam um (A)gente ou (S)ujeito”. A partir desta definição, Solano assume que “todas as ocorrências de temas verbais desprovidos de prefixo de pessoa são analisados como nomes de ação”, inclusive as raízes verbais que se combinam com prefixo relacional e são antecedidas de pronome pessoal que codifica o paciente. Ademais, de acordo com o critério transitividade, Solano (ibid., p. 183) separou os verbos em duas subclasses: a dos *intransitivo-ativos* e *transitivos*, analisando as raízes que expressam sensações e qualidades como *nomes descritivos*, não verbos.

Neste trabalho, para a comparação pretendida, trataremos como verbos (não como *nomes de ação*) as raízes verbais do Araweté que se combinam com prefixo relacional e são antecedidas de pronome pessoal (índice de paciente). Ademais, trataremos como verbos (não como *nomes descritivos*) as raízes que nesta língua expressam sensações e qualidades (VIEIRA & LEITE, 1998).

Pode-se dizer, *grosso modo*, que os verbos ativos do Sateré-Mawé correspondem aos transitivo-diretos das demais línguas. Já os médios correspondem *em parte* aos intransitivos, uma vez que corresponderiam também aos transitivo-indiretos; os verbos de estado, por seu turno, correspondem aos descritivos.

<sup>226</sup> Em Kamaiurá, a raiz {-eko} foi classificada por Seki (2000, p. 70) como verbo-cópula, o qual “é flexionado em geral como um verbo intransitivo-ativo e sofre os mesmos processos derivacionais que este”. Neste trabalho, porém, esta raiz está apresentada no capítulo VI, referente aos enunciados de predicado não verbal.

<sup>227</sup> O termo *proforma*, neste trabalho, faz referência a *prefixos pessoais*, *pronomes pessoais* e *pronomes clíticos* assinalados na construção verbal.



Nesta subseção, porém, o contraste dos verbos empregados em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé está pautado, principalmente, em questões estruturais. Nestas condições, ater-nos-emos às *proformas*, *prefixos relacionais* e *afixos específicos* que admitem.

#### 4.4.1 Proformas de série ativa, inativa e *portmanteau*

Em Araweté (cf. VIEIRA & LEITE; SOLANO), no modo indicativo I, verbos *intransitivo-ativos* e *transitivos* assemelham-se ao ocorrerem com proforma de série ativa. Os *transitivos*, por sua vez, podem ocorrer com proforma de série inativa, assim como os *intransitivo-descritivos*. Estes, por sua vez, são os únicos a ocorrerem com prefixo relacional<sup>228</sup>.

No modo imperativo, os verbos *intransitivo-ativos* são flexionados por proforma de série imperativa, enquanto que os *intransitivo-descritivos* ocorrem com proforma de série inativa. Já os *transitivos* podem ser flexionados por proforma de série imperativa ou inativa.

O quadro a seguir ilustra estes paradigmas em Araweté.

**Quadro G:** Proformas do Araweté.

Araweté (cf. VIEIRA & LEITE; SOLANO)				
	proformas de série ativa		proformas de série inativa	
	Intransitivo-ativos Transitivos	Intransitivo-ativos Transitivos (imperativo)	Intransitivo- descritivos	Transitivos
1sg.	<i>a-</i>		<i>he</i>	
1incl.	<i>u-</i> <sup>229</sup>		<i>mide</i>	
1excl.	<i>uru-</i>		<i>ure</i>	
2sg.	<i>ere-</i>	<i>e-</i>	<i>ne</i>	
2pl.	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	<i>pẽ</i>	
3	<i>u-</i>		<i>i- ∞ t- ∞ (h- ~ dʒ- ~ ð-)</i> <sup>230</sup>	

Fonte: quadro elaborado pela autora.

<sup>228</sup> No modo indicativo II, os verbos intransitivo-ativos e transitivos do Araweté podem também ocorrer com *prefixo relacional* e proforma de *série inativa*. Segundo Solano (2009, p. 250), porém, os verbos neste modo “estão em sua forma de nomes de ação”, razão pela qual não estão apresentados neste capítulo.

<sup>229</sup> Conforme os dados de Solano (2009), o prefixo de primeira pessoa inclusiva assume em Araweté a mesma forma que o prefixo de terceira pessoa.

<sup>230</sup> As formas *{i-} ∞ {t-} ∞ (h- ~ dʒ- ~ ð-)* do Araweté foram analisadas por Solano (2009, p. 97) como alomorfes do prefixo *relacional de não contiguidade* (R<sup>2</sup>).

Em Kamaiurá (SEKI, 2000, p. 65), no modo indicativo, verbos *intransitivo-ativos* e *transitivos* são igualmente flexionados por proforma de série ativa<sup>231</sup>. Os *transitivos*, todavia, distinguem-se dos *intransitivo-ativos* por ocorrerem com proforma de série inativa, assim como os *intransitivo-descritivos*. Estes, porém, são os únicos a receberem prefixo relacional de terceira pessoa. Os *transitivos*, por sua vez, são os únicos que admitem proforma de série *portmanteau*.

No modo imperativo, os verbos *intransitivo-ativos* são flexionados por proforma de série imperativa, enquanto que os *intransitivo-descritivos* ocorrem com proforma de série inativa. Os *transitivos*, por sua vez, podem ocorrer com proforma de série imperativa ou inativa.

O quadro a seguir ilustra estes paradigmas em Kamaiurá.

**Quadro H:** Proformas do Kamaiurá.

Kamaiurá (cf. SEKI)						
	proformas de série ativa		proformas de série inativa		série portmanteau	
	Intransitivo-ativos Transitivos	Intransitivo-ativos Transitivos (imperativo)	Intransitivo- descritivos	Transitivos	Transitivos	
1sg.	<i>a-</i>		<i>je=</i>			
1incl.	<i>ja-</i>		<i>jene=</i>			
1excl.	<i>oro-</i>		<i>ore=</i>			
2sg.	<i>ere-</i>	<i>e- // ere-</i>	<i>ne=</i>			
2pl.	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	<i>pe=</i>			
3	<i>o-</i>		<i>i- ∞ t- ∞ h-</i> <sup>232</sup>			
1sg./2sg.						<i>oro-</i>
1/2pl.						<i>opo-</i>

Fonte: Seki (2000, p. 65). Adaptado pela autora.

<sup>231</sup> Em Kamaiurá, os verbos transitivos e intransitivo-ativos são também flexionados por proforma de *série ativa* no modo exortativo. Neste modo, os verbos transitivos são exclusivamente flexionados por proforma de *série portmanteau* (SEKI, 2000, p. 65).

<sup>232</sup> As formas (*i- ~ ij-*) ∞ {*t-*} ∞ {*h-*} do Kamaiurá foram analisadas por Seki (2000, p. 56) como alomorfes do *prefixo relacional* que remete a um possuidor de terceira pessoa especificada.

Em Aweti (BORELLA, 2000, p. 131), no modo indicativo, verbos *intransitivo-ativos* e *transitivos* são flexionados por séries distintas de proformas ativas. Os *transitivos*, por sua vez, podem ocorrer com proforma de série inativa, o que os assemelha aos *intransitivo-descritivos*.

No modo imperativo (MONSERRAT, 1976/2012b), os verbos *transitivos* podem ser flexionados por proforma de série imperativa ou inativa. Os *intransitivo-ativos*, por sua vez, são flexionados exclusivamente por proforma de série imperativa<sup>233</sup>.

O quadro a seguir ilustra estes paradigmas em Aweti.

**Quadro I:** Proformas do Aweti.

Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA)				
	proformas de série ativa			proformas de série inativa
	Intransitivo-ativos	Transitivos	Transitivos Intransitivo-ativos (imperativo)	Intransitivo-descritivos Transitivos
1sg.	<i>a- ~ aj-</i>	<i>a-</i>		<i>i- ~ it-</i>
1incl.	<i>kaj-</i>	<i>ti-</i>		<i>kaj-</i>
1excl. <sup>234</sup>	<i>ozo-</i>	<i>ozo- ~ ozoj-</i>		<i>ozo-</i>
2sg.	<i>e- ~ ej-</i>	<i>e-</i>	<i>i- // jo-</i>	<i>e- ~ ej-</i>
2pl. <sup>235</sup>	<i>eʔi-</i>	<i>pej-</i>	<i>pej-</i>	<i>eʔi-</i>
3	<i>o-</i>	<i>wej-</i>		<i>i- ~ t-</i>

Fonte: quadro elaborado pela autora.

<sup>233</sup> Nos trabalhos de que dispomos sobre o Aweti, não encontramos dados que ilustram a ocorrência de verbos *descritivos* em enunciados imperativos.

<sup>234</sup> Os prefixos ativos de *primeira pessoa exclusiva* foram registrados por Monserrat (1976/2012b) e Borella (2000) de maneiras distintas. O prefixo compatível com verbos transitivos foi registrado {*ozo-*} ~ {*ozoʃ-*}, por Monserrat, e {*azo-*} ~ {*azoi-*}, por Borella. Já o prefixo compatível com verbos intransitivo-ativos foi registrado {*ozo-*}, por Monserrat, e {*azo-*}, por Borella.

<sup>235</sup> Segundo Borella (2000), verbos intransitivo-ativos e transitivos recebem prefixos de *segunda pessoa do plural* distintos: {*eʔi-*}, compatível com verbos intransitivo-ativos, e {*pej-*}, com verbos transitivos. Conforme Monserrat (1976/2012b), entretanto, verbos intransitivo-ativos e transitivos recebem igualmente o prefixo de *segunda pessoa do plural* {*eʔi-*}.

Em Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 1999, p. 115), verbos *médios* e *ativos* são flexionados por proforma de série ativa. Os *ativos*, ao contrário dos *médios*, podem ocorrer com proforma de série inativa, o que os assemelha aos verbos *estativos*. Os *ativos*, porém, são os únicos a ocorrerem com proforma de série *portmanteau*.

Diferentemente do que ocorre em Araweté, Kamaiurá e Aweti, não há proformas de série imperativa em Sateré-Mawé. Sendo assim, os verbos *médios* são flexionados por proforma de série ativa; os verbos *estativos*, por proforma de série inativa; e os verbos *ativos*, por proforma de série ativa ou inativa.

O quadro a seguir ilustra estes paradigmas em Sateré-Mawé.

**Quadro J:** Proformas do Sateré-Mawé.

Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)					
	proformas de série ativa			proformas série inativa	série portmanteau
	Médios		Ativos	Estativos Ativos	Ativos
	Atélicos	Télicos			
1sg.	<i>a-</i>		<i>a-</i>	<i>u-</i>	
1incl.	<i>wa-</i>		<i>wa-</i>	<i>a-</i>	
1excl.	<i>uru-</i>		<i>uru-</i>	<i>uru-</i>	
2sg.	<i>e-</i>		<i>e-</i>	<i>e-</i>	
2pl.	<i>ewei-</i>		<i>ewe-</i>	<i>e-</i>	
3sg. <sup>236</sup>	<i>Ø-</i>		<i>Ø-</i>	<i>Ø-</i>	
3pl.	<i>teʔero-</i>	<i>iʔatu-</i>	<i>Ø-</i>	<i>iʔatu-</i>	
1sg./2sg.					<i>moro-</i>
1sg./2pl.					<i>morohoʔo-</i>

Fonte: quadro elaborado pela autora.

<sup>236</sup> Em orações dependentes (coordenadas ou subordinadas) do Sateré-Mawé, os verbos podem ocorrer com proforma de terceira pessoa correferencial. A este respeito, ver Franceschini (1999, p. 119).

#### 4.4.1.1 Hierarquia de referência pessoal

Em enunciados independentes, os verbos ativos do Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI) e transitivos do Kamaiurá (cf. SEKI) podem ser flexionadas por proforma de *série ativa*, *inativa* ou *portmanteau*. De modo semelhante, em Araweté (cf. SOLANO) e Aweti (cf. BORELLA), as construções verbais transitivas podem ser assinaladas por proforma de *série ativa* ou *inativa*.

Nestas línguas, a proforma de *série ativa* codifica o participante **+ativo** do processo expresso pelo verbo; a proforma de *série inativa*, porém, codifica o participante **–ativo**; por sua vez, a proforma de *série portmanteau* codifica em Kamaiurá e Sateré-Mawé ambos os participantes **+ativo e –ativo**.

Em determinadas línguas, conforme Zwicky (1977 apud SEKI, 1982), a marcação das relações interpessoais no verbo é determinada por uma **hierarquia de referência pessoal**, segundo a qual o locutor (primeira pessoa) é *mais alto* que o interlocutor (segunda pessoa), e locutor e interlocutor são *mais altos* que qualquer participante ausente (terceira pessoa) do ato de enunciação (**1 > 2 > 3**).

A hierarquia vigente em Aweti (cf. BORELLA) é idêntica à apontada por Zwicky, uma vez que o participante de primeira pessoa é *mais alto* que o de segunda pessoa, e os participantes de primeira e de segunda pessoa são *mais altos* que o de terceira pessoa (**1 > 2 > 3**). Nesta língua, o participante mais alto é codificado no verbo por proforma de *série ativa* (se o participante **+ativo** é o mais alto) ou por proforma de *série inativa* (se o participante **–ativo** é o mais alto).

(67a-f→) Aweti (cf. BORELLA)		
<b>a - tã - Ø      en</b> 1sg.A+‘pintar’+Perf. 2sg. ‘[Eu] pinteí você.’	<b>en      i - tã - Ø</b> 2sg. 1sg.I+‘pintar’+Perf. ‘Você [me] pintou.’	<b>a - tã - Ø      kujã</b> 1sg.A+‘pintar’+Perf. ‘mulher’ ‘[Eu] pinteí a mulher.’
<b>kujã      i - tã - Ø</b> ‘mulher’ 1sg.I+‘pintar’+Perf. ‘A mulher [me] pintou.’	<b>e - tã - Ø      kujã</b> 2sg.A+‘pintar’+Perf. ‘mulher’ ‘[Você] pintou a mulher.’	<b>kujã      e - tã - Ø</b> ‘mulher’ 2sg.I+‘pintar’+Perf. ‘A mulher [te] pintou.’

A hierarquia vigente em Kamaiurá (cf. SEKI) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI) distingue-se em parte da hierarquia que opera em Aweti, uma vez que, nestas línguas, o participante de primeira pessoa pode ser *mais alto ou igual* ao de segunda pessoa (**1 ≥ 2 > 3**).

Em se tratando de participantes iguais na hierarquia, ambos são codificados no verbo por proforma de *série portmanteau*; nos demais contextos, o participante mais alto é codificado por proforma de *série ativa* (se o participante +*agentivo* é o mais alto) ou por proforma de *série inativa* (se o participante –*agentivo* é o mais alto), assim como ocorre em Aweti.

(68a-f→) Kamaiurá (cf. SEKI)		
<b>oro - etsyak</b> 1sg./2sg.P+‘ver’ ‘[Eu] [te] viu.’	<b>ene je = r - etsyak</b> 2sg. 1sg.I+R <sup>1</sup> +‘ver’ ‘Você [me] viu.’	<b>a - etsyak kunu?um - a</b> 1sg.A+‘ver’ ‘menino’+N ‘[Eu] viu o menino.’
<b>kunu?um - a je = r - etsyak</b> ‘menino’+N 1sg.I+R <sup>1</sup> +‘ver’ ‘O menino [me] viu.’	<b>ere - etsyak kunu?um - a</b> 2sg.A+‘ver’ ‘menino’+N ‘[Você] viu o menino.’	<b>kunu?um - a ne = r - etsyak</b> ‘menino’+N 2sg.I+R <sup>1</sup> +‘ver’ ‘O menino [te] viu.’

(69a-f→) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
<b>moro - sej</b> 1sg./2sg.P+‘lavar’ ‘[Eu] [te] lavei.’	<b>en u - i - sej</b> 2sg. 1sg.I+Inv.II+‘lavar’ ‘Você [me] lavou.’ (Eu fui lavado por você.)	<b>a - ti - sej hirokat</b> 1sg.A+At.T+‘lavar’ ‘criança’ ‘[Eu] lavei a criança.’
<b>hariporia u - i - sej</b> ‘mulher’ 1sg.I+Inv.II+‘lavar’ ‘A mulher [me] lavou.’ (Eu fui lavado pela mulher.)	<b>e - ti - sej hirokat</b> 2sg.A+At.T+‘lavar’ ‘criança’ ‘[Você] lavou a criança.’	<b>hariporia e - Ø - sej</b> ‘mulher’ 2sg.I+Inv.II+‘lavar’ ‘A mulher [te] lavou.’ (Você foi lavado pela mulher.)

Por sua vez, a hierarquia operante em Araweté distingue-se em parte da hierarquia vigente em Aweti, Kamaiurá e Sateré-Mawé. Em Araweté (cf. SOLANO), os participantes de primeira e de segunda pessoa ocupam *a mesma posição* na escala hierárquica, ademais, o participante –*agentivo* tem prioridade em relação ao +*agentivo*. Isto significa que, em se tratando de dois participantes (um de primeira, outro de segunda pessoa), o participante –*agentivo* é codificado na construção verbal por proforma de *série inativa*. Igualmente ao que ocorre nas demais línguas, porém, em Araweté, os participantes de primeira e de segunda pessoa são *mais altos* que o de terceira pessoa (**1 = 2 > 3**). Neste contexto, o participante mais alto é codificado no verbo por proforma de *série ativa* (índice de participante +*agentivo*).



de *série portmanteau* pode codificar, simultaneamente, um participante +*agentivo* de primeira pessoa do singular e um participante –*agentivo* de segunda pessoa do singular (exs. 71a, 72a) ou do plural (exs. 71b, 72b). O que as distingue, entretanto, é o fato de que, em Kamaiurá, um participante +*agentivo* de primeira pessoa exclusiva e um participante –*agentivo* de segunda pessoa do plural (ex. 71c) são também codificados por proforma desta natureza. Em Sateré-Mawé, diferentemente, o participante +*agentivo* de primeira pessoa exclusiva é codificado no verbo por proforma de *série ativa*, por sua vez, o participante –*agentivo* de segunda pessoa do plural é expresso por sintagma nominal (ex. 72c).

(71a-c) Kamaiurá (cf. SEKI)		
<b>oro - etsak</b> 1sg./2sg.P+‘ver’ ‘[Eu] [te] vejo.’	<b>opo - etsak</b> 1sg./2pl.P+‘ver’ ‘[Eu] [vos] vejo.’	<b>opo - etsak</b> 1excl./2pl.P+‘ver’ ‘[Nós] [vos] vemos.’
(72a-c) Sateré-Mawé (cf. SEKI)		
<b>moro - sej</b> 1sg./2sg.P+‘lavar’ ‘[Eu] [te] lavo.’	<b>morohoʔo - sej</b> 1sg./2pl.P+‘lavar’ ‘[Eu] [vos] lavo.’	<b>uru - i - sej eipe</b> 1excl.A+At.T+‘lavar’ 2pl. ‘[Nós] vos lavamos.’

Em Araweté (cf. SOLANO) e Aweti (cf. BORELLA), línguas que não apresentam proforma de *série portmanteau*, o participante +*agentivo* ou –*agentivo* é codificado na construção verbal por proforma de *série ativa* ou *inativa*, respectivamente. Em Araweté, por proforma de *série inativa*, tendo em vista que os participantes de primeira e de segunda pessoa ocupam a *mesma posição* na escala hierárquica e o participante –*agentivo* tem prioridade em relação ao +*agentivo*. Em Aweti, porém, por proforma de *série ativa*, uma vez que nesta língua o participante de primeira pessoa é sempre *mais alto* que o de segunda, independente do papel semântico que assume.



(73a-c) Araweté (cf. SOLANO)											
ne    r - etfa    ku    he 2sg.I    R <sup>1</sup> +‘ver’    Foc.    1sg. ‘Eu [te] vi.’				pẽ    r - etfa    ku    he 2pl.I    R <sup>1</sup> +‘ver’    Foc.    1sg. ‘Eu [vos] vi.’				pẽ    n - etfa    ku    ure 2pl.I    R <sup>1</sup> +‘ver’    Foc.    1excl. ‘Nós [vos] vimos.’			
(74a-c) Aweti (cf. BORELLA)											
a - tã - Ø    en 1sg.A+‘pintar’+Perf.    2sg. ‘[Eu] te pintei.’				a - tã - Ø    e?ipe 1sg.A+‘pintar’+Perf.    2pl. ‘[Eu] vos pintei.’				ozo - tã - Ø    e?ipe 1excl.A+‘pintar’+Perf.    2pl. ‘[Nós] vos pintamos.’			

Em se tratando, porém, de participante *+agentivo* de primeira pessoa exclusiva e participante *–agentivo* de segunda pessoa do singular, os verbos ativos do Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI) e transitivos do Kamaiurá (cf. SEKI) e Aweti (cf. BORELLA) são igualmente flexionados por proforma de *série ativa* (índice de participante *+agentivo*). Em Araweté (cf. SOLANO), por sua vez, os verbos transitivos são acompanhados de proforma de *série inativa* (índice de participante *–agentivo*), em razão da hierarquia de referência pessoal vigente nesta língua.

(75) Araweté (cf. SOLANO)	(76) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>ne</b> <b>r - etfa</b> <b>ku</b> <b>ure</b> 2sg.I   R <sup>1</sup> +‘ver’   Foc.   1excl. ‘Nós [te] vimos.’	<b>ene</b> <b>oro - etsak</b> 2sg.   1excl.A+‘ver’ ‘[Nós] te vemos.’
(77) Aweti (cf. BORELLA)	(78) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>ozo - tã - Ø</b> <b>en</b> 1excl.A+‘pintar’+Perf.   2sg. ‘[Nós] te pintamos.’	<b>uru - i - sej</b> <b>en</b> 1excl.A+At.T+‘lavar’   2sg. ‘[Nós] te lavamos.’

Em se tratando, entretanto, de participante *+agentivo* de primeira, segunda ou terceira pessoa e participante *–agentivo* de terceira pessoa, os verbos ativos do Sateré-Mawé<sup>237</sup> (cf. FRANCESCHINI) e transitivos do Araweté (cf. SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI) e Aweti

<sup>237</sup> Em Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 2002), nos contextos em que ambos os participantes *+agentivo* e *–agentivo* são de terceira pessoa, o verbo pode ocorrer com proforma de *série ativa* (índice do participante *+agentivo*) ou de *série inativa* (índice do participante *–agentivo*). Esta questão, porém, será discutida na subseção *Proformas de série inativa*, apresentada mais adiante.

(cf. BORELLA) são igualmente flexionados por proforma de *série ativa* (índice de participante +*agentivo*).

(79a-c) Araweté (cf. SOLANO)		
<b>a - etʃa ku he kumeʔe</b> 1sg.A+‘ver’ Foc. 1sg. ‘homem’ ‘Eu vi o homem.’	<b>ere - tʃa ku ne kumeʔe</b> 2sg.A+‘ver’ Foc. 2sg. ‘homem’ ‘Você viu o homem.’	<b>neura atʃaʔi u - tʃai</b> <i>Neura</i> ‘açai’ 3A+‘amassar’ ‘Neura amassou açai.’

(80a-c) Kamaiurá (cf. SEKI)		
<b>jawár - (a) a - juka</b> ‘onça’+N 1sg.A+‘matar’ ‘[Eu] matei a onça.’	<b>jawár - (a) ere - juka</b> ‘onça’+N 2sg.A+‘matar’ ‘[Você] matou a onça.’	<b>pe - a paku - a o - pihik</b> ‘aquele’+N ‘paca’+N 3A+‘pegar’ ‘Aquele pegou a paca.’

(81a-c) Awetí (cf. BORELLA)		
<b>a - tã - Ø kujã</b> 1sg.A+‘pintar’+Perf. ‘mulher’ ‘[Eu] pintei a mulher.’	<b>e - tã - Ø kujã</b> 2sg.A+‘pintar’+Perf. ‘mulher’ ‘[Você] pintou a mulher.’	<b>wara wej - tuʔu - Ø moj</b> ‘lobo’ 3A+‘morder’+Perf. ‘cobra’ ‘O lobo mordeu a cobra.’

(82a-c) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
<b>a - ti - sej hirokat</b> 1sg.A+At.T+‘lavar’ ‘criança’ ‘[Eu] lavei a criança.’	<b>e - ti - sej hirokat</b> 2sg.A+At.T+‘lavar’ ‘criança’ ‘[Você] lavou a criança.’	<b>aseʔi Ø - ti - ʔauka moi</b> ‘velho’ 3A+At.T+‘matar’ ‘cobra’ ‘O velho matou a cobra.’

As construções verbais destas línguas assemelham-se, ainda, ao serem assinaladas por proforma de *série inativa* (índice de participante –*agentivo*) nos seguintes contextos: **(a)** se o participante +*agentivo* é de segunda pessoa e o –*agentivo* de primeira pessoa; **(b)** se o participante +*agentivo* é de terceira pessoa e o –*agentivo* de primeira ou de segunda pessoa.

(83a-c) Araweté (cf. SOLANO)		
<b>he r - etʃa ku ne</b> 1sg.I R <sup>1</sup> +‘ver’ Foc. 2sg. ‘Você [me] viu.’	<b>he r - etʃa ku Jeʔereru</b> 1sg.I R <sup>1</sup> +‘ver’ Foc. <i>Jeʔereru</i> ‘Jeʔereru [me] viu.’	<b>ne r - etʃa ku Jeʔereru</b> 2sg.I R <sup>1</sup> +‘ver’ Foc. <i>Jeʔereru</i> ‘Jeʔereru [te] viu.’

(84a-c) Kamaiurá (cf. SEKI)		
<b>ene je = r - nupã</b> 2sg. 1sg.I+R <sup>1</sup> +‘bater’ ‘Você [me] bateu.’	<b>kujã je = Ø - nupã</b> ‘mulher’ 1sg.I+R <sup>1</sup> +‘bater’ ‘A mulher [me] bateu.’	<b>kujã ne = Ø - nupã</b> ‘mulher’ 2sg.I+R <sup>1</sup> +‘bater’ ‘A mulher [te] bateu.’

(85a-c) Aweti (cf. BORELLA)		
<b>en i - tã - Ø</b> 2sg. 1sg.I+‘pintar’+Perf. ‘Você [me] pintou.’	<b>kujã i - tã - Ø</b> ‘mulher’ 1sg.I+‘pintar’+Perf. ‘A mulher [me] pintou.’	<b>kujã e - tã - Ø</b> ‘mulher’ 2sg.I+‘pintar’+Perf. ‘A mulher [te] pintou.’

(86a-c) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
<b>en u - i - sej</b> 2sg. 1sg.I+Inv.II+‘lavar’ ‘Você [me] lavou.’ (Eu fui lavado por você.)	<b>hariporia u - i - sej</b> ‘mulher’ 1sg.I+Inv.II+‘lavar’ ‘A mulher [me] lavou.’ (Eu fui lavado pela mulher.)	<b>hariporia e - Ø - sej</b> ‘mulher’ 2sg.I+Inv.II+‘lavar’ ‘A mulher [te] lavou.’ (Você foi lavado pela mulher.)

A ocorrência de proformas de *série ativa*, *inativa* ou *portmanteau* em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé é abordada separadamente nas subseções seguintes.

#### 4.4.1.1.1 Proformas de série ativa

Os verbos *médios* e *ativos* do Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), assim como os *intransitivo-ativos* e *transitivos* do Araweté (cf. VIEIRA & LEITE; SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI) e Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA; SABINO) são semelhantemente assinalados por proforma de *série ativa*<sup>238</sup>. Em nível semântico-referencial, esta proforma codifica o participante a partir do qual se inicia o processo expresso pelo verbo.

O quadro a seguir ilustra as proformas de *série ativa* do Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.

<sup>238</sup> Para fins de comparação, adotamos o termo *série ativa* para referenciar, simultaneamente, os prefixos pessoais de *série subjetiva* do Araweté (cf. VIEIRA & LEITE) e do Kamaiurá (cf. SEKI); de *série ativa* do Aweti (cf. BORELLA); e de *série agentiva* do Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI).

**Quadro L:** Proformas de série ativa: Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.

	<b>Araweté</b> (cf. SOLANO)	<b>Kamaiurá</b> (cf. SEKI)	<b>Aweti</b> (cf. MONSERRAT; BORELLA)		<b>Sateré-Mawé</b> (cf. FRANCESCHINI)		
	<i>Intransitivo-ativos</i> <i>Transitivos</i>	<i>Intransitivo-ativos</i> <i>Transitivos</i>	<i>Intransitivo-ativos</i>	<i>Transitivos</i>	<i>Médios</i>		<i>Ativos</i>
					Atélicos	Télicos	
1sg.	<i>a-</i>	<i>a-</i>	<i>a- ~ aj-</i>	<i>a-</i>	<i>a-</i>		<i>a-</i>
1incl.	<i>u-</i>	<i>ja-</i>	<i>kaj-</i>	<i>tí-</i>	<i>wa-</i>		<i>wa-</i>
1excl.	<i>uru-</i>	<i>oro-</i>	<i>ozo-</i>	<i>ozo- ~ ozoj-</i>	<i>uru-</i>		<i>uru-</i>
2sg.	<i>ere-</i>	<i>ere-</i>	<i>e- ~ ej-</i>	<i>e-</i>	<i>e-</i>		<i>e-</i>
2pl.	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	<i>eʔi-</i>	<i>pej-</i>	<i>ewei-</i>		<i>ewe-</i>
3sg.	<i>u-</i>	<i>o-</i>	<i>o-</i>	<i>wej-</i>	<i>Ø-</i>		<i>Ø-</i>
3pl.					<i>teʔero-</i>	<i>iʔatu-</i>	

Fonte: quadro elaborado pela autora.

No quadro acima, estão apresentadas as proformas de *série ativa* compatíveis com verbos *intransitivo-ativos* e *transitivos* (Araweté, Kamaiurá e Aweti), bem como *médios* e *ativos* (Sateré-Mawé).

Em Araweté (cf. VIEIRA & LEITE; SOLANO) e Kamaiurá (cf. SEKI), verbos intransitivo-ativos e transitivos são compatíveis com a *mesma série* de proformas ativas. A língua Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA; SABINO), porém, apresenta *duas séries*: uma compatível com verbos intransitivo-ativos, outra com verbos transitivos. Em Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), por sua vez, verbos médios e ativos são flexionados pela mesma série, exceto quando de segunda e de terceira pessoa do plural.

Os exemplos a seguir ilustram a flexão verbal por proforma de *série ativa*.

(87) Araweté (cf. SOLANO)		(88) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>a - tfe</b> 1sg.A+‘dormir’ ‘[Eu] durmo.’	<b>a - juka</b> 1sg.A+‘matar’ ‘[Eu] mato.’	<b>a - ket</b> 1sg.A+‘dormir’ ‘[Eu] durmo.’	<b>a - juka</b> 1sg.A+‘matar’ ‘[Eu] mato.’
(89) Aweti (cf. SABINO)		(90) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>a - tet</b> 1sg.A+‘dormir’ ‘[Eu] durmo.’	<b>a - kij</b> 1sg.A+‘matar’ ‘[Eu] mato.’	<b>a - re - ket</b> 1sg.A+Med.+‘dormir’ ‘[Eu] durmo.’	<b>a - ti - ?auka</b> 1sg.A+At.T+‘matar’ ‘[Eu] mato.’

O prefixo {*a-*}, referente à *primeira pessoa do singular*, ocorre em todas as línguas. Já em Aweti, em se tratando de verbos intransitivo-ativos, são empregados os alomorfes {*a-*}, compatível com raízes iniciadas por consoante, e {*aj-*}, com raízes iniciadas por vogal.

Os prefixos de *primeira pessoa do plural*, por sua vez, são empregados em situações distintas. O *inclusivo* remete, em nível enunciativo, a locutor e interlocutor presentes em situação comunicativa: em Kamaiurá, é expresso pelo prefixo {*ja-*}; em Sateré-Mawé, pelo morfema {*wa-*}; em Aweti, pelos morfemas {*kaj-*}, compatível com verbos intransitivo-ativos, e {*ti-*}, com verbos transitivos. Em se tratando do Araweté, porém, o pronome de primeira pessoa inclusiva *mide* coocorre com o morfema de terceira pessoa {*u-*} prefixado à raiz verbal.

(91) Araweté (cf. SOLANO)		(92) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>mide u - tfe</b> 1incl. 3A+‘dormir’ ‘[Nós] dormimos.’	<b>mide u - juka</b> 1incl. 3A+‘matar’ ‘[Nós] matamos.’	<b>ja - ket</b> 1incl.A+‘dormir’ ‘[Nós] dormimos.’	<b>ja - juka</b> 1incl.A+‘matar’ ‘[Nós] matamos.’
(93) Aweti (cf. SABINO)		(94) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>kaj - tet</b> 1incl.A+‘dormir’ ‘[Nós] dormimos.’	<b>ti - kij</b> 1incl.A+‘matar’ ‘[Nós] matamos.’	<b>wa - to - ket</b> 1incl.A+Med.+‘dormir’ ‘[Nós] dormimos.’	<b>wa - ti - ?auka</b> 1incl.A+At.T+‘matar’ ‘[Nós] matamos.’

O prefixo pessoal *exclusivo*, ao contrário, referencia locutor e outros participantes da conversação, salvo interlocutor: em Araweté e Sateré-Mawé, é expresso pelo morfema {*uru-*}; em Kamaiurá, semelhantemente, pelo morfema {*oro-*}; em Aweti, entretanto, é representado pelos alomorfes {*ozo-*}, compatível com verbos intransitivo-ativos e transitivos, e {*ozoj-*}, com verbos transitivos. Em se tratando de verbos transitivos, o prefixo {*ozo-*} é compatível com raízes iniciadas por vogal, enquanto o prefixo {*ozoj-*} ocorre com raízes iniciadas por consoante.

(95) Araweté (cf. SOLANO)		(96) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>uru - tfe</b> 1excl.A+‘dormir’ ‘[Nós] dormimos.’	<b>uru - juka</b> 1excl.A+‘matar’ ‘[Nós] matamos.’	<b>oro - ket</b> 1excl.A+‘dormir’ ‘[Nós] dormimos.’	<b>oro - juka</b> 1excl.A+‘matar’ ‘[Nós] matamos.’
(97) Aweti (cf. SABINO)		(98) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>ozo - tet</b> 1excl.A+‘dormir’ ‘[Nós] dormimos.’	<b>ozoj - kij</b> 1excl.A+‘matar’ ‘[Nós] matamos.’	<b>uru - to - ket</b> 1excl.A+Med.+‘dormir’ ‘[Nós] dormimos.’	<b>uru - i - ?auka</b> 1excl.A+At.T+‘matar’ ‘[Nós] matamos.’

Em Araweté e Kamaiurá, o morfema {*ere-*} referencia a *segunda pessoa do singular*. Em Aweti, por sua vez, é expressa pelos alomorfes {*ej-*}, que ocorre com verbos intransitivo-ativos, e {*e-*}, compatível com verbos transitivos e intransitivo-ativos. Em se tratando de verbos intransitivo-ativos, o alomorfe {*ej-*} é compatível apenas com raízes iniciadas pela vogal /a/; o alomorfe {*e-*}, por seu turno, compatível com raízes iniciadas por consoante e

qualquer vogal exceto /a/. Assim como em Aweti, a segunda pessoa do singular é expressa em Sateré-Mawé pelo prefixo pessoal {*e-*}.

(99) Araweté (cf. SOLANO)		(100) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>ere - tje</b> 2sg.A+‘dormir’ ‘[Você] dorme.’	<b>ere - juka</b> 2sg.A+‘matar’ ‘[Você] mata.’	<b>ere - ket</b> 2sg.A+‘dormir’ ‘[Você] dorme.’	<b>ere - juka</b> 2sg.A+‘matar’ ‘[Você] mata.’
(101) Aweti (cf. SABINO)		(102) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>e - tet</b> 2sg.A+‘dormir’ ‘[Você] dorme.’	<b>e - kij</b> 2sg.A+‘matar’ ‘[Você] mata.’	<b>e - re - ket</b> 2sg.A+Med.+‘dormir’ ‘[Você] dorme.’	<b>e - ti - ?auka</b> 2sg.A+At.T+‘matar’ ‘[Você] mata.’

Em Aweti e Sateré-Mawé, a *segunda pessoa do plural* pode ser expressa por prefixos distintos. Em Aweti, os verbos intransitivo-ativos são compatíveis com o prefixo {*e?i-*}, enquanto os transitivos ocorrem com o prefixo {*pej-*}. Em Sateré-Mawé, porém, o prefixo {*ewei-*} marca os verbos médios, ao passo que os ativos ocorrem com {*ewe-*}. Em Kamaiurá e Araweté, por sua vez, tanto os intransitivo-ativos quanto transitivos ocorrem com o prefixo pessoal {*pe-*}, semelhante ao morfema {*pej-*} empregado em Aweti.

(103) Araweté (cf. SOLANO)		(104) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>pe - tje</b> 2pl.A+‘dormir’ ‘[Vocês] dormem.’	<b>pe - juka</b> 2pl.A+‘matar’ ‘[Vocês] matam.’	<b>pe - ket</b> 2pl.A+‘dormir’ ‘[Vocês] dormem.’	<b>pe - juka</b> 2pl.A+‘matar’ ‘[Vocês] matam.’
(105) Aweti (cf. SABINO)		(106) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>e?i - tet</b> 2pl.A+‘dormir’ ‘[Vocês] dormem.’	<b>pej - kij</b> 2pl.A+‘matar’ ‘[Vocês] matam.’	<b>ewei - Ø - ket</b> 2pl.A+Med.+‘dormir’ ‘[Vocês] dormem.’	<b>ewe - ti - ?auka</b> 2pl.A+At.T+‘matar’ ‘[Vocês] matam.’

Em Araweté e Kamaiurá, a *terceira pessoa* é expressa pelos prefixos pessoais {*u-*} e {*o-*}, respectivamente. Em Aweti, porém, pode ser expressa por prefixos distintos: {*o-*}, compatível com verbos intransitivo-ativos, e {*wej-*}, com verbos transitivos.

A língua Sateré-Mawé, por sua vez, distingue-se das demais por apresentar prefixos distintos que codificam a *terceira pessoa do singular e do plural*. A terceira pessoa do singular é codificada pelo prefixo {Ø-}, compatível com verbos médios e ativos. A terceira pessoa do plural, todavia, pode ser expressa pelo prefixo {Ø-}, compatível com verbos ativos, ou pelos alomorfes {te?ero-}<sup>239</sup> ~ {i?atu-}: o primeiro ocorre com verbos médio-atélicos; o segundo, porém, com verbos médio-télicos.

(107) Araweté (cf. SOLANO)		(108) Kamaiurá (cf. SEKI)		
<b>u - tje</b> 3A+‘dormir’ ‘Ele(a) dorme.’ ‘Eles(as) dormem.’	<b>u - juka</b> 3A+‘matar’ ‘Ele(a) mata.’ ‘Eles(as) matam.’	<b>o - ket</b> 3A+‘dormir’ ‘Ele(a) dorme.’	<b>o - juka</b> 3A+‘matar’ ‘Ele(a) mata.’	<b>o - juka = awa</b> <b>o - ket = awa</b> 3A+‘matar/dormir’+pl. ‘Eles(as) matam.’ ‘Eles(as) dormem.’
(109) Aweti (cf. SABINO)		(110) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
<b>o - tet</b> 3A+‘dormir’ ‘Ele(a) dorme.’ ‘Eles(as) dormem.’	<b>wej - kij</b> 3A+‘matar’ ‘Ele(a) mata.’ ‘Eles(as) matam.’	<b>Ø - to - ket</b> 3sg.A+Med.+‘dormir’ ‘Ele(a) dorme.’	<b>Ø - ti - ?auka</b> 3sg.A+At.T+‘matar’ ‘Ele(a) mata.’ ‘Eles(as) matam.’	<b>te?ero - ket</b> 3pl.A+‘dormir’ ‘Eles(as) dormem.’

A seguir, estão as proformas do Araweté, Kamaiurá e Aweti compatíveis com verbos no *modo imperativo*. Em Araweté (cf. VIEIRA & LEITE; SOLANO) e Kamaiurá (cf. SEKI), verbos intransitivo-ativos e transitivos ocorrem com a *mesma série* de proformas. Em Aweti (cf. MONSERRAT; SABINO), porém, há *duas séries* desta natureza: uma compatível com verbos intransitivo-ativos, outra com verbos transitivos. Diferentemente das demais, o Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI) não apresenta série específica de proformas para o modo imperativo.

O quadro a seguir ilustra as proformas de *série imperativa* do Araweté, Kamaiurá e Aweti, em contraste com a língua Sateré-Mawé.

<sup>239</sup> O alomorfe {te?ero-} do prefixo de *terceira pessoa do plural* é resultado de amálgama do prefixo de terceira pessoa e do prefixo relacional médio (cf. FRANCESCHINI, 1999).



**Quadro M:** Proformas de série imperativa: Araweté, Kamaiurá e Aweti.

	<b>Araweté</b> (cf. SOLANO)	<b>Kamaiurá</b> (cf. SEKI)	<b>Aweti</b> (cf. MONSERRAT; SABINO)		<b>Sateré-Mawé</b> (cf. FRANCESCHINI)	
	<i>Intransitivo-ativos</i> <i>Transitivos</i>		<i>Intransitivo-ativos</i>	<i>Transitivos</i>	<i>Médios</i>	<i>Ativos</i>
2sg.	<i>e-</i>	<i>e- ~ ere-</i>	<i>i-</i>	<i>jo-</i>	<i>e-</i>	
2pl.	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	<i>pej-</i>		<i>ewei-</i>	<i>ewe-</i>

Fonte: quadro elaborado pela autora.

Em Araweté, a *segunda pessoa do singular* é expressa pelo prefixo {*e-*}, compatível com verbos intransitivo-ativos e transitivos. Em Kamaiurá, por sua vez, verbos intransitivo-ativos e transitivos podem ocorrer com os alomorfes {*e-*} ~ {*ere-*}: o primeiro assinala o verbo em enunciado imperativo-afirmativo; o segundo, porém, em enunciado imperativo-negativo. Em Aweti, a segunda pessoa do singular é codificada por prefixos distintos: o prefixo {*i-*} é compatível com verbos intransitivo-ativos, já o prefixo {*jo-*} ocorre com verbos transitivos. Em Sateré-Mawé, assim como em Araweté, verbos médios e ativos ocorrem com o prefixo pessoal {*e-*}.

<b>(111) Araweté</b> (cf. SOLANO)		<b>(112) Kamaiurá</b> (cf. SEKI)	
<b>e - tfe</b> 2sg.i+‘dormir’ ‘Durma!’	<b>e - juka</b> 2sg.i+‘matar’ ‘Mate!’	<b>ere - ket - em</b> <sup>240</sup> 2sg.i+‘dormir’+Imp.Neg. ‘Não durma!’	<b>e - juka</b> 2sg.i+‘matar’ ‘Mate!’
<b>(113) Aweti</b> (cf. SABINO)		<b>(114) Sateré-Mawé</b> (cf. FRANCESCHINI)	
<b>i - tet</b> 2sg.i+‘dormir’ ‘Durma!’	<b>jo - kij</b> 2sg.i+‘matar’ ‘Mate!’	<b>e - re - ket ro</b> 2sg.A+Med.+‘dormir’ Imp. ‘Durma!’	<b>e - ti - ?auka to</b> 2sg.A+At.T+‘matar’ Imp. ‘Mate!’

A *segunda pessoa do plural*, por sua vez, é expressa em Araweté, Kamaiurá e Aweti por prefixos foneticamente semelhantes. Em Araweté e Kamaiurá, verbos intransitivo-ativos e transitivos são flexionados pelo prefixo {*pe-*}; em Aweti, semelhantemente, pelo prefixo

<sup>240</sup> Em Kamaiurá, conforme Seki (2000, p. 128), “o imperativo caracteriza-se [...] por apresentar, na forma negativa, um sufixo negativo específico, {*-em*}.”

{*pej-*}. Em Sateré-Mawé, por sua vez, verbos médios e ativos ocorrem com prefixos pessoais distintos: {*ewei-*}, compatível com verbos médios, e {*ewe-*}, com verbos ativos.

(115) Araweté (cf. SOLANO)		(116) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>pe - tje</b> 2pl.i+‘dormir’ ‘Durmam!’	<b>pe - juka</b> 2pl.i+‘matar’ ‘Matem!’	<b>pe - ket</b> 2pl.i+‘dormir’ ‘Durmam!’	<b>pe - juka</b> 2pl.i+‘matar’ ‘Matem!’
(117) Aweti (cf. SABINO)		(118) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>pej - tet</b> 2pl.i+‘dormir’ ‘Durmam!’	<b>pej - kij</b> 2pl.i+‘matar’ ‘Matem!’	<b>ewei - Ø - ket ro</b> 2pl.A+Med.+‘dormir’ Imp. ‘Durmam!’	<b>ewe - i - ?auka to</b> 2pl.A+At.T+‘matar’ Imp. ‘Matem!’

Os verbos a seguir estão apresentados nos modos *indicativo* e *imperativo*. Observe que, em Araweté, Kamaiurá e Aweti, a flexão dos verbos intransitivo-ativos está condicionada ao modo verbal. Em Sateré-Mawé, porém, a mesma série de proformas que ocorre com os verbos no modo indicativo também ocorre com os verbos no modo imperativo.

(119) Araweté (cf. SOLANO)		(120) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<i>Indicativo</i>	<i>Imperativo</i>	<i>Indicativo</i>	<i>Imperativo</i>
<b>ere - jija</b> 2sg.A+‘cantar’ ‘[Você] canta.’	<b>e - jija</b> 2sg.i+‘cantar’ ‘Cante!’	<b>ere - jan</b> 2sg.A+‘correr’ ‘[Você] corre.’	<b>e - jan</b> 2sg.i+‘correr’ ‘Corra!’
(121) Aweti (cf. MONSERRAT)		(122) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<i>Indicativo</i>	<i>Imperativo</i>	<i>Indicativo</i>	<i>Imperativo</i>
<b>e - tó</b> 2sg.A+‘ir’ ‘[Você] vai.’	<b>i - tó</b> 2sg.i+‘ir’ ‘Vá!’	<b>e - re - ket</b> 2sg.A+Med.+‘dormir’ ‘[Você] dorme.’	<b>e - re - ket ro</b> 2sg.A+Med.+‘dormir’ Imp. ‘Durma!’

Os verbos *médio* (Sateré-Mawé) e *intransitivo-ativos* (Araweté, Kamaiurá e Aweti), acima, são flexionados por proforma de segunda pessoa do singular. Em Araweté, a raiz verbal {-*jija*} ‘cantar’ ocorre com os prefixos {*ere-*}, no indicativo, e {*e-*}, no imperativo. Também em Kamaiurá, a raiz {-*jan*} ‘correr’ é flexionada pelos prefixos {*ere-*}, no

indicativo, e {*e-*}, no imperativo. Em Aweti, por sua vez, são prefixados à raiz {-*to*} ‘*ir*’ os prefixos {*e-*} e {*i-*}, próprios do indicativo e imperativo, respectivamente. Em Sateré-Mawé, diferentemente das demais línguas, a raiz verbal {-*ket*} ‘*dormir*’ ocorre com o prefixo pessoal {*e-*}, independentemente do modo, sendo o imperativo marcado pela partícula *ro*.

(123) Araweté (cf. SOLANO)		(124) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<i>Indicativo</i>	<i>Imperativo</i>	<i>Indicativo</i>	<i>Imperativo</i>
<b>ere - juka</b> 2sg.A+‘matar’ ‘[Você] mata.’	<b>e - juka</b> 2sg.i+‘matar’ ‘Mate!’	<b>ere - juka</b> 2sg.A+‘matar’ ‘[Você] mata.’	<b>e - juka</b> 2sg.i+‘matar’ ‘Mate!’
(125) Aweti (cf. SABINO)		(126) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<i>Indicativo</i>	<i>Imperativo</i>	<i>Indicativo</i>	<i>Imperativo</i>
<b>e - kij</b> 2sg.A+‘matar’ ‘[Você] mata.’	<b>jo - kij</b> 2sg.i+‘matar’ ‘Mate!’	<b>e - ti - ?auka</b> 2sg.A+At.T+‘matar’ ‘[Você] mata.’	<b>e - ti - ?auka to</b> 2sg.A+At.T+‘matar’ Imp. ‘Mate!’

Os verbos *ativo* (Sateré-Mawé) e *transitivos* (Araweté, Kamaiurá e Aweti), acima, são flexionados por proforma de segunda pessoa do singular. Em Araweté, a raiz verbal {-*juka*} ocorre com os prefixos {*ere-*}, no indicativo, e {*e-*}, no imperativo. Também em Kamaiurá, a raiz {-*juka*} é flexionada pelos prefixos {*ere-*}, no indicativo, e {*e-*}, no imperativo. Em Aweti, por sua vez, são prefixados à raiz {-*kij*} os prefixos {*e-*} e {*jo-*}, próprios do indicativo e imperativo, respectivamente. Em Sateré-Mawé, entretanto, a raiz verbal {-*?auka*} ocorre com o prefixo pessoal {*e-*}, independentemente do modo, sendo o imperativo marcado pela partícula *to*.

#### 4.4.1.1.2 Proformas de série inativa

Os verbos *estativos* do Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), assim como os *intransitivo-descritivos* do Araweté (cf. VIEIRA & LEITE), Kamaiurá (cf. SEKI) e Aweti

(cf. MONSERRAT; BORELLA), são prefixados por proforma de *série inativa*<sup>241</sup> que, em nível semântico-referencial, codifica o participante caracterizado por qualidade ou estado.

As proformas desta série podem também ocorrer com verbos **ativos** (Sateré-Mawé) e **transitivos** (Araweté, Kamaiurá e Aweti), e, neste caso, codificam o participante atingido pelo processo expresso pelo verbo. Conforme já apresentado, a ocorrência de *proforma inativa* em construção ativa/transitiva é determinada pela *hierarquia de referência pessoal* operante nestas línguas.

---

<sup>241</sup> Para fins de comparação, adotamos o termo *série inativa* para referenciar, simultaneamente, os pronomes de *série objetiva* do Araweté (cf. VIEIRA & LEITE); os *pronomes clíticos* do Kamaiurá (cf. SEKI); e os prefixos de *série inativa* do Aweti e Sateré-Mawé (cf. BORELLA; FRANCESCHINI).

**Quadro N:** Proformas de série inativa: Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.

	Araweté (cf. VIEIRA & LEITE; SOLANO)		Kamaiurá (cf. SEKI)		Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA)		Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
	Descritivos	Transitivos	Descritivos	Transitivos	Descritivos	Transitivos	Estativos	Ativos
1sg.	he		je=		i- ~ it-		u-	
1incl.	mide		jene=		kaj-		a-	
1excl.	ure		ore=		ozo-		uru-	
2sg.	ne		ne=		e- ~ ej-		e-	
2pl.	pẽ		pe=		eʔi-			
3sg.	i- ∞ t- ∞ (h- ~ dʒ- ~ ð-)		(i- ~ ij-) ∞ {t-} ∞ {h-}		i- ~ t-		Ø-	Ø-
3pl.							iʔatu-	

Fonte: quadro elaborado pela autora.

No quadro acima, estão apresentadas as proformas de *série inativa* compatíveis com verbos *intransitivo-descritivos* e *transitivos* (Araweté, Kamaiurá e Aweti), bem como *estativos* e *ativos* (Sateré-Mawé).

Estas línguas têm em comum o fato de que os verbos descritivos/estativos ocorrem com proforma de *série inativa* em todas as pessoas do discurso. Em Araweté (cf. SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI) e Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA), porém, os verbos transitivos não ocorrem com proforma inativa de terceira pessoa. Conforme a *hierarquia de referência pessoal* vigente nestas línguas, quando ambos os participantes *+agentivo* e *-agentivo* são de terceira pessoa, prevalece o *+agentivo*, codificado no verbo por proforma de *série ativa*.

(127) Araweté (cf. SABINO)	(128) Kamaiurá (cf. SEKI)	(129) Aweti (cf. BORELLA)
<b>neura atʃaʔi u - tʃai</b> <i>Neura</i> ‘açai’ 3A+‘amassar’ ‘Neura amassou açai.’	<b>pe - a paku - a o - pihik</b> ‘aquele’+N ‘paca’+N 3A+‘pegar’ ‘Aquele pegou a paca.’	<b>wara wej - tuʔu - Ø moj</b> ‘lobo’ 3A+‘morder’+Perf. ‘cobra’ ‘O lobo mordeu a cobra.’

Em Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 2002, p. 229), porém, os verbos ativos podem ocorrer com proforma *ativa* ou *inativa* de terceira pessoa, o que depende de fator pragmático-discursivo. Nos contextos em que o participante *+agentivo* é o “centro de interesse de um discurso”, este é codificado no verbo por proforma de *série ativa*; ao contrário, se o participante *-agentivo* é o *centro*, o verbo ocorre com proforma de *série inativa*<sup>242</sup>.

(130) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>hirokat - ria Ø - tu - ʔu kupu</b> ‘criança’+pl. 3pl.A+At.T+‘comer’ ‘cupuaçu’ ‘As crianças comeram cupuaçu.’	<b>Ø - i - pitik surara</b> 3pl.I+Inv.+‘prender’ ‘soldado’ ‘O soldado [os] prendeu.’ (Eles foram presos pelo soldado.)

Os exemplos a seguir ilustram a flexão verbal por proforma de *série inativa*.

<sup>242</sup> Franceschini (2012) analisa os verbos ativos flexionados por proforma de *série inativa* como *construções inversas*.

(131) Araweté (cf. SOLANO)		(132) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>he r - uri</b> 1sg.I R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Eu] estou alegre.’	<b>he Ø - nupĩ ku ne</b> 1sg.I R <sup>1</sup> +‘bater’ Foc. 2sg. ‘Você [me] bateu.’	<b>je = r - orip</b> 1sg.I+R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Eu] sou alegre.’	<b>ene je = Ø - nupã</b> 2sg. 1sg.I+R <sup>1</sup> +‘bater’ ‘Você [me] bateu.’
(133) Aweti (cf. MONSERRAT)		(134) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>i - katu</b> 1sg.I+‘bom’ ‘[Eu] sou bom.’	<b>it - ětúp ?en</b> 1sg.I+‘ouvir’ 2sg. ‘Você [me] ouviu.’	<b>u - i - waku</b> 1sg.I+Atrib.II+‘bom’ ‘[Eu] sou bom.’	<b>u - i - himu:t en</b> 1sg.I+Inv.+‘acordar’ 2sg. ‘Você [me] acordou <sup>243</sup> .’

Conforme os exemplos, a *primeira pessoa do singular* é expressa, nestas línguas, por diferentes proformas. Em Araweté, é codificada pelo pronome pessoal **he**, e, em Kamaiurá, pelo pronome clítico {**je=**}. Em Aweti, porém, pode ser expressa pelos alomorfes {**i-**}, compatível com raízes iniciadas por consoante, e {**it-**}, com raízes iniciadas por vogal. Em Sateré-Mawé, por sua vez, é expressa pelo prefixo pessoal {**u-**}.

Também a *primeira pessoa inclusiva* é codificada, nestas línguas, por elementos pronominais bastante distintos. Em Araweté, é expressa pelo pronome pessoal **mide**; em Kamaiurá, pelo pronome clítico {**jene=**}; em Aweti, pelo prefixo pessoal {**kaj-**}; em Sateré-Mawé, porém, pelo prefixo pessoal {**a-**}.

(135) Araweté (cf. SOLANO)		(136) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>mide r - uri</b> 1incl.I R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Nós] estamos alegres.’	<b>ne ku mide Ø - nupĩ</b> 2sg. Foc. 1incl.I R <sup>1</sup> +‘bater’ ‘Foi você que [nos] bateu.’	<b>jene = r - orip</b> 1incl.I+R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Nós] somos alegres.’	<b>ene jene = Ø - nupã</b> 2sg. 1incl.I+R <sup>1</sup> +‘bater’ ‘Você [nos] bateu.’
(137) Aweti (cf. MONSERRAT)		(138) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>kaj - katu</b> 1incl.I+‘bom’ ‘[Nós] somos bons.’	<b>kaj - ětúp ?en</b> 1incl.I+‘ouvir’ 2sg. ‘Você [nos] ouviu.’	<b>a - i - waku</b> 1incl.I+Atrib.II+‘bom’ ‘[Nós] somos bons.’	<b>en a - i - himu:t</b> 2sg. 1incl.I+Inv.+‘acordar’ ‘Você [nos] acordou <sup>244</sup> .’

Em se tratando da *primeira pessoa exclusiva*, todavia, esta é expressa em Araweté, Kamaiurá e Sateré-Mawé por elementos pronominais semelhantes. Em Araweté, pelo

<sup>243</sup> Lit.: Eu fui acordado por você.

<sup>244</sup> Lit.: Nos fomos acordados por você.

pronome pessoal *ure*; em Kamaiurá, pelo pronome clítico {*ore*=}; e, em Sateré-Mawé, pelo prefixo pessoal {*uru*-}. Em Aweti, por sua vez, o prefixo pessoal {*ozo*-} é o que codifica a primeira pessoa exclusiva.

(139) Araweté (cf. SOLANO)		(140) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>ure</b> <b>r - uri</b> 1excl.I   R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Nós] estamos alegres.’	<b>ne ku ure Ø - nupĩ</b> 2sg. Foc. 1excl.I R <sup>1</sup> +‘bater’ ‘Foi você que [nos] bateu.’	<b>ore = r - orip</b> 1excl.I+R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Nós] somos alegres.’	<b>ene ore = Ø - nupã</b> 2sg. 1excl.I+R <sup>1</sup> +‘bater’ ‘Você [nos] bateu.’
(141) Aweti (cf. MONSERRAT)		(142) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>ozo - katu</b> 1excl.I+‘bom’ ‘[Nós] somos bons.’	<b>ozo - ãtúp    ?en</b> 1excl.I+‘ouvir’    2sg. ‘Você [nos] ouviu.’	<b>uru - Ø - waku</b> 1excl.I+Atrib.II+‘bom’ ‘[Nós] somos bons.’	<b>en uru - Ø - himu:t</b> 2sg. 1excl.I+Inv.+‘acordar’ ‘Você [nos] acordou <sup>245</sup> .’

Em Araweté e Kamaiurá, a *segunda pessoa do singular* é expressa por morfemas idênticos: *ne*, pronome pessoal, e {*ne*=}, pronome clítico, respectivamente. Em Aweti, por sua vez, pode ser expressa pelos alomorfes {*ej*-}, compatível apenas com raízes iniciadas pela vogal /a/, ou pelo alomorfe {*e*-}, com raízes iniciadas por consoante e qualquer vogal exceto /a/. Em Sateré-Mawé, assim como em Aweti, a segunda pessoa do singular é codificada pelo prefixo pessoal {*e*-}.

(143) Araweté (cf. SOLANO)		(144) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>ne</b> <b>r - uri</b> 2sg.I   R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Você] está alegre.’	<b>ne Ø - nupĩ ku</b> 2sg.I   R <sup>1</sup> +‘bater’    Foc. ‘[Ele] [te] bateu.’	<b>ne = r - orip</b> 2sg.I+R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Você] é alegre.’	<b>ne = Ø - nupã</b> 2sg.I+R <sup>1</sup> +‘bater’ ‘[Ele] [te] bateu.’
(145) Aweti (cf. MONSERRAT)		(146) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>e - katu</b> 2sg.I+‘bom’ ‘[Você] é bom.’	<b>e - ãtúp    ujá</b> 2sg.I+‘ouvir’    dem. ‘Este [te] ouviu.’	<b>e - Ø - waku</b> 2sg.I+Atrib.II+‘bom’ ‘[Você] é bom.’	<b>e - Ø - himu:t    mi?i</b> 2sg.I+Inv.+‘acordar’    3sg. ‘Ele [te] acordou <sup>246</sup> .’

Assim como a segunda pessoa do singular, a *segunda pessoa do plural* é expressa em Araweté e Kamaiurá por morfemas idênticos: *pẽ*, pronome pessoal, e {*pe*=}, pronome clítico,

<sup>245</sup> Lit.: Nós fomos acordados por você.

<sup>246</sup> Lit.: Você foi acordado por ele.



respectivamente. Em Aweti, por sua vez, é codificada pelo prefixo pessoal {*eʔi-*}; em Sateré-Mawé, porém, pelo prefixo pessoal {*e-*}.

(147) Araweté (cf. SOLANO)		(148) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>pẽ n - uri</b> 2pl.I R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Vocês] estão alegres.’	<b>pẽ Ø - nupĩ ku</b> 2pl.I R <sup>1</sup> +‘bater’ Foc. ‘[Ele] [vos] bateu.’	<b>pe = n - orip</b> 2pl.I+R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Vocês] são alegres.’	<b>pe = Ø - nupã</b> 2pl.I+R <sup>1</sup> +‘bater’ ‘[Ele] [vos] bateu.’
(149) Aweti (cf. MONSERRAT)		(150) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>eʔi - katu</b> 2pl.I+‘bom’ ‘[Vocês] são bons.’	<b>eʔi - ětúp ujá</b> 2pl.I+‘ouvir’ dem. ‘Este [vos] pintou.’	<b>e - i - waku</b> 2pl.I+Atrib.II+‘bom’ ‘[Vocês] são bons.’	<b>e - i - himu:t miʔi</b> 2pl.I+Inv.+‘acordar’ 3sg. ‘Ele [vos] acordou’ <sup>247</sup> .

Já em relação à *terceira pessoa*, as línguas contrastadas apresentam algumas diferenças. Em Araweté (cf. SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI) e Aweti (cf. BORELLA), os verbos *transitivos* não ocorrem com *proforma inativa* de terceira pessoa, como discutido anteriormente. Já os verbos *descriptivos* sim. Em Araweté, podem ocorrer com os seguintes alomorfes<sup>248</sup>: {*i-*} ∞ {*t-*} ∞ {*h-* ~ *dʒ-* ~ *ð-*}; em Kamaiurá, de modo semelhante, com os alomorfes {*i-* ~ *ij-*} ∞ {*t-*} ∞ {*h-*}; em Aweti, por sua vez, podem ocorrer com os alomorfes {*i-*}, compatível com raízes iniciadas por consoante, ou {*it-*}, com raízes iniciadas por vogal.

Em Sateré-Mawé, diferentemente das demais línguas, tanto verbos *estativos* quanto *ativos* podem ocorrer com *proforma inativa* de terceira pessoa, variável quanto ao número. Em se tratando de verbos estativos, a terceira pessoa do singular e do plural são expressas pelos respectivos prefixos {*Ø-*} e {*iʔatu-*}; em se tratando de verbos ativos, porém, são expressas pelo prefixo {*Ø-*}.

(151) Araweté (cf. SOLANO)		(152) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>i - puku</b> R <sup>2</sup> +‘comprido’ ‘[Ele] é comprido.’	<b>h - uwiha</b> R <sup>2</sup> +‘gordo’ ‘[Ele] é gordo.’	<b>i - huku</b> 3I+‘comprido’ ‘[Ele] é comprido.’	<b>h - akup</b> 3I+‘doente’ ‘[Ele] está doente.’

<sup>247</sup> Lit.: Vocês foram acordados por ele.

<sup>248</sup> Os alomorfes {*i-*} ∞ {*t-*} ∞ {*h-* ~ *dʒ-* ~ *ð-*} do Araweté, assim como os alomorfes {*i-* ~ *ij-*} ∞ {*t-*} ∞ {*h-*} do Kamaiurá, foram analisados como *prefixos relacionais*. Seki (2000) afirma que, em Kamaiurá, estes codificam a terceira pessoa. A análise de Solano (2009), porém, é a de que indicam a não contiguidade sintática entre o determinante e a raiz verbal.

(153) Aweti (cf. BORELLA)		(154) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>i - puku</b> 3I+‘comprido’ ‘[Ele] é comprido.’	<b>i - katu</b> 3I+‘bom’ ‘[Ele] é bom.’	<b>Ø - i - po:oro</b> 3sg.I+Atrib.II+‘velho’ ‘[Ele] é velho.’	<b>i?atu - Ø - waku</b> 3pl.I+Atrib.II+‘bom’ ‘[Eles] são bons.’
		<b>Ø - h - ati</b> 3sg.I+Atrib.II+‘doente’ ‘[Ele] está doente.’	<b>i?atu - s - ati</b> 3pl.I+Atrib.II+‘doente’ ‘[Eles] estão doentes.’

Nestes exemplos, pode-se observar grande semelhança entre as línguas contrastadas. As raízes {-*huku*} ‘comprido’, do Kamaiurá, {-*puku*} ‘comprido’ e {-*katu*} ‘bom’, do Aweti, e {-*po:oro*} ‘velho’, do Sateré-Mawé, são prefixadas pelo morfema {*i-*}; semelhantemente, em Araweté, a raiz {-*puku*} ‘comprido’ ocorre com o morfema {*i-*}. De modo similar, são prefixadas pelo morfema {*h-*} as raízes {-*uwihá*} ‘gordo’, do Araweté, {-*akup*} ‘doente’, do Kamaiurá, e {-*ati*} ‘doente’, do Sateré-Mawé. Em Sateré-Mawé, especificamente, a ocorrência deste morfema está condicionada à ocorrência do prefixo de terceira pessoa do singular {*Ø-*}.

(155) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>Ø - he - katu?u</b> <b>aware</b> 3sg.I+Inv.I+‘morder’    ‘cachorro’ ‘O cachorro [o] mordeu.’ (Ele foi mordido pelo cachorro.)	<b>Ø - i - pitik</b> <b>surara</b> 3pl.I+Inv.II+‘prender’    ‘soldado’ ‘O soldado [os] prendeu.’ (Eles foram presos pelo soldado.)

Em Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), as raízes ativas podem ser flexionadas por proforma de *série inativa*. Conforme exemplos acima, o prefixo pessoal {*Ø-*} faz referência ao participante –*agentivo* de terceira pessoa do singular ou do plural.

#### 4.4.1.1.3 Proformas de série *portmanteau*

Os verbos *ativos* do Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), assim como os *transitivos* do Kamaiurá (cf. SEKI), podem ser flexionados por proforma de *série portmanteau*, que codifica ambos os participantes +*agentivo* e –*agentivo* de um processo.

Nestas línguas, a flexão de verbos ativos/transitivos por proforma dessa natureza é condicionada por *hierarquia de referência pessoal* semelhante, conforme já apresentado.

No quadro a seguir, estão apresentadas as proformas de *série portmanteau* do Kamaiurá e Sateré-Mawé.

**Quadro O:** Proformas de *série portmanteau*: Kamaiurá e Sateré-Mawé.

	<b>Kamaiurá</b> (cf. SEKI)	<b>Sateré-Mawé</b> (cf. FRANCESCHINI)
	<i>transitivos</i>	<i>ativos</i>
1sg. > 2sg.	<b>oro-</b>	<b>moro-</b>
1sg. > 2pl.	<b>opo-</b>	<b>moroho?o-</b>
1excl. > 2pl.		

Fonte: quadro elaborado pela autora.

A *primeira* e a *segunda pessoa do singular* são simultaneamente expressas pelos prefixos {**oro-**}, em Kamaiurá, e {**moro-**}, em Sateré-Mawé, morfologicamente semelhantes. Também a *primeira pessoa do singular* e a *segunda pessoa do plural* são concomitantemente representadas em Kamaiurá e Sateré-Mawé pelos respectivos prefixos {**opo-**} e {**moroho?o-**}. Ainda em Kamaiurá, o prefixo pessoal {**opo-**} referencia a *primeira pessoa exclusiva* e a *segunda pessoa do plural*, o que não ocorre em Sateré-Mawé.

<b>(156) Araweté</b> (cf. SOLANO)		<b>(157) Kamaiurá</b> (cf. SEKI)	
<b>ne r - etfa ku he</b> 2sg.I R <sup>1</sup> +‘ver’ Foc. 1sg. ‘Eu [te] vi.’	<b>pẽ r - etfa ku he</b> 2pl.I R <sup>1</sup> +‘ver’ Foc. 1sg. ‘Eu [vos] vi.’	<b>oro - etsak</b> 1sg./2sg.P+‘ver’ ‘[Eu] [te] vejo.’	<b>opo - etsak</b> 1sg./2pl.P+‘ver’ ‘[Eu] [vos] vejo.’
<b>(158) Aweti</b> (cf. BORELLA)		<b>(159) Sateré-Mawé</b> (cf. FRANCESCHINI)	
<b>atit a - tup en</b> 1sg. 1sg.A+‘ver’ 2sg. ‘Eu te vi.’	<b>atit a - tup e?ipe</b> 1sg. 1sg.A+‘ver’ 2pl. ‘Eu vos vi.’	<b>moro - sej</b> 1sg./2sg.P+‘lavar’ ‘[Eu] [te] lavo.’	<b>moroho?o - sej</b> 1sg./2pl.P+‘lavar’ ‘[Eu] [vos] lavo.’

Não há proforma de *série portmanteau* em Araweté e Aweti, conforme mostraram os exemplos<sup>249</sup>. Em Araweté, a *primeira pessoa do singular* é expressa pelo pronome **he**. A *segunda pessoa do singular* e do *plural*, porém, são expressas pelos respectivos pronomes

<sup>249</sup> Em Araweté (ex. 156), o participante *-agentivo* é o codificado no sintagma verbal (**ne retfa**, **pẽ retfa**). Em Aweti (ex. 158), porém, o participante *+agentivo* é codificado no verbo (**atup**).

personais *ne* e *pẽ*. Em Aweti, por sua vez, a *primeira pessoa do singular* é expressa pelo pronome *atit*. A *segunda pessoa do singular* e do *plural*, por seu turno, pelos respectivos pronomes pessoais *en* e *e?ipe*.

(160) Araweté (cf. SOLANO)	(161) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>pẽ n - etfa ku ure</b>  2pl.I R<sup>1</sup>+‘ver’ Foc. 1excl.  ‘Nós [vos] vimos.’</p>	<p><b>opo - etsak</b>  1excl./2pl.P+‘ver’  ‘[Nós] [vos] vemos.’</p>
(162) Aweti (cf. BORELLA)	(163) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>azo - za azoi - tup e?ipe</b>  1excl.+col. 1excl.A+‘ver’ 2pl.  ‘Nós vos vimos.’</p>	<p><b>uru - i - sej eipe</b>  1excl.A+At.T+‘lavar’ 2pl.  ‘[Nós] vos lavamos.’</p>

Em Kamaiurá, conforme exemplos acima<sup>250</sup>, a *primeira pessoa exclusiva* e a *segunda pessoa do plural* são, simultaneamente, expressas pelo prefixo {*opo-*}, *portmanteau*. Em Araweté, em que não há prefixo desta natureza, a *primeira pessoa exclusiva* e a *segunda pessoa do plural* são expressas pelos respectivos pronomes pessoais *ure* e *pẽ*. Também em Aweti, são expressas pelos pronomes *azoza*, correferente ao prefixo pessoal {*azo-*}, e *e?ipe*. Em Sateré-Mawé, semelhantemente, a *primeira pessoa exclusiva* é expressa pelo prefixo {*uru-*} e a *segunda pessoa do plural* pelo pronome *eipe*.

#### 4.4.2 Prefixos relacionais

A ocorrência de prefixos relacionais em línguas Tupi é bastante comum. Sua função, segundo Rodrigues (1952, 1953, 1981[2010]), é marcar a *dependência sintática* entre os termos determinante e determinado. Esta proposta de análise dos relacionais é adotada por Seki (2000), para o Kamaiurá, Solano (2009), para o Araweté, e Sabino (2016), para o Aweti.

Em se tratando do Sateré-Mawé, porém, Franceschini (1999) analisou os relacionais desta língua a partir de sua função morfossemântica, uma vez que assinalam o tipo de relação que se estabelece entre os referentes do prefixo pessoal e da raiz verbal, o que não invalida a

<sup>250</sup> Em Aweti (ex. 162) e Sateré-Mawé (ex. 163), o participante +*agentivo* é codificado no verbo (*azoitup* AW; *uruissej* SM). Em Araweté (ex. 160), porém, é o participante –*agentivo* o codificado no sintagma verbal (*pẽ netfa*).

proposta de Rodrigues. Monserrat (1975) e Borella (2000), entretanto, não apontaram prefixo relacional na estrutura dos verbos da língua Aweti.

O quadro a seguir ilustra os prefixos relacionais das línguas Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.

**Quadro P:** Prefixos relacionais em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.

Araweté (cf. SOLANO)	Kamaiurá (cf. SEKI)	Aweti (cf. MONSERRAT; SABINO)	Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
$\emptyset$ - ( <i>r- ~ n- ~ d-</i> ) (contiguidade)	$\emptyset$ - $\infty$ ( <i>r- ~ n-</i> ) (contiguidade)		<i>he- ~ e-</i> <i>i- ~ \emptyset-</i> <i>h- ~ s-</i> <i>h- ~ j-</i> <i>h- ~ \emptyset-</i> (voz atributiva I e II)
<i>i-</i> $\infty$ <i>t-</i> ( <i>h- ~ dʒ- ~ ɖ-</i> ) (não contiguidade)	( <i>i- ~ ij-</i> ) $\infty$ <i>t-</i> $\infty$ <i>h-</i> (índice de terceira pessoa)	( $\emptyset$ - $\infty$ <i>t-</i> ) (não contiguidade)	<i>re- ~ to- ~ \emptyset-</i> (voz média)  <i>tí- ~ i-</i> <sup>251</sup>  <i>he-</i> (voz ativa I e II)  <i>he- ~ e-</i> <i>i- ~ \emptyset-</i> (voz inversa I e II)

Fonte: quadro elaborado pela autora.

Em Araweté (SOLANO, 2009, p. 97), os alomorfes  $\{\emptyset\}$   $\infty$  (*r- ~ n- ~ d-*) do *prefixo relacional* R<sup>1</sup> ocorrem com raízes verbais *transitivas*. Sua ocorrência indica a *dependência sintática* do pronome pessoal de primeira ou de segunda pessoa em relação à raiz verbal. As raízes *descriptivas* do Araweté também ocorrem com tais alomorfes, o que as assemelha às raízes transitivas desta língua. Diferentemente das transitivas, porém, as descriptivas podem ocorrer com os alomorfes  $\{i-\}$   $\infty$   $\{t-\}$   $\infty$  (*h- ~ dʒ- ~ ɖ-*).

<sup>251</sup> Além dos alomorfes  $\{tí-\}$   $\sim$   $\{i-\}$  ocorre o alomorfe  $\{\emptyset-\}$ , compatível com o prefixo de *terceira pessoa do plural correferencial*. A este respeito, ver Franceschini (1999, p. 128).

(164) Araweté (cf. SOLANO)		
1sg.	he Ø - nupĩ	‘Ele(a) me bateu.’
1incl.	mide Ø - nupĩ	‘Ele(a) nos bateu.’
1excl.	ure Ø - nupĩ	‘Ele(a) nos bateu.’
2sg.	ne Ø - nupĩ	‘Ele(a) te bateu.’
2pl.	pẽ Ø - nupĩ	‘Ele(a) vos bateu.’

(165) Araweté (cf. SOLANO)		
1sg.	he r - uri	‘Eu estou alegre.’
1incl.	mide r - uri	‘Nós estamos alegres.’
1excl.	ure r - uri	‘Nós estamos alegres.’
2sg.	ne r - uri	‘Você está alegre.’
2pl.	pẽ r - juri	‘Vocês estão alegres.’
3	i - kawihe padidi	‘A banana está gostosa.’

Também em Kamaiurá (SEKI, 2000, p. 65), os alomorfes {Ø-} ∞ (r- ~ n-) do *prefixo relacional* R<sup>1</sup> ocorrem com raízes verbais *descriptivas* e *transitivas* para indicar a *dependência sintática* do pronome clítico de primeira ou de segunda pessoa em relação à raiz verbal. Em se tratando de verbos *descriptivos*, porém, os alomorfes (i- ~ ij-) ∞ {t-} ∞ {h-} codificam a terceira pessoa.

(166) Kamaiurá (cf. SEKI)		
1sg.	kunu?uma je = r - etsak	‘O menino me viu.’
1incl.	kunu?uma jene = r - etsak	‘O menino nos viu.’
1excl.	kunu?uma ore = r - etsak	‘O menino nos viu.’
2sg.	kunu?uma ne = r - etsak	‘O menino te viu.’
2pl.	kunu?uma pe = n - etsak	‘O menino vos viu.’

(167) Kamaiurá (cf. SEKI)		
1sg.	<b>je = r - orip</b>	‘Eu estou alegre.’
1incl.	<b>jene = r - orip</b>	‘Nós estamos alegres.’
1excl.	<b>ore = r - orip</b>	‘Nós estamos alegres.’
2sg.	<b>ne = r - orip</b>	‘Você está alegre.’
2pl.	<b>pe = n - orip</b>	‘Vocês estão alegres.’
3	<b>jeiara i - katu</b>	‘A canoa está boa.’

Em Aweti, os alomorfes ( $\emptyset$ -  $\infty$  *t*-) do *prefixo relacional* ocorrem com raízes verbais *transitivas*. Conforme Monserrat (1975/2012a), a ocorrência destes alomorfes corresponde a “uma marca genérica do objeto”. Em concordância, Sabino (2016) afirma que tal prefixo “marca a não contiguidade do objeto” junto à raiz e que, a partir da ocorrência das raízes com um ou outro alomorfe, os verbos transitivos dividem-se em duas classes.

(168) Aweti (cf. BORELLA) <sup>252</sup>		
1sg.	<b>a - <math>\emptyset</math> - ika - ju en</b>	‘Eu estou te procurando.’
1incl.	<b>ti- <math>\emptyset</math> - ika - zoko tawat</b>	‘Nós começamos a procurar a onça.’
1excl.	<b>azo - <math>\emptyset</math> - ika - zoko tawat</b>	‘Nós começamos a procurar a onça.’
2sg.	<b>e - <math>\emptyset</math> - ika - zoko kujtã</b>	‘Você começou a procurar aquele.’
2pl.	<b>pej - <math>\emptyset</math> - ika - ju kujtã</b>	‘Vocês estão procurando aquele.’
3	<b>wej - <math>\emptyset</math> - ika - ju tsã</b>	‘Aqueles estão procurando eles.’

(169) Aweti (cf. BORELLA)		
1sg.	<b>a - t - apit - <math>\emptyset</math> en</b>	‘Eu te queimei.’
1incl.	<b>ti - t - apit - <math>\emptyset</math> kujã</b>	‘Nós queimamos a mulher.’
1excl.	<b>azoi - t - apit - <math>\emptyset</math> kujã</b>	‘Nós queimamos a mulher.’
2sg.	<b>e - t - apit - <math>\emptyset</math> kujtã</b>	‘Você queimou aquele.’
2pl.	<b>pej - t - apit - <math>\emptyset</math> kujtã</b>	‘Vocês queimaram aquele.’
3	<b>wej - t - apit - <math>\emptyset</math> na?</b>	‘Aqueles os queimaram.’

<sup>252</sup> Estes enunciados estão apresentados na dissertação de Borella (2000). O morfema { $\emptyset$ -}, entretanto, não foi analisado por esta autora como *marca genérica de objeto*.

Em Sateré-Mawé, entretanto, todas as raízes verbais ocorrem com prefixo relacional. Diferentemente do Araweté, Kamaiurá e Aweti, em que este foi analisado como marca de (não) contiguidade sintática, o relacional em Sateré-Mawé indica a orientação do estado ou processo expresso pelo verbo. Em outros termos, verbos *estativos*, *médios* e *ativos* são marcados por prefixo relacional de orientação, cuja função é marcar “as relações sistemáticas que podem existir [...] entre a morfologia verbal e os papéis semânticos atribuídos ao sujeito e ao objeto<sup>253</sup>” (CREISSELS, 1991 apud FRANCESCHINI, 1999, p. 159).

O quadro a seguir ilustra os prefixos relacionais empregados em Sateré-Mawé, bem como a orientação verbal a que correspondem.

**Quadro Q:** Prefixos relacionais em Sateré-Mawé.

Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
<i>orientação</i>	<i>prefixo relacional</i>	<i>tipo</i>
<i>atributiva</i>	<i>he- ~ e-</i>	<i>atributiva I</i>
	<i>i- ~ Ø-</i> <i>h- ~ s-</i> <i>h- ~ j-</i> <i>h- ~ Ø-</i>	<i>atributiva II</i>
<i>média</i>	<i>re- ~ to- ~ Ø-</i>	<i>média</i>
<i>ativa</i>	<i>tí- ~ i-</i>	<i>ativa I</i>
	<i>he-</i>	<i>ativa II</i>
<i>inversa</i>	<i>he- ~ e-</i>	<i>inversa I</i>
	<i>i- ~ Ø-</i>	<i>inversa II</i>

Fonte: quadro elaborado pela autora.

Nas subseções seguintes, apresentamos separadamente os prefixos relacionais da língua Sateré-Mawé, assim como apresentados por Franceschini (1999).

<sup>253</sup> Em Sateré-Mawé, os verbos são assinalados por índice relacional de orientação (voz), cuja função é marcar “les relations systématiques qui peuvent exister [...] entre la morphologie verbale et les rôles sémantiques attribués au sujet et à l’objet” (CREISSELS, 1991 apud FRANCESCHINI, 1999, p. 159).



#### 4.4.2.1 Relacional de voz atributiva

Em Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 1999, p. 102), o prefixo relacional de voz *atributiva* é assinalado em *verbos estativos* entre o *prefixo pessoal inativo*<sup>254</sup> e a raiz verbal. Pode ser de dois tipos: {*he-*} ~ {*e-*}, *atributivo I*, e (*i-* ~ *Ø-*) ∞ (*h-* ~ *s-*) ∞ (*h-* ~ *j-*) ∞ (*h-* ~ *Ø-*), *atributivo II*.

A raiz prefixada pelos alomorfes do relacional atributivo I remete, em nível semântico-referencial, à qualidade/estado que não é inerente ou que não afeta o participante de modo pleno. Ao contrário, a raiz que recebe os alomorfes do prefixo atributivo II referencia, em se tratando deste nível, qualidade/estado inerente ao participante ou que o acomete inteiramente.

A ocorrência do relacional I e II é condicionada morfologicamente por sua compatibilidade com os prefixos pessoais inativos. O quadro, a seguir, representa esta variação combinatória.

**Quadro R:** Compatibilidade entre prefixos pessoais e índices de voz atributiva.

Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)						
	<i>série inativa</i>	<i>atributivo I</i>	<i>relacional voz atributivo II</i>			
		{ <i>he-</i> } ~ { <i>e-</i> }	{ <i>i-</i> } ~ { <i>Ø-</i> }	{ <i>h-</i> } ~ { <i>s-</i> }	{ <i>h-</i> } ~ { <i>j-</i> }	{ <i>h-</i> } ~ { <i>Ø-</i> }
1sg.	<i>u-</i>	<i>he-</i>	<i>i-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>
1incl.	<i>a-</i>	<i>he-</i>	<i>i-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>
1excl.	<i>uru-</i>	<i>e-</i>	<i>Ø-</i>	<i>s-</i>	<i>j-</i>	<i>Ø-</i>
2sg.	<i>e-</i>	<i>e-</i>	<i>Ø-</i>	<i>s-</i>	<i>j-</i>	<i>Ø-</i>
2pl.	<i>e-</i>	<i>he-</i>	<i>i-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>
3sg.	<i>Ø-</i>	<i>he-</i>	<i>i-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>	<i>h-</i>
3pl.	<i>i?atu-</i>	<i>e-</i>	<i>Ø-</i>	<i>s-</i>	<i>j-</i>	<i>Ø-</i>

Fonte: quadro elaborado pela autora.

Em se tratando do relacional de voz *atributivo I*, os prefixos de primeira pessoa do singular, primeira pessoa inclusiva, segunda pessoa do plural e terceira pessoa do singular são

<sup>254</sup> Conforme já apresentado, o prefixo pessoal de *série inativa* (quando ocorre com raiz estativa) codifica o participante caracterizado por qualidade ou estado (cf. FRANCESCHINI). A este respeito, ver subseção *Proformas de série inativa*.

compatíveis com o alomorfe {*he-*}. Por sua vez, os prefixos de primeira pessoa exclusiva, segunda pessoa do singular e terceira pessoa do plural são compatíveis com o alomorfe {*e-*}.

(170) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
	{ <i>he-</i> } ~ { <i>e-</i> }	
1sg.	<b>u - he - siʔat</b>	‘Eu estou com fome.’
1incl.	<b>a - he - siʔat</b>	‘Nós estamos com fome.’
1excl.	<b>uru - e - siʔat</b>	‘Nós estamos com fome.’
2sg.	<b>e - e - siʔat</b>	‘Você está com fome.’
2pl.	<b>e - he - siʔat</b>	‘Vocês estão com fome.’
3sg.	<b>Ø - he - siʔat</b>	‘Ele(a) está com fome.’
3pl.	<b>iʔatu - e - siʔat</b>	‘Eles(as) estão com fome.’

Em se tratando do relacional de *voz atributiva II*, porém, os prefixos de primeira pessoa do singular, primeira pessoa inclusiva, segunda pessoa do plural e terceira pessoa do singular podem ocorrer com os alomorfes {*i-*} ∞ {*h-*}. Por seu turno, os prefixos de primeira pessoa exclusiva, segunda pessoa do singular e terceira pessoa do plural podem ocorrer com os alomorfes {*Ø-*} ∞ {*s-*} ∞ {*j-*}.

(171) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)				
	{ <i>i-</i> } ~ { <i>Ø-</i> }		{ <i>h-</i> } ~ { <i>s-</i> }	
1sg.	<b>u - i - taŋ</b>	‘Eu sou grande.’	<b>u - h - era</b>	‘Eu estou cansado.’
1incl.	<b>a - i - taŋ</b>	‘Nós somos grandes.’	<b>a - h - era</b>	‘Nós estamos cansados.’
1excl.	<b>uru - Ø - taŋ</b>	‘Nós somos grandes.’	<b>uru - s - era</b>	‘Nós estamos cansados.’
2sg.	<b>e - Ø - taŋ</b>	‘Você é grande.’	<b>e - s - era</b>	‘Você está cansado.’
2pl.	<b>e - i - taŋ</b>	‘Vocês são grandes.’	<b>e - h - era</b>	‘Vocês estão cansados.’
3sg.	<b>Ø - i - taŋ</b>	‘Ele(a) é grande.’	<b>Ø - h - era</b>	‘Ele(a) está cansado.’
3pl.	<b>iʔatu - Ø - taŋ</b>	‘Eles(as) são grandes.’	<b>iʔatu - s - era</b>	‘Eles(as) estão cansados.’

(172) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)				
	{h-} ~ {j-}		{h-} ~ {Ø-}	
1sg.	u - h - un	‘Eu sou preto.’	u - h - ehaiŋte	‘Eu estou vivo.’
1incl.	a - h - un	‘Nós somos pretos.’	a - h - ehaiŋte	‘Nós estamos vivos.’
1excl.	uru - j - un	‘Nós somos pretos.’	uru - Ø - ehaiŋte	‘Nós estamos vivos.’
2sg.	e - j - un	‘Você é preto.’	e - Ø - ehaiŋte	‘Você está vivo.’
2pl.	e - h - un	‘Vocês são pretos.’	e - h - ehaiŋte	‘Vocês estão vivos.’
3sg.	Ø - h - un	‘Ele(a) é preto.’	Ø - h - ehaiŋte	‘Ele(a) está vivo.’
3pl.	iʔatu - j - un	‘Eles(as) são pretos.’	iʔatu - Ø - ehaiŋte	‘Eles(as) estão vivos.’

Os verbos *estativos* a seguir são assinalados por relacional de voz *atributiva I* (ex. 173a) e *atributiva II* (ex. 173b), respectivamente.

(173a) relacional voz atributiva I {he-} ~ {e-}	(173b) relacional voz atributiva II {h-} ~ {Ø-}
<b>u - he - siʔat</b> 1sg.I+Atrib.I+‘faminto’ ‘[Eu] estou com fome.’	<b>u - h - ehaiŋte</b> 1sg.I+Atrib.II+‘vivo’ ‘[Eu] estou vivo.’
<b>uru - e - siʔat</b> 1excl.I+Atrib.I+‘faminto’ ‘[Nós] estamos com fome.’	<b>uru - Ø - ehaiŋte</b> 1excl.I+Atrib.II+‘vivo’ ‘[Nós] estamos vivos.’

Os verbos *uhesiʔat* e *uruesiʔat*, acima, são assinalados por prefixo relacional de voz *atributiva I*. O primeiro ocorre com o alomorfe {he-}, compatível com o prefixo de primeira pessoa do singular {u-}. O segundo, por sua vez, ocorre com o alomorfe {e-}, compatível com o prefixo de primeira pessoa exclusiva {uru-}. Semanticamente, o índice atributivo I indica que o estado faminto não afeta permanentemente o participante indiciado no verbo.

Os verbos *uhehaiŋte* e *uruehaiŋte*, por seu turno, são marcados por prefixo relacional de voz *atributiva II*. Em *uhehaiŋte*, o alomorfe {h-} ocorre com o prefixo pessoal {u-}. Em *uruehaiŋte*, porém, o alomorfe {Ø-} é compatível com o prefixo pessoal {uru-}. Nestes exemplos, o índice atributivo II indica, em nível semântico, que o estado vivo é intrínseco ao participante, afetando-o completamente e permanentemente.

#### 4.4.2.2 Relacional de voz média

Em Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 1999, p. 145), o prefixo relacional de voz *média* ocorre nos alomorfes {*re-*} ~ {*to-*} ~ {*Ø-*}, assinalados em *verbos médios* entre o *prefixo pessoal ativo* e a raiz verbal. Em nível semântico-referencial, o verbo de orientação média remete a um processo cuja realização tem início a partir do participante indiciado no verbo, o qual é afetado direta ou indiretamente por seus efeitos.

Diferentemente dos verbos ativos, cujo relacional revela sua orientação e seu aspecto, o prefixo relacional em verbos médios veicula unicamente sua orientação. Por esta razão, seu aspecto é condicionado ao tipo de construção em que são empregados: a *construção simples* é caracterizada pelo emprego de verbo médio flexionado; a *construção complexa*, porém, por verbo médio não flexionado, seguido de verbo auxiliar médio flexionado. Quando empregado em construção simples, o verbo médio veicula *aspecto atético*, isto é, remete a um processo que se estende indefinidamente, não sendo possível reconhecer nele um ponto final, em outros termos, trata-se de um processo que se repete frequentemente e não tem um fim em si mesmo. Quando em construção complexa, todavia, revela *aspecto télico*, tendo em vista que o processo ao qual remete é percebido como um todo, com início e fim bem demarcados.

A ocorrência dos alomorfes {*re-*} ~ {*to-*} ~ {*Ø-*} do prefixo relacional de voz média é determinada por sua compatibilidade com os prefixos pessoais ativos. O quadro, a seguir, ilustra esta variação combinatória.

**Quadro S:** Compatibilidade entre prefixos pessoais e índice de voz média.

Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)					
	<i>prefixos ativos</i> (médio-atéticos)	<i>prefixos ativos</i> (médio-téticos)	{ <i>re-</i> }	{ <i>to-</i> }	{ <i>Ø-</i> }
1sg.	<i>a-</i>		<i>re-</i>		
1incl.	<i>wa-</i>			<i>to-</i>	
1excl.	<i>uru-</i>			<i>to-</i>	
2sg.	<i>e-</i>		<i>re-</i>		
2pl.	<i>ewei-</i>				<i>Ø-</i>
3sg.	<i>Ø-</i>			<i>to-</i> (atético)	<i>Ø-</i> (tético)
3pl.	<i>te?ero-</i>	<i>i?atu-</i>			<i>Ø-</i> (tético)

Fonte: quadro elaborado pela autora.

Em se tratando de *construção simples* (aspecto atílico), os prefixos de primeira e de segunda pessoa do singular ocorrem com o alomorfe {*re-*}, enquanto os prefixos de primeira pessoa inclusiva, de primeira pessoa exclusiva e de terceira pessoa do singular são compatíveis com o alomorfe {*to-*}. O alomorfe {*Ø-*}, por sua vez, ocorre com o prefixo de segunda pessoa do plural.

(174) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
1sg.	a - re - ket	‘Eu durmo.’
1incl.	wa - to - ket	‘Nós dormimos.’
1excl.	uru - to - ket	‘Nós dormimos.’
2sg.	e - re - ket	‘Você dorme.’
2pl.	ewei - Ø - ket	‘Vocês dormem.’
3sg.	Ø - to - ket	‘Ele(a) dorme.’
3pl.	te?ero <sup>255</sup> - ket	‘Eles(as) dormem.’

Combinatória semelhante é verificada na *construção complexa* (aspecto télico), visto que os prefixos de primeira e de segunda pessoa do singular são compatíveis com o alomorfe {*re-*}, enquanto os prefixos de primeira pessoa inclusiva e exclusiva ocorrem com o alomorfe {*to-*}. Já o prefixo de segunda pessoa do plural é compatível com o alomorfe {*Ø-*}.

(175) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
1sg.	kak a - re - ?e	‘Eu gritei.’
1incl.	kak wa - to - (?e)	‘Nós gritamos.’
1excl.	kak uru - to - ?e	‘Nós gritamos.’
2sg.	kak e - re - (?e)	‘Você gritou.’
2pl.	kak ewei - Ø - ?e	‘Vocês gritaram.’
3sg.	kak Ø - Ø - ?e	‘Ele(a) gritou.’
3pl.	kak i?atu - Ø - ?e	‘Eles(as) gritaram.’

<sup>255</sup> O alomorfe {*te?ero-*} do prefixo de *terceira pessoa do plural* é resultado de amálgama do prefixo de terceira pessoa e do prefixo relacional médio (cf. FRANCESCHINI, 1999).

Os verbos *médios* do Sateré-Mawé a seguir são empregados em construções *simples* e *complexas*, respectivamente.

(176a) <i>relacional voz média</i> { <i>re-</i> } ~ { <i>to-</i> } ~ { <i>Ø-</i> }	(176b) <i>relacional voz média</i> { <i>re-</i> } ~ { <i>to-</i> } ~ { <i>Ø-</i> }
<b>a - re - ket</b> 1sg.A+Med.+‘dormir’ ‘[Eu] durmo.’	<b>kak a - re - ?e</b> ‘gritar’ 1sg.A+Med.+Aux. ‘[Eu] gritei.’
<b>uru - to - ket</b> 1excl.A+Med.+‘dormir’ ‘[Nós] dormimos.’	<b>kak uru - to - ?e</b> ‘gritar’ 1excl.A+Med.+Aux. ‘[Nós] gritamos.’
<b>ewei - Ø - ket</b> 2pl.A+Med.+‘dormir’ ‘[Vocês] dormem.’	<b>kak ewei - Ø - ?e</b> ‘gritar’ 2pl.A+Med.+Aux. ‘[Vocês] gritaram.’

Os verbos acima são assinalados por prefixo relacional de *voz média*. Os verbos *areket* e *are?e* ocorrem com o alomorfe {*re-*}, compatível com o prefixo de primeira pessoa do singular {*a-*}. Os verbos *urutoket* e *uruto?e*, por sua vez, recebem o alomorfe {*to-*}, compatível com o prefixo de primeira pessoa exclusiva {*uru-*}. Os verbos *eweiket* e *ewei?e*, em seguida, ocorrem com o alomorfe {*Ø-*}, compatível com o alomorfe {*ewei-*} do prefixo de segunda pessoa do plural.

Os verbos *areket*, *urutoket* e *eweiket* são empregados em construção simples e, portanto, carregam *aspecto atético*. Semanticamente, remetem a processo de dormir que se estende indefinidamente, cujo participante (indiciado no verbo por prefixo ativo) é seu iniciador e também atingido por seus efeitos.

Já as construções *kak are?e*, *kak uruto?e* e *kak ewei?e* são complexas, veiculando *aspecto télico*. Semanticamente, indicam que o processo de gritar, percebido pelos falantes da língua como pontual (com início e fim), é iniciado pelo mesmo participante que sofre os seus efeitos.

#### 4.4.2.3 Relacional de voz ativa

Em Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 1999, p 129), o prefixo relacional de voz *ativa* é assinalado em verbos ativos entre o *prefixo pessoal ativo* e a raiz verbal. Em nível semântico-

referencial, o verbo de orientação ativa referencia um processo no qual estão envolvidos pelo menos dois participantes: um *+agentivo* (+controle); outro *–agentivo* (-controle). O participante *+agentivo*, codificado no verbo por *prefixo ativo*, é exterior ao processo e responsável por sua realização; o participante *–agentivo*, por sua vez, é interior ao processo e, portanto, o único afetado por seus efeitos.

Além de orientação, o prefixo relacional ativo veicula aspecto verbal, em outros termos, orientação e aspecto são assinalados, cumulativamente, na estrutura do verbo. Nestas condições, os alomorfes {*ti-*} ~ {*i-*} (ativo I) veiculam orientação ativa e *aspecto télico*, uma vez que ocorrem com raízes que denotam processos percebidos como um todo, com início e fim demarcados. Já o morfema {*he-*} (ativo II) veicula orientação ativa e *aspecto atélico*, visto que ocorre com raízes que denotam processos cujo fim não é previsto, pois não carregam término inerente.

Em se tratando do relacional de *voz ativa II*, todos os prefixos pessoais ocorrem com o morfema {*he-*}. Quanto ao relacional de *voz ativa I*, porém, verifica-se a compatibilidade destes prefixos com os alomorfes {*ti-*} ~ {*i-*}. O quadro abaixo ilustra esta combinação.

**Quadro T:** Compatibilidade entre prefixos pessoais e índices de voz ativa.

Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)			
	<i>prefixos pessoais ativos</i>	<i>relacional voz ativa I</i> { <i>ti-</i> } ~ { <i>i-</i> }	<i>relacional voz ativa II</i> { <i>he-</i> }
1sg.	<i>a-</i>	<i>ti-</i>	<i>he-</i>
1incl.	<i>wa-</i>	<i>ti-</i>	
1excl.	<i>uru-</i>	<i>i-</i>	
2sg.	<i>e-</i>	<i>ti-</i>	
2pl.	<i>ewe-</i>	<i>i-</i>	
3	<i>Ø-</i>	<i>ti-</i>	

Fonte: quadro elaborado pela autora.

Em se tratando do relacional de *voz ativa I*, os prefixos de primeira pessoa do singular, primeira pessoa inclusiva, segunda pessoa do singular e terceira pessoa são compatíveis com o alomorfe {*ti-*}. Já os prefixos de primeira pessoa exclusiva e segunda pessoa do plural são compatíveis com o alomorfe {*i-*}. Quanto ao relacional de *voz ativa II*, entretanto, todos os prefixos pessoais são compatíveis com a forma {*he-*}.

(177) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
1sg.	<b>a - ti - ʔauka iti:</b>	‘Eu matei o veado.’
1incl.	<b>wa - ti - ʔauka iti:</b>	‘Nós matamos o veado.’
1excl.	<b>uru - i - ʔauka iti:</b>	‘Nós matamos o veado.’
2sg.	<b>e - ti - ʔauka iti:</b>	‘Você matou o veado.’
2pl.	<b>ewe - i - ʔauka iti:</b>	‘Vocês mataram o veado.’
3sg.	<b>Ø - ti - auka iti:</b>	‘Ele(a) matou o veado.’
3pl.	<b>miʔiria Ø - ti - auka iti:</b>	‘Eles(as) mataram o veado.’

(178) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
1sg.	<b>a - he - ekatup iara</b>	‘Eu espero a canoa.’
1incl.	<b>wa - he - ekatup iara</b>	‘Nós esperamos a canoa.’
1excl.	<b>uru - he - ekatup iara</b>	‘Nós esperamos a canoa.’
2sg.	<b>e - he - ekatup iara</b>	‘Você espera a canoa.’
2pl.	<b>ewe - he - ekatup iara</b>	‘Vocês esperam a canoa.’
3sg.	<b>Ø - he - ekatup iara</b>	‘Ele(a) espera a canoa.’
3pl.	<b>miʔiria Ø - he - ekatup iara</b>	‘Eles(as) esperam a canoa.’

Os verbos ativos abaixo são assinalados por relacional de voz *ativa I* (ex. 179a) e *ativa II* (ex. 179b), respectivamente.

relacional voz ativa I (179a) {ti-} ~ {i-}	relacional voz ativa II (179b) {he-}
<b>a - ti - ʔauka iti:</b> 1sg.A+At.T+‘matar’ ‘veado’ ‘[Eu] matei o veado.’	<b>a - he - ekatup iara</b> 1sg.A+At.A+‘esperar’ ‘canoa’ ‘[Eu] espero a canoa.’
<b>uru - i - ʔauka iti:</b> 1excl.A+At.T+‘matar’ ‘veado’ ‘[Nós] matamos o veado.’	<b>uru - he - ekatup iara</b> 1excl.A+At.A+‘esperar’ ‘canoa’ ‘[Nós] esperamos a canoa.’



Os verbos *ati?auka* e *urui?auka* são marcados por prefixo relacional de voz ativa I. Em *ati?auka*, o prefixo de primeira pessoa do singular {a-} é compatível com o alomorfe {ti-}. Em *urui?auka*, porém, o prefixo de primeira pessoa exclusiva {uru-} ocorre com o alomorfe {i-}. Índices de orientação ativa e *aspecto télico*, os alomorfes {ti-} ~ {i-} indicam, semanticamente, que o processo de matar apresenta início e fim demarcados.

Os verbos *ahekatup* e *uruhekatur*, por sua vez, são marcados por prefixo relacional de voz ativa II. Veja que ambos os prefixos {a-}, de primeira pessoa do singular (*ahekatup*), e {uru-}, de primeira pessoa exclusiva (*uruhekatur*), ocorrem com o morfema {he-}. Índice de orientação ativa e *aspecto atélico*, indica, em nível semântico-referencial, que o processo de esperar não apresenta em si um fim pré-estabelecido, pois não carrega término inerente.

#### 4.4.2.4 Relacional de voz inversa

Em Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 2002, p 225), o prefixo relacional de voz *inversa* é assinalado em *verbos ativos* entre o *prefixo pessoal inativo* e a raiz verbal. Realiza-se nos seguintes alomorfes: {he-} ~ {e-}, que ocorre com raízes atélicas (voz inversa I), e {i-} ~ {Ø-}, compatíveis com raízes télicas (voz inversa II).

Os verbos que recebem este relacional denotam, em nível semântico-referencial, um processo de orientação inversa no qual estão envolvidos pelo menos dois participantes: +*agentivo* (+controle) e -*agentivo* (-controle). O participante +*agentivo* é exterior ao processo e responsável por sua realização; o participante -*agentivo*, codificado no verbo por *prefixo inativo*, é interior ao processo e, portanto, o único afetado por seus efeitos. A raiz atélica, prefixada pelos alomorfes {he-} ~ {e-}, denota processo que não afeta diretamente e/ou completamente o participante. Já a raiz télica, prefixada pelos alomorfes {i-} ~ {Ø-}, remete a processo que o atinge completamente.

A ocorrência do relacional I ou II é condicionada morfologicamente por sua compatibilidade com os prefixos pessoais inativos. O quadro, a seguir, representa esta variação combinatória.

**Quadro U:** Compatibilidade entre prefixos pessoais e índices de voz inversa.

<b>Sateré-Mawé</b> (cf. FRANCESCHINI)			
	<i>prefixos pessoais inativos</i>	<i>relacional voz inversa I</i> <b>{he-} ~ {e-}</b>	<i>relacional voz inversa II</i> <b>{i-} ~ {Ø-}</b>
1sg.	<b>u-</b>	<b>he-</b>	<b>i-</b>
1incl.	<b>a-</b>	<b>he-</b>	<b>i-</b>
1excl.	<b>uru-</b>	<b>e-</b>	<b>Ø-</b>
2sg.	<b>e-</b>	<b>e-</b>	<b>Ø-</b>
2pl.	<b>e-</b>	<b>he-</b>	<b>i-</b>
3sg.	<b>Ø-</b>	<b>he-</b>	<b>i-</b>
3pl.	<b>i?atu-</b>	<b>e-</b>	<b>Ø-</b>

Fonte: quadro elaborado pela autora.

Em se tratando do relacional de *voz inversa I*, os prefixos de primeira pessoa do singular, primeira pessoa inclusiva, segunda pessoa do plural e terceira pessoa do singular são compatíveis com o alomorfe **{he-}**. Por sua vez, os prefixos de primeira pessoa exclusiva, segunda pessoa do singular e terceira pessoa do plural são compatíveis com o alomorfe **{e-}**.

<b>(180) Sateré-Mawé</b> (cf. FRANCESCHINI)		
1sg.	<b>u - he - katu?u</b> aware	‘Eu fui mordido(a) pelo cachorro.’
1incl.	<b>a - he - katu?u</b> aware	‘Nós fomos mordidos(as) pelo cachorro.’
1excl.	<b>uru - e - katu?u</b> aware	‘Nós fomos mordidos(as) pelo cachorro.’
2sg.	<b>e - e - katu?u</b> aware	‘Você foi mordido(a) pelo cachorro.’
2pl.	<b>e - he - katu?u</b> aware	‘Vocês foram mordidos(as) pelo cachorro.’
3sg.	<b>Ø - he - katu?u</b> aware	‘Ele(a) foi mordido(a) pelo cachorro.’
3pl.	<b>i?atu - e - katu?u</b> aware	‘Eles(as) foram mordidos(as) pelo cachorro.’

Em se tratando do relacional de *voz inversa II*, a mesma alternância de alomorfes pode ser verificada. Os prefixos de primeira pessoa do singular, primeira pessoa inclusiva, segunda pessoa do plural e terceira pessoa do singular ocorrem com o alomorfe **{i-}**. Já os prefixos de primeira pessoa exclusiva, segunda pessoa do singular e terceira pessoa do plural ocorrem com o alomorfe **{Ø-}**.

(181) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
1sg.	<b>u - i - himu:t</b> <b>mi?i</b>	‘Eu fui acordado(a) por ele(a).’
1incl.	<b>a - i - himu:t</b> <b>mi?i</b>	‘Nós fomos acordados(as) por ele(a).’
1excl.	<b>uru - Ø - himu:t</b> <b>mi?i</b>	‘Nós fomos acordados(as) por ele(a).’
2sg.	<b>e - Ø - himu:t</b> <b>mi?i</b>	‘Você foi acordado(a) por ele(a).’
2pl.	<b>e - i - himu:t</b> <b>mi?i</b>	‘Vocês foram acordados(as) por ele(a).’
3sg.	<b>Ø - i - himu:t</b> <b>mi?i</b>	‘Ele(a) foi acordado(a) por ele(a).’
3pl.	<b>i?atu - Ø - himu:t</b> <b>mi?i</b>	‘Eles(as) foram acordados(as) por ele(a).’

Os verbos ativos a seguir são assinalados por relacional de voz *inversa I* (ex. 182a) e *inversa II* (ex. 182b), respectivamente.

(182a) <i>relacional voz inversa I</i> <b>{he-} ~ {e-}</b>	(182b) <i>relacional voz inversa II</i> <b>{i-} ~ {Ø-}</b>
<b>u - he - katu?u</b> <b>aware</b> 1sg.I+Inv.I+‘morder’    ‘cachorro’ ‘[Eu] fui mordido(a) pelo cachorro.’	<b>u - i - himu:t</b> <b>mi?i</b> 1sg.I+Inv.II+‘acordar’    3sg. ‘[Eu] fui acordado(a) por ele(a).’
<b>e - e - katu?u</b> <b>aware</b> 2sg.I+Inv.I+‘morder’    ‘cachorro’ ‘[Você] foi mordido(a) pelo cachorro.’	<b>e - Ø - himu:t</b> <b>mi?i</b> 2sg.I+Inv.II+‘acordar’    3sg. ‘[Você] foi acordado(a) por ele(a).’

Os verbos *uhekatu?u* e *ekatu?u* são marcados por prefixo relacional de voz *inversa I*. Em *uhekatu?u*, o prefixo de primeira pessoa do singular {*u-*} ocorre com o alomorfe {*he-*}; em *ekatu?u*, porém, o prefixo de segunda pessoa do singular {*e-*} é compatível com o alomorfe {*e-*}. A ocorrência dos alomorfes {*he-*} ~ {*e-*} indica, em nível semântico-referencial, que o participante codificado no verbo é o –*agentivo* e que o processo de morder não o atingiu completamente.

Já os verbos *uihimu:t* e *ehimu:t* são marcados por prefixo relacional de voz *inversa II*. Em *uihimu:t*, o prefixo de primeira pessoa do singular {*u-*} ocorre com o alomorfe {*i-*}, enquanto em *ehimu:t* o prefixo de segunda pessoa do singular {*e-*} é compatível com o alomorfe {*Ø-*}. Semanticamente, a ocorrência dos alomorfes {*i-*} ~ {*Ø-*} indica que o processo de acordar atingiu completamente o participante –*agentivo* codificado no verbo.

### 4.4.3 Prefixos específicos

Em Araweté (VIEIRA & LEITE; SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI) e Aweti (cf. BORELLA), os *verbos transitivos* distinguem-se dos *intransitivo-ativos* por sua capacidade de receberem afixos reflexivos, recíprocos, causativos, entre outros. O mesmo ocorre em Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), cujos verbos *ativos* e *médios* distinguem-se por sua ocorrência ou não com estes morfemas.

#### 4.4.3.1 Prefixos reflexivos e recíprocos

Em Araweté, os transitivos são “os únicos verbos que podem ocorrer na voz reflexiva/recíproca” por meio do prefixo {*ji-*} (SOLANO, 2009, p. 191). Em Aweti, por sua vez, os verbos transitivos são compatíveis com os prefixos {*te-*}, reflexivo, e {*to-*}, recíproco, incompatíveis com os verbos intransitivo-ativos desta língua (BORELLA, 2000, p. 135). Também em Kamaiurá, os verbos transitivos distinguem-se dos intransitivo-ativos pela capacidade de receberem os morfemas {*je-*} e {*jo-*}, reflexivo e recíproco, respectivamente (SEKI, 2000, p. 279). Em Sateré-Mawé, por seu turno, os verbos ativos são compatíveis com os morfemas {*we-*}, reflexivo, e {*to?o-*}, recíproco, enquanto os médios não são flexionados por morfemas desta natureza (FRANCESCHINI, 1999, p. 166).

#### ➤ Prefixos reflexivos

Em Araweté (cf. SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. BORELLA) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), os respectivos morfemas {*ji-*}, {*je-*}, {*te-*} e {*we-*} funcionam como *prefixos reflexivos*.

Por um viés semântico, Franceschini (1999, p. 166) explica que a ocorrência deste morfema indica que um ou mais participantes estão envolvidos no processo denotado pelo verbo. São, ao mesmo tempo, *+agentivos*, visto que dão início ao processo, e *-agentivos*, atingidos pelos efeitos processuais. Em consonância, Solano (2009, p. 194) afirma que o emprego de prefixo reflexivo “contribui com a mudança da voz ativa para a voz reflexiva quando o verbo remete a um processo em que o sujeito é o seu lugar de realização”.

*Redutores de valência*, os prefixos reflexivos {*ji-*}, do Araweté, {*je-*}, do Kamaiurá, e {*te-*}, do Aweti, são prefixados à raiz verbal transitiva, tornando-a intransitiva. Em Sateré-

Mawé, por sua vez, o prefixo {*we-*} ocorre com raízes ativas, que passam a se comportar como médio-reflexivas.

Os paradigmas a seguir ilustram a ocorrência de *prefixos reflexivos*<sup>256</sup>.

(183) Araweté (cf. SOLANO)		
1sg.	<b>a - ji - etfa</b>	‘Eu me vi.’
1incl.	<b>mide ku u - ji - etfa</b>	‘Nós nos vimos.’
1excl.	<b>uru - ji - etfa</b>	‘Nós nos vimos.’
2sg.	<b>ere - ji - etfa</b>	‘Você se viu.’
2pl.	<b>pe - ji - etfa</b>	‘Vocês se viram.’
3	<b>tairuhu ku u - ji - pa - iwũ</b>	‘A criança se furou a mão.’

(184) Kamaiurá (cf. SEKI)		
1sg.	<b>a - je - kitsi</b>	‘Eu me cortei.’
1incl.	<b>ja - je - kitsi</b>	‘Nós nos cortamos.’
1excl.	<b>oro - je - kitsi</b>	‘Nós nos cortamos.’
2sg.	<b>ere - je - kitsi</b>	‘Você se cortou.’
2pl.	<b>pe - je - kitsi</b>	‘Vocês se cortaram.’
3	<b>kunu?uma o - je - kitsi</b>	‘O menino se cortou.’

(185) Aweti (cf. BORELLA)		
1sg.	<b>a - te - apit</b>	‘Eu me queimei.’
1incl.	<b>kaj - te - apit</b>	‘Nós nos queimamos.’
1excl.	<b>azo - te - apit</b>	‘Nós nos queimamos.’
2sg.	<b>e - te - tup</b>	‘Você se queimou.’
2pl.	<b>e?i - te - apit</b>	‘Vocês se queimaram.’
3	<b>kujtã o - te - apit</b>	‘Aquele(a) se queimou.’

<sup>256</sup> Alguns paradigmas ilustrados neste capítulo não estão apresentados em sua totalidade nos trabalhos de Leite e Vieira (1998), Franceschini (1999), Seki (2000), Borella (2000), Solano (2009) e Sabino (2016), por esta razão o *preenchimento* de alguns destes paradigmas.

Em Aweti (que possui duas séries de proformas ativas), a raiz transitiva prefixada por morfema reflexivo passa a ser flexionada pela série compatível com verbos intransitivo-ativos (*a-*, *kaj-*, *azo-*<sup>257</sup>, *e-*, *eʔi-*, *o-*), conforme paradigma acima.

Em Araweté e Kamaiurá, porém, cujos verbos intransitivo-ativos e transitivos são flexionados por série única de proformas ativas, a redução de valência não implica em mudança da construção verbal.

(186) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
1sg.	a - re - (w)e - tek	‘Eu me cortei.’
1incl.	wa - tu - we - tek	‘Nós nos cortamos.’
1excl.	uru - tu - we - tek	‘Nós nos cortamos.’
2sg.	e - re - (w)e - tek	‘Você se cortou.’
2pl.	ewei - Ø - we - tek	‘Vocês se cortaram.’
3sg.	Ø - tu - we - tek	‘Ele(a) se cortou.’
3pl.	teʔero - we - tek	‘Eles(as) se cortaram.’

Em Sateré-Mawé, a prefixação do morfema reflexivo {*we-*} à raiz ativa {-*tek*} resulta na construção derivada {-*wetek*}, que passa a ser prefixada pelo relacional de voz média {*re-*} ~ {*to-*} ~ {*Ø-*}.

Nesta língua, raízes verbais médias e ativas ocorrem com prefixos diferentes de segunda e terceira pessoa do plural. As formas {*ewei-*} e {*ewe-*} de segunda pessoa do plural, ocorrem com raízes médias e ativas, respectivamente; já as formas {*teʔero-*} e {*Ø-*}, de terceira pessoa do plural, ocorrem com raízes médias<sup>258</sup> e ativas, nesta ordem. Observe, acima, que a ocorrência de *prefixo reflexivo + relacional de voz média* condiciona o emprego dos prefixos {*ewei-*} e {*teʔero-*}, compatíveis com raízes médias.

<sup>257</sup> Conforme Monserrat (1975/2012a), {*ozo-*}.

<sup>258</sup> Para Franceschini (1999), o morfema {*teʔero-*} ocorre com raízes médias empregadas em *construção simples* (atélica); já o morfema {*iʔatu-*} é compatível com raízes médias que ocorrem em *construção complexa* (télica).

### ➤ Os prefixos recíprocos

Em Araweté (cf. SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. BORELLA) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), os respectivos morfemas **{ji-}**, **{jo-}**, **{to-}** e **{toʔo-}** funcionam como *prefixos recíprocos*.

*Redutores de valência*, são prefixados à raiz verbal transitiva (Araweté, Kamaiurá e Aweti) tornando-a intransitiva. Em Sateré-Mawé, porém, a reciprocidade é tratada por um viés semântico. Prefixado à raiz ativa, o morfema recíproco **{toʔo-}** indica que dois ou mais participantes são *mutuamente* afetados pelos efeitos do processo que realizam, isto é, são ao mesmo tempo *+agentivos* e *-agentivos*. Morfologicamente, nestas línguas, as raízes que recebem prefixo recíproco são flexionadas por proforma de primeira, segunda ou terceira pessoa do plural.

Os paradigmas a seguir ilustram a ocorrência de *prefixos recíprocos*.

(187) Araweté (cf. SOLANO)		
1incl.	<b>mide ku u - ji - muhu</b>	‘Nós nos molhamos.’
1excl.	<b>uru - ji - muhu</b>	‘Nós nos molhamos.’
2pl.	<b>pe - ji - muhu</b>	‘Vocês se molharam.’
3	<b>u - ji - muhu</b>	‘Eles(as) se molharam.’

(188) Kamaiurá (cf. SEKI)		
1incl.	<b>ja - jo - nupã</b>	‘Nós nos batemos.’
1excl.	<b>oro - jo - nupã</b>	‘Nós nos batemos.’
2pl.	<b>pe - jo - nupã</b>	‘Vocês se bateram.’
3	<b>o - jo - hwã - pihik = awa</b> <sup>259</sup>	‘Eles(as) se seguraram as mãos.’

(189) Aweti (cf. SABINO)		
1incl.	<b>kaj - to - ezup</b>	‘Nós nos casamos.’
2pl.	<b>eʔi - to - ezup</b>	‘Vocês se casaram.’
3	<b>o - to - ezup</b>	‘Eles se casaram.’

<sup>259</sup> Processo de *coalescência*, em que a raiz nominal **{hwã-}** ‘mão’ é incorporada à raiz verbal **{-pihik}** ‘segurar’.

Em Aweti, que apresenta duas séries de proformas ativas, a raiz transitiva prefixada por morfema recíproco passa a ocorrer com a série compatível com verbos intransitivo-ativos (*kaj-*, *eʔi-*, *o-*).

(190) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
1incl.	<b>wa - toʔo - tek</b>	‘Nós nos cortamos.’
1excl.	<b>uru - toʔo - tek</b>	‘Nós nos cortamos.’
2pl.	<b>ewe - toʔo - tek</b>	‘Vocês se cortaram.’
3	<b>miʔiria Ø - toʔo - tek</b>	‘Aqueles(as) se cortaram.’

#### 4.4.3.2 Prefixos causativos

##### ➤ Causativo simples

Em Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. BORELLA) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), o morfema *{mo-}* ocorre como *prefixo causativo*. Em Araweté (cf. SOLANO), por sua vez, é realizado nos alomorfes *{mu-}* ~ *{m-}*.

*Ampliador de valência*, o morfema causativo é prefixado a raízes descritivas e intransitivas (Araweté, Kamaiurá e Aweti) tornando-as transitivas. Em Sateré-Mawé, por sua vez, ocorre com raízes estativas e médias, que passam a se comportar como ativas.

Em nível semântico-referencial (cf. FRANCESCHINI), as construções derivadas remetem a um processo no qual estão envolvidos dois participantes: um *+agentivo*, a partir do qual o processo tem início, e um *-agentivo*, o único atingido pelos seus efeitos.

Os paradigmas a seguir ilustram a ocorrência de *prefixo causativo*.

(191) Araweté (cf. SOLANO)		
1sg.	<b>a - mu - ruhĩ ʔi</b>	‘Eu faço esfriar a água.’
1excl.	<b>uru - mu - ruhĩ ʔi</b>	‘Nós fizemos esfriar a água.’
2sg.	<b>ere - mu - ruhĩ ʔi</b>	‘Você fez esfriar a água.’
2pl.	<b>pe - mu - ruhĩ ʔi</b>	‘Vocês fizeram esfriar a água.’
3	<b>u - mu - ruhĩ ʔi</b>	‘Ele(a) fez esfriar a água.’



(192) Kamaiurá (cf. SEKI)		
1sg.	<b>jeiara a - mo - ŋatu</b>	‘Eu fiz boa minha canoa.’
1incl.	<b>ijiara ja - mo - ŋatu</b>	‘Nós fizemos boa a canoa dele.’
1excl.	<b>ijiara oro - mo - ŋatu</b>	‘Nós fizemos boa a canoa dele.’
2sg.	<b>jeiara ere - mo - ŋatu</b>	‘Você fez boa minha canoa.’
2pl.	<b>jeiara pe - mo - ŋatu</b>	‘Vocês fizeram boa minha canoa.’
3	<b>juka jeiara o - mo - ŋatu</b>	‘Juca fez boa minha canoa.’

(193) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
1sg.	<b>a - ti - mo - taŋ hirokat</b>	‘Eu fiz crescer a criança.’
1incl.	<b>wa - ti - mo - taŋ hirokat</b>	‘Nós fizemos crescer a criança.’
1excl.	<b>uru - i - mo - taŋ hirokat</b>	‘Nós fizemos crescer a criança.’
2sg.	<b>e - ti - mo - taŋ hirokat</b>	‘Você fez crescer a criança.’
2pl.	<b>ewe - i - mo - taŋ hirokat</b>	‘Vocês fizeram crescer a criança.’
3	<b>Ø - ti - mo - taŋ hirokat</b>	‘Ele(a) fez crescer a criança.’ ‘Eles(as) fizeram crescer a criança.’

Os paradigmas acima ilustram a ocorrência de *prefixo causativo* com raízes descritivas (Araweté e Kamaiurá)<sup>260</sup> e estativa (Sateré-Mawé). Conforme já apresentado, nestas línguas, raízes descritivas/estativas são flexionadas por proforma de *série inativa*. A ocorrência de prefixo causativo, porém, determina que sejam flexionadas por proforma de *série ativa*.

Em Sateré-Mawé, ademais, a prefixação do morfema causativo {*mo-*} à raiz estativa {-*taŋ*} resulta na construção derivada {-*motan*}, que passa a ser prefixada pelo relacional de voz ativa {*ti-*} ~ {*i-*}.

Os paradigmas a seguir ilustram a ocorrência de *prefixo causativo* com raízes intransitivas (Araweté, Kamaiurá e Aweti) e média (Sateré-Mawé). Em Aweti e Sateré-Mawé, especificamente, o emprego deste prefixo implica em mudança na construção verbal.

<sup>260</sup> Nos trabalhos sobre o Aweti (MONSERRAT, 1975/2012a; BORELLA, 2000; SABINO, 2016), não encontramos exemplo de *raiz descritiva* prefixada por morfema causativo.

(194) Araweté (cf. SOLANO)		
1sg.	<b>a - mu - pariri tairuhu</b>	‘Eu fiz assustar a criança.’
1excl.	<b>uru - mu - pariri tairuhu</b>	‘Nós fizemos assustar a criança.’
2sg.	<b>ere - mu - pariri tairuhu</b>	‘Você fez assustar a criança.’
2pl.	<b>pe - mu - pariri tairuhu</b>	‘Vocês fizeram assustar a criança.’
3	<b>u - mu - pariri tairuhu</b>	‘Ele(a) fez assustar a criança.’

(195) Kamaiurá (cf. SEKI)		
1sg.	<b>kunu?uma a - mo - wawak</b>	‘Eu fiz acordar o menino.’
1incl.	<b>kunu?uma ja - mo - wawak</b>	‘Nós fizemos acordar o menino.’
1excl.	<b>kunu?uma oro - mo - wawak</b>	‘Nós fizemos acordar o menino.’
2sg.	<b>kunu?uma ere - mo - wawak</b>	‘Você fez acordar o menino.’
2pl.	<b>kunu?uma pe - mo - wawak</b>	‘Vocês fizeram acordar o menino.’
3	<b>kujã kunu?uma o - mo - wawak</b>	‘A mulher fez acordar o menino.’

(196) Aweti (cf. BORELLA)		
1sg.	<b>a - mo - kuje makula</b>	‘Eu fiz cair a panela.’
1incl.	<b>ti - mo - kuje makula</b>	‘Nós fizemos cair a panela.’
1excl.	<b>azoj - mo - kuje makula</b>	‘Nós fizemos cair a panela.’
2sg.	<b>e - mo - kuje makula</b>	‘Você fez cair a panela.’
2pl.	<b>pej - mo - kuje makula</b>	‘Vocês fizeram cair a panela.’
3	<b>wej - mo - kuje makula</b>	‘Ele(a) fez cair a panela.’ ‘Eles(as) fizeram cair a panela.’

Em Aweti, conforme exemplos, a raiz intransitiva prefixada por morfema causativo passa a ocorrer com a série de proformas ativas compatível com verbos transitivos (*a-*, *ti-*, *azoj-*, *e-*, *pej-*, *wej-*).

(197) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)		
1sg.	a - ti - mo - ket hirokat	‘Eu fiz dormir a criança.’
1incl.	wa - ti - mo - ket hirokat	‘Nós fizemos dormir a criança.’
1excl.	uru - i - mo - ket hirokat	‘Nós fizemos dormir a criança.’
2sg.	e - ti - mo - ket hirokat	‘Você fez dormir a criança.’
2pl.	ewe - i - mo - ket hirokat	‘Vocês fizeram dormir a criança.’
3	Ø - ti - mo - ket hirokat	‘Ele(a) fez dormir a criança.’ ‘Eles(as) fizeram dormir a criança.’

Em Sateré-Mawé, a prefixação do morfema causativo *{mo-}* à raiz média *{-ket}* resulta na construção derivada *{-mokat}*, que passa a ser prefixada pelo relacional de voz ativa *{ti-}* ~ *{i-}*. Nesta língua, conforme já apresentado, raízes verbais médias e ativas ocorrem com prefixos diferentes de segunda e de terceira pessoa do plural. As respectivas formas *{ewei-}* e *{ewe-}*, de segunda pessoa do plural, ocorrem com raízes médias e ativas; já as formas *{te?ero-}* e *{Ø-}*, de terceira pessoa do plural, são compatíveis com raízes médias e ativas, nesta ordem. Observe, nos exemplos acima, que a ocorrência de *prefixo causativo + relacional de voz ativa* condiciona a ocorrência dos prefixos *{ewe-}* e *{Ø-}*, compatíveis com raízes ativas.

### ➤ Causativo-comitativo

O prefixo *causativo-comitativo* ocorre em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé nos seguintes morfemas<sup>261</sup>: *{eru-}*, em Araweté; *{ero-}*, em Kamaiurá e Sateré-Mawé; e *{ezo-}*, em Aweti.

Em Araweté (cf. SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI) e Aweti (cf. SABINO), o morfema causativo-comitativo é prefixado a raízes verbais intransitivas, tornando-as transitivas. Em Sateré-Mawé, por sua vez, ocorre com raízes médias, que passam a se comportar como ativas.

Em nível semântico-referencial (cf. FRANCESCHINI), as construções derivadas remetem a um processo em que ambos os participantes, *+ativo* e *-ativo*, são afetados pelo mesmo processo.

Os exemplos a seguir ilustram a ocorrência de prefixo *causativo-comitativo*.

<sup>261</sup> O morfema *causativo-comitativo* ocorre nessas línguas nos seguintes alomorfes: *{eru-}* ~ *{ru-}* ~ *{ere-}* ~ *{r-}*, em Araweté (SOLANO, 2009); *{ero-}* ~ *{era-}* ~ *{ra-}* ~ *{er-}* ~ *{r-}*, em Kamaiurá (SEKI, 2000); *{ezo-}* ~ *{zo-}*, em Aweti (SABINO, 2016); e *{ero-}* ~ *{ere-}* ~ *{eru-}* ~ *{ru-}*, em Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 1999).

(198) Araweté (cf. SOLANO)	(199) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>ure ku uru - er - u</b>  1excl. Foc. 1excl.A+CC+‘vir’  ‘Fomos nós que [o] fizemos vir conosco<sup>262</sup>.’</p>	<p><b>kunu?uma ja - ero - jan jawar - a</b>  ‘menino’ 1incl.A+CC+‘correr’ ‘onça’+N  ‘[Nós] fizemos o menino correr conosco da onça<sup>263</sup>.’</p>
(200) Aweti (cf. SABINO)	(201) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>ti - zo - pot - e</b>  1incl.A+CC+‘saltar’+Perf.  ‘[Nós] [o] fizemos saltar conosco.’</p>	<p><b>wa - t - ero - min hirokat</b>  1incl.A+At.T+CC+‘mergulhar’ ‘criança’  ‘[Nós] fizemos a criança mergulhar conosco.’</p>

(202) Araweté (cf. SOLANO)	(203) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>pẽ ku pẽ - er - u</b>  2pl. Foc. 2pl.A+CC+‘vir’  ‘Foram vocês que [o] fizeram vir convosco<sup>264</sup>.’</p>	<p><b>kunu?uma pe - ero - jan jawar - a</b>  ‘menino’ 2pl.A+CC+‘correr’ ‘onça’+N  ‘[Vocês] fizeram o menino correr convosco da onça<sup>265</sup>.’</p>
(204) Aweti (cf. SABINO)	(205) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>pej - zo - pot - e</b>  2pl.A+CC+‘saltar’+Perf.  ‘[Vocês] [o] fizeram saltar convosco.’</p>	<p><b>ewe - i - ero - min hirokat</b>  2pl.A+At.T+CC+‘mergulhar’ ‘criança’  ‘[Vocês] fizeram a criança mergulhar convosco.’</p>

Em Aweti e Sateré-Mawé, conforme exemplos, o emprego de prefixo *causativo-comitativo* implica em mudança na construção verbal. Em Aweti, a raiz intransitiva prefixada por morfema causativo passa a ocorrer com a série de proformas compatível com verbos transitivos (*ti-*, *pej-*). Em Sateré-Mawé, por sua vez, a raiz média prefixada por morfema desta natureza passa a ocorrer com os alomorfes {*ti-*} ~ {*i-*} do prefixo relacional de voz ativa. Ademais, em se tratando da segunda pessoa do plural, a ocorrência de *prefixo causativo + relacional de voz ativa* condiciona a ocorrência do prefixo {*ewe-*}, compatível com raízes ativas.

<sup>262</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 199).

<sup>263</sup> Enunciado e tradução adaptados de Seki (2000, p. 291).

<sup>264</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 199).

<sup>265</sup> Enunciado e tradução adaptados de Seki (2000, p. 291).

#### 4.5 Considerações gerais

Neste capítulo, apresentei o modo como as classes de nomes e verbos têm sido tratadas nos trabalhos sobre o Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé. Mostrei que, em Kamaiurá (SEKI, 2000), Aweti (BORELLA, 2000) e Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 1999), as raízes que expressam qualidades e estados foram analisadas como verbos descritivos. Em se tratando do Araweté, porém, analisadas como verbos descritivos por Vieira e Leite (1998) e como nomes descritivos por Solano (2009).

Mostrei que, para a classificação dos nomes, os autores levaram em consideração os níveis morfossintático e semântico. Constituídos de elemento pronominal e/ou prefixo relacional, as raízes nominais do Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé foram chamadas de *alienáveis* e *inalienáveis*, equivalentes às *dependentes* do Araweté. Em Araweté, de acordo com Solano (2009), os prefixos relacionais funcionam como marca de contiguidade ( $R^1$ ) ou não contiguidade ( $R^2$ ) entre o pronome pessoal e a raiz nominal. Já em Kamaiurá, segundo Seki (2000), codificam um possuidor de terceira pessoa ou, assim como em Araweté, expressam a dependência sintática entre o pronome clítico e a raiz nominal ( $R^1$ ). Em Aweti, conforme Borella (2000), e Sateré-Mawé, consoante Franceschini (1999), indicam o tipo de relação possessivo-genitiva que se estabelece entre os referentes do prefixo pessoal e da raiz nominal. Em Aweti, apenas a relação do tipo *alienável* é assinalada por meio de relacional; a língua Sateré-Mawé, porém, distingue prefixos relacionais de posse *alienável* ou *inalienável*.

Apresentei, em seguida, a morfologia dos verbos *descritivos*, *intransitivos* e *transitivos* do Araweté, Kamaiurá e Aweti, bem como *estativos*, *médios* e *ativos* do Sateré-Mawé, os quais se distinguem, entre outros fatores, pela ocorrência de proformas de série ativa, inativa e/ou *portmanteau*, prefixos relacionais e morfemas específicos.

Os verbos intransitivos e transitivos (Araweté, Kamaiurá e Aweti), assim como os médios e ativos (Sateré-Mawé), são semelhantemente assinalados por proforma de *série ativa*. Os verbos descritivos (Araweté, Kamaiurá e Aweti) e estativos (Sateré-Mawé), entretanto, são compatíveis com proforma de *série inativa*. Também os transitivos e ativos, assim como os descritivos e estativos, podem ser assinalados por proforma de *série inativa*, cuja ocorrência é condicionada pela *hierarquia de referência pessoal* operante em cada língua.

Em se tratando de prefixos relacionais, estes foram analisados em Kamaiurá (SEKI, 1999) e Araweté (SOLANO, 2009) como marca de contiguidade ( $R^1$ ) entre o pronome pessoal e a raiz verbal transitiva. Em Aweti, porém, como marca genérica do objeto (MONSERRAT, 1975/2012a) ou de não contiguidade do objeto junto à raiz (SABINO, 2016). Em

Sateré-Mawé, por sua vez, todas as raízes verbais ocorrem com prefixo relacional, analisado por Franceschini (1999) como índice da orientação do estado ou do processo expresso pelo verbo.

Mostrei, em seguida, que os verbos intransitivos e transitivos do Araweté, Kamaiurá e Aweti distinguem-se por sua (in)capacidade de receberem afixos reflexivo, recíproco, causativo, entre outros; o mesmo ocorre com os verbos médios e ativos do Sateré-Mawé. Nestas línguas, as raízes transitivas e ativas são compatíveis com os prefixos reflexivo e recíproco, incompatíveis com raízes intransitivas e médias. Por outro lado, as raízes descritivas e intransitivas do Araweté, Kamaiurá e Aweti, assim como as estativas e médias do Sateré-Mawé, podem ocorrer com prefixo causativo, incompatível com raízes transitivas e ativas.

O capítulo seguinte é dedicado à comparação dos sintagmas nominais e posposicionados empregados nestas línguas, visto que são a base dos enunciados de predicado não verbal e verbal abordados nos capítulos seguintes.

**Capítulo V:**  
**SINTAGMAS NOMINAIS E POSPOSICIONADOS**  
**EM ARAWETÉ, KAMAIURÁ, AWETI E SATERÉ-MAWÉ**

Neste capítulo, apresentamos a estrutura dos sintagmas nominais e posposicionados em Araweté (cf. SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA; SABINO) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), bem como a função que podem desempenhar nos enunciados.

### 5.1 Sintagma nominal

Em Araweté, Kamaiurá<sup>266</sup>, Aweti e Sateré-Mawé, o núcleo de um sintagma nominal pode ser um nome dêitico (pronome pessoal ou demonstrativo), um nome comum ou próprio, ou um nome derivado. Vejamos:

#### (a) núcleo: pronome pessoal

(1) Araweté (cf. SOLANO)	(2) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>pě ku pe - ji - muhu</b>  2pl. Foc. 2pl.A+Refl.+‘molhar’  ‘Foram vocês quem se molharam’<sup>267</sup>.</p>	<p><b>pehẽ pe - je - kitsi</b>  2pl. 2pl.A+Refl.+‘cortar’  ‘Vocês se cortaram.’</p>
(3) Aweti (cf. BORELLA)	(4) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>eʔipe eʔi - te - apit - Ø</b>  2pl. 2pl.A+Refl.‘queimar’+Perf.  ‘Vocês se queimaram.’</p>	<p><b>eipe ewei - Ø - we - tek</b>  2pl. 2pl.A+Med.+Refl.+‘cortar’  ‘Vocês se cortaram.’</p>

Nestes enunciados, os pronomes pessoais *pě* (AR), *pehẽ* (KA), *eʔipe* (AW) e *eipe* (SM), referentes à segunda pessoa do plural, são núcleo de sintagma nominal e concordam com a proforma de *série ativa* (*pe-* AR; *pe-* KA; *eʔi-* AW; *ewe-* SM) codificada no verbo.

<sup>266</sup> Em Kamaiurá (SEKI, 2000, p. 116), também a palavra *amo* ‘outro’ pode funcionar como núcleo de sintagma nominal.

<sup>267</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 192).

## (b) núcleo: pronome demonstrativo

(5) Araweté (cf. SOLANO)	(6) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>eʔe ku miniju u - puwĩ</b>  dem. Foc. ‘algodão’ 3A+‘fiar’  ‘Essa é quem fia algodão<sup>268</sup>.’</p>	<p><b>pe - a rake paku - a o - pihik</b>  dem.+N At. ‘paca’+N 3A+‘pegar’  ‘Aquele pegou paca.’</p>
(7) Aweti (cf. BORELLA)	(8) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>pej - ika - ju kujtã</b>  2pl.A+‘procurar’+Cont. dem.  ‘[Vocês] estão procurando aquele.’</p>	<p><b>e - ta - at ro juewat</b>  2sg.A+At.T+‘pegar’ Imp. dem.  ‘Pegue esse!’</p>

Nos enunciados acima, os pronomes demonstrativos *eʔe* (AR), *pea* (KA), *kujtã* (AW) e *juewat* (SM) são núcleo de sintagma nominal. Em Araweté e Kamaiurá, especificamente, os respectivos demonstrativos *eʔe* e *pea* concordam com a proforma de *série ativa* (*u-* AR; *o-* KA) codificada no verbo.

## (c) núcleo: nome comum e próprio

(9) Araweté (cf. SOLANO)	(10) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>u - pa pida</b>  3A+‘acabar’ ‘peixe’  ‘O peixe acabou.’</p>	<p><b>kwar - a o - ʔat</b>  ‘sol’+N 3A+‘cair’  ‘Passou um ano.’</p>
(11) Aweti (cf. BORELLA)	(12) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>makula o - kuje - Ø</b>  ‘panela’ 3A+‘cair’+Perf.  ‘A panela caiu.’</p>	<p><b>kurum Ø - to - ket</b>  ‘menino’ 3sg.A+Med.+‘dormir’  ‘O menino dorme.’</p>

Nestes enunciados, os nomes simples *pida* ‘peixe’ (AR), *kwara* ‘sol’ (KA), *makula* ‘panela’ (AW) e *kurum* ‘menino’ (SM) são núcleo de sintagma nominal e concordam com a proforma de *série ativa* (*u-* AR; *o-* KA; *o-* AW; *Ø-* SM) codificada no verbo.

<sup>268</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 160).



(13) Araweté (cf. SOLANO)	(14) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>u - wahẽ    tatuaru   kaʔarume</b> 3A+‘chegar’ <i>Tatuaru</i> ‘ontem’ ‘Tatuaru chegou ontem.’	<b>marko - a       o - ik</b> <i>Marko</i> +N    3A+‘chegar’ ‘Marko chegou.’
(15) Aweti (cf. BORELLA)	(16) Sateré-Mawé (cf. CARNEIRO)
<b>maria   mojtatika   i - membit - eju</b> <i>Maria</i> ‘três’       3p.+‘filho’+Cont. ‘Maria [tem] três filhos.’	<b>nilda       Ø - i - hairu</b> <i>Nilda</i> 3sg.I+Atrib.I+‘em festa’ ‘Nilda está em festa.’

Acima, os nomes próprios *tatuaru*, do Araweté, *markoa*, do Kamaiurá, *maria*, do Aweti, e *nilda*, do Sateré-Mawé, são núcleo de sintagma nominal. Nestes enunciados, estão em concordância com a proforma de *série ativa* (**u-** AR; **o-** KA), de *série possessiva* (**i-** AW) ou de *série inativa* (**Ø-** SM) codificada no verbo.

#### (d) núcleo: nome derivado

(17) Araweté (cf. SOLANO) <sup>269</sup>	(18) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>i - kutʃa - meʔe - ha       ku       u - mue</b> 3I+‘escrever’+Nom.+Nom.A    Foc.    3A+‘ensinar’ ‘Foi a professora quem ensinou <sup>270</sup> .’	<b>poro - moʔe - maʔe - a    w - aʔir - a       o - moʔe</b> ‘gente’+‘ensinar’+Nom.+N    3c.+‘filho’+N    3A+‘ensinar’ ‘O professor está ensinando o próprio filho.’
(19) Aweti (cf. BORELLA)	(20) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>t - eko - at       kujtã</b> 3A+‘andar’+Nom.A    dem. ‘Aquele [é] andador.’	<b>e - Ø - mu:ʔe - hat       Ø - i - hai</b> 2sg.p.+Atrib.II+‘ensinar’+Nom.A    3sg.I+Atrib.II+‘falar’ ‘Teu professor está falando.’

Acima, as raízes verbais {*kutʃa-*} ‘escrever’, do Araweté, {*moʔe-*} ‘ensinar’, do Kamaiurá, {*eko-*} ‘andar’, do Aweti, e {*mu:ʔe-*} ‘ensinar’, do Sateré-Mawé, ocorrem com morfema nominalizador. Nestes enunciados, os nomes derivados *ikutʃameʔeha* ‘professora’

<sup>269</sup> Em Araweté, os morfemas {*i-*} (exs. 17, 21, 48) e {*h-*} (ex. 60) foram analisados por Solano (2009) como *prefixos relacionais*. Neste capítulo, por motivo de comparação com as demais línguas, reanalisamos estes morfemas como de *terceira pessoa*.

<sup>270</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 467).

(AR), *poromo?ema?ea* ‘professor’ (KA), *tekoat* ‘andador’ (AW) e *emu:?ehat* ‘professor’ (SM) são núcleo de sintagma nominal.

(21) Araweté (cf. SOLANO)	(22) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>i - pide?ĩ - me?e ne</b>            3I+‘magro’+Nom.Atr. 2sg.            ‘Você [é] o que [é] magro<sup>271</sup>.’</p>	<p><b>moĩ - a i - pitsun - ama?e</b>            ‘cobra’+N 3I+‘preto’+Nom.Atr.            ‘A cobra [é] a que [é] preta.’</p>
(23) Aweti (cf. BORELLA)	Sateré-Mawé
<p><b>en i - teta - tu</b>            2sg. 3I+‘alto’+Nom.Atr.            ‘Você [é] o que [é] alto.’</p>	

Acima, as raízes descritivas {*pide?ĩ-*} ‘magro’, do Araweté, {*pitsun-*} ‘preto’, do Kamaiurá, e {*teta-*} ‘alto’, do Aweti, ocorrem com os seguintes morfemas nominalizadores: {-*me?e*}, {-*ama?e*} e {-*tu*}. Nestes enunciados, os nomes derivados *ipide?ĩme?e* ‘o que é magro’ (AR), *ipitsunama?e* ‘a que é preta’ (KA) e *itetatu* ‘o que é alto’ (AW) são núcleo de sintagma nominal.

### 5.1.1 Determinantes do nome

Em enunciados independentes do Araweté (cf. SOLANO); Kamaiurá (cf. SEKI); Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA; SABINO) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), o nome pode ser determinado pelos seguintes elementos: (a) proforma de série possessiva; (b) nome<sup>272</sup>; (c) demonstrativo; (d) numeral; e/ou (e) verbo. Vejamos:

#### 5.1.1.1 Construção genitiva

Nestas línguas, emprega-se construção genitiva formada (a) de raiz nominal (*núcleo*) acompanhada de proforma de série possessiva (*determinante*); ou (b) de dois nominais, o primeiro *determinante*, o segundo *núcleo*.

<sup>271</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 319).

<sup>272</sup> Não apresentamos aqui as construções *epitéticas* (cf. FRANCESCHINI) ou *especificadoras* (cf. SEKI), em que um nome é determinado por outro nome. Isso se justifica pela divergência de análises, como quando determinante e núcleo são analisados como sintaticamente separados, ou como elementos de um só composto (composição atributiva).

Em Sateré-Mawé, o núcleo é assinalado por prefixo relacional *alienável* ou *inalienável* (cf. FRANCESCHINI); em Aweti, por sua vez, apenas raízes *alienáveis* ocorrem com prefixo relacional (cf. BORELLA). Também em Araweté e Kamaiurá, o núcleo é assinalado por prefixo relacional, este, porém, analisado como marca da *dependência sintática* do determinante em relação ao núcleo (cf. SOLANO; SEKI).

As construções, a seguir, são *genitivas*.

(24) Araweté (cf. SOLANO)		(25) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>he      r - eha</b> 1sg.p.   R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘olho de mim’	<b>pẽ      Ø - pa</b> 2pl.p.   R <sup>1</sup> +‘mão’ ‘mão de vocês’	<b>je = r - ea</b> 1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘olho’ ‘meu olho’	<b>pe = Ø - po</b> 2pl.p.+R <sup>1</sup> +‘mão’ ‘vossa mão’
(26) Aweti (cf. MONSERRAT)		(27) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>it - eta</b> 1sg.p.+‘olho’ ‘meu olho’	<b>eʔi - po</b> 2pl.p.+‘mão’ ‘vossa mão’	<b>u - h - eha</b> 1sg.p.+Ri.+‘olho’ ‘meu olho’	<b>e - i - po</b> 2pl.p.+Ri.+‘mão’ ‘vossa mão’

Genitivas, as construções acima são formadas de um único sintagma nominal, assinalado por proforma de série possessiva. Nestas construções, a proforma tem função de determinante (*he*, *pẽ* AR; *je=*, *pe=* KA; *it-*, *eʔi-* AW; *u-*, *e-* SM), enquanto cabe à raiz nominal (*-eha*, *-pa* AR; *-ea*, *-po* KA; *-eta*, *-po* AW; *-eha*, *-po* SM) a função de núcleo.

Em Araweté e Kamaiurá, determinante e núcleo são relacionados pelos prefixos {*r-*} e {*Ø-*}, marca de contiguidade; em Sateré-Mawé, porém, relacionam-se por meio do prefixo (*h-* ∞ *i-*), marca de relação inalienável. Em Aweti, diferentemente, não se observa a ocorrência de prefixo relacional.

(28) Araweté (cf. SOLANO)	(29) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>kuji</b> <b>r - ehaneha</b> ‘mulher’    R <sup>1</sup> +‘óculos’ ‘óculos da mulher’	<b>wirapĩ - a</b> <b>r - upi?a</b> ‘passarinho’+N    R <sup>1</sup> +‘ovo’ ‘ovo do passarinho’
(30) Aweti (cf. BORELLA)	(31) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>akatua</b> <b>e - ?ini</b> <i>akatua</i> Ra.+‘rede’ ‘rede do Akatua’	<b>paulo</b> <b>e - iara</b> <i>paulo</i> Ra.+‘barco’ ‘barco do Paulo’

As construções genitivas acima são caracterizadas pelo emprego de dois nominais, o primeiro em função de determinante (*kuji* ‘mulher’ AR; *wirapĩ* ‘passarinho’ KA; *akatua* AW; *paulo* SM), o segundo em função de núcleo (*-ehaneha* ‘óculos’ AR; *-upi?a* ‘ovo’ KA; *-?ini* ‘rede’ AW; *-iara* ‘barco’ SM). Em Araweté e Kamaiurá, o núcleo é prefixado pelo relacional {*r-*}. Em Aweti e Sateré-Mawé, por sua vez, ocorre com o relacional {*e-*}, índice de relação alienável. Em Kamaiurá, especificamente, o determinante é sufixado pelo morfema de caso nuclear {*-a*}.

(32) Araweté (cf. SOLANO)	(33) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>kuji</b> <b>Ø - ?a</b> ‘mulher’    R <sup>1</sup> +‘cabelo’ ‘cabelo da mulher’	<b>ka?i - a</b> <b>Ø - pere</b> ‘macaco’+N    R <sup>1</sup> +‘fígado’ ‘fígado do macaco’
(34) Aweti (cf. BORELLA)	(35) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>tuwawatu</b> <b>uwik</b> ‘cachorro’    ‘sangue’ ‘sangue do cachorro’	<b>ŋetap</b> <b>Ø - aŋkukaŋ</b> ‘casa’      Ri.+‘estrutura’ ‘estrutura da casa’

Genitivas, as construções acima empregam dois sintagmas nominais, o primeiro em função de determinante (*kuji* ‘mulher’ AR; *ka?ia* ‘macaco’ KA; *tuwawatu* ‘cachorro’ AW; *ŋetap* ‘casa’ SM), o segundo em função de núcleo (*-?a* ‘cabelo’ AR; *-pere* ‘fígado’ KA; *uwik* ‘sangue’ AW; *-aŋkukaŋ* ‘estrutura’ SM).

Em Araweté, Kamaiurá e Sateré-Mawé, o núcleo é prefixado pelo relacional {*Ø-*}, analisado em Araweté e Kamaiurá como marca de dependência sintática, e em Sateré-Mawé

como marca de relação inalienável. Em Aweti, como se vê, o núcleo não é assinalado por prefixo relacional. Em Kamaiurá, diferentemente das demais línguas, o determinante ocorre com o sufixo de caso nuclear {-a}.

### 5.1.1.2 Demonstrativos e numerais

Em Araweté (cf. SOLANO); Kamaiurá (cf. SEKI); Aweti (cf. BORELLA; SABINO) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), também os demonstrativos e numerais podem funcionar como determinante do nome.

(36) Araweté (cf. SOLANO)	(37) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>u - pẽ herĩ ruku u?i</b>  3A+‘quebrar’ Part. dem. ‘flecha’  ‘Parece que essa flecha vai quebrar.’</p>	<p><b>?aŋ kunu?um - a o - ?anuw o - ?am</b>  dem. ‘menino’+N 3A+‘ouvir’ 3+Aux.  ‘Este menino está ouvindo.’</p>
(38) Aweti (cf. BORELLA)	(39) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>uja mājāgu mita - tu</b>  dem. ‘cesta’ ‘nova’+Nom.Atr.  ‘Esta cesta [é] a que [é] nova.’</p>	<p><b>me:sup lapi u - i - wat</b>  dem. ‘lápiz’ 1sg.p.+Ri.+rad.gen.  ‘Este lápis [é] o meu.’</p>

Semelhantes, as construções acima empregam nome em função de núcleo (*u?i* ‘flecha’ AR; *kunu?uma* ‘menino’ KA; *mājāgu* ‘cesta’ AW; *lapi* ‘lápiz’ SM), antecedido de demonstrativo em função de determinante (*ruku* AR; *?aŋ* KA; *uja* AW; *me:sup* SM).

Em nível semântico-referencial, o emprego do demonstrativo *ruku* (do Araweté) indica que o referente flecha<sup>273</sup> está suspenso e próximo do falante e do ouvinte (cf. SOLANO). Já em Kamaiurá, a ocorrência do demonstrativo *?aŋ* indica que o referente menino está localizado próximo ao falante e é visível aos seus olhos (cf. SEKI). Em Aweti, em seguida, o emprego do demonstrativo *uja* é condicionado pelo sexo feminino do falante e por sua proximidade em relação ao referente cesta (cf. BORELLA). Em Sateré-Mawé, por sua vez, a ocorrência do demonstrativo *me:sup* indica que o referente lápiz está próximo ao falante e posicionado horizontalmente sob uma superfície (cf. FRANCESCHINI).

<sup>273</sup> Neste capítulo, os termos *sublinhados* fazem referência ao nível semântico-referencial.

(40) Araweté (cf. SOLANO)	(41) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>ne Ø - hi ?a ruwĩ</b>  2sg.p. R<sup>1</sup>+‘mãe’ ‘casa’ dem.  ‘Aquela casa [é] da tua mãe.’</p>	<p><b>?aŋ - a ja?apepõ - a t - uwijaw - ama?e - a</b>  dem.+N ‘panela’+N 3I+‘grande’+Nom.Atr.+N  ‘Esta panela [é] a que [é] grande.’</p>
(42) Aweti (cf. BORELLA)	(43) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>akoj op i - kir - itu</b>  dem. ‘folha’ 3I+‘verde’+Nom.Atr.  ‘Aquela folha [é] a que [é] verde.’</p>	<p><b>me:ke iara Ø - i - taŋ</b>  dem. ‘barco’ 3sg.I+Atrib.II+‘grande’  ‘Aquele barco é grande.’</p>

Exceto a do Araweté, as construções acima são formadas de nome em função de núcleo (*ja?apepõa* ‘panela’ KA; *op* ‘folha’ AW; *iara* ‘barco’ SM), antecedido de demonstrativo em função de determinante (*?aŋa* KA; *akoj* AW; *me:ke* SM). Em Araweté, por sua vez, emprega-se o nome *?a* ‘casa’ e, em seguida, o demonstrativo *ruwĩ*.

Nesta língua, o demonstrativo *ruwĩ* indica, em nível semântico-referencial, que o referente casa está posicionado sob uma superfície e encontra-se distante do falante (cf. SOLANO). Em Kamaiurá, porém, a ocorrência do demonstrativo<sup>274</sup> *?aŋa* indica que o referente panela, visível aos olhos do falante, está localizado próximo dele (cf. SEKI). Em Aweti, por sua vez, o emprego do demonstrativo *akoj* é determinado pela longitude no que se refere ao referente folha (cf. BORELLA). Em Sateré-Mawé, em seguida, o demonstrativo *me:ke* indica que o referente barco está posicionado sob a água e se movimenta em direção ao ouvinte ou outro participante do contexto comunicativo, exceto o falante (cf. FRANCESCHINI).

(44) Araweté (cf. SOLANO)	(45) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>puku - me?e mukūj ure</b>  ‘comprido’+Nom.Atr. ‘dois’ 1excl.  ‘Nós dois [somos] os compridos.’</p>	<p><b>mokōj kunu?um - a o - ik</b>  ‘dois’ ‘menino’+N 3A+‘chegar’  ‘Dois meninos chegaram.’</p>
(46) Aweti (cf. SABINO)	(47) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>moitārika mo?a - za o - ut</b>  ‘três’ ‘pessoas’+col. 3A+‘vir’  ‘Três pessoas vieram.’</p>	<p><b>Ø - ti - ?auka mie?im awiki</b>  3A+At.T+‘matar’ ‘três’ ‘macaco’  ‘Ele matou três macacos [guariba].’</p>

<sup>274</sup> Em Kamaiurá (SEKI, 2000, p. 118), o demonstrativo pode ou não receber o sufixo de caso nuclear {-a}.

Nestes enunciados, os sintagmas nominais acima são caracterizados pelo emprego de nome<sup>275</sup> (*ure* ‘nós’ AR; *kunu?uma* ‘menino’ KA; *mo?aza* ‘pessoas’ AW; *awiki* ‘macaco’ SM) em função de núcleo, antecedido de numeral (*mukûj* ‘dois’ AR; *mokôj* ‘dois’ KA; *moitârîka* ‘três’ AW; *mie?im* ‘três’ SM) em função de determinante.

### 5.1.1.3 Verbos em função epitética

Em Araweté (cf. VIEIRA & LEITE; SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. SABINO) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), as raízes descritivas<sup>276</sup> podem funcionar como determinante de um nome (núcleo).

Os exemplos abaixo ilustram o emprego destas raízes em função de predicado.

(48) Araweté (cf. SOLANO)	(49) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>i - puja      he      Ø - ?u</b>            3I+‘inchada’   1sg.p.   R<sup>1</sup>+‘perna’            ‘Minha perna está inchada.’</p>	<p><b>je = iar - a      i - katu</b>            1sg.p.+‘canoa’+N   3I+‘boa’            ‘Minha canoa está boa.’</p>
(50) Aweti (cf. BORELLA)	(51) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>i - ?ap      i - puku - Ø</b>            1sg.p.+‘cabelo’   3I+‘comprido’+Perf.            ‘Meu cabelo é comprido.’</p>	<p><b>awiato      Ø - i - tiñ</b>            ‘onça’   3sg.I+Atrib.II+‘pintada’            ‘A onça é pintada.’</p>

As construções acima são caracterizadas pelo emprego de sintagma nominal e verbal<sup>277</sup>. São nominais os sintagmas *he ?u* ‘minha perna’ (AR), *jeiara* ‘minha canoa’ (KA), *i?ap* ‘meu cabelo’ (AW) e *awiato* ‘onça’ (SM). Por sua vez, são verbais os sintagmas *ipuja* (AR), *ikatu* (KA), *ipuku* (AW) e *itiñ* (SM). Nestes enunciados, o sintagma nominal concorda com a proforma de *série inativa* assinalada na construção verbal.

As construções a seguir ilustram a determinação de nome por raiz verbal descritiva.

<sup>275</sup> Exceto em Araweté, cujo núcleo do sintagma nominal é o pronome pessoal *ure* (SOLANO, 2009).

<sup>276</sup> *Estativas*, conforme Franceschini (1999).

<sup>277</sup> Para fins de comparação com as demais línguas, consideramos, neste trabalho, as raízes descritivas do Araweté como verbais (cf. VIEIRA & LEITE).

(52) Araweté (cf. SOLANO)		(53) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>tawi</b> ‘formiga’ ‘formiga vermelha’	<b>pidi</b> ‘vermelha’	<b>takunere</b> ‘tucunaré’ ‘tucunaré branco’	<b>ti</b> ‘branco’
		<b>iwak - á</b> ‘céu’+N ‘céu azul’	<b>tsowi</b> ‘azul’
			<b>i?iw - á</b> ‘flecha’+N ‘flecha reta’
(54) Aweti (cf. SABINO)		(55) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>apwoã</b> ‘focinho’ ‘focinho comprido’	<b>puku</b> ‘comprido’	<b>kita</b> ‘pedra’ ‘pedra dura’	<b>tatã</b> ‘dura’
		<b>waipaka</b> ‘galinha’ ‘galinha gorda’	<b>kit</b> ‘gorda’
			<b>awiato</b> ‘onça’ ‘onça pintada’
			<b>tiñ</b> ‘pintada’

As construções acima são epítéticas, formadas de núcleo e determinante. Os nominais *tawi* ‘formiga’ e *takunere* ‘tucunaré’, do Araweté, *iwaká* ‘céu’ e *i?iwá* ‘flecha’, do Kamaiurá, *apwoã* ‘focinho’ e *kita* ‘pedra’, do Aweti, bem como *waipaka* ‘galinha’ e *awiato* ‘onça’, do Sateré-Mawé, funcionam como núcleo. Por sua vez, os verbos descritivos *pidi* ‘vermelha’ e *ti* ‘branco’, do Araweté, *tsowi* ‘azul’ e *katu* ‘boa’, do Kamaiurá, *puku* ‘comprido’ e *tatã* ‘dura’, do Aweti, bem como *kit* ‘gorda’ e *tiñ* ‘pintada’, do Sateré-Mawé, funcionam como determinante. Apenas em Kamaiurá, o acento do núcleo é deslocado para o sufixo de caso.

### 5.1.2 Função do sintagma nominal

Em Araweté (cf. VIEIRA & LEITE; SOLANO); Kamaiurá (cf. SEKI); Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA; SABINO) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), o sintagma nominal pode ser empregado em função de actante (de predicado verbal e não verbal) ou de predicado não verbal. Vejamos:

(56) Araweté (cf. SOLANO)	(57) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>he</b> 1sg.p. R <sup>1</sup> +‘casa’+Retr. ‘aquela’ ‘Aquela [foi] minha casa.’	<b>mokaw - a</b> ‘espingarda’+N 1sg.p.+‘arma’+NM ‘A espingarda [é] minha arma.’
<b>je</b> = <b>iwirapat - Ø</b>	
(58) Aweti (cf. MONSERRAT)	(59) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>i - membit</b> 1sg.p.+‘filho’ ‘aquele’ ‘Aquele [é] meu filho.’	<b>ako</b> ‘aquele’
	<b>mi?i</b> 3sg. 1sg.p.+Ri.+‘pai’ ‘Ele [é] meu pai.’
	<b>u - i - iwot</b>



Os enunciados acima são possessivo-equativos, formados de dois sintagmas nominais: um em função de actante, outro em função de predicado. Em função actancial estão os sintagmas *ruwĩ* ‘aquela’, do Araweté; *mokawa* ‘espingarda’, do Kamaiurá; *akoj* ‘aquele’, do Aweti; e *miʔi* ‘ele’, do Sateré-Mawé. A função de predicado, porém, é desempenhada pelos sintagmas *he ratfe* ‘minha casa’ (AR), *jeiwirapat* ‘minha arma’ (KA); *imembĩt* ‘meu filho’ (AW) e *uiwot* ‘meu pai’ (SM).

Em Kamaiurá, especificamente, o sintagma em função de actante é marcado pelo sufixo {-a}, de caso nuclear; por sua vez, o sintagma em função de predicado recebe o sufixo {-Ø}, de caso não marcado. Nas demais línguas, o sintagma nominal não recebe marca de caso.

(60) Araweté (cf. SOLANO)	(61) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>karahi h - aku hetĩ</b>  ‘sol’ 3I+‘quente’ ‘muito’  ‘O sol está muito quente.’</p>	<p><b>je = iar - a i - katu</b>  1sg.p.+‘canoa’+N 3I+‘boa’  ‘Minha canoa está boa.’</p>
(62) Aweti (cf. BORELLA)	(63) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>i - taʔi(t) t - uwiri - eju</b>  1sg.p.+‘filho’ 3I+‘grande’+Cont.  ‘Meu filho está grande.’</p>	<p><b>awiato Ø - i - tiŋ</b>  ‘onça’ 3sg.I+Atrib.II+‘pintada’  ‘A pantera é pintada.’</p>

Uniactanciais não agentivas, as construções acima são caracterizadas pelo emprego dos nomes *karahi* ‘sol’ (AR), *jeiara* ‘minha canoa’ (KA), *itaʔit* ‘meu filho’ (AW) e *awiato* ‘onça’ (SM), núcleo de sintagma nominal em função actancial. Em Kamaiurá<sup>278</sup>, o sintagma *jeiara* é marcado pelo sufixo de caso nuclear {-a}. Nestes enunciados, o actante é codificado no verbo por *proforma de série inativa*.

<sup>278</sup> Segundo Cabral (2001 apud SOLANO, 2009, p. 133), “o Araweté durante o seu desenvolvimento enquanto língua independente perdeu a manifestação do caso argumentativo”. O *caso argumentativo* corresponde ao que Seki chama de *caso nuclear* em Kamaiurá.

(64) Araweté (cf. SOLANO)	(65) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>tairuhu ku u - dinũ</b> ‘criança’ Foc. 3A+‘deitar’ ‘Foi a criança quem deitou <sup>279</sup> .’	<b>iwirá - a o - kaj</b> ‘árvore’+N 3A+‘queimar’ ‘A árvore está queimando.’
(66) Aweti (cf. BORELLA)	(67) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>ajte o - at - Ø</b> ‘homem’ 3A+‘cair’+Perf. ‘O homem caiu.’	<b>hirokat watka Ø - Ø - ?e</b> ‘criança’ ‘gritar’ 3sg.A+Med.+Aux. ‘A criança gritou.’

Nas construções acima, uniactanciais agentivas, os nomes *tairuhu* ‘menino’ (AR), *iwirá* ‘árvore’ (KA), *ajte* ‘homem’ (AW) e *hirokat* ‘criança’ (SM) funcionam como núcleo de sintagma nominal em função actancial. Em Kamaiurá, especificamente, o sintagma *iwirá* recebe marca de caso nuclear {-a} quando nesta função. Nestes enunciados, o actante único é codificado no verbo por *proforma de série ativa*.

(68) Araweté (cf. SOLANO)	(69) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>ure ku arapuha uru - dʒuka</b> 1excl. Foc. ‘veado’ 1excl.A+‘matar’ ‘Fomos nós quem matamos veado <sup>280</sup> .’	<b>moĩ - a wararuwijaw - a o - uʔu</b> ‘cobra’+N ‘cachorro’+N 3A+‘morder’ ‘A cobra mordeu o cachorro.’
(70) Aweti (cf. BORELLA)	(71) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>tuwawatu wej - tuʔu - Ø moj</b> ‘cachorro’ 3A+‘morder’+Perf. ‘cobra’ ‘O cachorro mordeu a cobra.’	<b>uito a - ti - ʔauka awiato</b> 1sg. 1sg.A+At.T+‘matar’ ‘onça’ ‘Eu matei a onça.’

Os enunciados acima são biactanciais. Em Kamaiurá, os sintagmas nominais *moĩ* ‘cobra’ e *wararuwijawa* ‘cachorro’ funcionam como primeiro (agente) e segundo (paciente) actantes, ambos marcados pelo morfema de caso nuclear {-a}.

Nas demais línguas, porém, o nominal nesta função não recebe marca de caso. Acima, os sintagmas *ure* ‘nós’ (AR), *tuwawatu* ‘cachorro’ (AW) e *uito* ‘eu’ (SM) desempenham função de primeiro actante (agente); por sua vez, os sintagmas *arapuha* ‘veado’ (AR), *moj*

<sup>279</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 173).

<sup>280</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 435).

‘cobra’ (AW) e *awiato* ‘onça’ (SM) funcionam como segundo actante (paciente). Nestes enunciados, o primeiro actante é codificado no verbo por *proforma de série ativa*.

## 5.2 Sintagma posposicionado

Em Araweté (cf. SOLANO); Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. BORELLA; SABINO) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), o sintagma posposicionado pode ser empregado em função de actante, predicado, predicativo<sup>281</sup> e/ou circunstante. Vejamos:

(72) Araweté (cf. SOLANO)	(73) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>ina pe pe - a Ø - iwe</b>            Neg. 2pl. 2pl.p.+‘casa’ R<sup>1</sup>+Posp.            ‘Vocês não [estavam] dentro de casa.’</p>	<p><b>iwira o - ʔam je = pir - a Ø - ikep</b>            ‘árvore’ 3A+COP 1sg.p.+‘casa’+N R<sup>1</sup>+Posp.            ‘A árvore está ao lado de minha casa.’</p>
(74) Aweti (cf. BORELLA)	(75) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>ok pe iwiri</b>            ‘casa’ ‘caminho’ Posp.            ‘A casa [está] junto ao caminho.’</p>	<p><b>u - i - ti parintin me</b>            1sg.p.+Ri.+‘mãe’ Parintins Posp.            ‘Minha mãe [está] em Parintins.’</p>

Acima, os sintagmas posposicionados *pea iwe* ‘dentro de casa’ (Araweté), *pe iwiri* ‘junto ao caminho’ (Aweti) e *parintin me* ‘em Parintins’ (em Sateré-Mawé) funcionam como predicado locativo. Em Kamaiurá, porém, em que se observa o emprego de cópula, o sintagma posposicionado *jepira ikep* ‘ao lado de minha casa’ desempenha a função de predicativo. Nestes sintagmas, os nomes *pea* (AR), *jepira* (KA), *pe* (AW) e *parintin* (SM) funcionam como complemento posposicional. Em Kamaiurá, exclusivamente, este recebe o sufixo de caso nuclear {-a}.

<sup>281</sup> Neste capítulo, o *predicativo* corresponde à função sintática desempenhada por um sintagma posposicionado que predica a localização do referente expresso pelo sintagma nominal em função de actante, estes relacionados por elemento de ligação (cópula). Nestas condições, *cópula* e *predicativo* correspondem ao predicado não verbal do enunciado.

(76) Araweté (cf. SOLANO)	(77) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>a - maʔẽ ku he tajahu r - ehe</b> 1A+‘olhar’ Foc. 1sg. ‘porcão’ R <sup>1</sup> +Posp. ‘Fui eu quem olhou para o porcão <sup>282</sup> .’	<b>a - re - ʔakasa awiato kape</b> 1sg.A+Med.+‘olhar’ ‘onça’ Posp. ‘Eu olhei para a onça.’

Os enunciados do Araweté e Sateré-Mawé acima são biactanciais, cujo sintagma posposicionado é empregado em função de segundo actante (receptivo): *tajahu rehe* ‘para o porcão’ (AR) e *awiato kape* ‘para a onça’ (SM). Nestes sintagmas, os nomes *tajahu* e *awiato* funcionam como complemento posposicional.

(78) Araweté (cf. SOLANO)	(79) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>petini ku he a - ru muikatuhi r - e</b> ‘café’ Foc. 1sg. 3A+‘trazer’ <i>Muikatuhi</i> R <sup>1</sup> +Posp. ‘Foi café que eu trouxe para Muikatuhi <sup>283</sup> .’	<b>iwirapar - a o - meʔeŋ karaʔiw - a Ø - upe</b> ‘arco’+N 3A+‘dar’ ‘não índio’+N R <sup>1</sup> +Posp. ‘Ele deu o arco para o não índio.’
(80) Aweti (cf. BORELLA)	(81) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>kujtã wej - mo - to akatua kiti uʔip</b> dem. 3A+Caus.+‘ir’ <i>Akatua</i> Posp. ‘flecha’ ‘A mulher deu a flecha para Akatuá.’	<b>miʔi Ø - tu - tum miʔu to - Ø - membit pe</b> 3sg. 3A+At.T+‘dar’ ‘comida’ 3cor.+Ri.+‘filho’ Posp. ‘Ela deu comida para o próprio filho.’

Nos enunciados acima, triactanciais, o sintagma posposicionado é empregado em função de terceiro actante (beneficiário): *muikatuhi re* ‘para Muikatuhi’, em Araweté; *karaʔiwa upe* ‘para o não índio’, em Kamaiurá; *akatua kiti* ‘para Akatuá’, em Aweti; e *tomembit pe* ‘para o próprio filho’, em Sateré-Mawé.

Nestes sintagmas, o nome funciona como complemento posposicional (*muikatuhi* AR; *karaʔiwa* KA; *akatua* AW; *tomembit* SM), marcado em Kamaiurá, especificamente, pelo morfema de caso nuclear {-a}.

<sup>282</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 108).

<sup>283</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 467).

(82) Araweté (cf. SOLANO)	(83) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>madetfaka ku u - jija arai Ø - we</b> ‘pajé’ Foc. 3A+‘cantar’ ‘maracá’ R <sup>1</sup> +Posp. ‘Foi o pajé quem cantou com o maracá <sup>284</sup> .’	<b>kunu?um - a o - ?ata o - ?i - a Ø - nite</b> ‘menino’+N 3A+‘andar’ 3cor.+‘mãe’+N R <sup>1</sup> +Posp. ‘O menino está andando com a própria mãe.’
(84) Aweti (cf. MONSERRAT)	(85) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>azo - za araku ta azo - ?ã?ã - Ø</b> 1excl.+col. <i>Araku</i> Posp. 1excl.+‘levantar’+Perf. ‘Nós levantamos com Araku.’	<b>korowi - ?i:n iti: po?i wiwo ton?e</b> <i>Korowi</i> +col. ‘veado’ ‘amarrado’ Posp. ‘eles vêm’ ‘Os do Clóvis vêm com o veado amarrado.’

Nos enunciados acima, uniactanciais, o sintagma posposicionado é empregado em função de circunstante (instrumento/companhia): *arai we* ‘com o maracá’, em Araweté (instrumento); *o?ia nite* ‘com a própria mãe’, em Kamaiurá (companhia); *araku ta* ‘com Araku’, em Aweti (companhia); e *iti: po?i wiwo* ‘com o veado amarrado’, em Sateré-Mawé (companhia). Nestes sintagmas, o nome (*arai* AR; *o?ia* KA; *araku* AW; *iti: po?i* SM) funciona como complemento posposicional, marcado, apenas em Kamaiurá, pelo morfema de caso nuclear {-a}.

### 5.3 Considerações gerais

Neste capítulo, apresentei as principais características dos sintagmas nominais e posposicionados nas quatro línguas comparadas. Mostrei que nelas o núcleo de um sintagma nominal pode ser um *nome dêitico* (pronome pessoal ou demonstrativo), um *nome comum ou próprio*, ou um *nome derivado* por morfema nominalizador. Além disto, que o núcleo pode ser determinado por *proforma de série possessiva*, por *outro nome*, por *demonstrativo*, *numeral* e/ou *verbo*. Ilustrei, ainda, apresentando exemplos, que um sintagma nominal pode funcionar como *actante* ou *predicado* nestas línguas. Ademais, que um sintagma posposicionado pode desempenhar as funções de *actante*, *predicado*, *predicativo* e/ou *circunstante*. Este capítulo é de suma importância para a análise dos enunciados de predicado verbal e não verbal das línguas Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, assunto do qual trato nos capítulos seguintes.

<sup>284</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 435).

## Capítulo VI:

### ENUNCIADOS DE PREDICADO NÃO VERBAL EM ARAWETÉ, KAMAIURÁ, AWETI E SATERÉ-MAWÉ

Neste capítulo, apresentaremos os *enunciados de predicado não verbal* em Araweté (cf. VIEIRA & LEITE; SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA; SABINO) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI).

Segundo Dryer (2007, p. 225), é necessário estabelecer uma distinção entre *enunciados não verbais* e *enunciados de predicado não verbal*. Os primeiros são efetivamente caracterizados pela ausência de elemento verbal; os últimos, porém, podem apresentar cópula verbal. As línguas Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé assemelham-se pelo fato de apresentarem enunciados totalmente *não verbais*, isto é, caracterizados pela ausência de qualquer elemento de natureza verbal. Exceto em Sateré-Mawé, todavia, ocorre nas demais línguas o emprego de *cópula verbal* em *enunciados de predicado não verbal*.

Seki (2000, p. 160), a partir dos critérios morfossintático e semântico, propõe que os enunciados do Kamaiurá sejam classificados em *identificadores*, *possessivos*, *locativos* e *existenciais*. Os identificadores, por sua vez, incluem os enunciados *equativos*, *classificadores*<sup>285</sup> e *atributivos*. Os possessivos, por seu turno, incluem os *possessivo-equativos* e *não-equativos*.

Para o Aweti, diferentes propostas são apresentadas pelos autores. Monserrat (1976), uma das primeiras pesquisadoras dessa língua, classifica os predicados nominais do Aweti em *equativos*, *adjetivais*, *estativos* e *existenciais*. Sabino (2016, p. 156), em trabalho recente, propõe que os predicados nominais dessa língua sejam subclassificados em *equativos*, *inclusivos*, *estativos*, *atributivos inerentes*, *possessivos* e *existenciais*. Borella (2000), diferentemente, argumenta a favor de que os predicados estativos do Aweti possam ser formados tanto por nomes quanto por verbos, o que implica em considerar as raízes descritivas dessa língua como verbais e não nominais.

Em Araweté, conforme Solano (2009, p. 236), pode-se identificar os seguintes predicados nominais: *equativos*, *possessivos*, *existenciais* e *identificacionais*. Na tese de Franceschini (1999), contudo, não foram apresentados os enunciados de predicado não verbal

---

<sup>285</sup> Correspondentes aos *inclusivos* de Payne (1997).

do Sateré-Mawé, uma vez que, exceto os possessivos, não se distinguem do ponto de vista morfossintático.

Payne (1997, p. 111) propõe que os predicados não verbais sejam classificados de acordo com cinco subtipos distintos, a saber: *equativo*, *inclusivo*, *possessivo*, *locativo* e *existencial*. Neste capítulo, para dar conta dos predicados não verbais das línguas analisadas, e a fim de realizar a comparação a que nos propomos, utilizaremos a seguinte classificação: **(1) equativos**; **(2) inclusivos** (inclusos os *classificadores* do Kamaiurá); **(3) atributivo-inerentes e não inerentes** (*estativos* do Aweti); **(4) possessivo-equativos e não-equativos** (cf. SEKI, 2000); **(5) locativos** e **(6) existenciais**.

Além disto, consideramos aqui a proposta de Vieira e Leite (1998) e Borella (2000), para o Araweté e Aweti, respectivamente, que analisam as raízes descritivas destas línguas como verbais (não nominais). A predileção por esta proposta justifica-se pelo fato de que, neste trabalho, apresentamos a comparação de línguas cujas raízes descritivas foram analisadas como verbos. Isto implica, neste capítulo, em apresentar apenas os enunciados atributivos em que raízes descritivas aparecem nominalizadas.

Explicitamos, a seguir, cada um destes tipos e subtipos de enunciados em suas formas *afirmativa* e *negativa*, comparando as línguas Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé do ponto de vista morfossintático.

## 6.1 Enunciados equativo e inclusivo

O enunciado *equativo*, em nível semântico-referencial, expressa relação de *identidade* entre o referente denotado pelo actante e o referente expresso pelo predicado. O enunciado *inclusivo*, por sua vez, expressa relação de *inclusão* do referente expresso pelo actante na classe de itens denotada pelo predicado (PAYNE, 1997, p. 114).

Em Kamaiurá (cf. SEKI), em detrimento das demais línguas, os enunciados *equativo* e *inclusivo* são distintos em nível morfossintático. No primeiro, o sintagma em função de predicado é marcado pelo sufixo de caso {-a}; no segundo, porém, pelo sufixo {-Ø}, conforme mostram os exemplos abaixo.

(1a-b) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>je = tutir - a morerekwar - á</b> 1sg.p.+‘tio’+N      ‘chefe’+N ‘Meu tio [é] o chefe.’	<b>je = tutir - a morerekwat - Ø</b> 1sg.p.+‘tio’+N      ‘chefe’+NM ‘Meu tio [é] chefe.’

Em enunciado equativo (ex. 1a), a função de predicado de um sintagma é assinalada em nível fonológico, marcada “pelo deslocamento do acento do radical para o sufixo de caso” (SEKI, 2000, p. 161). Em enunciado inclusivo (ex. 1b), porém, os nominais em função de actante e predicado recebem marcas distintas: o primeiro é marcado pelo sufixo de caso {-a}, enquanto o segundo recebe o sufixo {-Ø}, de caso não marcado.

Nas línguas Araweté (cf. SOLANO), Aweti (cf. MONSERRAT; SABINO) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), entretanto, os enunciados *equativos* e *inclusivos* distinguem-se apenas em nível semântico-referencial, além disto, são caracterizados pela ausência de marcas gramaticais para indicar a função de actante ou predicado dos sintagmas nominais, conforme ilustram os exemplos a seguir.

(2a-b) Araweté (cf. SOLANO)		Kamaiurá	
<b>iwi reʔa</b> ‘terra’ ‘isso’ ‘Isso [é] terra.’	<b>madetʃaka ku he</b> ‘pajé’ Foc. 1sg. ‘Pajé é o que [sou].’		
(3a-b) Aweti (cf. SABINO)		(4a-b) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)	
<b>piraʔit iatã</b> ‘peixe’ ‘este’ ‘Este [é] peixe.’	<b>nã mopat</b> 3sg. ‘pajé’ ‘Ele [é] pajé.’	<b>weita kowat</b> ‘pássaro’ ‘este’ ‘Este [é] pássaro.’	<b>miʔi tuʔisa</b> 3sg. ‘chefe’ ‘Ele [é] chefe.’

Os enunciados acima são caracterizados pela justaposição de dois sintagmas nominais. Nos dados de que dispomos do Araweté (cf. SOLANO), o sintagma em função de predicado é empregado em posição anterior à do sintagma em função actancial. Em Aweti (cf. SABINO) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), porém, em que o actante pode preceder ou seguir o predicado, não é a ordem dos sintagmas o fator que condiciona a sua função<sup>286</sup>.

Nestas línguas, em que não há marcas gramaticais para indicar função sintática, o

<sup>286</sup> Esta questão merece ser aprofundada em pesquisas futuras.



sufixo *nominalizador* pode ser um indício da função de predicado do sintagma em que ocorre. Nos enunciados a seguir os respectivos sufixos {-*ha*} e {-*tat*} funcionam em Araweté (SOLANO, 2009, p. 310) e Kamaiurá<sup>287</sup> (SEKI, 2000, p. 48) como *nominalizador*. Em Aweti (SABINO, 2016, p. 66) e Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 1999, p. 257), por sua vez, ocorrem os sufixos {-*at*} e {-*hat*}, respectivamente.

(5) Araweté (cf. SOLANO)	(6) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>ne Ø - pitiwu - ha he</b></p> <p>2sg.p. R<sup>1</sup>+‘ajudar’+Nom.A 1sg.</p> <p>‘Eu [sou] o ajudador de você.’</p>	<p><b>sapaĩ - a moĩ - a juka - tat - Ø</b></p> <p>Sapaĩ+N ‘cobra’+N ‘matar’+Nom.A+NM</p> <p>‘Sapaĩ [é] matador de cobra.’</p>
(7) Aweti (cf. SABINO)	(8) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>it - ati moʔat - at</b></p> <p>1sg.p.+‘esposa’ ‘fazer’+Nom.A</p> <p>‘Minha esposa [é] fazedora [de algo].’</p>	<p><b>miʔi woʔo - suk - suk - hat</b></p> <p>3sg. det.+‘furar’+‘furar’+Nom.A</p> <p>‘Ele [é] vacinador.’</p>

Em Araweté, acima, emprega-se os sintagmas nominais *he* ‘eu’, em função de actante, e *ne pitiwuha* ‘ajudador de você’, em função de predicado. Em Kamaiurá, similarmente, os sintagmas nominais *sapaĩ* ‘Sapaĩ’ e *moĩa jukatat* ‘matador de cobra’ desempenham as funções de actante e predicado, respectivamente. Em Aweti, tais funções são desempenhadas pelos sintagmas *itati* ‘minha esposa’ e *moʔatat* ‘fazedor’, nesta ordem. O enunciado do Sateré-Mawé, por seu turno, é formado dos nominais *miʔi* ‘ele’, em função actancial, e *woʔosuksukhat* ‘vacinador’, em função de predicado.

O enunciado do Kamaiurá (ex. 6) acima é *inclusivo*, caracterizado por predicado marcado pelo sufixo de caso {-Ø} (em oposição ao sufixo {-a}, que marca o predicado de enunciados *equativos*). Nas demais línguas, porém, a natureza equativa/inclusiva dos enunciados é distinta apenas em nível semântico-referencial.

Em Kamaiurá (cf. SEKI), verificou-se, ainda, a ocorrência de enunciados equativos e inclusivos caracterizados pelo emprego de cópula verbal. Neste trabalho, entendemos que a cópula faz parte do predicado; este, porém, permanece não verbal, visto que não compete à cópula, vazia semanticamente, carregar o conteúdo semântico da predicação<sup>288</sup>. Os enunciados a seguir ilustram o emprego de cópula verbal em Kamaiurá.

<sup>287</sup> Em Kamaiurá, observou-se o emprego dos seguintes alomorfes: {-*tat*} ~ {-*taw*} ~ {-*at*} (SEKI, 2000, p. 48).

<sup>288</sup> A esse respeito, ver subseção 3.3.1, intitulada *Cópula: definição, função e tipologia*.

(9a-b) Kamaiurá (cf. SEKI)			
<b>morerekwa - er - a      ere - ko</b>		<b>kamajura - Ø      a - ko</b>	
‘chefe’+Pas.+N      2sg.A+COP		Kamaiurá+N      1sg.A+COP	
‘[Você] era o chefe.’		‘[Eu] sou Kamaiurá.’	

Próprios do Kamaiurá, os predicados acima são equativo e inclusivo, respectivamente: o primeiro, *equativo*, é marcado pelo sufixo de caso {-a}; o segundo, *inclusivo*, pelo sufixo {-Ø}. Nestes enunciados, a cópula {-ko} ocorre com as proformas {a-}, de primeira pessoa do singular, e {ere-}, de segunda pessoa do singular, índices actanciais.

Em se tratando, porém, de enunciados *equativo-negativos*, estes expressam uma relação de *não identidade* entre o referente expresso pelo actante e o referente denotado pelo predicado. Os enunciados *inclusivo-negativos*, por sua vez, indicam a relação de *não inclusão* do referente expresso pelo actante entre a classe de itens que o predicado referencia.

Como já apresentado, em Kamaiurá (cf. SEKI), os enunciados *equativos* e *inclusivos* são distintos em nível morfossintático. No primeiro, o sintagma em função de predicado é marcado pelo sufixo de caso {-a}; no segundo, porém, marcado pelo sufixo {-Ø}, conforme mostram os exemplos abaixo.

(10a-b) Kamaiurá (cf. SEKI)			
<b>je = tutir - a      morerekwar - e?im - á</b>		<b>je = tutir - a      morerekwar - e?im - Ø</b>	
1sg.p.+‘tio’+N      ‘chefe’+Neg.+N		1sg.p.+‘tio’+N      ‘chefe’+Neg.+NM	
‘Meu tio não [é] o chefe.’		‘Meu tio não [é] chefe.’	

Em enunciado negativo, além dos morfemas de caso que indicam a função sintática em Kamaiurá, é possível distinguir os sintagmas em função de actante ou predicado por meio da marca de negação, a qual geralmente incide sobre o predicado. Nos enunciados acima, o morfema negativo {-e?im} é sufixado à raiz {morerekwar-} ‘chefe’, cabendo a função de actante ao sintagma nominal *jetutira* ‘meu tio’.

Em Araweté (cf. SOLANO), o enunciado negativo é caracterizado pelo emprego da partícula negativa *ja*. Em Aweti (cf. MONSERRAT), porém, pela sufixação do morfema negativo {-e?im}. Em Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), por sua vez, pela ocorrência do morfema negativo *it...?i*, descontinuo.

(11) Araweté (cf. SOLANO)	Kamaiurá
<b>irikũ ja we reʔa</b> ‘urucum’ Neg. TOP ‘isso’ ‘Isso não [é] urucum.’	
(12) Aweti (cf. MONSERRAT)	(13) Sateré-Mawé (cf. dados coletados <sup>289</sup> )
<b>motañ - eʔim uja</b> ‘remédio’+Neg. ‘isso’ ‘Isso não [é] remédio.’	<b>en it jonias ʔi</b> 2sg. Neg. <i>Jonias</i> Neg. ‘Você não [é] Jonias.’

Em Araweté, o sintagma *irikũ* ‘urucum’ é seguido das partículas *ja*, negativa, e *we*, “marca de tópico da negação” (SOLANO, 2009, p. 272). Em função de predicado, é seguido do sintagma nominal *reʔa* ‘isso’, cuja função é actancial. Em Aweti, em seguida, o morfema negativo {-*eʔim*} é sufixado à raiz {*motañ*-} ‘remédio’. Neste enunciado, a função de actante é desempenhada pelo sintagma *uja* ‘isso’, funcionando como predicado o sintagma *motañeʔim* ‘não [é] remédio’. Em Sateré-Mawé, por sua vez, o predicado *it jonias ʔi* ‘não [é] Jonias’ é assinalado pelo morfema negativo *it... ʔi*, descontínuo, em posição seguinte a do actante *en* ‘você’.

(14) Aweti (cf. SABINO)	(15) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>nã mopar - eʔim</b> 3sg. ‘pajé’+Neg. ‘Ele não [é] pajé.’	<b>miʔi it tuʔisa ʔi</b> 3sg. Neg. ‘chefe’ Neg. ‘Ele não [é] chefe.’

Em Aweti, a raiz nominal {*mopar*-} ‘pajé’ recebe o sufixo negativo {-*eʔim*}. Neste enunciado, o sintagma *nã* ‘ele’ desempenha função actancial, enquanto cabe ao sintagma *mopareʔim* ‘não [é] pajé’ função de predicado. Em Sateré-Mawé, por sua vez, o nominal *tuʔisa* ‘chefe’ é circundado pelo morfema descontínuo negativo *it...ʔi*. Neste enunciado, o actante *miʔi* ‘ele’ e o predicado *it tuʔisa ʔi* ‘não [é] chefe’ são empregados nesta ordem.

Nos enunciados a seguir, a marca de negação incide sobre o nome derivado, em função de predicado. É possível, entretanto, que a negação incida sobre outro constituinte que

<sup>289</sup> Em pesquisa de Mestrado.

não este<sup>290</sup>.

(16) Araweté (cf. SOLANO)	(17) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>u - ata - me?e      ja    ne</b>  3A+‘caçar’+Nom.Atr.   Neg.   2sg.  ‘Você não [é] quem caça.’</p>	<p><b>sapaĩ - a    moĩ - a      juka - taw - e?im - Ø</b>  Sapaĩ+N   ‘cobra’+N   ‘matar’+Nom.A+Neg.+NM  ‘Sapaĩ não [é] matador de cobra.’</p>
(18) Aweti (cf. SABINO)	(19) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>it - ati              mo?at - ar - e?im</b>  1sg.p.+‘esposa’   ‘fazer’+Nom.A+Neg.  ‘Minha esposa não [é] fazedora [de algo]’.</p>	<p><b>peturu   it      wo?o - mu:?e - hat      ?i</b>  Pedro   Neg.   det.+‘ensinar’+Nom.A   Neg.  ‘Pedro não [é] professor.’</p>

Em Araweté<sup>291</sup>, acima, o sintagma nominal *ne* ‘*você*’ desempenha a função de actante, enquanto cabe ao sintagma nominal *uatame?e ja* ‘*não [é] quem caça*’ a função de predicado. Também em Kamaiurá, tais funções são desempenhadas pelos respectivos sintagmas *sapaĩa* ‘*Sapaĩa*’ e *moĩa jukatawe?im* ‘*não [é] matador de cobra*’. Em seguida, o enunciado do Aweti é formado dos sintagmas nominais *itati* ‘*minha esposa*’, em função actancial, e *mo?atare?im* ‘*não [é] fazedora*’, em função de predicado. Em Sateré-Mawé, o nominal *wo?omu:?ehat* ‘*professor*’ é circundado pelo morfema *it...?i*, descontínuo-negativo. Neste enunciado, o actante *peturu* ‘*Pedro*’ antecede o predicado *it wo?omu:?ehat ?i* ‘*não [é] professor*’.

O enunciado do Kamaiurá (ex. 17) acima é *inclusivo*, caracterizado por predicado marcado pelo sufixo de caso {-Ø}. Nas demais línguas, porém, a natureza equativa/inclusiva dos enunciados é distinta apenas em nível semântico-referencial.

## 6.2 Enunciado atributivo

O enunciado *atributivo* é formado de dois sintagmas nominais, um em função actancial, outro em função de predicado. Em nível semântico-referencial, o referente expresso pelo actante é caracterizado por qualidade ou estado denotado pelo predicado.

Em Araweté (cf. VIEIRA & LEITE), Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. BORELLA) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), as raízes que expressam *qualidades e estados* foram analisadas como *verbos*. Neste capítulo, portanto, ater-nos-emos apenas aos enunciados atributivos de

<sup>290</sup> Estes casos merecem ser aprofundados em pesquisas futuras.

<sup>291</sup> Em Araweté, o nominal *uatame?e* ‘*caçador*’ é assinalado pelo sufixo {-me?e}, “nominalizador de predicados nessa língua” (SOLANO, 2009, p. 287).

predicado nominal, deixando os de predicado verbal para serem aprofundados no capítulo posterior.

Nestas línguas, verificou-se o emprego de enunciados atributivos de dois tipos: *inerente* e *não inerente*. Em Araweté, Kamaiurá e Aweti, os *atributivos inerentes* são formados de raízes nominais ou verbais nominalizadas. Os *atributivos não inerentes*, porém, são compostos de raízes nominais sufixadas por morfema de *caso atributivo/translativo* ou *aspectual estativo* (em Aweti).

Nesta seção, não há exemplos do Sateré-Mawé. Isto se justifica pelo fato de que, nos dados de que dispomos desta língua, não foram encontrados enunciados *correspondentes* aos das demais.

### 6.2.1 Atributivo inerente

Em Araweté, Kamaiurá e Aweti, o predicado *atributivo inerente* é formado de raiz nominal ou verbal (descritiva ou intransitiva) nominalizada.

Em Kamaiurá (SEKI, 2000, p. 66), raízes nominais e verbais são compatíveis com os nominalizadores {-*ama?e*}, *atributivo*, e {-*uma?e*}, *atributivo-negativo*. Semelhantemente, em Araweté (SOLANO, 2009, p. 317), são compatíveis com os morfemas {-*me?e*}, afirmativo, e {-*ime?e*}, negativo. Em Aweti (BORELLA, 2000, p. 116), por sua vez, raízes nominais e verbais podem ocorrer com o *nominalizador atributivo* {-*itu*} ~ {-*tu*}<sup>292</sup>, eventualmente acompanhado do morfema negativo {-*e?im*}.

Em se tratando do Kamaiurá (SEKI, 2000, p. 375) e do Aweti (BORELLA, 2000, p. 119), o predicado nominalizado corresponde à construção relativa e, por esta razão, é marcado por proforma que codifica a terceira pessoa. Esta interpretação também parece ser possível para o Araweté<sup>293</sup>.

<sup>292</sup> As formas {-*itu*} ~ {-*tu*} são empregadas após consoante e vogal, respectivamente (cf. MONSERRAT).

<sup>293</sup> Em Araweté, os morfemas {*t-*} (ex. 20), {*i-*} (exs. 23, 28, 30) e {*h-*} (ex. 75) foram analisados por Solano (2009) como *prefixos relacionais*. Neste capítulo, por motivo de comparação com as demais línguas, reanalisamos estes morfemas como de *terceira pessoa*.

(20) Araweté (cf. SOLANO)	(21) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>t - u - meʔe ne</b> 3p.+‘pai’+Nom.Atr. 2sg. ‘Você [é] o que [tem] pai <sup>294</sup> .’	<b>ene t - aʔir - amaʔe</b> 2sg. 3p.+‘filho’+Nom.Atr. ‘Você [é] o que [tem] filho.’
(22) Aweti (cf. MONSERRAT)	Sateré-Mawé
<b>i - mempir - itu ʔen</b> 3p.+‘filho’+Nom.Atr. 2sg. ‘Você [é] o que [tem] filho <sup>295</sup> .’	

(23) Araweté (cf. SOLANO)	(24) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>i - pideʔĩ - meʔe ne</b> 3I+‘magro’+Nom.Atr. 2sg. ‘Você [é] o que [é] magro <sup>296</sup> .’	<b>moĩ - a i - pitsun - amaʔe</b> ‘cobra’+N 3I+‘preto’+Nom.Atr. ‘A cobra [é] a que [é] preta.’
(25) Aweti (cf. BORELLA)	Sateré-Mawé
<b>en i - teta - tu</b> 2sg. 3I+‘alto’+Nom.Atr. ‘Você [é] o que [é] alto.’	

Os enunciados acima ilustram a ocorrência de sufixo nominalizador com raízes nominais (exs. 20-22) e verbais (exs. 23-25). Em Araweté, as raízes {*u-*} ‘pai’ e {*pideʔĩ-*} ‘magro’ recebem o sufixo nominalizador {-*meʔe*}. Em Kamaiurá, semelhantemente, as raízes {*aʔir-*} ‘filho’ e {*pitsun-*} ‘preto’ são nominalizadas pelo morfema {-*amaʔe*}. Em Aweti, em seguida, as raízes {*mempir-*} ‘filho’ e {*teta-*} ‘alto’ são sufixadas pelo nominalizador {-*itu*} ~ {-*tu*}.

(26) Araweté (cf. SOLANO)	(27) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>he u - ata - meʔe</b> 1sg. 3A+‘caçar’+Nom.Atr. ‘Eu [sou] o que caça.’	<b>en o - ʔata - maʔe</b> 2sg. 3A+‘andar’+Nom.Atr. ‘Você [é] o que anda.’

<sup>294</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 317).

<sup>295</sup> Enunciado e tradução adaptados de Monserrat (2012b, p. 26).

<sup>296</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 319).

Conforme os exemplos acima, o sufixo nominalizador pode também ocorrer com raízes intransitivo-ativas nessas línguas. Em Araweté, a raiz {*ata-*} ‘caçar’ é sufixada pelo morfema {-*me?e*}. Em Kamaiurá, semelhantemente, a raiz {*?ata-*} ‘andar’ ocorre com o sufixo {-*ma?e*}. Assim como observado com raízes descritivas, as raízes intransitivo-ativas sufixadas por nominalizador atributivo são flexionadas por proforma de terceira pessoa, uma vez que correspondem a construções relativas.

(28) Araweté (cf. SOLANO)	(29) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>i - hi - ime?e      te      he</b> 3p.+‘mãe’+Atrib.neg. VDR 1sg. ‘Eu [sou] o que não [tem] mãe <sup>297</sup> .’	<b>ene      h - emireko - uma?e</b> 2sg. 3p.+‘esposa’+Atrib.neg. ‘Você [é] o que não [tem] esposa.’

(30) Araweté (cf. SOLANO)	(31) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>i - pide?ĩ - ime?e      ne</b> 3I+‘magro’+Atrib.neg. 2sg. ‘Você [é] o que não [é] magro <sup>298</sup> .’	<b>moĩ - a      i - pitsun - uma?e</b> ‘cobra’+N 3I+‘preto’+Atrib.neg. ‘A cobra [é] a que não [é] preta <sup>299</sup> .’
(32) Aweti (cf. BORELLA)	Sateré-Mawé
<b>potit      i - tiŋ - e?im - itu</b> ‘flor’ 3I+‘branco’+Neg.+ Nom.Atrib. ‘A flor [é] a que não [é] branca <sup>300</sup> .’	

Negativos, os enunciados acima ilustram a ocorrência de sufixo nominalizador com raízes nominais (exs. 28-29) e verbais (exs. 30-32). Em Araweté, as raízes {*hi-*} ‘mãe’ e {*pide?ĩ-*} ‘magro’ são nominalizadas pelo sufixo {-*ime?e*}. Em Kamaiurá, de modo similar, as raízes {*emireko-*} ‘esposa’ e {*pitsun-*} ‘preto’ ocorrem com o nominalizador {-*uma?e*}. Em Aweti, por sua vez, a raiz verbal {*tiŋ-*} ‘branco’ é sufixada pelo nominalizador {-*itu*}, acompanhado do morfema negativo {-*e?im*}.

<sup>297</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 285).

<sup>298</sup> Enunciado e tradução adaptados de Solano (2009, p. 319).

<sup>299</sup> Enunciado e tradução adaptados de Seki (2000, p. 122).

<sup>300</sup> Enunciado e tradução adaptados de Borella (2000, p. 125).

### 6.2.2 Atributivo não inerente

Em Araweté, Kamaiurá e Aweti, o predicado *atributivo não inerente* é formado de raiz nominal sufixada por morfema de *caso atributivo/translativo*. Em Aweti, especificamente, a raiz nominal pode ocorrer com morfema *aspectual estativo*.

Em Kamaiurá, o nominal em função de predicado pode ocorrer com o morfema de *caso atributivo* {-ram}, empregado essencialmente “para indicar estados vistos como contingentes, temporários, não permanentes” (SEKI, 2000, p. 111). O mesmo é possível em Araweté, cuja ocorrência de nomes com o morfema de *caso translativo* {-mũ} indica “mudança de estado físico ou social” (SOLANO, 2009, p. 113). Também em Aweti, verifica-se a compatibilidade de nominais com os alomorfes {-an} ~ {-zan}, de *caso translativo*, e com os alomorfes {-ju} ~ {-eju}, do sufixo *aspectual estativo*<sup>301</sup> (SABINO, 2016, p. 77).

Os enunciados a seguir ilustram o emprego de raízes nominais sufixadas por morfema de *caso atributivo/translativo*.

(33) Araweté (cf. SOLANO)	(34) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>he Ø - hi - mũ he r - ehe</b>  1sg. R<sup>1</sup>+‘mãe’+TRAN 1sg. R<sup>1</sup>+Posp.  ‘[Está] na qualidade de minha mãe.’</p>	<p><b>je = tutir - a morerekwar - am</b>  1sg.p.+‘tio’+N ‘chefe’+ATR  ‘Meu tio [está] na qualidade de chefe.’</p>
(35) Aweti (cf. SABINO)	Sateré-Mawé
<p><b>momozo - tsu uja awiti - za - zan</b>  ‘um’+simil. dem. ‘Aweti’+PLU+TRAN  ‘Só um [está] na qualidade de Aweti<sup>302</sup>.’</p>	

Em Araweté, acima, a raiz {hi-} ‘mãe’ recebe o sufixo casual {-mũ}, *translativo*. Em Kamaiurá, por sua vez, o morfema {-am}, de *caso atributivo*, é sufixado à raiz {morerekwar-} ‘chefe’. Em Aweti, de modo semelhante, a raiz {awiti-} ‘Aweti’ recebe os sufixos {-za}, pluralizador, e, em seguida, {-zan}, casual *translativo*.

Os enunciados do Aweti, a seguir, ilustram o emprego de raízes nominais sufixadas por morfema *aspectual estativo*.

<sup>301</sup> Sufixo *aspectual continuativo*, segundo Borella (2000).

<sup>302</sup> Tradução adaptada de Sabino (2016, p. 29).



(36a-d) Aweti (cf. SABINO)			
<b>ito</b>	<b>i - membir - eju</b>	<b>ito</b>	<b>?an - i - membir - eju - ka</b>
1sg.	1sg.p.+‘filho’+Est.	1sg.	Neg.+1sg.p.+‘filho’+Est.+Neg.
	‘Eu [estou] grávida.’		‘Eu não [estou] grávida.’
<b>ito</b>	<b>it - akwaw - eju</b>	<b>ito</b>	<b>?an - it - akwaw - eju - ka</b>
1sg.	1sg.p.+‘pêlo.pubiano’+Est.	1sg.	Neg+1sg.p.+‘pêlo.pubiano’+Est.+Neg.
	‘Eu [estou] com pêlo pubiano.’		‘Eu não [estou] com pêlo pubiano.’

Em Aweti, à esquerda, as raízes nominais {*membir-*} ‘filho’ e {*akwaw-*} ‘pêlo pubiano’ são sufixadas pelo morfema *aspectual estativo* {-*eju*}. À direita, porém, proforma de série possessiva + raiz nominal + sufixo estativo são circundadas pelo *morfema negativo* (?*an-*)...-*ka*, descontinuo.

### 6.3 Enunciado possessivo

O enunciado *possessivo* é caracterizado, semanticamente, pela relação de *posse* do referente expresso pelo actante e o referente denotado pelo predicado (PAYNE, 1997, p. 112).

Em Araweté (cf. SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. MONSERRAT) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), o sintagma nominal em função de predicado é marcado por proforma de *série possessiva* que, em nível semântico-referencial, remete ao *possuidor*.

Nestas línguas, em que ocorrem enunciados *possessivo-afirmativos* e *negativos*, os possessivo-negativos são marcados pelos seguintes morfemas: *ja*, em Araweté (cf. SOLANO); (*na=*)...-*ite*, em Kamaiurá (cf. SEKI); {-*e?im*} e (?*an-*)...-*ka*, em Aweti (cf. MONSERRAT); e *it...?i*, em Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI).

O enunciado possessivo pode ser classificado<sup>303</sup> em dois subtipos: *possessivo-equativo* e *possessivo não-equativo*, tratados a seguir.

#### 6.3.1 Possessivo-equativo

O enunciado *possessivo-equativo*<sup>304</sup> expressa, em nível semântico-referencial, relação de *identidade* (afirmativos) ou *não identidade* (negativos), no que diz respeito à posse, entre o

<sup>303</sup> Essa subclassificação é proposta por Seki (2000, p. 51) e adotada neste trabalho.

<sup>304</sup> Nesta subseção, apresentamos parte dos *predicados identificacionais* do Kamaiurá (cf. SEKI) e do Araweté (cf. SOLANO) como *possessivo-equativos*.

referente expresso pelo actante e o referente denotado pelo predicado.

Em Araweté (cf. SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. MONSERRAT) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), este tipo de enunciado pode ser constituído de **(a)** sintagma nominal em função de predicado; ou **(b)** dois sintagmas nominais, um em função de actante, outro de predicado. Em enunciados formados de dois sintagmas, o predicado é marcado por proforma de *série possessiva*, não correferente ao actante.

Os enunciados, a seguir, são *possessivo-equativos*.

(37) Araweté (cf. SOLANO)	(38) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>he      r - a - tje      ruwĩ</b>  1sg.p. R<sup>1</sup>+‘casa’+Retr. ‘aquela’  ‘Aquele [foi] minha casa.’</p>	<p><b>mokaw - a      je = iwirapat - Ø</b>  ‘espingarda’+N 1sg.p.+‘arma’+NM  ‘A espingarda [é] minha arma.’</p>
(39) Aweti (cf. MONSERRAT)	(40) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>i - membit      akój</b>  1sg.p.+‘filho’ ‘aquele’  ‘Aquele [é] meu filho.’</p>	<p><b>mi?i      u - Ø - iwot</b>  3sg. 1sg.p.+Ri.+‘pai’  ‘Ele [é] meu pai.’</p>

Os enunciados acima empregam dois sintagmas nominais: um em função de actante, outro de predicado. O sintagma em função de predicado é marcado por proforma de *série possessiva*: **he**, em Araweté (**he ratje** ‘minha casa’); {**je**=}, em Kamaiurá (**jeiwirapat** ‘minha arma’); {**i-**}, em Aweti (**imembit** ‘meu filho’); e {**u-**}, em Sateré-Mawé (**uiwot** ‘meu pai’). Por sua vez, os sintagmas **ruwĩ** ‘aquela’ (AR), **mokawa** ‘espingarda’ (KA), **akój** ‘aquele’ (AW) e **mi?i** ‘ele’ (SM) desempenham função actancial.

(41) Araweté (cf. SOLANO)	(42) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>he      Ø - a      ja      ru?u</b>  1sg.p. R<sup>1</sup>+‘casa’ Neg. ‘esta’  ‘Esta não [é] minha casa.’</p>	<p><b>hok - a      na = je = pit - ite</b>  ‘edificação’+N Neg.+1sg.p.+‘casa’+Neg.  ‘A edificação não [é] minha casa.’</p>
(43) Aweti (cf. SABINO)	(44) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>it - ati - e?im      jatã</b>  1sg.p.+‘esposa’+Neg. ‘esta’  ‘Esta não [é] minha esposa.’</p>	<p><b>rosiana      it      u - i - mempit      ?i</b>  Rosiana Neg. 1sg.p.+Ri.+‘filha’ Neg.  ‘Rosiana não [é] minha filha.’</p>

Estes enunciados são negativos, formados de dois sintagmas nominais: um em função de actante, outro em função de predicado. Os sintagmas *ru?u* ‘esta’ (AR), *hoka* ‘edificação’ (KA), *jatã* ‘esta’ (AW) e *rosiana* ‘Rosiana’ (SM) desempenham função actancial. O predicado, por sua vez, é marcado tanto por proforma de *série possessiva* (*he* AR; *je=* KA; *it-* AW; *u-* SM) quanto por *morfema negativo*, a seguir: *ja* em Araweté (*he a ja* ‘não [é] minha casa’); (*na=*)...*-ite* em Kamaiurá (*najepitite* ‘não [é] minha casa’); {-*e?im*} em Aweti (*itatie?im* ‘não [é] minha esposa’); e *it...?i* em Sateré-Mawé (*it uimempit ?i* ‘não [é] minha filha’).

Os enunciados a seguir<sup>305</sup> são caracterizados pela não ocorrência de sintagma nominal em função actancial, embora implícito.

(45) Araweté (cf. SOLANO)	(46) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>ne      r - erekũ</b>  2sg.p.   R<sup>1</sup>+‘marido’  ‘[ ] [é] teu marido.’</p>	<p><b>ne = r - ike?it - Ø</b>  2sg.p.+R<sup>1</sup>+‘irmão’+NM  ‘[ ] [é] teu irmão.’</p>
(47) Aweti (cf. SABINO)	(48) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>e - e - ?ini</b>  2sg.p.+Ra.+‘rede’  ‘[ ] [é] tua rede.’</p>	<p><b>e - e - hari</b>  2sg.p.+Ra.+‘avó’  ‘[ ] [é] tua avó.’</p>

Os enunciados acima empregam um único sintagma nominal, em função de predicado, marcado por proforma de *série possessiva*: *ne* em Araweté (*ne rerekũ* ‘teu marido’); {*ne=*} em Kamaiurá (*nerike?it* ‘teu irmão’); {-*e-*} em Aweti (*e?ini* ‘tua rede’); e {-*e-*} em Sateré-Mawé (*ehari* ‘tua avó’).

<sup>305</sup> Nestas línguas, os enunciados possessivos formados de um único sintagma nominal podem favorecer uma interpretação *possessivo-equativa* ou *não equativa*, dependendo do contexto em que são empregados.

(49) Araweté (cf. SOLANO)	(50) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>ne Ø - muʔitʃi ja we</b>  2sg.p. R<sup>1</sup>+‘miçanga’ Neg. TOP  ‘[ ] não [é] tua miçanga.’</p>	<p><b>na = je = r - uw - ite</b>  Neg.+1sg.p.+R<sup>1</sup>+‘pai’+Neg.  ‘[ ] não [é] meu pai.’</p>
(51) Aweti (cf. SABINO)	(52) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>ʔan - it - e - ʔinĩ - ka</b>  Neg.+1sg.p.+Ra.+‘rede’+Neg.  ‘[ ] não [é] minha rede.’</p>	<p><b>it a - he - sokpe ʔi</b>  Neg. 1incl.p.+Ra.+‘roupa’ Neg.  ‘[ ] não [é] nossa roupa.’</p>

*Negativos*, os enunciados acima são formados de um único sintagma nominal, marcado por proforma de *série possessiva* (**ne** AR; **je=** KA; **it-** AW; **a-** SM) e por *morfema negativo*, a seguir: **ja** em Araweté (**he muʔitʃi ja** ‘não [é] tua miçanga’); (**na=**)...**-ite** em Kamaiurá (**najeruwite** ‘não [é] meu pai’); (**ʔan-**)...**-ka** em Aweti (**ʔaniteʔinĩka** ‘não [é] minha rede’); e **it...****ʔi** em Sateré-Mawé (**it ahesokpe ʔi** ‘não [é] nossa roupa’).

### 6.3.2 Possessivo não-equativo

O enunciado *possessivo não-equativo* expressa, em nível semântico-referencial, relação de *posse* (afirmativos) ou *não posse* (negativos) entre o referente expresso pelo actante e o referente denotado pelo predicado, sem que haja identidade entre eles.

Em Araweté (cf. SOLANO), Kamaiurá<sup>306</sup> (cf. SEKI), Aweti (cf. MONSERRAT) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), este tipo de enunciado pode ser constituído de **(a)** sintagma nominal em função de predicado; ou **(b)** dois sintagmas nominais, um em função de actante, outro de predicado. Em enunciados formados de dois sintagmas, o predicado é marcado por proforma de *série possessiva* correferente ao actante, tendo em vista que ambos expressam, em nível semântico-referencial, o *possuidor*.

Os enunciados a seguir são *possessivos não-equativos*.

<sup>306</sup> Em enunciados *possessivos não equativos* do Kamaiurá (SEKI, 2000, p. 160), o sintagma nominal em *função de predicado* é assinalado pelo sufixo {-Ø}, de *caso não marcado*, enquanto o sintagma nominal em *função actancial* é marcado pelo sufixo {-a}, de *caso nuclear*.

(53) Araweté (cf. SOLANO)	(54) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>he Ø - memi he</b> 1sg.p. R <sup>1</sup> +‘filho’ 1sg. ‘Eu [tenho] filho.’	<b>ije je = Ø - pit - Ø</b> 1sg. 1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘casa’+NM ‘Eu [tenho] casa.’
(55) Aweti (cf. MONSERRAT)	(56) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>it - e - ?inĩ itó</b> 1sg.p.+Ra.+‘rede’ 1sg. ‘Eu [tenho] rede.’	<b>uito u - i - ti</b> 1sg. 1sg.p.+Ri.+‘mãe’ ‘Eu [tenho] mãe.’

Os enunciados acima são formados de actante e predicado. O sintagma em função de predicado é marcado por proforma de *série possessiva*: **he** em Araweté (**he memi** ‘meu filho’); {**je**=} em Kamaiurá (**jepit** ‘minha casa’); {**it**-} em Aweti (**ite?inĩ** ‘minha rede’); e {**u**-} em Sateré-Mawé (**uiti** ‘minha mãe’). Já os sintagmas **he** (AR), **ije** (KA), **itó** (AW) e **uito** (SM), de núcleo pronominal (primeira pessoa do singular), desempenham nestes enunciados função actancial.

Nestas línguas, os enunciados possessivos formados de um único sintagma nominal podem favorecer uma interpretação<sup>307</sup> *possessiva* ou *possessivo-equativa*, dependendo do contexto em que são empregados.

(57) Araweté (cf. SOLANO)	(58) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>ne r - erekũ</b> 2sg.p. R <sup>1</sup> +‘marido’ ‘Você [tem] marido.’ (É teu marido.)	<b>ne = r - ike?it - Ø</b> 2sg.p.+R <sup>1</sup> +‘irmão’+NM ‘Você [tem] irmão.’ (É teu irmão.)
(59) Aweti (cf. BORELLA)	(60) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>e - e - ?ini</b> 2sg.p.+Ra.+‘rede’ ‘Você [tem] rede.’ (É tua rede.)	<b>e - e - hari</b> 2sg.p.+Ra.+‘avó’ ‘Você [tem] avó.’ (É tua avó.)

Estes enunciados são marcados por proforma de *série possessiva*: **ne** em Araweté (**ne rerekũ** ‘teu marido’); {**ne**=} em Kamaiurá (**nerike?it** ‘teu irmão’); {**e**-} em Aweti (**e?ini** ‘tua rede’); e {**e**-} em Sateré-Mawé (**ehari** ‘tua avó’).

<sup>307</sup> A tradução entre parênteses corresponde à interpretação *possessivo-equativa*.

(61a-b) Araweté (cf. SOLANO)		(62) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>ja he r - aʔi</b> Neg. 1sg.p. R <sup>1</sup> +‘filho’ ‘[Eu] não [tenho] filho.’	<b>he r - aʔi ja</b> 1sg.p. R <sup>1</sup> +‘filho’ Neg. ‘Não [é] meu filho.’	<b>na = je = Ø - pir - ite</b> Neg.+1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘casa’+Neg. ‘[Eu] não [tenho] casa.’ (Não é minha casa.)
(63) Aweti (cf. MONSERRAT)		(64) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>ʔan - it - e - ʔinĩ - ka</b> Neg.+1sg.p.+Ra.+‘rede’+Neg. ‘[Eu] não [tenho] rede.’ (Não é minha rede.)		<b>it u - i - ti ʔi</b> Neg. 1sg.p.+Ri.+‘mãe’ Neg. ‘[Eu] não [tenho] mãe.’ (Não é minha mãe.)

*Negativos*, os enunciados possessivos acima são marcados por proforma de *série possessiva* (**he** AR; **je=** KA; **it-** AW; **u-** SM) e assinalados por *morfema negativo*, a seguir: **ja** em Araweté; (**na=**)...**-ite** em Kamaiurá; (**ʔan-**)...**-ka** em Aweti; e **it...ʔi** em Sateré-Mawé.

Dependendo do contexto em que são empregados, os enunciados do Kamaiurá e Sateré-Mawé podem ser interpretados como *possessivo-equativos* ou *não equativos*. O mesmo parece ocorrer em Aweti. Em Araweté, porém, a posição da partícula negativa **ja** é “distintiva de predicados” (SOLANO, 2009, p. 284): em posição inicial favorece uma interpretação *possessiva* (**ja he raʔi** ‘não [tenho] filho’); em posição final, entretanto, uma interpretação *possessivo-equativa* (**he raʔi ja** ‘não [é] meu filho’).

#### 6.4 Enunciado locativo

O enunciado *locativo* é caracterizado, em nível semântico-referencial, pela relação de *locação* entre o referente representado pelo actante e a localização expressa pelo predicado (PAYNE, 1997, p. 121).

Em Kamaiurá, o enunciado “tem uma interpretação locativa se contém um nominal de referência específica” (SEKI, 2000, p. 164). Esta mesma análise parece ser possível para as línguas Araweté, Aweti e Sateré-Mawé, cujo enunciado locativo é formado de sintagma nominal em função de actante, e de sintagma nominal, adverbial ou posposicionado em função de predicado ou predicativo<sup>308</sup>.

Os enunciados, a seguir, expressam *locação*.

<sup>308</sup> Nesta subseção, o *predicativo* corresponde à função sintática desempenhada por um sintagma nominal, adverbial ou posposicionado que predica a localização do referente expresso pelo sintagma nominal em função de actante, estes relacionados por elemento de ligação (cópula). Nestas condições, *cópula* e *predicativo* correspondem ao predicado não verbal do enunciado.

(65) Aweti (cf. BORELLA)	(66) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>akatua Ø - ok koj - pe</b> <i>Akatuá Ra.+‘casa’ Adv.der.</i> ‘A casa do Akatuá [é] lá longe.’	<b>aito maues pe</b> 1incl. <i>Maués</i> Posp. ‘Nós [estamos] em Maués.’

Os enunciados acima são locativos, formados de sintagma nominal em função actancial (*akatua ok* ‘casa do Akatuá’ AW; *aito* ‘nós’ SM) e de sintagma adverbial ou posposicionado (*kojpe* ‘lá longe’ AW; *maues pe* ‘em Maués’ SM) em função de predicado.

(67a-b) Araweté (cf. SOLANO)	(68a-b) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>atamira Ø - upi ku he r - eka</b> <i>Altamira R<sup>1</sup>+Posp. Foc. 1sg.I R<sup>1</sup>+COP</i> ‘Em Altamira [houve] minha estada.	<b>kaʔa - p i - ko - w</b> ‘mato’+Loc. 3I+COP+circ. ‘No mato [há] a estada dele <sup>309</sup> .’
<b>kaʔa - iwe ku ure Ø - tʃe</b> ‘mato’+Loc. Foc. 1excl.I R <sup>1</sup> +‘dormir’ ‘No mato [houve] nossa dormida.’	<b>tape rupi i - ʔata - w</b> ‘caminho’ Posp. 3I+‘andar’+circ. ‘Pelo caminho [houve] a andada dele <sup>310</sup> .’

Em Kamaiurá, acima, a topicalização das expressões adverbiais *kaʔap* ‘no mato’ e *tape rupi* ‘pelo caminho’ condiciona a forma nominal das construções *ikow* ‘estada dele’ e *iʔataw* ‘andada dele’, assinaladas pelo sufixo {-w}. Também em Araweté, a topicalização das expressões adverbiais *atamira upi* ‘em Altamira’ e *kaʔaiwe* ‘no mato’ condiciona a forma nominal das construções *he reka* ‘minha estada’ e *ure tʃe* ‘nossa dormida’. Diferentemente do Kamaiurá, porém, o Araweté “perdeu o sufixo do modo indicativo II, contudo os seus verbos continuaram a ser marcados por flexão relacional” (SOLANO, 2009, p. 202).

<sup>309</sup> Tradução adaptada de Seki (2000, p. 361).

<sup>310</sup> Tradução adaptada de Seki (2000, p. 150).

Araweté	(69) Kamaiurá (cf. SEKI)
	<b>je = Ø - hwaĩyru - a ?aŋ je = Ø - popita - p</b> 1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘anel’+N dem. 1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘palma’+Loc. ‘Meu anel [está] na palma de minha mão.’
(70) Aweti (cf. BORELLA)	(71) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>morená Ø - êtã witi anumaniã Ø - êtã</b> <i>Morená</i> Ra.+‘aldeia’ Posp. <i>Anumaniã</i> Ra.+‘aldeia’ ‘A aldeia Aweti [está] abaixo da aldeia Morená.’	<b>u - i - ti parintin me</b> 1sg.p.+Ri.+‘mãe’ <i>Parintins</i> Posp. ‘Minha mãe [está] em Parintins.’

Locativos, os enunciados do Aweti e Sateré-Mawé acima são caracterizados pelo emprego de sintagma nominal em função de actante (*anumaniã êtã* ‘aldeia Aweti’ AW; *uiti* ‘minha mãe’ SM) e de sintagma posposicionado em função de predicado (*morená êtã witi* ‘abaixo da aldeia Morená’ AW; *parintin me* ‘em Parintins’ SM). O enunciado do Kamaiurá, por sua vez, é formado de dois sintagmas nominais, a partir da análise do morfema {-p} como sufixo de caso locativo (cf. SEKI). São eles: *jehwaĩyrua ?aŋ* ‘meu anel’, em função de actante, e *jepopitap* ‘na palma da minha mão’, em função de predicado.

Exceto em Sateré-Mawé, o enunciado locativo pode ser caracterizado pela ocorrência de cópula verbal flexionada por proforma pessoal. Entendemos que, embora a cópula seja parte do predicado, este permanece não verbal, uma vez que o elemento de ligação é vazio semanticamente e não lhe compete carregar o conteúdo semântico (locativo) da predicação<sup>311</sup>.

Os enunciados a seguir ilustram o emprego de cópula verbal.

(72) Araweté (cf. SOLANO)	(73) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>he r - a?i ku u - ka ka?apite - we</b> 1sg.p. R <sup>1</sup> +‘filho’ Foc. 3A+COP ‘roça’+Loc. ‘Meu filho ficou na roça.’	<b>je = r - a?ir - a ?aŋ o - ko pewan - a piterip</b> 1sg.p.+R <sup>1</sup> +‘filho’+N Próx. 3A+COP ‘aqueles’+N Posp. ‘Meu filho está entre aqueles.’
(74) Aweti (cf. BORELLA)	Sateré-Mawé
<b>araku ko wo o - wpe - ju</b> <i>Araku</i> ‘roça’ Posp. 3A+COP+Cont. ‘Araku está na roça.’	

<sup>311</sup> A esse respeito, ver subseção 3.3.1, intitulada *Cópula: definição, função e tipologia*.



Os enunciados do Araweté, Kamaiurá e Aweti, acima, são caracterizados pelo emprego de cópula verbal (*uka* AR; *oko* KA; *owpeju* AW) flexionada por proforma de terceira pessoa e por sufixo aspectual (em Aweti). Em concordância com o morfema pessoal, os sintagmas nominais *he raʔi* ‘meu filho’ (AR), *jeraʔira ʔaŋ* ‘meu filho’ (KA) e *araku* ‘Araku’ (AW) desempenham função actancial. Por sua vez, cabe aos sintagmas *kaʔapitewe* ‘na roça’ (AR), *pewana piterip* ‘entre aqueles’ (KA) e *ko wo* ‘na roça’ (AW) a função de predicativo.

(75) Araweté (cf. SOLANO)	(76) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>akuti ruku h - eka kaʔa Ø - iwe</b> ‘cotia’ dem. 3+COP ‘mato’ R <sup>1</sup> +Posp. ‘Essa cotia mora no mato.’	<b>kunuʔum - er - a ʔikĩ iwate o - kwap</b> ‘menino’+col.+N Aten. Adv. 3A+COP(pl.) ‘Os meninos, coitados, estavam no alto.’
(77) Aweti (cf. BORELLA)	Sateré-Mawé
<b>ito a - wpe - ju maʔãpe pi - wo</b> 1sg. 1sg.+COP+Cont. ‘canoa’ Posp.der. ‘Eu estou dentro da canoa.’	

Os enunciados acima empregam cópula verbal. Em Araweté e Kamaiurá, esta é flexionada por proforma de terceira pessoa (*heka* AR; *okwap* KA); em Aweti, porém, por proforma de primeira pessoa e sufixo aspectual (*awpeju*). Os sintagmas nominais *akuti ruku* ‘essa cotia’ (AR), *kunuʔumera ʔikĩ* ‘os meninos’ (KA) e *ito* ‘eu’ (AW) funcionam como actante, em concordância com o morfema pessoal. Já os sintagmas *kaʔa iwe* ‘no mato’ (AR), *iwate* ‘no alto’ (KA) e *maʔãpe piwo* ‘dentro da canoa’ (AW) funcionam como predicativo.

Verificou-se ainda o emprego de enunciados *locativo-negativos*, os quais ocorrem com as seguintes marcas: *ja* e *ina* em Araweté (cf. SOLANO); (*na=*)...*-ite* em Kamaiurá (cf. SEKI); {-*eʔim*} em Aweti (cf. MONSERRAT); e *it...ʔi* em Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI).

(78) Araweté (cf. SOLANO)	(79) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>ina pe pe - a Ø - iwe</b> Neg. 2pl. 2pl.p.+‘casa’ R <sup>1</sup> +Posp. ‘Vocês não [estavam] dentro de casa.’	<b>ipawu - a amoete - ite</b> <i>Ipavu</i> +N ‘longe’+Neg. ‘Ipavu não [está] longe.’
(80) Aweti (cf. BORELLA)	(81) Sateré-Mawé (cf. dados coletados <sup>312</sup> )
<b>jundiai koj - pet - eʔim</b> <i>Jundiai</i> Adv.der.+Neg. ‘Jundiai não [está] longe.’	<b>musuempo it kupike ʔi</b> <i>Musuempo</i> Neg. ‘perto’ Neg. ‘Musempo não [está] perto.’

Negativos, os enunciados acima são formados de sintagma nominal em função actancial e de sintagma adverbial/posposicionado em função de predicado. Em Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, o *morfema negativo* incide sobre o predicado: *amoeteite* ‘não [está] longe’ (KA); *kojpeteʔim* ‘não [está] longe’ (AW) e *it kupike ʔi* ‘não [está] perto’ (SM). Por sua vez, os sintagmas nominais *ipawua* ‘Ipavu’ (KA), *jundiai* ‘Jundiai’ (AW) e *musuempo* ‘Musuempo’ (SM) são empregados em função actancial.

O enunciado do Araweté, semelhantemente, é formado dos sintagmas *pe* ‘vocês’, nominal em função de actante, e *pea iwe* ‘dentro de casa’, posposicionado em função de predicado. Diferentemente dos demais exemplos, porém, a partícula negativa *ina* ocorre em nível de enunciado.

## 6.5 Enunciado existencial

O enunciado *existencial* expressa, em nível semântico-referencial, a *existência* de um referente *indefinido* em lugar e/ou tempo *definidos* (PAYNE, 1997, p. 121).

Em consonância, Seki (2000, p. 163) afirma que, em Kamaiurá, “a presença de nominal de referência não específica favorece uma interpretação existencial”. Entende-se que este tipo de construção pode ser interpretada em Kamaiurá como de natureza locativa ou existencial<sup>313</sup>, embora a ocorrência de nominal de referência indefinida beneficie interpretação mais existencial do que locativa. Análise semelhante parece ser possível a partir dos dados do

<sup>312</sup> Em pesquisa de Mestrado.

<sup>313</sup> Em sua gramática do Kamaiurá, Seki (2000, p. 163) apresenta os enunciados locativos e existenciais na mesma subseção. Neste trabalho, porém, a apresentação destes dois tipos de enunciados em subseções separadas justifica-se pela presença de cópula (em Araweté, Kamaiurá e Aweti) no primeiro e ausência no segundo.

Araweté, Aweti e Sateré-Mawé<sup>314</sup>.

Nestas línguas, o enunciado existencial é formado frequentemente<sup>315</sup> de sintagma nominal em função de predicado e de sintagma nominal (caso locativo), adverbial ou posposicionado em função circunstancial.

Os enunciados a seguir são *+existencial*.

(82) Araweté (cf. SOLANO)	(83) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>jati?i      hetĩ      ta - we</b>  ‘carapanã’ ‘muito’ ‘aldeia’+Loc.  ‘[Há] muito carapanã na aldeia.’</p>	<p><b>wararuwijaw - a      pem</b>  ‘cachorro’+N      ‘lá’  ‘Lá [há] cachorro.’</p>
(84) Aweti (cf. MONSERRAT)	(85) Sateré-Mawé (cf. dados coletados <sup>316</sup> )
<p><b>uja - pe      mõi</b>  Adv.der.      ‘cobra’  ‘Aí [há] cobra.’</p>	<p><b>waikiru      atipi      ete</b>  ‘estrela’      ‘céu’      Posp.  ‘[Há] estrela no céu.’</p>

O enunciado do Araweté, acima, emprega dois sintagmas nominais: um em função de predicado (*jati?i hetĩ ‘muito carapanã’*); outro, marcado por caso locativo, em função circunstancial (*tawe ‘na aldeia’*). Em Kamaiurá e Aweti, em seguida, emprega-se sintagma nominal em função de predicado (*wararuwijaw ‘cachorro’* KA; *mõi ‘cobra’* AW) e sintagma adverbial em função de circunstancial (*pem ‘lá’* KA; *ujape ‘aí’* AW). Em Sateré-Mawé, por sua vez, os sintagmas *waikiru ‘estrela’*, nominal, e *atipi ete ‘no céu’*, posposicionado, funcionam como predicado e circunstancial, respectivamente.

Nestas línguas, verificou-se ainda o emprego de enunciados *existencial-negativos*, assinalados pelos seguintes morfemas: *ina* em Araweté (cf. SOLANO); *anite* ~ *nite* em Kamaiurá (cf. SEKI); {-*ika*} em Aweti (cf. MONSERRAT); e *it... ?i* em Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI).

<sup>314</sup> Esta análise também é empregada para o Asurini do Tocantins (PEREIRA, 2009, p. 269).

<sup>315</sup> Em Araweté (SOLANO, 2009, p. 241), este tipo de enunciado pode ser formado de sintagma nominal único em função de predicado. Nas demais línguas, porém, o emprego de apenas um sintagma favorece interpretação mais *identificacional* (‘é cachorro’; ‘é cobra’; ‘é estrela’) do que *existencial*.

<sup>316</sup> Em pesquisa de Mestrado.

(86) Araweté (cf. SOLANO)	(87) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>ina itu?ũ ta - we</b> Neg. ‘lama’ ‘aldeia’+Loc. ‘Não [há] lama na aldeia.’	<b>anite paku - a pem</b> Neg. ‘paca’+N ‘lá’ ‘Lá não [há] paca.’
(88) Aweti (cf. MONSERRAT)	(89) Sateré-Mawé (cf. dados coletados <sup>317</sup> )
<b>uja - pe mõi - ika</b> Adv.der. ‘cobra’+Neg. ‘Aí não [há] cobra.’	<b>it waikiru ?i atipi ete</b> Neg. ‘estrela’ Neg. ‘céu’ Posp. ‘Não [há] estrela no céu.’

Os enunciados acima são caracterizados pelo emprego de morfema *negativo*, que incide sobre o sintagma em função de predicado: **ina itu?ũ** ‘não [há] lama’ (AR); **anite pakua** ‘não [há] paca’ (KA); **mõiika** ‘não [há] cobra’ (AW); e **it waikiru ?i** ‘não [há] estrela’ (SM). Por sua vez, desempenham função circunstancial os seguintes sintagmas: **tawe** ‘na aldeia’ (AR), nominal; **pem** ‘lá’ (KA) e **ujape** ‘aí’ (AW), adverbiais; bem como **atipi ete** ‘no céu’ (SM), posposicionado.

## 6.6 Considerações gerais

Este capítulo é um dos capítulos centrais desta tese. Nele tratei dos tipos de predicados não verbais em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, destacando as semelhanças e diferenças encontradas nestas línguas. Apresentei seis tipos de predicados – *equativos*, *inclusivos*, *atributivos*, *possessivos*, *locativos* e *existenciais* –, alguns reanalisados para fins comparativos. No capítulo seguinte, apresento uma comparação dos enunciados de predicado verbal empregados nestas línguas. Embora estes dois capítulos sejam o cerne desta tese, os anteriores contêm as bases para que o contraste proposto neste estudo seja possível.

<sup>317</sup> Em pesquisa de Mestrado.

## Capítulo VII:

### ENUNCIADOS INDEPENDENTES DE PREDICADO VERBAL EM ARAWETÉ, KAMAIURÁ, AWETI E SATERÉ-MAWÉ

Neste capítulo, apresentamos os *enunciados de predicado verbal* em Araweté (cf. VIEIRA & LEITE; SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA; SABINO) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), os quais apresentam muitas semelhanças.

Em Araweté<sup>318</sup>, Kamaiurá e Aweti, este tipo de enunciado emprega verbo *intransitivo-descriptivo*, *intransitivo-ativo* ou *transitivo*. Em Sateré Mawé, por sua vez, é caracterizado pelo emprego de verbo *estativo*, *médio* ou *ativo*. Os verbos *estativos* comportam-se sintaticamente como os verbos *descriptivos*; os *médios* como os *intransitivo-ativos* e *transitivo-indiretos*, e os *ativos* como os *transitivo-diretos*.

Antes da comparação dos enunciados, apresentamos a seguir o conceito de *estrutura actancial dual* (cf. LAZARD).

#### ✓ Estrutura actancial dual

A *estrutura actancial dual*, segundo Lazard (1997, p. 210), diz respeito à organização semântica dos lexemas verbais em dois tipos<sup>319</sup>, cujo reflexo é observado na morfossintaxe. As línguas de tipo dual dispõem de “duas construções uniactanciais de importância comparável. Em uma Z é tratado como X, em outra como Y<sup>320</sup>”. Em outros termos, significa dizer:

- (a) que o actante único de **construção uniactancial agentiva** recebe o mesmo tratamento que o primeiro actante (índice de participante +*agentivo*) de **construção biactancial**.
- (b) que o actante único de **construção uniactancial não agentiva** recebe o mesmo tratamento que o primeiro actante (índice de participante –*agentivo*) de **construção biactancial**.

<sup>318</sup> Em Araweté, as raízes descritivas foram analisadas por Solano (2009) como nomes. Neste trabalho, porém, para fins de comparação com as demais línguas, consideramo-las verbos (VIEIRA & LEITE, 1998), assim como analisadas em Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé.

<sup>319</sup> Por considerarmos as raízes descritivas do Araweté verbais, apresentamos a hipótese de Vieira e Leite (1998) de que os enunciados independentes desta língua refletem uma *estrutura dual (ativa/estativa)*, conforme Klímov).

<sup>320</sup> As línguas de tipo dual dispõem de “deux constructions uniactanciellles de importance comparable. Dans l’une Z est traité comme X, dans l’autre comme Y” (LAZARD, 1997, p. 210).

Em enunciados independentes<sup>321</sup>, as línguas Araweté (VIEIRA & LEITE, 1998), Kamaiurá (SEKI, 2000), Aweti (BORELLA, 2000) e Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 1999) assemelham-se por apresentarem estrutura *dual*<sup>322</sup> em se tratando da maioria das pessoas do discurso.

Nestas línguas, o actante único de *construção uniactancial agentiva* e o primeiro actante (participante +*agentivo*) de *construção biactancial* são expressos por proforma de ***série ativa*** (**Z = X**). Ao mesmo tempo, o actante único de *construção uniactancial não agentiva* e o primeiro actante (índice de participante –*agentivo*) de *construção biactancial* são expressos por proforma de ***série inativa*** (**Z = Y**).

Vejamos os exemplos a seguir:

---

<sup>321</sup> Nesta subseção, não levaremos em consideração as proformas de *série portmanteau* do Kamaiurá e Sateré-Mawé, visto que não ocorrem com verbos intransitivo-ativos (KA) e médios (SM).

<sup>322</sup> *Ativo/estativo*, segundo Klimov (1974).

	<i>Enunciado uniactancial agentivo</i>	<i>Enunciado biactancial</i>	<i>Enunciado uniactancial não-agentivo</i>	<i>Enunciado biactancial</i>
<b>(1) Araweté</b> (cf. SOLANO)	<b>a - jeʔa      ku    he</b> 1sg.A+‘chorar’    Foc. 1sg. ‘Eu chorei.’	<b>a - ehi      ku    he    jati</b> 1sg.A+‘assar’    Foc. 1sg. ‘jabuti’ ‘Eu assei jabuti.’	<b>he    r - uri</b> 1sg.I    R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Eu] estou alegre.’	<b>he    r - etʃa    ku    Jeʔereru</b> 1sg.I    R <sup>1</sup> +‘ver’    Foc. <i>Jeʔereru</i> ‘Jeʔereru [me] viu.’
<b>(2) Kamaiurá</b> (cf. SEKI)	<b>a - jan</b> 1sg.A+‘correr’ ‘[Eu] corro.’	<b>ne = atua      a - petek</b> 2sg.p.+‘cangote’    1sg.A+‘bater’ ‘[Eu] bati no teu cangote.’	<b>je = r - orip</b> 1sg.I+R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Eu] estou alegre.’	<b>kunuʔum - a    je = r - etsak</b> ‘menino’+N    1sg.I+R <sup>1</sup> +‘ver’ ‘O menino [me] viu.’
<b>(3) Aweti</b> (cf. BORELLA)	<b>a - ʔãʔã - Ø</b> 1sg.A+‘levantar’+Perf. ‘[Eu] levantei.’	<b>a - tã - Ø      aiʃe</b> 1sg.A+‘pintar’+Perf. ‘homem’ ‘[Eu] pintei o homem.’	<b>it - akup - eju</b> 1sg.I+‘febril’+Perf. ‘[Eu] estou febril.’	<b>it - apit - Ø      en</b> 1sg.I+‘queimar’+Perf. 2sg. ‘Você [me] queimou.’
<b>(4) Sateré-Mawé</b> (FRANCESCHINI)	<b>a - re - potpa:p</b> 1sg.A+Med.+‘trabalhar’ ‘[Eu] trabalho.’	<b>a - ti - ʔauka      moi</b> 1sg.A+At.T+‘matar’    ‘cobra’ ‘[Eu] matei a cobra.’	<b>u - i - weʔese</b> 1sg.I+Attrib.II+‘alegre’ ‘[Eu] estou alegre.’	<b>u - he - katuʔu      aware</b> 1sg.I+Inv.I+‘morder’    ‘cachorro’ ‘O cachorro [me] mordeu.’

Em se tratando do participante de *primeira pessoa do singular*, o actante único da construção *uniactancial agentiva* e o primeiro actante (+*agentivo*) da construção *biactancial* são expressos por proforma de *série ativa* (*a-* AR; *a-* KA; *a-* AW; *a-* SM), o que se configura como um alinhamento nominativo (**Z = X**). Por sua vez, o actante único da construção *uniactancial não agentiva* e o primeiro actante (–*agentivo*) da construção *biactancial* são expressos por proforma de *série inativa* (*he* AR; *je=* KA; *it-* AW; *u-* SM), o que se configura como um alinhamento ergativo (**Z = Y**). Tem-se, portanto, um *alinhamento dual*.

	<i>Enunciado uniactancial agentivo</i>	<i>Enunciado biactancial</i>	<i>Enunciado uniactancial não-agentivo</i>	<i>Enunciado biactancial</i>
<b>(5) Araweté</b> (cf. SOLANO)	<b>u - jeʔa ku mide</b> 3A+‘chorar’ Foc. 1incl. ‘Nós choramos.’	<b>u - ehi ku mide jati</b> 3A+‘assar’ Foc. 1incl. ‘jabuti’ ‘Nós assamos jabuti.’	<b>mide r - uri</b> 1incl.I R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Nós] estamos alegres.’	<b>mide r - etʃa ku Jeʔereru</b> 1incl.I R <sup>1</sup> +‘ver’ Foc. <i>Jeʔereru</i> ‘Jeʔereru [nos] viu.’
<b>(6) Kamaiurá</b> (cf. SEKI)	<b>ja - jan</b> 1incl.A+‘correr’ ‘[Nós] corremos.’	<b>ne = atua ja - petek</b> 2sg.p.+‘cangote’ 1incl.A+‘bater’ ‘[Nós] batemos no teu cangote.’	<b>jene = r - orip</b> 1incl.I+R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Nós] estamos alegres.’	<b>kunuʔum - a jene = r - etsak</b> ‘menino’+N 1incl.I+R <sup>1</sup> +‘ver’ ‘O menino [nos] viu.’
<b>(7) Aweti</b> (cf. BORELLA)	<b>kaj - ʔãʔã - Ø</b> 1incl.A+‘levantar’+Perf. ‘[Nós] levantamos.’	<b>ti - tã - Ø ai je</b> 1incl.A+‘pintar’+Perf. ‘homem’ ‘[Nós] pintamos o homem.’	<b>kaj - akup - eju</b> 1incl.I+‘febril’+Perf. ‘[Nós] estamos febris.’	<b>kaj - apit - Ø en</b> 1incl.I+‘queimar’+Perf. 2sg. ‘Você [nos] queimou.’
<b>(8) Sateré-Mawé</b> (FRANCESCHINI)	<b>wa - to - potpa:p</b> 1incl.A+Med.+‘trabalhar’ ‘[Nós] trabalhamos.’	<b>wa - ti - ʔauka moi</b> 1incl.A+At.T+‘matar’ ‘cobra’ ‘[Nós] matamos a cobra.’	<b>a - i - weʔese</b> 1incl.I+Atrib.II+‘alegre’ ‘[Nós] estamos alegres.’	<b>a - he - katuʔu aware</b> 1incl.I+Inv.I+‘morder’ ‘cachorro’ ‘O cachorro [nos] mordeu.’

Em se tratando do participante de *primeira pessoa inclusiva*, as línguas Araweté, Kamaiurá e Sateré-Mawé comportam-se da mesma maneira, visto que o actante único da construção *uniactancial agentiva* e o primeiro actante (+*agentivo*) da construção *biactancial* são expressos por proforma de *série ativa* (*u-* AR; *ja-* KA; *wa-* SM), o que se configura como um alinhamento nominativo ( $Z = X$ ). Por sua vez, o actante único da construção *uniactancial não agentiva* e o primeiro actante (–*agentivo*) da construção *biactancial* são expressos por proforma de *série inativa* (*mide* AR; *jene=* KA; *a-* SM), o que se configura como um alinhamento ergativo ( $Z = Y$ ). Tem-se, portanto, um *alinhamento dual*.

Em Aweti (cf. BORELLA), porém, observa-se apenas alinhamento ergativo ( $Z = Y$ ), uma vez que o actante único da construção *uniactancial* (agentiva / não agentiva) e o primeiro actante (–*agentivo*) da construção *biactancial* apresentam a mesma forma (*kaj-*).



	<i>Enunciado uniactancial agentivo</i>	<i>Enunciado biactancial</i>	<i>Enunciado uniactancial não-agentivo</i>	<i>Enunciado biactancial</i>
<b>(9) Araweté</b> (cf. SOLANO)	<b>uru - jeʔa ku ure</b> 1excl.A+‘chorar’ Foc. 1excl. ‘Nós choramos.’	<b>uru - ehi ku ure jati</b> 1excl.A+‘assar’ Foc. 1excl. ‘jabuti’ ‘Nós assamos jabuti.’	<b>ure r - uri</b> 1excl.I R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Nós] estamos alegres.’	<b>ure r - etʃa ku Jeʔereru</b> 1excl.I R <sup>1</sup> +‘ver’ Foc. <i>Jeʔereru</i> ‘Jeʔereru [nos] viu.’
<b>(10) Kamaiurá</b> (cf. SEKI)	<b>oro - jan</b> 1excl.A+‘correr’ ‘[Nós] corremos.’	<b>ne = atua oro - petek</b> 2sg.p.+‘cangote’ 1excl.A+‘bater’ ‘[Nós] batemos no teu cangote.’	<b>ore = r - orip</b> 1excl.I+R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Nós] estamos alegres.’	<b>kunuʔum - a ore = r - etsak</b> ‘menino’+N 1excl.I+R <sup>1</sup> +‘ver’ ‘O menino [nos] viu.’
<b>(11) Aweti</b> (cf. BORELLA)	<b>azo - ʔãʔã - Ø</b> 1excl.A+‘levantar’+Perf. ‘[Nós] levantamos.’	<b>azo - tã - Ø aiije</b> 1excl.A+‘pintar’+Perf. ‘homem’ ‘[Nós] pintamos o homem.’	<b>azo - akup - eju</b> 1excl.I+‘febril’+Perf. ‘[Nós] estamos febris.’	<b>azo - apit - Ø en</b> 1excl.I+‘queimar’+Perf. 2sg. ‘Você [nos] queimou.’
<b>(12) Sateré-Mawé</b> (FRANCESCHINI)	<b>uru - to - potpa:p</b> 1excl.A+Med.+‘trabalhar’ ‘[Nós] trabalhamos.’	<b>uru - i - ʔauka moi</b> 1excl.A+At.T+‘matar’ ‘cobra’ ‘[Nós] matamos a cobra.’	<b>uru - Ø - weʔese</b> 1excl.I+Attrib.II+‘contente’ ‘[Nós] estamos contentes.’	<b>uru - e - katuʔu aware</b> 1excl.I+Inv.I+‘morder’ ‘cachorro’ ‘O cachorro [nos] mordeu.’

Em se tratando do participante de *primeira pessoa exclusiva*, as línguas Araweté e Kamaiurá comportam-se da mesma maneira, visto que o actante único da construção *uniactancial agentiva* e o primeiro actante (+*agentivo*) da construção *biactancial* são expressos por proforma de *série ativa* (**uru-** AR; **oro-** KA) o que se configura como um alinhamento nominativo (**Z = X**). Já o actante único da construção *uniactancial não agentiva* e o primeiro actante (–*agentivo*) da construção *biactancial* são expressos por proforma de *série inativa* (**ure** AR; **ore=** KA), o que se configura como um alinhamento ergativo (**Z = Y**). Tem-se, portanto, um *alinhamento dual*.

Em Aweti e Sateré-Mawé, porém, observa-se *alinhamento neutro*, visto que o morfema {**azo-**}, em Aweti, e {**uru-**}, em Sateré-Mawé, se repete em todas as construções.

	<i>Enunciado uniactancial agentivo</i>	<i>Enunciado biactancial</i>	<i>Enunciado uniactancial não-agentivo</i>	<i>Enunciado biactancial</i>
(13) Araweté (cf. SOLANO)	<b>ere - jeʔa ku ne</b> 2sg.A+‘chorar’ Foc. 2sg. ‘Você chorou.’	<b>ere - ehi ku ne jati</b> 2sg.A+‘assar’ Foc. 2sg. ‘jabuti’ ‘Você assou jabuti.’	<b>ne r - uri</b> 2sg.I R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Você] está alegre.’	<b>ne r - etʃa ku Jeʔereru</b> 2sg.I R <sup>1</sup> +‘ver’ Foc. <i>Jeʔereru</i> ‘Jeʔereru [te] viu.’
(14) Kamaiurá (cf. SEKI)	<b>ere - jan</b> 2sg.A+‘correr’ ‘[Você] corre.’	<b>je = atua ere - petek</b> 1sg.p.+‘cangote’ 2sg.A+‘bater’ ‘[Você] bateu no meu cangote.’	<b>ne = r - orip</b> 2sg.I+R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Você] está alegre.’	<b>kunuʔum - a ne = r - etsak</b> ‘menino’+N 2sg.I+R <sup>1</sup> +‘ver’ ‘O menino [te] viu.’
(15) Aweti (cf. BORELLA)	<b>e - ʔãʔã - Ø</b> 2sg.A+‘levantar’+Perf. ‘[Você] levantou.’	<b>e - tã - Ø aije</b> 2sg.A+‘pintar’+Perf. ‘homem’ ‘[Você] pintou o homem.’	<b>ej - akup - eju</b> 2sg.I+‘febril’+Perf. ‘[Você] está febril.’	<b>kujtã ej - apit - Ø</b> ‘aquele’ 2sg.I+‘queimar’+Perf. ‘Aquele [te] queimou.’
(16) Sateré-Mawé (FRANCESCHINI)	<b>e - re - potpa:p</b> 2sg.A+Med.+‘trabalhar’ ‘[Você] trabalha.’	<b>e - ti - ʔauka moi</b> 2sg.A+At.T+‘matar’ ‘cobra’ ‘[Você] matou a cobra.’	<b>e - Ø - weʔese</b> 2sg.I+Atrib.II+‘alegre’ ‘[Você] está alegre.’	<b>e - e - katuʔu aware</b> 2sg.I+Inv.I+‘morder’ ‘cachorro’ ‘O cachorro [te] mordeu.’

Em se tratando do participante de *segunda pessoa do singular*, as línguas Araweté e Kamaiurá comportam-se da mesma maneira, uma vez que o actante único da construção *uniactancial agentiva* e o primeiro actante (+*agentivo*) da construção *biactancial* são expressos por proforma de *série ativa* (*ere-*), o que se configura como um alinhamento nominativo (**Z = X**). Por sua vez, o actante único da construção *uniactancial não agentiva* e o primeiro actante (–*agentivo*) da construção *biactancial* são expressos por proforma de *série inativa* (*ne* AR; *ne=* KA), o que se configura como um alinhamento ergativo (**Z = Y**). Tem-se, portanto, um *alinhamento dual*.

Em Aweti e Sateré-Mawé, todavia, observa-se *alinhamento neutro*, visto que o morfema {*e-*} ~ {*ej-*}, em Aweti, e {*e-*}, em Sateré-Mawé, se repete em todas as construções.

	<i>Enunciado uniactancial agentivo</i>	<i>Enunciado biactancial</i>	<i>Enunciado uniactancial não-agentivo</i>	<i>Enunciado biactancial</i>
(17) Araweté (cf. SOLANO)	<b>pe - jeʔa ku pẽ</b> 2pl.A+‘chorar’ Foc. 2pl. ‘Vocês choraram.’	<b>pe - ehi ku pẽ jati</b> 2pl.A+‘assar’ Foc. 2pl. ‘jabuti’ ‘Vocês assaram jabuti.’	<b>pẽ r - uri</b> 2pl.I R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Vocês] estão alegres.’	<b>pẽ r - etʃa ku Jeʔereru</b> 2pl.I R <sup>1</sup> +‘ver’ Foc. <i>Jeʔereru</i> ‘Jeʔereru [vos] viu.’
(18) Kamaiurá (cf. SEKI)	<b>pe - jan</b> 2pl.A+‘correr’ ‘[Vocês] correm.’	<b>je = atua pe - petek</b> 1sg.p.+‘cangote’ 2pl.A+‘bater’ ‘[Vocês] bateram no meu cangote.’	<b>pe = n - orip</b> 2pl.I+R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Vocês] estão alegres.’	<b>kunuʔum - a pe = n - etsak</b> ‘menino’+N 2pl.I+R <sup>1</sup> +‘ver’ ‘O menino [vos] viu.’
(19) Aweti (cf. BORELLA)	<b>eʔi - ʔãʔã - Ø</b> 2plg.A+‘levantar’+Perf. ‘[Vocês] levantaram.’	<b>pej - tã - Ø aiije</b> 2pl.A+‘pintar’+Perf. ‘homem’ ‘[Vocês] pintaram o homem.’	<b>eʔi - akup - eju</b> 2pl.I+‘febril’+Perf. ‘[Vocês] estão febris.’	<b>kujtã eʔi - apit - Ø</b> ‘aquele’ 2pl.I+‘queimar’+Perf. ‘Aquele [vos] queimou.’
(20) Sateré-Mawé (FRANCESCHINI)	<b>ewe - Ø - potpa:p</b> 2pl.A+Med.+‘trabalhar’ ‘[Vocês] trabalham.’	<b>ewe - i - ʔauka moi</b> 2pl.A+At.T+‘matar’ ‘cobra’ ‘[Vocês] mataram a cobra.’	<b>e - i - weʔese</b> 2pl.I+Attrib.II+‘alegre’ ‘[Vocês] estão alegres.’	<b>e - he - katuʔu aware</b> 2pl.I+Inv.I+‘morder’ ‘cachorro’ ‘O cachorro [vos] mordeu.’

Em se tratando do participante de *segunda pessoa do plural*, em Sateré-Mawé, o actante único da construção *uniactancial agentiva* e o primeiro actante (+*agentivo*) da construção *biactancial* são expressos por proforma de *série ativa* (*ewe*/*ewe-*), o que se configura como um alinhamento nominativo (**Z = X**). Já o actante único da construção *uniactancial não agentiva* e o primeiro actante (–*agentivo*) da construção *biactancial* são expressos por proforma de *série inativa* (*e-* SM), o que se configura como um alinhamento ergativo (**Z = Y**). Tem-se, portanto, um *alinhamento dual*. Em Aweti, por sua vez, observa-se apenas alinhamento ergativo (**Z = Y**), uma vez que o actante único da construção *uniactancial* (agentiva / não agentiva) e o primeiro actante (–*agentivo*) da construção *biactancial* apresentam a mesma forma (*eʔi-*). Em Araweté e Kamaiurá, porém, observa-se *alinhamento neutro*, visto que o morfema {*pe-*} se repete em todas as construções.

	<i>Enunciado uniactancial agentivo</i>	<i>Enunciado biactancial</i>	<i>Enunciado uniactancial não-agentivo</i>	<i>Enunciado biactancial</i>
(21) Araweté (cf. SOLANO)	<b>tairuhu ku u - dinũ</b> ‘criança’ Foc. 3A+‘deitar’ ‘A criança deitou.’	<b>neura atfaʔi u - tfai</b> <i>Neura</i> ‘açai’ 3A+‘amassar’ ‘Neura amassou açai.’	<b>i - ha</b> R <sup>2</sup> +‘azedo’ ‘[Ele] é azedo.’	
(22) Kamaiurá (cf. SEKI)	<b>iwira o - kaj</b> ‘árvore’ 3A+‘queimar’ ‘A árvore está queimando.’	<b>pe - a paku - a o - pihik</b> ‘aquele’+N ‘paca’+N 3A+‘pegar’ ‘Aquele pegou a paca.’	<b>i - ʔajur - a i - huku</b> 3p.+‘pescoço’+N 3+‘comprido’ ‘O pescoço dele é comprido.’	
(23) Aweti (cf. BORELLA)	<b>kujtã o - ʔãʔã - Ø</b> ‘aquele’ 3A+‘levantar’+Perf. ‘Aquele levantou.’	<b>wara wej - tuʔu - Ø moj</b> ‘lobo’ 3A+‘morder’+Perf. ‘cobra’ ‘O lobo mordeu a cobra.’	<b>kujtã t - akup - eju</b> ‘aquele’ 3+‘febril’+Cont. ‘Aquele está febril.’	
(24) Sateré-Mawé (FRANCESCHINI)	<b>Paulo Ø - to - potpa:p</b> <i>Paulo</i> 3sg.A+Med.+‘trabalhar’ ‘Paulo está trabalhando.’	<b>aseʔi Ø - ti - ʔauka moi</b> ‘velho’ 3A+At.T+‘matar’ ‘cobra’ ‘O velho matou a cobra.’	<b>Ø - i - po:oro</b> 3sg.+Atrib.II+‘velho’ ‘[Ele] é velho.’	<b>Ø - he - katuʔu aware</b> 3sg.I+Inv.I+‘morder’ ‘cachorro’ ‘O cachorro [o] mordeu.’

Observe que os verbos transitivos do Araweté, Kamaiurá e Aweti assemelham-se por não ocorrerem com proforma inativa de *terceira pessoa*. Em Araweté e Kamaiurá, o actante único da construção *uniactancial agentiva* e o primeiro actante (+*agentivo*) da construção *biactancial* apresentam a mesma forma (**u-** AR; **o-** KA), o que se configura como um *alinhamento nominativo* (**Z = X**). Em Aweti, porém, o *alinhamento é tripartido*, tendo em vista a ocorrência de três proformas distintas (**o**, **wej-**, **t-**). Em Sateré-Mawé, por sua vez, observa-se *alinhamento neutro*, visto que o morfema {**Ø-**} se repete em todas as construções.

Nas subseções a seguir, apresentamos os enunciados *declarativos*, *interrogativos* e *imperativos* destas línguas.

## 7.1 Enunciados Declarativos

Em Araweté (cf. VIEIRA & LEITE; SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA; SABINO) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), os *enunciados declarativos* são caracterizados pelo emprego de construção verbal intransitivo-descritiva (estativa SM), intransitivo-ativa (média SM) ou transitiva (ativa SM) marcada por proforma de *série ativa* ou *inativa*. Em Kamaiurá e Sateré-Mawé, especificamente, os verbos transitivos/ativos podem ocorrer com proforma de série *portmanteau*.

Nestas línguas, os *enunciados declarativo-afirmativos* não são marcados. Quanto aos *negativos*, porém, estes podem ser assinalados, entre outros, pelos morfemas *ja* em Araweté, *(na=)...-ite* em Kamaiurá, *(?an-)...-ka* em Aweti, e *it...?i* em Sateré-Mawé.

Os enunciados a seguir são declarativos.

### 7.1.1 Enunciado uniactancial não agentivo

Em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, o enunciado *uniactancial não agentivo*<sup>323</sup> é caracterizado pelo emprego de *verbo intransitivo-descritivo* (*verbo estativo* SM) assinalado por proforma de *série inativa*. Em nível semântico-referencial, o actante único selecionado pelo verbo remete ao participante caracterizado por *qualidade ou estado*.

Os enunciados abaixo são *uniactanciais não agentivos*.

(25) Araweté (cf. SOLANO)	(26) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>he      r - uri</b></p> <p>1sg.I   R<sup>1</sup>+‘alegre’</p> <p>‘[Eu] estou alegre.’</p>	<p><b>je = r - orip</b></p> <p>1sg.I+R<sup>1</sup>+‘alegre’</p> <p>‘[Eu] sou alegre.’</p>
(27) Aweti (cf. SABINO)	(28) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>i - ?ai - ju</b></p> <p>1sg.I+‘alegre’+Est.</p> <p>‘[Eu] estou alegre.’</p>	<p><b>u - i - we?ese</b></p> <p>1sg.I+Atrib.II+‘alegre’</p> <p>‘[Eu] estou alegre.’</p>

<sup>323</sup> A terminologia predominante nesta tese é a proposta por Franceschini (1999). Todavia, o que denomina *enunciado uniactancial não agentivo*, Seki (2000) e Borella (2000) nomeiam *oração intransitivo-descritiva*.

(29) Araweté (cf. SOLANO)	(30) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>ne r - uri</b> 2sg.I R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Você] está alegre.’	<b>ne = r - orip</b> 2sg.I+R <sup>1</sup> +‘alegre’ ‘[Você] é alegre.’
(31) Aweti (cf. SABINO)	(32) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>e - ?ai - ju</b> 2sg.I+‘alegre’+Est. ‘[Você] está alegre.’	<b>e - Ø - we?ese</b> 2sg.I+Atrib.II+‘alegre’ ‘[Você] está alegre.’

Os enunciados acima empregam raiz descritiva (*-uri* ‘alegre’ AR; *-orip* ‘alegre’ KA; *?ai* ‘alegre’ AW; *-we?ese* ‘alegre’ SM) que seleciona actante único. Este, que remete ao participante caracterizado por qualidade ou estado, é assinalado no verbo por proforma de *série inativa* (*he, ne* AR; *je=, ne=* KA; *i-, e-* AW; *u-, e-* SM).

(33) Araweté (cf. SOLANO)	(34) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>ure Ø - tfiri?ĩ ku ure</b> 1excl.I R <sup>1</sup> +‘triste’ Foc. 1excl. ‘Nós estamos tristes.’	<b>ore ore = r - akup</b> 1excl. 1excl.I+R <sup>1</sup> +‘febril’ ‘Nós estamos febris.’
(35) Aweti (cf. BORELLA)	(36) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>azo - za azo - akup - eju</b> 1excl.+col. 1excl.I+‘febril’+Cont. ‘Nós estamos febris.’	<b>uruto uru - Ø - ?ahu:</b> 1excl. 1excl.I+Atrib.II+‘febril’ ‘Nós estamos febris.’

(37) Araweté (cf. SOLANO)	(38) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>pẽ Ø - tfiri?ĩ ku pẽ</b> 2pl.I R <sup>1</sup> +‘triste’ Foc. 2pl. ‘Vocês estão tristes.’	<b>pehẽ pe = r - akup</b> 2pl. 2pl.I+R <sup>1</sup> +‘febril’ ‘Vocês estão febris’ <sup>324</sup> .
(39) Aweti (cf. BORELLA)	(40) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>e?ipe e?i - akup - eju</b> 2pl. 2pl.I+‘febril’+Cont. ‘Vocês estão febris.’	<b>eipe e - i - ?ahu:</b> 2pl. 2pl.I+Atrib.II+‘febril’ ‘Vocês estão febris.’

<sup>324</sup> Enunciado e tradução adaptados de Seki (2000, p. 173).

Nestes enunciados, a raiz descritiva (*-tfiriʔĩ* ‘triste’ AR; *-akup* ‘febril’ KA; *-akup* ‘febril’ AW; *-ʔahu:* ‘febril’ SM) seleciona actante único, expresso pelos seguintes sintagmas nominais: *ure* e *pẽ* em Araweté; *ore* e *pehẽ* em Kamaiurá; *azoza* e *eʔipe* em Aweti; *uruto* e *eipe* em Sateré-Mawé.

Em função actancial, o sintagma nominal concorda com a proforma de *série inativa* (*ure*, *pẽ* AR; *ore=*, *pe=* KA; *azo-*, *eʔi-* AW; *uru-*, *e-* SM) assinalada na construção verbal.

(41) Araweté (cf. SOLANO)	(42) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>i - puja      he      Ø - ʔu</b>  R<sup>2</sup>+‘inchada’   1sg.p.   R<sup>1</sup>+‘perna’  ‘Minha perna está inchada.’</p>	<p><b>je = iar - a      i - katu</b>  1sg.p.+‘canoa’+N   3I+‘boa’  ‘Minha canoa está boa.’</p>
(43) Aweti (cf. BORELLA)	(44) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>kujã      i - katu - Ø      itoto</b>  ‘mulher’   3I+‘bonita’+Perf.   Adv.  A mulher é muito bonita<sup>325</sup>.’</p>	<p><b>u - i - ti      Ø - i - kahu</b>  1sg.p.+Ri.+‘mãe’   3sg.I+Atrib.II+‘bonita’  ‘Minha mãe é bonita.’</p>

Nos enunciados acima, a raiz descritiva (*-puja* ‘inchada’ AR; *-katu* ‘boa’ KA; *-katu* ‘bonita’ AW; *-kahu* ‘bonita’ SM) seleciona actante único, expresso pelos seguintes sintagmas nominais: *he ʔu* ‘minha perna’ em Araweté; *jeiara* ‘minha canoa’ em Kamaiurá; *kujã* ‘mulher’ em Aweti; e *uiti* ‘minha mãe’ em Sateré-Mawé. Em função actancial, o sintagma nominal concorda com a proforma de *série inativa* (*i-* AR; *i-* KA/AW; *Ø-* SM) assinalada na construção verbal.

Diferentemente das demais línguas, o Sateré-Mawé distingue a terceira pessoa do singular {*Ø-*} e do plural {*iʔatu-*}, cujos exemplos são ilustrados a seguir.

<sup>325</sup> Enunciado e tradução adaptados de Borella (2000, p. 166).

(45a-d→) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI; CARNEIRO)	
<b>hirokat Ø - he - saika</b> ‘criança’ 3sg.I+Atrib.I+‘forte’ ‘O menino está forte.’	<b>kurum Ø - i - kahu</b> ‘menino’ 3sg.I+Atrib.II+‘bonito’ ‘O menino é bonito.’
<b>satere - ria iʔatu - e - hairu</b> <i>satere</i> +PLU 3pl.I+Atrib.I+‘em festa’ ‘Os Saterés estão em festa.’	<b>tuʔisa - ria iʔatu - Ø - po:ro</b> ‘chefe’+PLU 3pl.I+Atrib.II+‘velho’ ‘Os chefes estão velhos.’

Próprios do Sateré-Mawé, os enunciados afirmativos acima são caracterizados pelo emprego de raiz estativa (*-saika* ‘forte’, *-kajmotʔi* ‘magro’, *-hairu* ‘em festa’, *-po:ro* ‘velho’). Em função actancial, os sintagmas nominais *hirokat* ‘menino’, *waipaka* ‘galinha’, *satereria* ‘os saterés’ e *tuʔisaria* ‘os chefes’ concordam com as proformas de *série inativa* {Ø-}, de terceira pessoa do singular, e {iʔatu-}, de terceira pessoa do plural.

(46) Araweté (cf. SOLANO)	(47) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>he r - uri ja we he</b> 1sg.I R <sup>1</sup> +‘alegre’ Neg. Top. 1sg. ‘Eu não estou alegre.’	<b>na = je = r - orip - ite</b> Neg.+1sg.I+R <sup>1</sup> +‘alegre’+Neg. ‘[Eu] não estou alegre <sup>326</sup> .’
(48) Aweti (cf. SABINO)	(49) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>ʔan - i - ʔai - ju - ka ito</b> Neg.+1sg.I+‘alegre’+Est.+Neg. 1sg. ‘Eu não estou alegre.’	<b>it u - i - weʔese ʔi</b> Neg. 1sg.I+Atrib.II+‘alegre’ Neg. ‘[Eu] não estou alegre.’

Nos enunciados acima, observa-se o emprego das raízes descritivas {*-uri*} ‘alegre’ em Araweté, {*-orip*} ‘alegre’ em Kamaiurá, {*-ʔai*} ‘alegre’ em Aweti, e {*-weʔese*} ‘alegre’ em Sateré-Mawé, flexionadas por proforma de *série inativa* (*he* AR; *je*= KA; *i*- AW; *u*- SM). Em Araweté e Aweti, especificamente, o sintagma nominal em função actancial (*he*, *ito*) concorda com a proforma de *série inativa* assinalada na construção verbal.

Negativos, os morfemas *ja*, do Araweté, (*na*=)...*-ite*, do Kamaiurá, (*ʔan*-)...*-ka*, do Aweti, e *it*...*ʔi*, do Sateré-Mawé, incidem sobre o constituinte verbal (proforma + raiz), o que corresponde à *negação de enunciado*.

<sup>326</sup> Enunciado e tradução adaptados de Seki (2000, p. 330).



### 7.1.2 Enunciado uniactancial agentivo

Em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, o enunciado *uniactancial agentivo*<sup>327</sup> é caracterizado pelo emprego de *verbo intransitivo-ativo* (*verbo médio* SM) assinalado por proforma de *série ativa*. Em nível semântico-referencial, o actante único selecionado pelo verbo remete ao participante a partir do qual se inicia um processo, o mesmo sobre o qual recaem os efeitos processuais.

Os enunciados abaixo são *uniactanciais agentivos*.

(50) Araweté (cf. SOLANO)	(51) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>a - jija ku he</b> 1sg.A+‘cantar’ Foc. 1sg. ‘[Eu] cantei.’</p>	<p><b>a - maraka</b> 1sg.A+‘cantar’ ‘[Eu] estou cantando.’</p>
(52) Aweti (cf. BORELLA)	(53) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>aj - azũ - eju</b> 1sg.A+‘dançar’+Cont. ‘[Eu] estou dançando.’</p>	<p><b>a - re - pi</b> 1sg.A+Med.+‘cantar’ ‘[Eu] canto.’</p>

(54) Araweté (cf. SOLANO)	(55) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>ere - jeʔa ku ne</b> 2sg.A+‘chorar’ Foc. 2sg. ‘[Você] chorou.’</p>	<p><b>ere - ʔitap iar - a atsiwan</b> 2sg.A+‘nadar’ ‘canoa’+N Posp. ‘[Você] está nadando em volta da canoa.’</p>
(56) Aweti (cf. BORELLA)	(57) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>e - ʔitap - Ø maʔäpe iwiri</b> 2sg.A+‘nadar’+Perf. ‘canoa’ Posp. ‘[Você] nadou rente à canoa.’</p>	<p><b>e - re - ʔiha:</b> 2sg.A+Med.+‘nadar’ ‘[Você] está nadando.’</p>

Os enunciados acima empregam as seguintes raízes intransitivo-ativas (médias SM): {-jija} ‘cantar’ e {-jeʔa} ‘chorar’ em Araweté; {-maraka} ‘cantar’ e {-ʔitap} ‘nadar’ em Kamaiurá; {-azũ} ‘dançar’ e {-ʔitap} ‘nadar’ em Aweti; {-pi} ‘cantar’ e {-ʔiha:} ‘nadar’ em Sateré-Mawé, prefixadas por proforma de *série ativa* (*a-*, *ere-* AR/KA; *aj-*, *e-* AW; *a-*, *e-* SM).

<sup>327</sup> A terminologia predominante nesta tese é a proposta por Franceschini (1999). Todavia, o que denomina *enunciado uniactancial agentivo*, Seki (2000) e Borella (2000) nomeiam *oração intransitivo-ativa*.

Veja que a completude destes enunciados é garantida pelo verbo e a proforma que recebe. Em Kamaiurá e Aweti, especificamente, os respectivos sintagmas posposicionados *iara atsiwan* ‘em volta da canoa’ e *maʔãpe iwiri* ‘rente à canoa’ são empregados em função circunstancial.

(58) Araweté (cf. SOLANO)	(59) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>u - wahẽ ku kunĩ</b> 3A+‘chegar’ Foc. ‘mulher’ ‘A mulher chegou.’	<b>kujã - a o - manõ</b> ‘mulher’+N 3A+‘morrer’ ‘A mulher morreu.’
(60) Aweti (cf. BORELLA)	(61) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>ajte o - at - Ø</b> ‘homem’ 3A+‘cair’+Perf. ‘O homem caiu.’	<b>hirokat watka Ø - Ø - ʔe</b> ‘criança’ ‘gritar’ 3sg.A+Med.+Aux. ‘A criança gritou.’

Os exemplos acima ilustram o emprego de verbo intransitivo-ativo (*-wahẽ* ‘chegar’ AR; *-manõ* ‘morrer’ KA; *-at* ‘cair’ AW) e médio (*watka ʔe* ‘gritou’ SM). Semelhantes, são flexionados por proforma de *série ativa* (*u-* AR; *o-* KA/AW; *Ø-* SM) que, em nível semântico-referencial, remete ao participante a partir do qual se inicia um processo e sobre o qual incidem os efeitos processuais. Em função actancial, o sintagma nominal (*kunĩ* ‘mulher’ AR; *kujã* ‘mulher’ KA; *ajte* ‘homem’ AW; *hirokat* ‘criança’) concorda com a proforma de *série ativa* que ocorre no verbo.

(62) Araweté (cf. SOLANO)	(63) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>pẽ ku pe - ji - muhu</b> 2pl. Foc. 2pl.A+Refl.+‘molhar’ ‘Foram VOCÊS que se molharam’ <sup>328</sup> .’	<b>pehẽ pe - je - kitsi kieʔi - a pupe</b> 2pl. 2pl.A+Refl.+‘cortar’ ‘faca’+N Posp. ‘Vocês se cortaram com a faca.’
(64) Aweti (cf. BORELLA)	(65) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>eʔipe eʔi - te - apit - Ø</b> 2pl. 2pl.A+Refl.‘queimar’+Perf. ‘Vocês se queimaram.’	<b>eipe ewei - Ø - we - tek</b> 2pl. 2pl.A+Med.+Refl.+‘cortar’ ‘Vocês se cortaram.’

<sup>328</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 192).

*Reflexivas*, as construções acima são marcadas pelos seguintes morfemas: {**ji-**} em Araweté; {**je-**} em Kamaiurá; {**te-**} em Aweti; e {**we-**} em Sateré-Mawé. São formadas de verbo transitivo (**-muhu** ‘molhar’ AR; **-kitsi** ‘cortar’ KA; **-apit** ‘queimar’ AW) e ativo (**-tek** ‘cortar’ SM) flexionados por proforma de *série ativa* (**pe-** AR/KA; **e?i-** AW; **ewei-** SM).

Em Aweti, a raiz transitiva {**-apit**}, quando prefixada por morfema reflexivo, passa a ser flexionada pela proforma {**e?i-**}, compatível com raiz intransitiva. Em Sateré-Mawé, por sua vez, a prefixação do morfema reflexivo {**we-**} à raiz ativa {**-tek**} resulta na construção derivada {**-wetek**}, que passa a ocorrer com o relacional de voz média {**Ø-**}. Ademais, a ocorrência de morfema reflexivo + relacional de voz média condiciona o emprego da proforma {**ewei-**}, compatível com raízes médias.

Em nível semântico-referencial, as construções acima expressam que os processos de *molhar*, *cortar* e *queimar* têm início a partir dos participantes atingidos por seus efeitos.

(66) Araweté (cf. SOLANO)	(67) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>ure ku uru - ji - pi?i</b></p> <p>1excl. Foc. 1excl.A+Refl.+‘beliscar’</p> <p>‘[Nós] [nos] beliscamos.’</p>	<p><b>oro - jo - nupã</b></p> <p>1excl.A+Rec.+‘bater’</p> <p>‘[Nós] [nos] batemos.’</p>
(68) Aweti (cf. SABINO)	(69) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>kaj - to - ezup</b></p> <p>1incl.A+Rec.+‘casar’</p> <p>‘[Nós] [nos] casamos<sup>329</sup>.’</p>	<p><b>wa - to?o - kuasa</b></p> <p>1incl.A+Rec.+‘acusar’</p> <p>‘[Nós] [nos] acusamos.’</p>

Já as construções *recíprocas* acima são marcadas pelos seguintes morfemas: {**ji-**} em Araweté; {**jo-**} em Kamaiurá; {**to-**} em Aweti; e {**to?o-**} em Sateré-Mawé. São formadas de verbo transitivo (**-pi?i** ‘beliscar’ AR; **-nupã** ‘bater’ KA; **-ezup** ‘casar’ AW) e ativo (**-kuasa** ‘acusar’ SM) flexionados por proforma de *série ativa* (**uru-** AR; **oro-** KA; **kaj-** AW; **wa-** SM). Em Aweti, especificamente, a raiz transitiva {**-ezup**} passa a ser flexionada pela proforma {**kaj-**}, compatível com raiz intransitiva. O mesmo não ocorre nas demais línguas.

Em nível semântico-referencial, o emprego de construções como estas indica que dois ou mais participantes estão envolvidos nos processos de *beliscar*, *bater*, *casar* e *acusar*, de modo que, mutuamente, realizam e sofrem os seus efeitos.

<sup>329</sup> Enunciado e tradução adaptados de Sabino (2016, p. 121).

(70) Araweté (cf. SOLANO)	(71) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>ere - jeʔa      ja    ne</b>  2sg.A+‘chorar’ Neg. 2sg.  ‘Você não chorou.’</p>	<p><b>na = ere - ker - ite</b>  Neg.+2sg.A+‘dormir’+Neg.  ‘[Você] não está dormindo.’</p>
(72) Aweti (cf. MONSERRAT)	(73) Sateré-Mawé (CARNEIRO & FRANCESCHINI)
<p><b>ʔan - e - majõ - ka      en</b>  Neg.+2sg.A+‘morrer’+Neg. 2sg.  ‘Você não morreu’<sup>330</sup>.</p>	<p><b>it      e - re - ket      ʔi</b>  Neg. 2sg.A+Med.+‘dormir’ Neg.  ‘[Você] não está dormindo’<sup>331</sup>.</p>

Nestes enunciados, emprega-se raiz intransitivo-ativa (*-jeʔa* ‘chorar’ AR; *-ket* ‘dormir’ KA; *-majõ* ‘morrer’ AW) e média (*-ket* ‘dormir’ SM) flexionada por proforma de *série ativa* (*ere-* AR/KA; *e-* AW/SM). Em Araweté e Aweti, especificamente, emprega-se sintagma nominal (*ne* AR, *en* AW) em função actancial, em concordância com a proforma de *série ativa* prefixada ao verbo.

*Negativos*, os morfemas *ja* em Araweté, (*na=*)...*-ite* em Kamaiurá, (*ʔan-*)...*-ka* em Aweti, e *it...ʔi* em Sateré-Mawé, incidem sobre o constituinte verbal (proforma + raiz), o que corresponde à *negação de enunciado*.

### 7.1.3 Enunciado biactancial

Em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, o enunciado *biactancial*<sup>332</sup> é caracterizado pelo emprego de *verbo transitivo* (*verbo ativo*<sup>333</sup> SM) que seleciona dois actantes. Em nível semântico-referencial, remetem aos participantes *+agentivo* e *-agentivo* do processo denotado pelo verbo: o participante *+agentivo* é o que inicia/realiza o processo; o participante *-agentivo*, porém, é atingido por seus efeitos.

Nestas línguas, os verbos ativos/transitivos podem codificar o participante *+agentivo* (por proforma de *série ativa*) ou *-agentivo* (por proforma de *série inativa*). Em Kamaiurá e Sateré-Mawé, mas não nas demais, ambos os participantes *+agentivo* e *-agentivo* podem ser codificados na estrutura do verbo por proforma de *série portmanteau*, nos contextos em que referenciam a primeira pessoa e a segunda pessoa, respectivamente.

<sup>330</sup> Enunciado e tradução adaptados de Monserrat (1975/2012a, p. 30).

<sup>331</sup> Enunciado e tradução adaptados de Carneiro e Franceschini (2015, p. 53).

<sup>332</sup> A terminologia predominante nesta tese é a proposta por Franceschini (1999). Todavia, o que denomina *enunciado uniactancial biactancial*, Seki (2000) e Borella (2000) nomeiam *oração transitiva*.

<sup>333</sup> Também pelo *verbo médio* {-ʔakasa} ‘olhar’ e alguns outros.

Em todas elas, porém, a flexão verbal por proforma de série *ativa*, *inativa* ou *portmanteau* (Kamaiurá e Sateré-Mawé) é condicionada por *hierarquia de referência pessoal*.

➤ **O participante +*agentivo* indiciado no verbo**

Em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, o participante +*agentivo* é indiciado no verbo transitivo (ativo SM) por proforma de *série ativa*.

(74) Araweté (cf. SOLANO)	(75) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>a - juka ku he arapuha</b> 1sg.A+‘matar’ Foc. 1sg. ‘veado’ ‘Eu matei veado.’	<b>jawár - a a - juka</b> ‘onça’+N 1sg.A+‘matar’ ‘[Eu] matei a onça.’
(76) Aweti (cf. SABINO)	(77) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>a - kŷj tatitu me</b> 1sg.A+‘matar’ ‘porco’ Conf. ‘[Eu] matei o porcão.’	<b>a - ti - ?auka iti:</b> 1sg.A+At.T+‘matar’ ‘veado’ ‘[Eu] matei o veado.’

Os enunciados acima são biactanciais, formados de primeiro actante no papel de *agente* (proforma de *série ativa a-*) e de segundo actante no papel de *paciente*, expresso pelos seguintes sintagmas nominais: *arapuha* ‘veado’ em Araweté, *jawara* ‘onça’ em Kamaiurá, *tatitu* ‘porco’ em Aweti, e *iti:* ‘veado’ em Sateré-Mawé. Em Araweté, especificamente, o sintagma nominal *he* ‘eu’ concorda com a proforma de *série ativa* {*a-*}.

(78) Araweté (cf. SOLANO)	(79) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>ere - muti ku ne ihipa</b> 2sg.A+‘puxar’ Foc. 2sg. ‘corda’ ‘Você puxou corda.’	<b>ka?i - a r - uwaj - a ere - ekij</b> ‘macaco’+N R <sup>1</sup> +‘rabo’+N 2sg.A+‘puxar’ ‘[Você] está puxando o rabo do macaco.’
(80) Aweti (cf. MONSERRAT)	(81) Sateré-Mawé (cf. dados coletados <sup>334</sup> )
<b>e - t - ekij ?izapát</b> 2sg.A+obj.+‘puxar’ ‘arco’ ‘[Você] puxou o arco.’	<b>e - he - ekii aware s - uwajpo</b> 2sg.A+At.A+‘puxar’ ‘cachorro’ Ri.+‘rabo’ ‘[Você] está puxando o rabo do cachorro.’

<sup>334</sup> Em pesquisa de Mestrado.

Biactanciais, estes enunciados são formados de primeiro actante no papel de *agente* e de segundo actante no papel de *paciente*. O participante agente é codificado no verbo por proforma de *série ativa* (**ere-** AR/KA; **e-** AW/SM). O paciente, por sua vez, codificado pelos seguintes sintagmas nominais: **ihipa** ‘corda’ em Araweté, **ka?ia ruwaja** ‘rabo do macaco’ em Kamaiurá, **?izapát** ‘arco’ em Aweti, e **aware suwajpo** ‘rabo do cachorro’ em Sateré-Mawé. Em Araweté, especificamente, o sintagma nominal **ne** ‘você’ concorda com a proforma de *série ativa* {**ere-**}.

De acordo com a *hierarquia de referência pessoal* obedecida nestas línguas, a primeira (exs. 74-77) e a segunda pessoa (exs. 78-81) do discurso são prioritárias em relação à terceira, o que justifica o participante *agente* codificado nas estruturas acima.

Assim como em Araweté (ex. 78), o participante *agente* pode ser expresso no enunciado por sintagma nominal e, neste caso, o enunciado biactancial tende a seguir uma ordem canônica (neutra) do ponto de vista enunciativo-hierárquico. Vejamos os exemplos:

(82) Araweté (cf. SOLANO)	(83) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>pẽ akaju pe - tĩ</b>  2pl. ‘caju’ 2pl.A+‘plantar’  ‘Vocês plantaram caju.’</p>	<p><b>pehẽ tajau - a r - api?a pe - ?o</b>  2pl. ‘porco’+N R<sup>1</sup>+‘testículo’ 2pl.A+‘arrancar’  ‘Vocês arrancaram os testículos do porco.’</p>
(84) Aweti (cf. BORELLA)	(85) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>e?ipe pej - ?u - Ø jomẽ</b>  2pl. 2pl.A+‘comer’+Perf. ‘beiju’  ‘Vocês comeram beiju.’</p>	<p><b>eipe ewe - i - ?u sapo</b>  2pl. 2pl.A+At.T+‘ingerir’ <i>sapó</i>  ‘Vocês ingeriram sapó.’</p>

Em Araweté (cf. SOLANO) e Kamaiurá (cf. SEKI), o enunciado biactancial canônico é caracterizado pelo emprego de primeiro actante no papel de *agente* (**pẽ** AR, **pehẽ** KA), seguido de segundo actante no papel de *paciente* (**akaju** ‘caju’ AR, **tajaua rapí?a** ‘testículos do porco’ KA) e de predicado verbal.

Em Aweti (cf. BORELLA) e Sateré-Mawé (cf. CARNEIRO), por sua vez, o enunciado biactancial canônico é formado de primeiro actante no papel de *agente* (**e?ipe** AW; **eipe** SM), seguido de predicado verbal e de segundo actante no papel de *paciente* (**jomẽ** ‘beiju’ AW; **sapo** ‘sapó’ SM), nesta ordem.

Conforme a *hierarquia de referência pessoal* obedecida nestas línguas, a segunda pessoa é prioritária em relação à terceira, o que justifica o participante *agente* codificado nas estruturas acima.

(86) Araweté (cf. SOLANO)	(87) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>a - maʔẽ ku he tajahu r - ehe</b>            3A+‘olhar’ Foc. 1sg. ‘porcão’ R<sup>1</sup>+Posp.            ‘Eu olhei para o porcão.’</p>	<p><b>a - re - ʔakasa awiato kape</b>            1sg.A+Med.+‘olhar’ ‘onça’ Posp.            ‘[Eu] olhei para a onça.’</p>

Os enunciados do Araweté e Sateré-Mawé acima são biactanciais<sup>335</sup>, caracterizados por sintagma posposicionado (*tajahu rehe* ‘para o porcão’ AR; *awiato kape* ‘para a onça’ SM) em função de segundo actante (índice de *receptivo*).

Em Araweté, o primeiro actante (índice de *agente*) é expresso pelo sintagma nominal *he* ‘eu’ (em concordância com a proforma de *série ativa a-*); em Sateré-Mawé, por sua vez, é expresso unicamente pela proforma de *série ativa {a-}*, dada a ausência de sintagma nominal que desempenhe esta função. Nestas línguas, a primeira pessoa tem prioridade em relação à terceira, o que justifica o participante *agente* codificado nestas estruturas.

(88) Araweté (cf. SOLANO)	(89) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>neura atʃaʔi u - tʃai</b>  <i>Neura</i> ‘açai’ 3A+‘amassar’            ‘Neura amassou açai.’</p>	<p><b>wararuwijaw - a moĩ - a o - uʔu</b>            ‘cachorro’+N ‘cobra’+N 3A+‘morder’            ‘O cachorro mordeu a cobra.’</p>
(90) Aweti (cf. BORELLA)	(91) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>wara wej - tuʔu - Ø moj</b>            ‘lobo’ 3+‘morder’+Perf. ‘cobra’            ‘O lobo mordeu a cobra.’</p>	<p><b>aseʔi Ø - ti - ʔauka moi</b>            ‘velho’ 3sg.A+At.T+‘matar’ ‘cobra’            ‘O velho matou a cobra.’</p>

Nos enunciados acima, ambos os participantes *agente* e *paciente* são de terceira pessoa. Neste caso, a ordem em que são empregados é fundamental para se evitar a ambiguidade quanto à função e ao papel que desempenham.

<sup>335</sup> Em Sateré-Mawé, o verbo *areʔakasa* (ex. 87) foi analisado por Franceschini (1999) como *médio* (= transitivo indireto). Em Araweté, porém, o verbo *amaʔẽ* (ex. 86) foi analisado por Solano (2009, p. 186) como intransitivo com “dois argumentos obrigatórios”.

Em Araweté (cf. SOLANO) e Kamaiurá (cf. SEKI), são empregados, nesta ordem, o primeiro actante no papel de *agente* (*neura* ‘Neura’ AR; *wararuwijawa* ‘cachorro’ KA), seguido do segundo actante no papel de *paciente* (*atfaʔi* ‘açai’ AR; *moña* ‘cobra’ KA) e do predicado verbal.

Também em Aweti (cf. BORELLA) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), o primeiro actante no papel de *agente* (*wara* ‘lobo’ AW; *aseʔi* ‘velho’ SM) é empregado em posição inicial, porém seguido do predicado verbal e do segundo actante no papel de *paciente* (*moj* ‘cobra’ AW; *moi* ‘cobra’ SM).

(92) Araweté (cf. SOLANO)	(93) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>a - mu - ruhĩ      ku    he    ʔi</b>  1sg.A+Caus.+‘frio’    Foc. 1sg. ‘água’  ‘Eu faço esfriar a água.’</p>	<p><b>je = iar - a      a - mo - ɲatu</b>  1sg.p.+‘canoa’+N    1sg.A+Caus.+‘bom’  ‘[Eu] fiz boa minha canoa.’  (Eu consertei minha canoa.)</p>
Aweti	(94) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
	<p><b>a - ti - mo - taɲ      hirokat</b>  1sg.A+At.T+Caus.+‘grande’    ‘criança’  ‘[Eu] fiz grande a criança.’  (Eu fiz crescer a criança.)</p>

*Causativas*, as construções acima são caracterizadas pelo emprego de raiz verbal intransitivo-descritiva (*-ruhĩ* ‘frio’ AR; *-ɲatu* ‘bom’ KA) e estativa (*-taɲ* ‘grande’ SM) prefixadas por *morfema causativo* (*mu-* AR; *mo-* KA/SM).

Nestes enunciados, o primeiro actante (índice de *agente*) é marcado no verbo por proforma de *série ativa* (*a-*); o segundo (índice de *paciente*), por sua vez, expresso por sintagma nominal (*ʔi* ‘água’ AR; *jeiara* ‘minha canoa’ KA; *hirokat* ‘criança’ SM). Nestas línguas, o participante de primeira e de segunda pessoa tem prioridade em relação ao de terceira, o que justifica o participante *agente* codificado no verbo.

Em Sateré-Mawé (ex. 94), mas não nas demais, a prefixação de raiz estativa por morfema causativo condiciona a mudança de orientação atributiva para ativa, expressa pelo prefixo {*ti-*}.



(95) Araweté (cf. SOLANO)	(96) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>ne ku ere - mu - pariri tairuhu</b> 2sg. Foc. 2sg.A+Caus.+‘assustar’ ‘criança’ ‘Foi VOCÊ quem fez assustar a criança <sup>336</sup> .’	<b>kunu?um - a ere - mo - wawak</b> ‘menino’+N 2sg.A+Caus.+‘acordar’ ‘[Você] fez acordar o menino.’
(97) Aweti (cf. BORELLA)	(98) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>en e - mo - kuje - Ø makula</b> 2sg. 2sg.A+Caus.+‘cair’+Perf. ‘panela’ ‘Você fez cair a panela.’ (Você derrubou a panela.)	<b>e - ti - mo - ket hirokat</b> 2sg.A+At.I+Caus.+‘dormir’ ‘criança’ ‘[Você] fez dormir a criança.’

As construções acima são *causativas*, constituídas de raiz verbal intransitivo-ativa (*-pariri* ‘assustar’ AR; *-wawak* ‘acordar’ KA; *-kuje* ‘cair’ AW) e média (*-ket* ‘dormir’ SM) prefixadas por *morfema causativo* (*mu-* AR; *mo-* KA/AW/SM).

Nestes enunciados, o primeiro actante (índice de *agente*) é marcado no verbo por proforma de *série ativa* (*ere-* AR/KA; *e-* AW/SM); o segundo (índice de *paciente*), porém, expresso no enunciado por sintagma nominal (*tairuhu* ‘criança’ AR; *kunu?uma* ‘menino’ KA; *makula* ‘panela’ AW; *hirokat* ‘criança’ SM). De acordo com a *hierarquia de referência pessoal* vigente nestas línguas, o participante de primeira pessoa tem prioridade em relação ao de terceira, o que justifica o participante *agente* codificado no verbo.

Em Araweté (ex. 95), a incidência do morfema *ku* sobre o sintagma *ne* ‘você’ corresponde à *focalização de constituinte*. Em Sateré-Mawé (ex. 98), especificamente, a prefixação de raiz média por morfema causativo condiciona a mudança de orientação média para ativa, expressa pelo prefixo {*tí-*}.

(99) Araweté (cf. SOLANO)	(100) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>uru - ?u ja ure padidi</b> 1excl.A+‘comer’ Neg. 1excl. ‘banana’ ‘Nós não comemos banana.’	<b>paku - a n = oro - ?u - ite</b> ‘paca’+N Neg.+1excl.A+‘comer’+Neg. ‘[Nós] não comemos paca <sup>337</sup> .’
(101) Aweti (cf. BORELLA)	(102) Sateré-Mawé (cf. CARNEIRO)
<b>?an - azo - ?u - Ø - ka kalole jujã</b> Neg.+1excl.A+‘comer’+Perf.+Neg. ‘mata’ ‘carne’ ‘[Nós] não comemos carne’.	<b>it uru - i - ?u ?i ariukere</b> Neg. 1excl.A+At.T+‘comer’ Neg. ‘preguiça’ ‘[Nós] não comemos preguiça.’

<sup>336</sup> Enunciado e tradução adaptados de Solano (2009, p. 196).

<sup>337</sup> Enunciado e tradução adaptados de Seki (2000, p. 239).

Os enunciados acima são negativos, marcados pelos morfemas *ja*, em Araweté, *n(a)...ite*, em Kamaiurá, *(?an-)...-ka*, em Aweti, e *it...?i*, em Sateré-Mawé. Em todos eles, o morfema negativo incide sobre o constituinte verbal (proforma + raiz), o que corresponde à *negação de enunciado*.

Os verbos acima selecionam dois actantes: o primeiro (índice de *agente*) é marcado no verbo por proforma de *série ativa* (*uru-* AR; *oro-* KA; *azo-* AW; *uru-* SM), enquanto o segundo (índice de *paciente*) é expresso no enunciado por sintagma nominal (*padidi* ‘banana’ AR; *pakua* ‘paca’ KA; *kalole jujã* ‘carne’ AW; *ariukere* ‘preguiça’ SM). Nestas línguas, a primeira pessoa exclusiva tem prioridade em relação à terceira, o que justifica o participante *agente* indiciado nos verbos.

(103) Araweté (cf. SOLANO)	(104) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>ere - raha ja ne miniju</b>            2sg.A+‘levar’ Neg. 2sg. ‘algodão’            ‘Você não levou algodão.’</p>	<p><b>jawar - a akwama?e - a n = ere - juka - ite</b>            ‘onça’+N ‘homem’+N Neg.+2sg.A+‘matar’+Neg.            ‘[Você] não matou a onça macho.’</p>
Aweti	(105) Sateré-Mawé (cf. CARNEIRO)
	<p><b>it en ?i nekē e - tu - nuṅ wa?ã</b>            Neg. 2sg. Neg. Part. 2sg.+At.I+‘fazer’ ‘panela’            ‘Não foi VOCÊ quem fez essa panela.’</p>

Negativos, os enunciados acima são assinalados pelo emprego dos morfemas *ja* em Araweté, *n(a)...ite* em Kamaiurá, e *it...?i* em Sateré-Mawé. Em Sateré-Mawé, a incidência deste morfema sobre o sintagma *en* ‘você’ corresponde à *negação de constituinte*, o que indica a negação da informação que veicula.

Observe que o primeiro actante (índice de *agente*) é marcado no verbo por proforma de *série ativa* (*ere-* AR/KA; *e-* SM) em concordância com os sintagmas nominais *ne* (Araweté) e *en* (Sateré-Mawé), ambos referentes à segunda pessoa do singular. O segundo actante (índice de *paciente*), por sua vez, é expresso no enunciado por sintagma nominal (*miniju* ‘algodão’ AR; *jawara akwama?e* ‘onça macho’ KA; *wa?ã* ‘panela’ SM). Conforme a *hierarquia de referência pessoal* vigente nestas línguas, o participante de segunda pessoa tem prioridade em relação ao de terceira, o que justifica o participante *agente* codificado no verbo.

➤ O participante *-agente* indiciado no verbo

Em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, o participante *-agente* é marcado na construção verbal transitiva (ativa SM) por proforma de *série inativa*.

(106) Araweté (cf. SOLANO)	(107) Kamaiurá
<b>maj ku ure Ø - ʔuʔu</b> ‘cobra’ Foc. 1excl.I R <sup>1</sup> +‘morder’ ‘Foi COBRA que [nos] mordeu <sup>338</sup> .’	<b>wararuwijaw - a ore = Ø - uʔu</b> ‘cachorro’+N 1excl.I+R <sup>1</sup> +‘morder’ ‘O cachorro [nos] mordeu <sup>339</sup> .’
(108) Aweti (cf. MONSERRAT)	(109) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<b>ozo - tuʔú mōj</b> 1excl.I+‘morder’ ‘cobra’ ‘A cobra [nos] mordeu.’	<b>uru - e - katuʔu aware</b> 1excl.I+Inv.I+‘morder’ ‘cachorro’ ‘O cachorro [nos] mordeu.’

Nestes enunciados, os verbos selecionam dois actantes: o primeiro (índice de *paciente*) é marcado por proforma de *série inativa* (**ure** AR; **ore=** KA; **ozo-** AW; **uru-** SM); o segundo (índice de *agente*), por sua vez, expresso pelos seguintes sintagmas nominais: **maj** ‘cobra’ em Araweté, **wararuwijawa** ‘cachorro’ em Kamaiurá, **mōj** ‘cobra’ em Aweti, e **aware** ‘cachorro’ em Sateré-Mawé. Nestas línguas, a primeira pessoa do discurso tem prioridade em relação à terceira, o que justifica o participante *paciente* codificado nas estruturas verbais acima.

(110) Araweté (cf. SABINO)	(111) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>he Ø - nupī ku ne</b> 1sg.I R <sup>1</sup> +‘bater’ Foc. 2sg. ‘Você [me] bateu.’	<b>ene je = Ø - nupā</b> 2sg. 1sg.I+R <sup>1</sup> +‘bater’ ‘Você [me] bateu <sup>340</sup> .’
(112) Aweti (cf. MONSERRAT)	(113) Sateré-Mawé (cf. dados coletados <sup>341</sup> )
<b>it - ekij en</b> 1sg.I+‘puxar’ 2sg. ‘Você [me] puxou.’	<b>en u - he - ekii</b> 2sg. 1sg.I+Inv.I+‘puxar’ ‘Você [me] puxou.’

<sup>338</sup> Enunciado e tradução adaptados de Solano (2009, p. 396).

<sup>339</sup> Enunciado e tradução adaptados de Seki (2000, p. 177).

<sup>340</sup> Enunciado e tradução adaptados de Seki (2000, p. 155).

<sup>341</sup> Em pesquisa de Mestrado.

Também nestes enunciados, o primeiro actante (índice de *paciente*) é marcado nas construções verbais por proforma de *série inativa* (**he** AR; **je=** KA; **it-** AW; **u-** SM). O segundo actante (índice de *agente*), porém, é expresso por sintagma nominal, a seguir: **ne** em Araweté, **ene** em Kamaiurá, **en** em Aweti e Sateré-Mawé, todos eles referentes à segunda pessoa do singular.

De acordo com a *hierarquia de referência pessoal* vigente nestas línguas, o *paciente* de primeira pessoa tem prioridade em relação ao *agente* de segunda pessoa, o que justifica o *paciente* codificado no verbo.

(114a-b) Araweté (cf. SOLANO)	
<p><b>he Ø - nupĩ ku ne</b>  1sg.I R<sup>1</sup>+‘bater’ Foc. 2sg.  ‘Você [me] bateu.’</p>	<p><b>ne Ø - nupĩ ku he</b>  2sg.I R<sup>1</sup>+‘bater’ Foc. 1sg.  ‘Eu [te] bati.’</p>

Os enunciados acima mostram que, em Araweté, a primeira e a segunda pessoa ocupam a mesma posição na escala referencial, ademais, que o participante *paciente* tem prioridade sobre o *agente*. Por esta razão, o *paciente* de primeira ou de segunda pessoa (**he** ‘eu’, **ne** ‘você’) é sempre indiciado na construção verbal por proforma de *série inativa*.

➤ **Os participantes +*agentivo* e -*agentivo* indiciados no verbo**

Em Kamaiurá e Sateré-Mawé, mas não nas demais línguas, ambos os participantes +*agentivo* e -*agentivo* são indiciados no verbo transitivo (ativo SM) por proforma de *série portmanteau*.

(115) Araweté (cf. SOLANO)	(116) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>ne Ø - nupĩ ku he</b>  2sg.I R<sup>1</sup>+‘bater’ Foc. 1sg.  ‘Eu [te] bati.’</p>	<p><b>oro - atua - petek</b>  1sg./2sg.P+‘cangote’+‘bater’  ‘[Eu] [te] bati no cangote.’</p>

(117) Aweti (cf. MONSERRAT)	(118) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>a - jopã    ?én</b>  1sg.A+‘bater’    2sg.  ‘[Eu] te bati’<sup>342</sup>.’</p>	<p><b>moro - petek</b>  1sg./2sg.P+‘bater’  ‘[Eu] [te] bati.’</p>

(119) Araweté (cf. SOLANO)	(120) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>pẽ Ø - nupĩ    ku    he</b>  2pl.I    R<sup>1</sup>+‘bater’    Foc.    1sg.  ‘Eu [vos] bati.’</p>	<p><b>opo - atua - petek</b>  1/2pl.P+‘cangote’+‘bater’  ‘[Eu] [vos] bati no cangote.’  ‘[Nós] [vos] batemos no cangote.’</p>
(121) Aweti (cf. MONSERRAT)	(122) Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI)
<p><b>a - jopã    e?ipé</b>  1sg.A+‘bater’    2pl.  ‘[Eu] vos bati.’</p>	<p><b>moro - ho?o - petek</b>  1sg./2pl.P+p.part.+‘bater’  ‘[Eu] [vos] bati.’</p>

Em Kamaiurá e Sateré-Mawé, acima, os participantes *agente* e *paciente* são codificados por proforma de *série portmanteau*: {*oro-*} e {*opo-*}, em Kamaiurá; {*moro-*} e {*moroho?o-*}, em Sateré-Mawé.

Em Araweté e Aweti, porém, os verbos são codificados por proforma de *série inativa* e *ativa*, respectivamente, dada a inexistência de proforma *portmanteau* nestas línguas. Conforme a *hierarquia referencial* vigente em Araweté, o *paciente* de segunda pessoa (*ne* ‘você’, *pẽ* ‘vocês’) tem prioridade sobre o *agente* de primeira pessoa (*he* ‘eu’), o que implica em codificar o *paciente* (por proforma de *série inativa*) na construção verbal. Em Aweti, em contrapartida, o participante *agente* de primeira pessoa (*a-* ‘eu’) tem prioridade sobre o *paciente* de segunda pessoa (*?én* ‘você’, *e?ipé* ‘vocês’), o que implica em codificar o *agente* (por proforma de *série ativa*) no verbo.

<sup>342</sup> Enunciado e tradução adaptados de Monserrat (1976/2012b, p. 22).

## 7.2 Enunciados Interrogativos

Em Araweté (cf. SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. SABINO) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), os *enunciados interrogativos* podem ser de dois tipos<sup>343</sup>: *total* ou *parcial*. As perguntas *totais* são tipicamente respondidas com *sim* ou *não*, enquanto as *parciais* exigem resposta que lhes preencha uma lacuna.

### ✓ Os interrogativo-totais

Em Araweté<sup>344</sup> (SOLANO, 2009, p. 289), as *perguntas totais* são caracterizadas pelo emprego da partícula *pa*<sup>345</sup> em *nível de enunciado* ou de *constituente*, caso em que precede a partícula de foco *ku*.

(123a-b →) Araweté (cf. SOLANO)	
<p><b>ne r - upehi pa ne</b></p> <p>2sg.I R<sup>1</sup>+‘sono’ Inter. 2sg.</p> <p>‘Você está com sono?’</p>	<p><b>pẽ pu ku meju pe - ?u</b></p> <p>2pl. Inter. Foc. ‘beiju’ 2pl.A+‘comer’</p> <p>‘Foram VOCÊS que comeram beiju?’</p>

Já em Kamaiurá (SEKI, 2000, p. 214), as *perguntas totais* são marcadas por entonação específica e/ou pelo emprego das partículas interrogativas *po* ou *kõ*. A partícula *po* incide sobre todo o enunciado, além disto, indica que o locutor se mantém imparcial em relação à resposta de seu interlocutor. A partícula *kõ*, por sua vez, assemelha-se à anterior ao incidir sobre todo o enunciado, porém, pode ser empregada em contextos distintos: quando o locutor é imparcial no que se refere à resposta do interlocutor; ou quando espera dele resposta afirmativa.

<sup>343</sup> Nesta subseção, chamaremos os enunciados interrogativos de *totais* ou *parciais*, terminologia sugerida por Creissels (2006, p. 170). Nos trabalhos sobre o Araweté, Kamaiurá e Aweti, porém, encontramos outras terminologias (equivalentes): *polares* x *informacionais* (SOLANO, 2009), *gerais* x *especiais* (SEKI, 2000), bem como *polares* x *de conteúdo* (SABINO, 2016).

<sup>344</sup> Solano (2009) não comenta sobre a entonação dos enunciados interrogativos em Araweté.

<sup>345</sup> Em Araweté, a partícula *pa* é pronunciada *pu* quando precede a partícula de foco *ku* (SOLANO, 2009, p. 289).

(124a-c →) Kamaiurá (cf. SEKI)		
<b>kunuʔum - a h - akup</b> 'menino'+N 3I+'doente' 'O menino está doente?'	<b>po ne = akaŋ - ai</b> Inter. 2sg.+‘cabeça’+‘doer’ 'Você está com dor de cabeça?'	<b>brasília kati ere - o kō</b> Brasília Posp. 2sg.A+‘ir’ Inter. 'Você foi à Brasília [não é]?'

Em Sateré-Mawé (SPOLADORE, 2011, p. 127), por sua vez, as *perguntas totais* são marcadas por entonação específica e/ou pelo emprego das partículas interrogativas *apo* ou *iŋ* em *nível de enunciado* ou de *constituente*. A partícula *iŋ* (em detrimento da *apo*) é compatível com a partícula enunciativa *ke*, cuja função é indicar, assim como em Kamaiurá, que o locutor suspeita da resposta de seu interlocutor, “esperando receber confirmação em relação às suas expectativas”.

(125a-d →) Sateré-Mawé (cf. SPOLADORE)	
<b>e - re - to raʔin maués kape</b> 2sg.A+Med.+‘ir’ Asp. Maués Posp. 'Você já foi para Maués?'	<b>e - he - siʔat ke iŋ</b> 2sg.I+Atrib.I+‘fome’ Part. Inter. 'Você está faminto?'
<b>e - tu - ʔu pira apo</b> 2sg.A+At.T+‘comer’ ‘peixe’ Inter. 'Você comeu o peixe?'	<b>en apo e - tu - ʔu pira</b> 2sg. Inter. 2sg.A+At.T+‘comer’ ‘peixe’ 'Foi VOCÊ que comeu o peixe?'

Em se tratando do Aweti, porém, encontramos um único dado, no trabalho de Monserrat (1975/2012a), que ilustra o emprego de *pergunta total* assinalada pelo morfema *wan*, analisado como marca de interrogação. No trabalho de Sabino (2016, p. 194), por sua vez, consta a informação de que, em perguntas totais, “os constituintes são marcados pela partícula focal *tĩ*”, mas não encontramos dados para ilustrar o emprego deste morfema.

O enunciado a seguir é formado de predicado nominal, ilustrado neste capítulo por ser o único que encontramos.

(126) Aweti (cf. MONSERRAT)		
<b>wan e - mēpit - zoko ʔén</b> Inter. 2sg.p.+‘filho’+Fut. 2sg. Você vai ter filho?		

### ✓ Os interrogativo-parciais

Em Araweté<sup>346</sup> (SOLANO, 2009, p. 290), as *perguntas parciais* são caracterizadas pelo emprego de palavra interrogativa, seguida da partícula *pa*. Assim como em perguntas totais, *palavra + partícula* podem preceder o marcador de foco *ku*.

(127) Araweté (cf. SOLANO)	
<b>awa pu ku tata u - meni</b> ‘quem’ Inter. Foc. ‘fogo’ 3A+‘acender’ ‘Quem foi que acendeu o fogo?’	<b>awa pu ku u - wahẽ</b> ‘quem’ Inter. Foc. 3A+‘chegar’ ‘Quem foi que chegou?’

Em Kamaiurá (SEKI, 2000, p. 215), são também marcadas por palavra interrogativa, acompanhadas ou não da partícula de foco *te*, de segunda posição. Este tipo de pergunta pode, ainda, receber a partícula final *kõ*.

(128) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>awa moĩ - a o - u?u</b> ‘quem’ ‘cobra’+N 3A+‘morder’ ‘Quem a cobra mordeu?’	<b>ma?anuar - a te ?aŋ ere - etsak kõ</b> ‘o que’+N Foc. Prox. 2sg.A+‘ver’ Inter. ‘O que foi que você viu?’

Em Aweti (SABINO, 2016, p. 194), semelhantemente, as *perguntas parciais* empregam palavra interrogativa, sufixada pelo morfema focalizador *ika*.

(129) Aweti (cf. SABINO)	
<b>kaj - ika e - jatit</b> ‘quem’+Foc. 2sg.A+‘arranhar’ ‘Quem foi que te arranhou <sup>347</sup> ?’	<b>kat - ika o - kuj - e</b> ‘o que’+Foc. 3A+‘cair’+Perf. ‘O que foi que caiu?’

<sup>346</sup> Também em Araweté (SOLANO, 2009, p. 297), assim como apontado para o Kamaiurá (SEKI, 2000) e Sateré-Mawé (SPOLADORE, 2011), ocorrem as partículas *nahu* e *rupa* ~ *nupa* que indicam “a expectativa do falante em relação à certeza ou falsidade do conteúdo informacional”. Em Araweté, tais partículas ocorrem quando se tem no enunciado a palavra interrogativa *awa* ‘quem’.

<sup>347</sup> Tradução adaptada de Sabino (2016, p. 194).



Também em Sateré-Mawé (SPOLADORE, 2011, p. 129), as palavras interrogativas podem ser seguidas da partícula *iŋ*.

(130) Sateré-Mawé (cf. SPOLADORE)			
<b>uwe</b>	<b>iti - auka</b>	<b>koiti?i</b>	
‘quem’	‘matar’+‘veado’	‘hoje’	
‘Quem matou veado hoje?’			
<b>uwe</b>	<b>iŋ</b>	<b>Ø - i - koi</b>	<b>mani</b>
‘quem’	Inter. 3I+Inv.II+‘plantar’	‘mandioca’	
‘Por quem a mandioca foi plantada?’			

É certo que as palavras interrogativas naturalmente veiculam foco<sup>348</sup>, uma vez que substituem o constituinte sobre o qual interrogam. Neste trabalho, as perguntas do Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé formadas de *palavra interrogativa* + *morfema focalizador* foram traduzidas sob a forma de construção relativa.

### 7.2.1 Enunciado uniactancial não-agentivo

Em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, o enunciado *uniactancial não agentivo* é caracterizado pelo emprego de *verbo intransitivo-descriptivo* (*verbo estativo* SM) assinalado por proforma de *série inativa*. Em nível semântico-referencial, o actante único selecionado pelo verbo remete ao participante caracterizado por *qualidade ou estado*.

Os enunciados abaixo são *uniactanciais não agentivos*.

(131) Araweté (cf. SOLANO)	(132) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>ne r - upehi pa ne</b> 2sg.I R <sup>1</sup> +‘sono’ Inter. 2sg. ‘Você está com sono?’	<b>kunu?um - a h - akup</b> ‘menino’+N 3I+‘doente’ ‘O menino está doente?’
Aweti	(133) Sateré-Mawé (cf. SPOLADORE)
	<b>e - he - si?at ke iŋ</b> 2sg.I+Atrib.I+‘faminto’ Part. Inter. ‘Você está faminto?’

As perguntas acima são do *tipo total*, possivelmente respondidas por apenas *sim/não*. Em Araweté, emprega-se a partícula interrogativa *pa*; em Sateré-Mawé, por sua vez, a

<sup>348</sup> Conforme Givón (2001, p. 300).

partícula interrogativa *iŋ*. O enunciado do Kamaiurá, porém, é marcado apenas por entonação, distinta da que seria atribuída a um enunciado declarativo nesta língua.

(134) Araweté (cf. SOLANO)	(135) Sateré-Mawé (cf. SPOLADORE)
<b>marĩmũ pa ne r - uri aʔi</b> ‘por que’ Inter. 2sg.I R+‘alegre’ Reit. ‘Por que você está alegre?’	<b>kat pote iŋ aseʔi Ø - i - wepi:t</b> ‘por que’ Inter. ‘vovô’ 3sg.I+Atrib.II+‘alegre’ ‘Por que o vovô está alegre?’

As perguntas do Araweté e Sateré-Mawé acima são do *tipo parcial*<sup>349</sup>, caracterizadas pelo emprego de palavra interrogativa (*marĩmũ* AR; *kat pote* SM) e de partícula interrogativa (*pa* AR; *iŋ* SM). Bastante distintas morfologicamente, as palavras *marĩmũ* e *kat pote* interrogam sobre a *causa* do estado *alegria*.

### 7.2.2 Enunciado uniactancial agentivo

Em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, o enunciado *uniactancial agentivo* é caracterizado pelo emprego de *verbo intransitivo-ativo* (*verbo médio* SM) assinalado por proforma de *série ativa*. Em nível semântico-referencial, o actante único selecionado pelo verbo remete ao participante a partir do qual se inicia um processo, o mesmo sobre o qual recaem os efeitos processuais.

Os enunciados abaixo são *uniactanciais agentivos*.

(136) Araweté (cf. SOLANO)	(137) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>ne pu ku ere - ha iwaneru r - ewe</b> 2sg. Inter. Foc. 2sg.A+‘ir’ <i>Iwaneru</i> R <sup>1</sup> +Posp. ‘Foi VOCÊ quem foi com o Iwaneru <sup>350</sup> ?’	<b>kunuʔum - a te po o - jaeʔo kō</b> ‘menino’+N Foc. Aud. 3A+‘chorar’ Inter. ‘É o MENINO que está chorando [não é]?’
Aweti	(138) Sateré-Mawé (cf. SPOLADORE)
	<b>en ke iŋ e - r - iot</b> 2sg. Part. Inter. 2sg.A+Med.+‘vir’ ‘Foi VOCÊ quem veio?’

<sup>349</sup> Não encontramos, nos trabalhos sobre o Kamaiurá (SEKI, 2000) e Aweti (SABINO, 2016), enunciado interrogativo com verbo *intransitivo-descritivo*.

<sup>350</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 292).

Os enunciados acima são do *tipo total*. Em Kamaiurá, a partícula interrogativa **kõ** incide sobre *todo o enunciado*, apesar disto, a partícula **te** focaliza o sintagma nominal **kunu2uma** ‘menino’.

Em Araweté e Sateré-Mawé, porém, ocorre a *interrogação de constituinte*: em Araweté, as partículas **pu** (interrogativa) e **ku** (focalizadora) incidem sobre o sintagma nominal **ne** ‘você’; o mesmo se observa em Sateré-Mawé, cujo sintagma nominal **en** ‘você’ é o escopo da partícula interrogativa **iŋ**, acompanhada da partícula enunciativa **ke**. Nestes enunciados, o emprego de sintagma nominal não é dispensável, uma vez que é ele o constituinte sobre o qual a interrogação incide.

(139) Araweté (cf. SOLANO)	(140) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>awa pu ku u - wahẽ</b> ‘quem’ Inter. Foc. 3A+‘chegar’ ‘Quem foi que chegou?’	<b>awa te = po o - ʔut</b> ‘quem’ Foc.+Aud. 3A+‘vir’ ‘Quem é que vem vindo?’
(141) Aweti (cf. SABINO)	(142) Sateré-Mawé (cf. SPOLADORE)
<b>koj - ika o - kuj - e</b> ‘quem’+Foc. 3A+‘cair’+Perf. ‘Quem foi que caiu <sup>351</sup> ?’	<b>uwe iŋ Ø - to - potpa:p</b> ‘quem’ Inter. 3sg.A+Med.+‘trabalhar’ ‘Quem está trabalhando?’

Os enunciados interrogativos acima são do *tipo parcial*, caracterizados pelo emprego das seguintes palavras interrogativas: **awa** em Araweté e Kamaiurá, {**koj-**} em Aweti, e **uwe** em Sateré-Mawé. Semelhantes morfologicamente (exceto em Aweti), interrogam sobre um *participante humano*.

(143) Kamaiurá (cf. SEKI)	(144) Sateré-Mawé (cf. SPOLADORE)
<b>marupi katu ere - o korin</b> ‘por onde’ Asp. 2sg.A+‘ir’ Fut. ‘Por aonde você vai?’	<b>aikopuo iŋ hariporia Ø - to - oto</b> ‘por onde’ Inter. ‘mulher’ 3sg.A+Med.+‘ir’ ‘Por aonde a mulher vai?’

<sup>351</sup> Tradução adaptada de Sabino (2016, p. 194).

*Parciais*, estes enunciados empregam palavra interrogativa (*marupi* KA; *aikopuo* SM) que interroga sobre a *localização não estática de um referente*. Em Sateré-Mawé, especificamente, a partícula *ij* acompanha a palavra interrogativa *aikopuo*.

### 7.2.3 Enunciado biactancial

Em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, o enunciado *biactancial* é caracterizado pelo emprego de *verbo transitivo* (*verbo ativo*<sup>352</sup> SM) que seleciona dois actantes. Em nível semântico-referencial, remetem aos participantes *+ativo* e *-ativo* do processo denotado pelo verbo: o participante *+ativo* é o que inicia/realiza o processo; o participante *-ativo*, porém, é atingido por seus efeitos.

Nestas línguas, os verbos ativos/transitivos podem codificar o participante *+ativo* (por proforma de *série ativa*) ou *-ativo* (por proforma de *série inativa*). Em Kamaiurá e Sateré-Mawé, mas não nas demais, ambos os participantes *+ativo* e *-ativo* podem ser codificados na estrutura do verbo por proforma de *série portmanteau*, nos contextos em que referenciam a primeira pessoa e a segunda pessoa, respectivamente.

Em todas elas, porém, a flexão verbal por proforma de *série ativa*, *inativa* ou *portmanteau* (Kamaiurá e Sateré-Mawé) é condicionada por *hierarquia de referência pessoal*.

Os enunciados a seguir são *biactanciais*.

(145) Araweté (cf. SOLANO)	(146) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>ne pu ku miniju ere - puwĩ</b>  2sg. Inter. Foc. ‘algodão’ 2sg.A+‘fiar’  ‘Foi VOCÊ quem fiou algodão?’</p>	<p><b>paku - a te sapaĩ - a o - juka ikue</b>  ‘paca’+N Foc. <i>Sapaĩ</i>+N 3A+‘matar’ ‘ontem’  ‘Foi PACA que Sapaĩ matou ontem?’</p>
Aweti	(147) Sateré-Mawé (cf. SPOLADORE)
	<p><b>en apo e - tu - ?u pira</b>  2sg. Inter. 2sg.A+At.T+‘comer’ ‘peixe’  ‘Foi VOCÊ que comeu o peixe?’</p>

As perguntas acima são do *tipo total*. Em Araweté, as partículas *pu* (interrogativa) e *ku* (focalizadora) incidem sobre o sintagma nominal *ne* ‘você’ (primeiro actante); semelhantemente, em Sateré-Mawé, o sintagma nominal *en* ‘você’ (primeiro actante) é o

<sup>352</sup> Também pelo *verbo médio* {-*akasa*} ‘olhar’ e alguns outros.

escopo da partícula interrogativa *apo*. Em Kamaiurá, por sua vez, a partícula *te* incide sobre o sintagma nominal *pakua* ‘paca’ (segundo actante). Nestes enunciados, o emprego de sintagma nominal é obrigatório, visto que consiste no escopo da interrogação.

Veja que o primeiro actante (índice de *agente*) é marcado nas construções verbais por proforma de *série ativa* (*ere-* AR; *o-* KA; *e-* SM). O segundo actante (índice de *paciente*), porém, é expresso no enunciado pelos seguintes sintagmas nominais: *miniju* ‘algodão’ em Araweté, *pakua* ‘paca’ em Kamaiurá, e *pira* ‘peixe’ em Sateré-Mawé.

Conforme a *hierarquia de referência pessoal* vigente em Araweté e Sateré-Mawé, a segunda pessoa tem prioridade em relação à terceira, o que justifica o participante *agente* codificado no verbo. Também em Kamaiurá, em que ambos os participantes *agente* e *paciente* são de terceira pessoa, o *agente* tem prioridade sobre o *paciente*.

(148) Araweté (cf. SOLANO)	(149) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>awa nahu mutu u - mujeʔẽ rupa</b> ‘quem’ Sup. ‘motor’ 3A+‘ligar’ Prob. ‘Quem será que ligará o motor?’	<b>awa jene = Ø - moʔajan</b> ‘quem’ 1incl.I+R <sup>1</sup> +‘empurrar’ ‘Quem está nos empurrando?’
(150) Aweti (cf. SABINO)	(151) Sateré-Mawé (cf. SPOLADORE)
<b>kaj - ika e - jatit</b> ‘quem’+Foc. 2sg.I+‘arranhar’ ‘Quem foi que te arranhou?’	<b>uwe iŋ Ø - i - koi mani</b> ‘quem’ Inter. 3I+Inv.II+‘plantar’ ‘mandioca’ ‘Por quem a mandioca foi plantada?’

Os enunciados acima são do *tipo parcial*, caracterizados pelo emprego das palavras interrogativas *awa* (Araweté e Kamaiurá), *kaj* (Aweti) e *uwe* (Sateré-Mawé), as quais interrogam sobre um *participante humano*.

Veja que, em Araweté, o primeiro actante (índice de *agente*) é marcado no verbo pela proforma de *série ativa* {*u-*}, em concordância com a palavra interrogativa *awa* ‘quem’; o segundo actante (índice de *paciente*), porém, expresso no enunciado pelo sintagma nominal *mutu* ‘motor’. De acordo com a *hierarquia de referência pessoal* vigente nesta língua, nos contextos em que o *paciente* é de terceira pessoa, o *agente* é codificado no verbo.

Em Kamaiurá e Aweti, por sua vez, o primeiro actante (índice de *paciente*) é marcado no verbo por proforma de *série inativa* (*jene*= KA; *e-* AW), enquanto o segundo actante (índice de *agente*) é expresso no enunciado por palavra interrogativa: *awa* ‘quem’ em

Kamaiurá, e *kaj* ‘quem’ em Aweti. Nestas línguas, nos contextos em que o *agente* é de terceira pessoa, o *paciente* é codificado no verbo.

Em Sateré-Mawé, em seguida, o primeiro actante (índice de *paciente*) é marcado no verbo pela proforma de *série inativa* {Ø-}, em concordância com o sintagma nominal *mani* ‘mandioca’; o segundo actante (índice de *agente*), por sua vez, é expresso pela palavra interrogativa *uwe* ‘quem’. Nesta língua, diferentemente das demais, ambos os participantes *agente* ou *paciente* de terceira pessoa podem ser codificados no verbo, o que depende de qual deles será considerado “o centro de interesse do discurso” (FRANCESCHINI, 2002, p. 229).

(152) Araweté (cf. SOLANO)	(153) Kamaiurá (cf. SEKI)
<p><b>meʔe pu ku ne ere - ʔu</b>  ‘o que’ Inter. Foc. 2sg. 2sg.A+‘comer’  ‘O que foi que você comeu<sup>353</sup>?’</p>	<p><b>maʔanuar - a ere - ʔu</b>  ‘o que’+N 2sg.A+‘comer’  ‘O que você come?’</p>
(154) Aweti (cf. SABINO)	(155) Sateré-Mawé (cf. SPOLADORE)
<p><b>kat - ika e - tap</b>  ‘o que’+Foc. 2sg.A+‘cortar’  ‘O que foi que você cortou<sup>354</sup>?’</p>	<p><b>kat ke iŋ e - ti - puenti</b>  ‘o que’ Part. Inter. 2sg.A+At.T+‘encontrar’  ‘O que você encontrou [no mato]?’</p>

Os enunciados interrogativos acima são do *tipo parcial*, caracterizados pelo emprego de palavra interrogativa (*meʔe* AR, *maʔanuara* KA, *kat* AW/SM) que interroga sobre um *participante não humano*.

Em todos eles, o primeiro actante (índice de *agente*) é marcado no verbo por proforma de *série ativa* (*ere-* AR/KA; *e-* AW/SM). O segundo actante (índice de *paciente*<sup>355</sup>), porém, é expresso pela palavra interrogativa. De acordo com a *hierarquia de referência pessoal* vigente nestas línguas, nos contextos em que o *agente* é de segunda pessoa e o *paciente* de terceira, o *agente* é codificado no verbo.

<sup>353</sup> Tradução adaptada de Solano (2009, p. 298).

<sup>354</sup> Enunciado e tradução adaptados de Sabino (2016, p. 196).

<sup>355</sup> Em Sateré-Mawé (ex. 155), o papel semântico do segundo actante (expresso pela palavra *kat* ‘o que’) está mais para *receptivo* do que *paciente*, tendo em vista a seguinte definição: “o receptivo é o elemento que, embora afetado de algum modo pela ação, não muda seu estado ou condição como resultado, não podendo ser classificado, portanto, como paciente” (CHAFE, 1979 apud PEZATTI, 1993, p. 163).

### 7.3 Enunciados Imperativos

Em Araweté (cf. SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI) e Aweti (cf. MONSERRAT; SABINO), os *enunciados imperativos* podem ser caracterizados pelo emprego de verbo intransitivo-ativo ou transitivo flexionado por proforma de *série imperativa*. Por sua vez, em Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), em que não há série desta natureza, verbos médios e ativos podem ocorrer com as proformas de *série ativa*. Todas estas línguas, entretanto, assemelham-se por empregar construções intransitivo-descriptivas (estativas SM) e transitivas (ativas SM) assinaladas por proforma de *série inativa*.

Em Araweté, os *enunciados afirmativos* não recebem marcas de imperativo<sup>356</sup>, exceto as proformas desta série. Em Sateré-Mawé, por sua vez, são marcados pela partícula imperativa *to ~ ro ~ no*. Já em Kamaiurá, o verbo é sufixado pelo morfema {-Ø}, de valor imperativo-afirmativo.

Em se tratando de *enunciados negativos*, porém, estas línguas assemelham-se por apresentar determinadas marcas. Em Araweté<sup>357</sup> (SOLANO, 2009, p. 276), são assinalados pela partícula *ina*. Em Kamaiurá (SEKI, 2000, p. 232), por sua vez, empregam raiz verbal sufixada pelo morfema {-em}, imperativo-negativo<sup>358</sup>. Já em Aweti, ocorrem principalmente<sup>359</sup> com as partículas *kwat*<sup>360</sup> (cf. MONSERRAT; SABINO) e (*?an-*)...-*ka* (cf. SABINO). Em Sateré-Mawé (CARNEIRO, 2012, p. 92), por seu turno, podem ser marcados pelo morfema descontínuo *it...tei?o ~ it...rei?o ~ it...nei?o*.

Os enunciados a seguir são imperativos.

<sup>356</sup> Em Aweti, Sabino (2016) aponta o sufixo {-Ø} como marca de imperativo. Nos estudos de Monserrat (1975/2012a; 1976/2012b) e Borella (2000), entretanto, não encontramos esta informação.

<sup>357</sup> Em Araweté, as partículas *hana* (coibitiva) e *imi* (proibitiva) são empregadas em “comandos negativos” (SOLANO, 2009, p. 276).

<sup>358</sup> Em Kamaiurá, “diferentes graus ou nuances de imperativos são expressos [...] pelo uso de partículas flutuantes e de segunda posição”, como *panen* (proibitiva) e outras. A este respeito, ver Seki (2000, p. 233).

<sup>359</sup> Conforme Sabino (2016, p. 92), os enunciados imperativo-negativos são também marcados pela partícula *?umẽ*, cujo emprego é ilustrado em um único exemplo em sua tese.

<sup>360</sup> Segundo Monserrat (1975/2012a), quando o enunciado é marcado pela partícula *kwat*, o verbo intransitivo-ativo ou transitivo passa a receber proforma de *série ativa* (não imperativa). No trabalho de Sabino (2016), porém, encontramos verbo flexionado por estas duas séries.

### 7.3.1 Enunciado uniactancial não-agentivo

Em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, o enunciado *uniactancial não agentivo* é caracterizado pelo emprego de *verbo intransitivo-descritivo* (*verbo estativo* SM) assinalado por proforma de *série inativa*. Em nível semântico-referencial, o actante único selecionado pelo verbo remete ao participante caracterizado por *qualidade ou estado*.

Os enunciados abaixo são *uniactanciais não agentivos*.

Araweté	(156) Kamaiurá (cf. SEKI)
	<b>ne = katu - Ø</b> 2sg.I+‘bom’+Imp. ‘Seja bom!’
(157) Aweti (cf. SABINO)	(158) Sateré-Mawé (cf. dados coletados <sup>361</sup> )
<b>e - ?ai - Ø</b> 2sg.I+‘alegre’+Imp. ‘Alegre-se!’	<b>e - e - saika to</b> 2sg.I+Atrib.I+‘forte’ Imp. ‘Seja forte!’

(159) Araweté (cf. SOLANO)	(160) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>ne r - ahi imi</b> 2sg.I R <sup>1</sup> +‘doente’ Proib. ‘Não [é] para você adoecer.’	<b>ne = katu - em</b> 2sg.I+‘bom’+Imp./Neg. ‘Não seja bom!’
(161) Aweti (cf. SABINO)	(162) Sateré-Mawé (cf. dados coletados <sup>362</sup> )
<b>e - ?ai - ju - ka</b> 2sg.I+‘alegre’+Est.+Neg. ‘Não se alegre!’	<b>it e - Ø - po:ro tei?o</b> Neg. 2sg.I+Atrib.II+‘velho’ Neg. ‘Não fique velho!’

Os enunciados acima são caracterizados pelo emprego das seguintes raízes descritivas: {-*ahi*} ‘doente’ em Araweté; {-*katu*} ‘bom’ em Kamaiurá; {-*?ai*} ‘alegre’ em Aweti; bem como {-*saika*} ‘forte’ e {-*po:ro*} ‘velho’ em Sateré-Mawé. Como descritivas, selecionam actante único assinalado no verbo por proforma de *série inativa* (**ne** AR; **ne=** KA; **e-** AW/SM).

<sup>361</sup> Em pesquisa de Mestrado.

<sup>362</sup> Em pesquisa de Mestrado.



O enunciado do Araweté é marcado pela partícula *imi*, de função proibitiva, que ocorre em comandos negativos (ex. 159). Em Kamaiurá, por sua vez, a raiz {-*katu*} ‘bom’ ocorre com o sufixo {-Ø}, imperativo (ex. 156), e com o sufixo {-*em*}, imperativo-negativo (ex. 160). Em Aweti, porém, a raiz {-*ʔai*} ‘alegre’ ocorre com o sufixo {-Ø}, marca de imperativo (ex. 156), e com a segunda parte do morfema negativo (*ʔan*-)...-*ka*, descontinuo (ex. 161). Já em Sateré-Mawé, verifica-se o emprego dos morfemas *to*, imperativo (ex. 158), e *it...teiʔo*, imperativo-negativo (ex. 162).

### 7.3.2 Enunciado uniactancial agentivo

Em Araweté, Kamaiurá e Aweti, o enunciado *uniactancial agentivo* é caracterizado pelo emprego de *verbo intransitivo-ativo* assinalado por proforma de *série imperativa*. Já em Sateré-Mawé, em que não há série desta natureza, ocorre *verbo médio* marcado por proforma de *série ativa* seguido de partícula imperativa. Em nível semântico-referencial, o actante único selecionado pelo verbo remete ao participante a partir do qual se inicia um processo, o mesmo sobre o qual recaem os efeitos processuais.

Os enunciados abaixo são *uniactanciais agentivos*.

(163a-b) Araweté (cf. SOLANO)		(164a-b) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>e - tʃe</b> 2sg.i+‘dormir’ ‘Durma você!’	<b>pe - tʃe</b> 2pl.i+‘dormir’ ‘Durmam vocês!’	<b>e - ket</b> 2sg.i+‘dormir’ ‘Durma você!’	<b>pe - ket</b> 2pl.i+‘dormir’ ‘Durmam vocês!’
(165a-b) Aweti (cf. MONSERRAT)		(166a-b) Sateré-Mawé (cf. dados coletados <sup>363</sup> )	
<b>i - tét</b> 2sg.i+‘dormir’ ‘Durma você!’	<b>pej - tét</b> 2pl.i+‘dormir’ ‘Durmam vocês!’	<b>e - re - ket      ro</b> 2sg.A+Med.+‘dormir’ Imp. ‘Durma você!’	<b>ewei - Ø - ket      ro</b> 2pl.A+Med.+‘dormir’ Imp. ‘Durmam vocês!’

Imperativo-afirmativos, estes enunciados ilustram o emprego das raízes intransitivo-ativas {-*tʃe*} ‘dormir’ em Araweté, {-*ket*} ‘dormir’ em Kamaiurá, e {-*tét*} ‘dormir’ em Aweti, flexionadas por proforma de *série imperativa* (*e-*, *pe-* AR/KA; *i-*, *pej-* AW). Em Sateré-Mawé,

<sup>363</sup> Em pesquisa de Mestrado.

entretanto, em que não há série desta natureza, a raiz média {-ket} ‘dormir’ é flexionada pelas proformas de *série ativa* {e-} e {ewei-} e seguida da partícula imperativa *ro*.

(167a-b) Araweté (cf. SOLANO)		(168a-b) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>e - tje imi</b> 2sg.i+‘dormir’ Proib. ‘Não durma!’	<b>pe - tje ina</b> 2pl.i+‘dormir’ Neg. ‘Não durmam!’	<b>ere - ket - em</b> 2sg.i+‘dormir’+Neg. ‘Não durma <sup>364</sup> !’	<b>pe - ket - em</b> 2pl.i+‘dormir’+Imp.Neg. ‘Não durmam!’
(169a-b) Aweti (cf. MONSERRAT; SABINO)		(170) Sateré-Mawé (cf. CARNEIRO)	
<b>?an - i - azuṅ - ka</b> Neg.+2sg.i+‘dançar’+Neg. ‘Não dance!’	<b>?an - pej - azuṅ - ka</b> Neg.+2pl.i+‘dançar’+Neg. ‘Não dancem!’	<b>it e - re - ket rei?o</b> Neg. 2sg.A+Med.+‘dormir’ Neg. ‘Não durma!’	

Os enunciados acima são imperativo-negativos, formados de verbo intransitivo-ativo (verbo médio SM). Em Araweté, Kamaiurá e Aweti, o verbo é flexionado por proforma de *série imperativa* (e-, pe- AR; ere-, pe- KA; i-, pej- AW). Já em Sateré-Mawé, o verbo ocorre com a proforma de *série ativa* {e-}.

Em Araweté, a raiz {-tje} ‘dormir’ é seguida das partículas *imi*, proibitiva<sup>365</sup>, ou *ina*, negativa. Em Kamaiurá, não obstante a raiz {-ket} ‘dormir’ ser flexionada pela proforma {ere-}, própria de enunciados imperativo-negativos, é ainda sufixada pelo morfema negativo {-em}. Em Aweti, porém, a raiz {-azuṅ} ‘dançar’ é circundada pelo morfema descontínuo (?an-)...-ka, assim como em Sateré-Mawé, cuja raiz {-ket} ‘dormir’ ocorre com o sufixo descontínuo it...rei?o.

### 7.3.3 Enunciado biactancial

Em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, o enunciado *biactancial* é caracterizado pelo emprego de *verbo transitivo* (verbo ativo SM) que seleciona dois actantes. Em nível semântico-referencial, remetem aos participantes +*agentivo* e -*agentivo* do processo denotado pelo verbo: o participante +*agentivo* é o que inicia/realiza o processo; o participante -*agentivo*, porém, é atingido por seus efeitos.

<sup>364</sup> Enunciado e tradução adaptados de Seki (2000, p. 232).

<sup>365</sup> De acordo com Solano (2009), os enunciados marcados pela partícula proibitiva *imi* não são propriamente imperativos. Assim, o enunciado ilustrado em (167a) poderia ser traduzido como *Não é para você dormir*.

Em Araweté, Kamaiurá e Aweti, os verbos transitivos podem codificar o participante +*agentivo* (por proforma de *série imperativa*) ou –*agentivo* (por proforma de *série inativa*). Já em Sateré-Mawé, em que não há série imperativa, os verbos ativos podem ocorrer com proforma de *série ativa* (índice de participante +*agentivo*) ou *inativa* (–*agentivo*).

Em todas elas, entretanto, a flexão verbal por proforma de *série ativa* ou *inativa* é condicionada por *hierarquia de referência pessoal*.

Os enunciados abaixo são *biactanciais*.

(171a-b) Araweté (cf. SOLANO)		(172a-b) Kamaiurá (cf. SEKI)	
<b>e - juka</b> 2sg.i+‘matar’ ‘Mate-[o]!’	<b>pe - juka</b> 2pl.i+‘matar’ ‘Matem-[no]!’	<b>e - nupã    moĩ - a</b> 2sg.i+‘bater’ ‘cobra’+N ‘Mate a cobra!’	<b>pe - nupã    moĩ - a</b> 2pl.i+‘bater’ ‘cobra’+N ‘Matem a cobra!’
(173a-b) Aweti (cf. SABINO)		(174a-b) Sateré-Mawé (cf. dados coletados <sup>366</sup> )	
<b>jo - kij</b> 2sg.i+‘matar’ ‘Mate-[o]!’	<b>pej - kij</b> 2pl.i+‘matar’ ‘Matem-[no]!’	<b>e - ti - ?auka    to</b> 2sg.A+At.T+‘matar’ Imp. ‘Mate-[o]!’	<b>ewe - i - ?auka    to</b> 2pl.A+At.T+‘matar’ Imp. ‘Matem-[no]!’

Imperativo-afirmativos, os enunciados acima ilustram o emprego das raízes transitivas {-*juka*} ‘matar’ em Araweté, {-*nupã*} ‘bater’ em Kamaiurá, e {-*kij*} ‘matar’ em Aweti, flexionadas por proforma de *série imperativa* (*e-*, *pe-* AR/KA; *jo-*, *pej-* AW). Em Sateré-Mawé, entretanto, em que não há série desta natureza, a raiz ativa {-*?auka*} ‘matar’ é flexionada pelas proformas de *série ativa* {*e-*} e {*ewe-*} e seguida da partícula imperativa *to*.

Veja que o primeiro actante (índice de *agente*) é marcado no verbo por proforma de *série imperativa* (*série ativa* SM). Já o segundo actante (índice de *paciente*) é expresso em Kamaiurá pelo sintagma nominal *moĩa* ‘cobra’ e, nas demais línguas, está implícito. De acordo com a *hierarquia de referência pessoal* vigente nestas línguas, nos contextos em que o *agente* é de segunda pessoa e o *paciente* de terceira, o *agente* é codificado no verbo.

<sup>366</sup> Em pesquisa de Mestrado.

(175) Araweté (cf. SOLANO)	(176) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>he Ø - piʔĩ</b> 1sg.I R <sup>1</sup> +‘beliscar’ ‘Belisque-me!’	<b>je = Ø - moʔuhwam</b> 1sg.I+R <sup>1</sup> +‘levantar’ ‘Levante-me!’
(177) Aweti (cf. MONSERRAT)	(178) Sateré-Mawé (cf. dados coletados <sup>367</sup> )
<b>it - ejōj eʔipé</b> 1sg.I+‘chamar’ 2pl. ‘Chamem-me!’	<b>u - he - ekatup to</b> 1sg.I+Inv.I+‘esperar’ Imp. ‘Espere-me!’

Afirmativos, estes enunciados são caracterizados pelo emprego das seguintes raízes transitivas (ativas SM): {-*piʔĩ*} ‘beliscar’ em Araweté, {-*moʔuhwam*} ‘levantar’ em Kamaiurá, {-*ejōj*} ‘chamar’ em Aweti, e {-*ekatup*} ‘esperar’ em Sateré-Mawé.

Em todos os exemplos, o primeiro actante (índice de *paciente*) é codificado no verbo por proforma de *série inativa* (**he** AR; **je=** KA; **it-** AW; **u-** SM). Isto se justifica pela *hierarquia de referência pessoal* vigente nestas línguas, em que o *paciente* de primeira pessoa tem prioridade em relação ao *agente* de segunda pessoa. Apenas em Aweti, o segundo actante (índice de *agente*) é expresso pelo sintagma nominal **eʔipé** ‘vocês’, enquanto nas demais línguas está implícito. Em Sateré-Mawé, especificamente, o enunciado é marcado pela partícula imperativa **to**.

(179) Araweté (cf. SOLANO)	(180) Kamaiurá (cf. SEKI)
<b>e - mara ina ita</b> 2sg.i+‘jogar’ Neg. ‘pedra’ ‘Não jogue pedra!’	<b>ere - kitsi - em moĩ - a</b> 2sg.i+‘cortar’+Neg. ‘cobra’+N ‘Não mate a cobra <sup>368</sup> !’
(181) Aweti (cf. MONSERRAT)	(182) Sateré-Mawé (cf. CARNEIRO)
<b>kwát e - mowíge oténap</b> Neg. 2sg.A+‘fechar’ ‘porta’ ‘Não feche a porta!’	<b>it e - ti - haika teiʔo e - Ø - iwit</b> Neg. 2sg.A+At.T+‘aborrecer’ Neg. 2sg.+Ri.+‘irmão’ ‘Não aborreça teu irmão!’

<sup>367</sup> Em pesquisa de Mestrado.

<sup>368</sup> Enunciado e tradução adaptados de Seki (2000, p. 167).

Imperativo-negativos, os enunciados acima empregam as seguintes raízes transitivas (ativas SM): {-**mara**} ‘jogar’ em Araweté, {-**kitsi**} ‘cortar’ em Kamaiurá, {-**mowíge**} ‘fechar’ em Aweti, e {-**haika**} ‘aborrecer’ em Sateré-Mawé.

Em Araweté, o verbo é assinalado pela proforma de *série imperativa* {**e-**}, além disto, é seguido da partícula de negação **ina**. Em Kamaiurá, não obstante a raiz {-**kitsi**} ser flexionada pela proforma {**ere-**}, própria de enunciados imperativo-negativos, é ainda sufixada pelo morfema negativo {-**em**}. Em Aweti<sup>369</sup> e Sateré-Mawé, porém, o verbo é marcado pela proforma de *série ativa* {**e-**}, acompanhado das partículas negativas **kwát** e **it...tei?o**, respectivamente.

Nestes enunciados, o primeiro actante (índice de *agente*) é marcado no verbo por proforma de *série imperativa* (Araweté e Kamaiurá) e *ativa* (Aweti e Sateré-Mawé). Já o segundo actante (índice de *paciente*) é expresso pelos respectivos sintagmas nominais: **ita** ‘pedra’, em Araweté; **moña** ‘cobra’, em Kamaiurá; **oténap** ‘porta’, em Aweti; e **eiwit** ‘teu irmão’, em Sateré-Mawé.

#### 7.4 Considerações gerais

Neste capítulo, apresentei os enunciados *declarativos*, *interrogativos* e *imperativos* empregados em Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, separando-os em três tipos: *uniactanciais não agentivos*, caracterizados pelo emprego de verbo intransitivo-descriptivo (verbo estativo SM); *uniactanciais agentivos*, de verbo intransitivo-ativo (verbo médio SM); e *biactanciais*, de verbo transitivo (verbo ativo<sup>370</sup> SM). De todos os tipos apresentados, ressaltarei as principais marcas e características, a fim de evidenciar as semelhanças e diferenças entre as línguas contrastadas.

<sup>369</sup> Nos dados de Monserrat (1975/2012a), o verbo assinalado por proforma de *série imperativa* não coocorre com a partícula de negação **kwát**. Por esta razão, no enunciado em (181), a raiz transitiva {-**mowíge**} ‘fechar’ é flexionada por proforma de *série ativa*.

<sup>370</sup> Salvas as exceções.

## Capítulo VIII:

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas foram as semelhanças observadas entre o Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé. A começar pelas construções nominais que indicam posse, as quais são formadas de *proforma de série possessiva* (índice de possuidor) e/ou *prefixo relacional* e raiz nominal.

Em se tratando de *série possessiva*, as línguas assemelham-se por apresentar proforma de primeira pessoa inclusiva e exclusiva. Em Aweti (cf. MONSERRAT), mas não nas demais, proformas de terceira pessoa femininas e masculinas são disponibilizadas aos falantes para que se representem socialmente ao falar. O Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), por sua vez, distingue-se das demais línguas ao apresentar proforma de terceira pessoa do plural. Apenas em Araweté (cf. SOLANO), observou-se uma série inteira de prefixos correferenciais; em Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé, porém, observou-se apenas prefixo correferencial de terceira pessoa.

Em se tratando de *prefixo relacional*, as línguas Araweté (cf. SOLANO) e Kamaiurá (cf. SEKI) assemelham-se por apresentar os respectivos prefixos  $\{\emptyset-\} \infty (r- \sim n- \sim d-)$  e  $\{\emptyset-\} \infty (r- \sim n-)$ , analisados como *marca de contiguidade* entre a proforma de primeira ou de segunda pessoa e a raiz nominal. Nestas línguas, a ocorrência de raízes nominais com um ou outro alomorfe do prefixo é a base para separá-las em *duas classes temáticas distintas*, lexicalmente arbitrárias, mas parcialmente condicionadas fonologicamente em Kamaiurá.

Já os relacionais  $\{i-\} \infty \{t-\} \infty (h- \sim d\zeta- \sim \emptyset-)$ , do Araweté, e  $(i- \sim ij-) \infty \{t-\} \infty \{h-\}$ , do Kamaiurá, foram analisados de formas distintas: como marca de *não contiguidade*, por Solano, e como marca de *terceira pessoa*, por Seki. Apesar disto, não se pode negar a semelhança entre eles.

Algumas diferenças, entretanto, podem ser observadas entre estas línguas e o Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI). A começar pelo prefixo relacional  $\{e-\} \sim \{he-\}$ , analisado como *marca de relação alienável* entre o referente da proforma (*possuidor*) e o referente da raiz nominal (*possuído*). Além deste prefixo, as raízes do Mawé podem ocorrer com os alomorfes  $(i- \sim \emptyset-) \infty (h- \sim s-) \infty (h- \sim j-) \infty (h- \sim \emptyset-)$ , *marca de relação inalienável*, de modo que a ocorrência com um ou outro alomorfe permite separá-las em *quatro subclasses*. Apesar das diferenças, o Sateré-Mawé assemelha-se às línguas Araweté e Kamaiurá pela ocorrência das seguintes formas:  $\{i-\}$ , empregada em Araweté;  $\{i-\}$ , em Kamaiurá e Sateré-Mawé; e  $\{h-\}$ , em todas elas.

Em Aweti, assim como em Sateré-Mawé, observou-se a ocorrência dos alomorfes  $\{e-\} \sim \{\emptyset-\}$ , analisados como *marca de relação alienável*. Nesta língua, entretanto, se a raiz começa por vogal, “não há diferença superficial entre os temas inalienáveis e alienáveis” (MONSERRAT, 2012, p. 25).

Nas línguas em contraste, quando se há um possuidor genérico, a raiz nominal é marcada por prefixos relacionais, a saber:  $\{t-\} \infty \{\emptyset-\} \infty (\#V \rightarrow \_)$ , em Araweté (cf. SOLANO);  $\{t-\} \infty (\emptyset- \sim h-) \infty (\#p, h \rightarrow m \_)$   $\infty (\#V \rightarrow \_)$ , em Kamaiurá (cf. SEKI);  $\{t-\} \infty \{\emptyset-\} \infty (\#p, t \rightarrow m, n)$ , em Aweti (cf. SABINO); bem como  $\{\emptyset-\} \infty \{s-\} \infty \{j-\} \infty (\#p, t, k \rightarrow m, n, \eta)$ , em Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI).

Em relação aos verbos, estes foram subclassificados em Araweté (cf. VIEIRA & LEITE), Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. BORELLA) e Sateré Mawé (cf. FRANCESCHINI) da seguinte forma: *intransitivo-descritivos* (estativos SM), *intransitivo-ativos* (médios SM), e *transitivos* (ativos SM), os quais podem ocorrer com proforma de *série ativa*, *inativa* e/ou *portmanteau*.

No modo indicativo, os verbos intransitivo-descritivos (estativos SM) ocorrem com proforma de *série inativa*, enquanto os intransitivo-ativos (médios SM) com proforma de *série ativa*. Os transitivos (ativos SM), por sua vez, podem ocorrer com proforma de *série inativa*, o que os assemelha aos intransitivo-descritivos (estativos SM), ou de *série ativa*, o que os assemelha aos intransitivo-ativos (médios SM). Em Kamaiurá e Sateré-Mawé, mas não nas demais, verbos transitivos e ativos podem ocorrer com proforma de *série portmanteau*.

A este respeito, o Aweti (cf. BORELLA) distingue-se das demais línguas por apresentar duas séries de proformas *ativas*: uma compatível com verbos intransitivo-ativos, outra com verbos transitivos. Em Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), semelhantemente, as proformas de *série ativa* de segunda e de terceira pessoa do plural são distintas em se tratando de verbos ativos e médios.

Já no modo imperativo, os verbos intransitivo-ativos do Araweté, Kamaiurá e Aweti assemelham-se por sua ocorrência com proforma de *série imperativa*, enquanto os transitivos podem ser flexionados por proforma de *série imperativa* ou *inativa*. Em Sateré-Mawé, entretanto, em que não há série imperativa, os verbos médios ocorrem com proforma de *série ativa* e os ativos com proforma de *série ativa* ou *inativa*, acompanhados de partícula imperativa. Todas estas línguas, porém, assemelham-se ao apresentar verbo intransitivo-descritivo (estativo SM) ocorrendo com proforma de *série inativa*.

Em se tratando de verbos transitivos (ativos SM), a proforma de *série ativa* codifica o participante +*agentivo* do processo expresso pelo verbo, enquanto a de *série inativa* codifica

o participante *–agentivo*; por sua vez, a proforma de *série portmanteau* codifica em Kamaiurá e Sateré-Mawé ambos os participantes *+agentivo* e *–agentivo*. Nestas línguas, a marcação das relações interpessoais no verbo é determinada por uma *hierarquia de referência pessoal*.

Em Aweti (cf. MONSERRAT), o locutor (primeira pessoa) é *mais alto* que o interlocutor (segunda pessoa), e locutor e interlocutor são *mais altos* que qualquer participante ausente (terceira pessoa) do ato de enunciação ( $1 > 2 > 3$ ). Nesta língua, o participante mais alto é codificado no verbo por proforma de *série ativa* (se o participante *+agentivo* é o mais alto) ou de *série inativa* (se o participante *–agentivo* é o mais alto).

A hierarquia vigente em Kamaiurá (cf. SEKI) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI) distingue-se em parte da hierarquia que opera em Aweti, uma vez que o participante de primeira pessoa pode ser *mais alto ou igual* ao de segunda pessoa ( $1 \geq 2 > 3$ ). Em se tratando de participantes iguais na hierarquia, ambos são codificados no verbo por proforma de *série portmanteau*; nos demais contextos, o participante mais alto é codificado por proforma de *série ativa* (se o participante *+agentivo* é mais alto) ou de *série inativa* (se o participante *–agentivo* é mais alto), assim como ocorre em Aweti.

Por sua vez, a hierarquia operante em Araweté distingue-se em parte da hierarquia vigente nas demais. Em Araweté (cf. SOLANO), os participantes de primeira e de segunda pessoa ocupam *a mesma posição* na escala hierárquica, além disto, o participante *–agentivo* tem prioridade em relação ao *+agentivo*. Isto significa que, em se tratando de dois participantes (um de primeira, outro de segunda pessoa), o participante *–agentivo* é codificado na construção verbal por proforma de *série inativa*. Igualmente ao que ocorre nas demais línguas, em Araweté, os participantes de primeira e de segunda pessoa são *mais altos* que o de terceira pessoa ( $1 = 2 > 3$ ). Neste contexto, o participante mais alto é codificado no verbo por proforma de *série ativa* (índice de participante *+agentivo*).

Em Araweté (cf. SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI) e Aweti (cf. MONSERRAT), os verbos transitivos não ocorrem com proforma *inativa* de terceira pessoa. Conforme a *hierarquia de referência pessoal* vigente nestas línguas, quando ambos os participantes *+agentivo* e *–agentivo* são de terceira pessoa, prevalece o *+agentivo*, codificado no verbo por proforma de *série ativa*. Já em Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), os verbos ativos podem ocorrer com proforma *ativa* ou *inativa* de terceira pessoa, o que depende de fator pragmático-discursivo. Nos contextos em que o participante *+agentivo* é o *centro de interesse de um discurso*, este é codificado no verbo por proforma de *série ativa*; ao contrário, se o participante *–agentivo* é o centro, o verbo ocorre com proforma de *série inativa*.



Em Araweté (cf. SOLANO) e Kamaiurá (cf. SEKI), as construções transitivas assinaladas por proforma de *série inativa* são marcadas pelos prefixos relacionais  $\{\emptyset-\} \infty (r- \sim n- \sim d-)$  e  $\{\emptyset-\} \infty (r- \sim n-)$ , respectivamente, assim como observado em construções nominais possessivas. Sua ocorrência indica a *contiguidade* da proforma de primeira ou de segunda pessoa em relação à raiz verbal.

Também as raízes intransitivo-descriptivas do Araweté (cf. VIEIRA & LEITE) e do Kamaiurá ocorrem com estes alomorfes, o que as assemelha às raízes transitivas desta língua. Diferentemente das transitivas, porém, as descriptivas podem ocorrer com os respectivos alomorfes  $\{i-\} \infty \{t-\} \infty (h- \sim d\zeta- \sim \emptyset-)$  e  $(i- \sim ij-) \infty \{t-\} \infty \{h-\}$ , analisados em Araweté como *marca de não contiguidade* (cf. SOLANO), e em Kamaiurá como *marca de terceira pessoa* (cf. SEKI).

Em Aweti (cf. SABINO), observou-se em raízes verbais transitivas a ocorrência do prefixo relacional  $\{\emptyset-\} \infty \{t-\}$ , analisado como *marca de não contiguidade do objeto* junto à raiz verbal. Nesta língua, a partir da ocorrência das raízes com um ou outro alomorfe, os verbos transitivos dividem-se em duas classes lexicalmente arbitrárias, assim como em Araweté e Kamaiurá.

Em Sateré-Mawé, todas as raízes verbais (estativas, médias e ativas) ocorrem com prefixo relacional, analisado por Franceschini como *marca da orientação* (voz) do estado ou do processo expresso pelo verbo. Nesta perspectiva, os alomorfes  $(i- \sim \emptyset-) \infty (h- \sim s-) \infty (h- \sim j-) \infty (h- \sim \emptyset-)$  marcam a *orientação atributiva* em verbos de estado, o que os assemelha aos nomes possessivos desta língua. Já os alomorfes  $\{re-\} \sim \{to-\} \sim \{\emptyset-\}$  marcam a *orientação média* em verbos médios, enquanto os alomorfes  $(\tilde{t}i- \sim i-) \sim \{he-\}$  assinalam a *orientação ativa* em verbos ativos. Os verbos ativos, porém, podem receber ainda as seguintes marcas de *orientação inversa*:  $\{he-\} \sim \{e-\}$ , o que os assemelha morfologicamente aos nomes alienáveis, e  $\{i-\} \sim \{\emptyset-\}$ , aos nomes inalienáveis.

Em todas estas línguas, as raízes transitivas (ativas SM), em detrimento das intransitivo-ativas (médias SM), podem ocorrer com prefixos reflexivos ou recíprocos. Em Araweté, mas não nas demais, observa-se a ocorrência de um mesmo morfema para marcar as duas vozes. Em Aweti (que possui duas séries de proformas *ativas*), a raiz transitiva prefixada por morfema reflexivo ou recíproco passa a ocorrer com a série compatível com verbos intransitivo-ativos. Em Sateré-Mawé, especificamente, a raiz ativa prefixada por morfema reflexivo passa a ocorrer com prefixo relacional de voz média, ademais, a ocorrência de prefixo reflexivo + relacional de voz média condiciona o emprego dos prefixos de segunda e de terceira pessoa do plural compatíveis com raízes médias.

Estas línguas assemelham-se, ainda, pela ocorrência de raízes intransitivo-descriptivas (estativas SM) e intransitivo-ativas (médias SM) com prefixo causativo, incompatível com raízes transitivas (ativas SM). Por sua vez, a ocorrência de prefixo causativo-comitativo é restrito às raízes intransitivo-ativas (médias SM).

Araweté (cf. SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. BORELLA) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI) assemelham-se ainda pelo emprego de sintagma nominal em função de actante (de predicado verbal e não verbal) ou de predicado não verbal. O nome, núcleo de sintagma, pode ser determinado por proforma de série possessiva, nome, demonstrativo, numeral e verbo. O sintagma genitivo, especificamente, pode equivaler à raiz nominal determinada por proforma de série possessiva ou empregar dois nomes: o primeiro em função de determinante, o segundo em função de núcleo, o qual ocorre com os mesmos prefixos relacionais apresentados no início deste capítulo. Nestas línguas, o sintagma posposicionado pode ser empregado em função de actante, predicado, predicativo e/ou circunstante.

Em se tratando de *enunciados de predicado não verbal*, observou nas línguas contrastadas a ocorrência de predicado *equativo*, *inclusivo*, *atributivo*, *possessivo*, *locativo* e *existencial*.

Em Kamaiurá, especificamente, os *predicados equativo* e *inclusivo* são distintos em nível morfossintático: o primeiro é marcado pelo sufixo de caso {-a}; o segundo, porém, pelo sufixo {-Ø}. Nas demais línguas, entretanto, os *predicados equativo* e *inclusivo* distinguem-se apenas em nível semântico-referencial.

Em Araweté, o predicado *atributivo inerente* é composto de raiz nominal ou verbal compatível com os morfemas nominalizadores {-meʔe}, afirmativo, e {-imeʔe}, negativo. Em Kamaiurá, semelhantemente, ocorrem com os nominalizadores {-amaʔe}, *atributivo*, e {-umaʔe}, *atributivo-negativo*. Em Aweti, por sua vez, raízes nominais e verbais são compatíveis com o *nominalizador atributivo* {-itu} ~ {-tu}, eventualmente acompanhado do morfema negativo {-eʔim}. O predicado *atributivo não inerente*, porém, é marcado em Araweté pelo morfema de *caso translativo* {-mũ}; em Kamaiurá, pelo morfema de *caso atributivo* {-ram}; em Aweti, por sua vez, pelos alomorfes {-an} ~ {-zan}, de *caso translativo*, ou pelos alomorfes {-ju} ~ {-eju}, do sufixo *aspectual estativo*.

Em todas as línguas em contraste, o *predicado possessivo* é marcado por proforma de *série possessiva*, correferente (*possessivo não-equativo*) ou não (*possessivo-equativo*) ao sintagma em função actancial.

Em Kamaiurá, em se tratando de predicado *locativo* e *existencial*, estes podem ser distintos em nível semântico-referencial, visto que têm “uma interpretação locativa se contêm um nominal de referência específica” (SEKI, 2000, p. 164), ademais, o enunciado de *predicado locativo* pode ser caracterizado morfossintaticamente pelo emprego de cópula. Também em Araweté e Aweti, observou-se o emprego de cópula verbal em enunciados de *predicado locativo*, mas não de *predicado existencial*. Em Sateré-Mawé, porém, cujos enunciados não são caracterizados pelo emprego de cópula verbal, os de *predicado locativo* e *existencial* não são distintos morfossintaticamente.

Sobre os *enunciados de predicado verbal*, estes são caracterizados em Araweté (cf. VIEIRA & LEITE; SOLANO), Kamaiurá (cf. SEKI), Aweti (cf. MONSERRAT; BORELLA; SABINO) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI) pelo emprego de *verbo intransitivo-descriptivo* (*estativo SM*), *intransitivo-ativo* (*médio SM*) ou *transitivo* (*ativo SM*).

No que se refere aos enunciados declarativos e interrogativos, o enunciado *uniactancial não agentivo* é caracterizado pela ocorrência de actante único, marcado em verbo *intransitivo-descriptivo* (*estativo SM*) por proforma de *série inativa*. O *uniactancial agentivo*, por sua vez, emprega também actante único, porém assinalado em verbo *intransitivo-ativo* (*médio SM*) por proforma de *série ativa*. Já o enunciado *biactancial* é caracterizado pela ocorrência de dois actantes, sendo o primeiro marcado no verbo *transitivo* (*ativo SM*) por proforma de *série ativa* (índice de participante +*agentivo*) ou *inativa* (índice de participante -*agentivo*). Em Kamaiurá e Sateré-Mawé, especificamente, o verbo transitivo/ativo pode ocorrer com proforma de *série portmanteau*. Como supracitado, a ocorrência de proforma de *série inativa*, *ativa* ou *portmanteau* depende da *hierarquia de referência pessoal* vigente em cada língua.

Em se tratando de enunciados imperativos, todavia, o enunciado *uniactancial não agentivo* é caracterizado, assim como os declarativos e interrogativos, pela ocorrência de actante único, marcado em verbo *intransitivo-descriptivo* (*estativo SM*) por proforma de *série inativa*. O *uniactancial agentivo*, porém, também caracterizado por actante único, é assinalado em verbo *intransitivo-ativo* do Araweté, Kamaiurá e Aweti por proforma de *série imperativa*. Já em Sateré-Mawé, em que não há série desta natureza, o *verbo médio* é marcado por proforma de *série ativa* seguido de partícula imperativa. Por fim, o enunciado *biactancial* é formado de dois actantes. Em Araweté, Kamaiurá e Aweti, o primeiro actante é marcado no

verbo *transitivo* por proforma de *série imperativa*, índice de participante +*agentivo*, ou *inativa*, índice de participante –*agentivo*. Em Sateré-Mawé, entretanto, em que não há *série imperativa*, os verbos ativos podem ocorrer com proforma de *séria ativa*, índice de participante +*agentivo*, ou *inativa*, –*agentivo*.

Em Araweté (cf. SOLANO) e Kamaiurá (cf. SEKI), o enunciado biactancial canônico é caracterizado pelo emprego de primeiro actante no papel de *agente*, seguido de segundo actante no papel de *paciente*, e de predicado verbal. Já em Aweti (cf. BORELLA) e Sateré-Mawé (cf. FRANCESCHINI), é formado de primeiro actante no papel de *agente*, seguido de predicado verbal, e de segundo actante no papel de *paciente*. Entende-se, porém, a partir de uma perspectiva funcional, que a ordem básica dos sintagmas apenas pode ser observada em enunciados *pragmaticamente neutros*. Isto implica em considerar a língua não como um objeto estático, mas vulnerável às influências pragmáticas que frequentemente alteram a ordem básica dos enunciados. Isto ocorre, por exemplo, em enunciados declarativo-negativos e interrogativo-totais, nos quais o constituinte negado ou interrogado desloca-se geralmente para a posição inicial, ou mesmo em declarativo-afirmativos, em que há a focalização de um de seus constituintes.

Espera-se que o estudo contrastivo aqui apresentado possa servir de ponto de partida para os estudos em Linguística Histórico-Comparada. Além do objetivo puramente teórico desta tese, espera-se também atingir um objetivo prático, o de contribuir para o ensino e o estudo das línguas Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé nas escolas das comunidades indígenas, bem como nos cursos de Licenciatura Intercultural Indígena e de Pós-Graduação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARTS, Flor; WEKKER, Herman. Contrastive Grammar: Theory and Practice. In: FISIÁK, Jacek (Ed.). **Further Insights into Contrastive Analysis**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990, p. 163-176.

AIKHENVALD, Alexandra Y. Clause and sentences types. In: \_\_\_\_\_, Alexandra Y. **The Art of Grammar: A Practical Guide**. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 225-246.

AL-HORAIS, Nasser. **Arabic verbless sentences: is there a null VP?** Pragmalinguística, Cádiz, v. 14, p. 101-116, 2006.

ANJOS, Zoraide dos. **Fonologia e Gramática Katukina-Kanamari**. 2011. 430 f. Tese de Doutorado – Vrije Universiteit Amsterdam, Amsterdam, 2011.

BENVENISTE, Émile. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: \_\_\_\_\_, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luisa Neri. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976, p. 19-33.

BENVENISTE, Émile. Os níveis da análise linguística. In: \_\_\_\_\_, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luisa Neri. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976, p. 127-140.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: \_\_\_\_\_, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luisa Neri. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976, p. 284-293.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: \_\_\_\_\_, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 1989, p. 81-90.

BENVENISTE, Émile. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: \_\_\_\_\_, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 1989, p. 93-104.

BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. In: \_\_\_\_\_, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 1989, p. 220-242.

BORELLA, Cristina de Cássia. **Aspectos morfossintáticos da língua Aweti (Tupi)**. 2000. 223 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BRANDÃO, Ana Paula. **A incorporação de nomes e classificadores em Paresi-Haliti (Aruák)**. LIAMES, Campinas, v. 16, n. 2, p. 271-283, jul./dez. 2016.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; SOLANO, Eliete de Jesus Bararuá. **Mais Fundamentos para a Hipótese de Proximidade Genética do Araweté com Línguas do Sub-ramo V da Família Tupí-Guaraní**. Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, v. 4, n. 2, p. 41-65, 2006.

CABRAL, Ana Suelly A.; SOLANO, Eliete de Jesus B. Sobre as línguas Tupi-Guarani do Xingu e os seus deslocamentos pré-históricos. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). **Sob o signo do Xingu**. Belém: UFPA/IFNOPAP, 2003, p. 17-36.

CÂMARA JR, J. Mattoso. **Língua e Cultura**. Revista Letras, Paraná, v. 4, p. 51-59, 1955.

CAMARGO, Eliane. **Relações sintáticas e semânticas na predicação nominal do Wayana: a oração com cópula**. Amerindia, Paris, v. 28, p. 133-160, 2003.

CAMARGO, Valéria Faria. **Aspectos Morfossintáticos da língua Kaiowá (Guarani)**. 2008. 267 f. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

CARNEIRO, Denize de Souza. **A negação em Sateré-Mawé**. 2012. 119 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

CARNEIRO, Denize de Souza; FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. **Negação e Focalização em Sateré-Mawé**. Revista *Fragmentum*, Santa Maria, n. 46, p. 37-56, 2015.

CARNEIRO, Denize de Souza; FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. **Proformas negativas em Sateré-Mawé**. Revista do SELL, Uberaba, v. 5, n. 1, p. 1-19, 2016.

CARNIE, Andrew; HARLEY, Heidi; PYATT, Elizabeth. VSO Order as Raising Out of IP? Some Evidence from Old Irish. In: CARNIE, Andrew; GUILFOYLE, Eithne (Eds.). **The Syntax of Verb Initial Languages**. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 39-60.

CARREIRA, Genne Eunice da Silva. **Parâmetros e macroparâmetros: um olhar sobre as línguas indígenas Tembé e Guajajára (Tupi)**. 2008. 169 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CARVALHO, Jailton Nascimento. **Mawa'aiaká. Escola de Resgate Cultural. A trajetória da escola entre os índios Kamaiurá, de 1976 a 2004**. 2006. 216 p. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CORRÊA-DA-SILVA, Beatriz Carretta. **Mawé/Awetí/Tupí-Guarani: relações linguísticas e implicações históricas**. 2010. 424 f. Tese de Doutorado – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

CRANE, Thera M.; HYMAN, Larry M.; TUKUMU, Simon Nsielanga. Copula Forms. In: \_\_\_\_\_, Thera M.; \_\_\_\_\_, Larry M.; \_\_\_\_\_, Simon Nsielanga. **A Grammar of Nzadi [B865]: A Bantu Language of the Democratic Republic of Congo**. Berkeley: University of California Press, 2011, p. 144-146.

CREISSELS, Denis. Types énonciatifs de phrases indépendantes. In: \_\_\_\_\_, Denis. **Syntaxe generale, une introduction typologique 2: la phrase**. Paris: Lavoisier, 2006, p. 167-181.

CROFT, William. **Typology and universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

DALMI, Gréte. **Ad hoc properties and locations in Maltese**. *Linguistics Beyond And Within (LingBaw)*, Lublin, v. 1, p. 64-85, 2015.

\_\_\_\_\_, Gréte. What does it take to be a copula? In: DZIUBALSKA-KOLACZYK, Katarzyna (Ed.). **Yearbook of the Poznań Linguistic Meeting II**. Polônia: De Gruyter, 2016, p. 1-28.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Línguas indígenas precisam de escritores? Linguagem e letramento em foco**. Campinas: CEIFIEL/UNICAMP, 2005.

DEVANE, Melissa. **The Syntax and Semantics of Tongan Noun Phrases**. 2008. 48 f. Tese de Bacharelado – The College of William and Mary, Williamsburg/VA, 2008.

Drude, Sebastian. **Nominalization as a possible source for subordination in Awetí**. *Amérindia*, n. 35, p. 189-218, 2011.

DRUDE, Sebastian; AWETI, Waranaku; AWETI, Awajatu. **A Ortografia da língua Awetí**. Manuscrito, p. 1-23, 2007.

DRYER, Matthew S. Order of Subject, Object and Verb. In: HASPELMATH, Martin; DRYER, Matthew; GIL, David; COMRIE, Bernard (Eds.). **The World Atlas of Language Structures Online**. Munich: Max Planck Digital Library, 2005, cap. 81.

DRYER, Matthew S. Clause Types. In: SHOPEN, Timothy (Ed.). **Clause Structure, Language Typology and Syntactic Description I**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 224-275.

EDWARDS, Malcolm. **Pronouns, Agreement, and Focus in Egyptian Arabic**. *SOAS Working Papers in Linguistics*, Londres, v. 14, p. 51-62, 2006.

EGUREN, Luis. Predication markers in Basque. In: ETXEBERRIA, Urtzi; ETXEPARE, Ricardo; URIBE-ETXEBARRIA, Myriam (Eds.). **Noun Phrases and nominalization in Basque: Syntax and Semantics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012. p. 243-266.

EMMERICH, Charlotte; MONSERRAT, Ruth. **Sobre a Fonologia da Língua Awetí (Tupí)**. Boletim do Museu Nacional – Série Antropologia, Rio de Janeiro, n. 25, 1972.

EVERETT, Daniel; SEKI, Lucy. **Reduplication and CV Skeleta in Kamayurá**, Linguistic Inquiry, Massachusetts, v. 16, n. 2, p. 326-30, 1986.

FARIA, Renata Barros Marcondes de. Belo Monte preocupa os Araweté. In: RICARDO, Beto; RICARDO, Fany (Eds.). **Povos Indígenas no Brasil: 2006-2010**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011, p. 462-463.

FISIÁK, Jacek. Editor's Introduction. In: \_\_\_\_\_, Jacek (Ed.). **Theoretical issues in Contrastive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1981, p. 1-4.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. **La Langue Sateré-Mawé: Description et Analyse Morphosyntaxique**. 1999. 297 p. Tese de Doutorado – Université Paris VII (Denis Diderot), Paris, 1999.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. **A Voz Inversa em Sateré-Mawé**. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, 2002, Belém. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2002, p. 222-233.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo; MAWÉ, Professores Sateré. **Sateré-Mawé pusu aḡkukaḡ** (Gramática Sateré-Mawé). Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. Os Valores da Voz Média em Sateré-Mawé. In: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara (Orgs). **Línguas e Culturas Tupi I**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2007, p. 309-315.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. **As posposições em Sateré-Mawé**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem (REVEL), v. 7, p. 1-15, 2009.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. **Incorporação do Objeto em Sateré-Mawé**. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, Brasília, v. 1, n. 2, p. 69-79, 2009.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. **A orientação e o aspecto verbal em Sateré-Mawé (Tupí)**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 165-186, 2010.



FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. **Estrutura actancial em Mawé (Tupi)**. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, Brasília, v. 2, n. 1, p. 145-154, 2010.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. **Processos de nominalização em mawé (Tupi)**. In: VII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, 2011, Curitiba. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2011, p. 1126-1135.

FRANCO, António Capataz. **A Gramática de Valências como Modelo para a Contrastação Alemão-Português**: A ordem das palavras na frase alemã e portuguesa à luz desta gramática. In: I Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão, 1989, Porto. *Atas do I Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão* (Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão). Porto: Faculdade de Letras do Porto, 1989, p. 171-189.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013, p. 13-39.

GILDEA, Spike. Reconstructing the Innovative Verbal Systems. In: \_\_\_\_\_, Spike Gildea. **On Reconstructing Grammar**: Comparative Cariban Morphosyntax. Oxford: Oxford University Press, 1998, p. 153-160.

GIVON, Talmy. The lexicon. In: \_\_\_\_\_, Talmy. **Syntax**: An Introduction. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GRAHAM, Albert; GRAHAM, Sue; HARRISON, Carl H. Prefixos pessoais e numerais da língua Sateré-Mawé. In: DOOLEY, Robert A. (Ed.). **Estudos sobre línguas Tupi do Brasil**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1984, p. 175-205.

GRAHAM, Albert; GRAHAM, Sue. **Assinalamento fonológico das unidades gramaticais em Sateré**. Arquivos de Anatomia e Antropologia III. Rio de Janeiro: Editora Souza Marques, 1978, p. 217-231.

HAGÈGE, Claude. **La structure des langues. Que sais-je?** Paris: PUF, 1982.

HAMARI, Arja. Negation in Komi. In: MIESTAMO, Matti; TAMM, Anne; WAGNER-NAGY, Beáta. **Negation in Uralic Languages** (Typological Studies in Language 108). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015, p. 239-264.

HAUGEREID, Petter; MELNIK, Nurit; WINTNER, Shuly. **Nonverbal Predicates in Modern Hebrew**. In: MÜLLER, Stefan (Ed.). 20th International Conference on Head-Driven Phrase Structure Grammar, 2013, Berlin. Stanford: CSLI Publications, 2013, p. 69-89.

HENGEVELD, Kees. Non-verbal predication. In: \_\_\_\_\_, Kees. **Non-verbal Predication: Theory, Typology, Diachrony**. Berlin – Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1992, p. 25-46. <https://doi.org/10.1515/9783110883282>

HENGEVELD, Kees. A classification of non-verbal predications. In: \_\_\_\_\_, Kees. **Non-verbal Predication: Theory, Typology, Diachrony**. Berlin – Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1992, p. 73-126. <https://doi.org/10.1515/9783110883282>

HENGEVELD, Kees. The expression of non-verbal predications. In: \_\_\_\_\_, Kees. **Non-verbal Predication: Theory, Typology, Diachrony**. Berlin – Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1992, p. 185-212. <https://doi.org/10.1515/9783110883282>

HYSLOP, Gwendolyn. Copulas and Non-verbal Predication. In: \_\_\_\_\_, Gwendolyn. **A grammar of Kurtöp**. Leiden: Brill, 2017, p. 239-259.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 63-69.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. O Verbo. In: CASTILHO, Ataliba T. (Cord.); ILARI, Rodolfo (Org.). **Palavras de classe aberta: Gramática do Português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 65-242.

KAMAIURÁ, Warý. **Awetí e Tupí-Guaraní, relações genéticas e contato linguístico**. 2012. 71 f. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

KAMAIURÁ SABINO, Warý. **Awetýza Tiʔingatú: Construindo uma gramática da língua Awetý, com contribuições para o conhecimento do seu desenvolvimento histórico**. 2016. 231 f. Tese de Doutorado – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

KLUGE, Angela. Nonverbal clauses. In: \_\_\_\_\_, Angela. **A grammar of Papuan Malay**. Berlin: Language Science Press, 2017, p. 509-518.

KÖRTVÉLYESSY, Livia. Syntactic typology. In: \_\_\_\_\_, Livia. **Essentials of language typology**. Košice: Univerzita Pavla Jozefa Šafárika, 2017, p. 57-66.

LAZARD, Gilbert. **L'actance**. Paris: PUF, 1994.

\_\_\_\_\_, Gilbert. **Actancy**. Berlin – Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1998.

\_\_\_\_\_, Gilbert. **La typologie actancielle**. Roma: Pacini Editore, 1997.

LEITE, Yonne de Freitas; VIEIRA, Marcia Damaso. **Observações preliminares sobre a língua Araweté**. Moara – Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras UFPA, Belém, n. 9, p. 7-31, jan./jul. 1998.

LEITE, Yonne F. *et al.* **Fonética Acústica e Representação Fonológica:** as vogais do Araweté. In: IX Congresso da ASSEL, 1999, Rio de Janeiro. Anais do IX Congresso da ASSEL. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 1999.

LORENZ, Sônia da Silva. **Sateré-Mawé: os filhos do guaraná.** São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1992.

MARKMAN, Vita G. **Pronominal Copula Constructions Are What? Reduced Specificational Pseudo-clefts.** In: CHANG, Charles; HAYNIE, Hannah (Eds.). *Proceedings of the West Coast Conference on Formal Linguistics Cascadilla Proceedings Project*, Somerville, v. 26, p. 366-374, 2008.

MARTEN, Lutz, 2013. **Structure and interpretation in Swahili existential constructions.** In: *Rivista di Linguistica*, Pisa, v. 25, n. 1, p. 45-73, 2013.

MARTINET, André. **Elementos de Linguística Geral.** Lisboa: Sá da Costa, 1964.

MCNALLY, Louise, 2011. Existential sentences. In: MAIENBORN, Claudia; VON HEUSINGER, Klaus; PORTNER, Paul (Eds.). **Semantics:** An International Handbook of Natural Language Meaning. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011, p. 1829-1848.

MENGET, Patrick. **Em nome dos outros:** classificação das relações sociais entre os Txicão do Alto Xingu. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.

MOELJADI, David; BOND, Francis; MORGADO DA COSTA, Luís. 2016. **Basic copula clauses in Indonesian.** In: ARNOLD, Doug; BUTT, Miriam; CRYSMANN, Berthold; KING, Tracy Holloway; MÜLLER, Stefan (Eds.). *Proceedings of the Joint 2016 Conference on Head-driven Phrase Structure Grammar and Lexical Functional Grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2016, p. 442-456.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini (1975). **A negação em Awetí.** *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 29-39, jul. 2012a.

\_\_\_\_\_, Ruth Maria Fonini (1976). **Prefixos pessoais em Aweti.** *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 15-28, jul. 2012b.

\_\_\_\_\_, Ruth Maria Fonini (1977). **A Nasalização em Awetí.** *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 41-56, 2012c.

PAYNE, Thomas E. **Predicate nominals and related constructions.** In: \_\_\_\_\_, Thomas E. **Describing Morphosyntax.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 111-168.

PEIXOTO, Virgínia do Nascimento. **Conectores de enunciados em Sateré-Mawé.** 2014. 80 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

PEREIRA, Antônia Alves. **Estudo morfossintático do Asurini do Xingu**. 2009. 348 f. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

PERINI, Mário Alberto. **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo: Parábola, 2008, p. 21-78.

PEZATTI, Erotilde Goreti. **A ordem de palavras e o caráter nominativo/ergativo do Português Falado**. Alfa: São Paulo, 1993, p. 159-178.

POSTIGO, Adriana Viana. **Língua Wauja (Arawak): uma descrição fonológica e morfossintática**. 2014. 244 f. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

PRAÇA, Walkíria Neiva. **Morfossintaxe da língua Tapirapé: Família Tupi-Guarani**. 2007. 283 f. Tese de Doutorado – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PUSTET, Regina. Copulas in Cross-linguistic Perspective. In: \_\_\_\_\_, Regina. **Copulas: Universals in the Categorization of the Lexicon**. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 27-82.

RICHARDSON, Kylie R. Copular constructions in the East Slavic languages. In: \_\_\_\_\_, Kylie R. **Case and aspect in Slavic**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 192-223.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **A originalidade das línguas indígenas brasileiras**. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, Brasília, v. 8, n. 2, p. 187-195, 1999.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (1986). **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 2002.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Revendo a classificação interna da família Tupi-Guarani. In: \_\_\_\_\_, Aryon Dall'Igna; \_\_\_\_\_, Ana Suelly Arruda Câmara (Orgs.). **Línguas indígenas Brasileiras: fonologia, gramática e história** [Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL]. Belém: Editora Universitária Pará, 2002, p. 327-337.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Sobre as Línguas Indígenas e Sua Pesquisa no Brasil**. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 35-38, abr./jun. 2005.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (1985). **Relações internas na família linguística Tupi-Guarani**. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, Brasília, v. 3, n. 2, p. 233-252, 2011.

ROY, Isabelle A. Predication, nonverbal stative predicates, and copular sentences. In: \_\_\_\_\_, Isabelle A. **Non-Verbal Predication** – Copular sentences at the syntax-semantics interface. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 5-34.  
<https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199543540.001.0001>

SAMAIN, Etienne Ghislain. **De um caminho para o outro**: mitos e aspectos de realidade social dos índios Kamaiurá (Alto Xingu). 1980. 558 p. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.

SCHACHTER, Paul; SHOPEN, Timothy. Parts-of-speech systems. In: SHOPEN, Timothy (Ed.). **Language Typology and Syntactic Description I**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 1-60.

SCHREIBER, Henning. Copula constructions in Mande: a preliminary overview. In: VYDRIN, Valentin (Ed.). **Mande languages and linguistics**. São Petersburgo: Museu de Antropologia e Etnografia, 2008, p. 63-78.

SEKI, Lucy. **O Kamaiurá: língua de estrutura ativa**. Língua e Literatura, São Paulo, n. 5, p. 217-27, 1976.

SEKI, Lucy. **Marcadores de pessoa do verbo Kamaiurá**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas/UNICAMP, v. 3, p. 22-40, 1982.

SEKI, Lucy. **A reduplicação em Kamaiurá e Tupinambá**. In: Encontro Nacional de Linguística, 1984, Rio de Janeiro. *Anais do VIII Encontro Nacional de Linguística*. Rio de Janeiro: Departamento de Letras, 1984, p. 49-56.

SEKI, Lucy. **Sobre as partículas da língua kamaiurá**. In: CENSABELLLA, M.; BARROS, J. P. Viegas (Orgs.). III Jornadas de Linguística Aborígen, 1997, Buenos Aires. *Actas de las III Jornadas de Lingüística Aborígen*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1997, p. 45-72.

SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas: Editora da Unicamp / São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

SEKI, Lucy. Estratégias de relativização em Kamaiurá. VOORT, Hein van der; KERKE, Simon van de (Eds.). **Indigenous Languages of Lowland South America**. Leiden: Research School of Asian, African and Amerindian Studies, 2000, p. 309-324.

SEKI, Lucy. Classes de palavras e categorias sintático-funcionais em Kamaiurá. In: QUEIXALOS, Francisco (Ed.). **Des noms et des verbs en tupi-guarani**: état de la question. Munie: Lincom Europa, 2001, p. 39-66.

SEKI, Lucy. Causativos em Kamaiurá (tupi-guarani). In: FERNÁNDEZ, Zarina Estrada; GARAY, Ana V.; GONZÁLEZ, Albert Álverz (Orgs.). **Estudios en Lenguas amerindias: homenaje a Ken L. Hale**. México: Editorial Unison, 2004, p. 295-308.

SEKI, Lucy. **Réflexions sur les valeurs modales em Kamayurá**. In: GUENTCHEVA, Zlatka; LANDABURU, Jon (Eds.). **L'Énonciation médiatisée II: Le traitement épistémologique de l'information: illustrations amerindiennes et caucasiennes**. Paris: Éditions Peeters, 2007, p. 241-266.

SILVA, Fátima. Entre a gramática tradicional e a gramática de valências. In: DUARTE, Isabel Margarida; FIGUEIREDO, Olívia; FONSECA, Fernanda Irene (Orgs.). **A Linguística na Formação de Professores de Português**. Porto: Universidade do Porto, 2001, p. 83-105.

SOLANO, Eliete de Jesus Bararuá. **Descrição gramatical da língua Araweté**. 2009. 519 f. Tese de Doutorado – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SPOLADORE, Fernanda Ferreira. **A Interrogação em Sateré-Mawé**. 2011. 160 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

SPOLADORE, Fernanda Ferreira; FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. **As proformas interrogativas da língua Sateré-Mawé**. Revista do SELL, Uberaba, v. 5, n. 1, p. 1-18, 2016.

SPOLADORE, Fernanda Ferreira; CARNEIRO, Denize de Souza. **Proformas negativas e interrogativas em Sateré-Mawé**. Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 36-53, 2017.  
<https://doi.org/10.22168/2237-6321.7.7.2.36-53>

STASSEN, Leo. The Nominal Strategy. In: \_\_\_\_\_, Leo. **Intransitive Predication**. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 62-106.

STASSEN, Leo. Predicative Possession. In: HASPELMATH, Martin; DRYER, Matthew; GIL, David; COMRIE, Bernard (Eds.). **The World Atlas of Language Structures Online**. Munich: Max Planck Digital Library, 2005, cap. 117.

\_\_\_\_\_, Leo. Predicative Adjectives. In: HASPELMATH, Martin; DRYER, Matthew; GIL, David; COMRIE, Bernard (Eds.). **The World Atlas of Language Structures Online**. Munich: Max Planck Digital Library, 2005, cap. 118.

\_\_\_\_\_, Leo. Nominal and Locational Predication. In: HASPELMATH, Martin; DRYER, Matthew; GIL, David; COMRIE, Bernard (Eds.). **The World Atlas of Language Structures Online**. Munich: Max Planck Digital Library, 2005, cap. 119.

\_\_\_\_\_, Leo. Zero Copula for Predicate Nominals. In: HASPELMATH, Martin; DRYER, Matthew; GIL, David; COMRIE, Bernard (Eds.). **The World Atlas of Language Structures Online**. Munich: Max Planck Digital Library, 2005, cap. 120.

SAELZER, Meinke. **Fonologia provisória da língua Kamaiurá**. Série Linguística, Brasília, n. 5, p. 131-170, 1976.

SILVA, Márcio Ferreira da. **A fonologia segmental da língua Kamaiurá**. 1981. 112 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

SOLANO, Eliete de Jesus Bararuá. **A Posição do Araweté na Família Tupi-Guarani: considerações linguísticas e históricas**. 2004. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

SOLANO, Eliete de Jesus Bararuá; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Um Estudo Preliminar sobre a Negação em Araweté. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). **Encontro IFNOPAP: Ensino, Pesquisa e Extensão: reflexões e práticas científico-acadêmicas**. Belém: Editora Linceu, 2008.

STORTO, Luciana; IVAN, Rocha. Estrutura argumental na língua Karitiana. In: STORTO, Luciana; FRANCHETTO, Bruna; LIMA, Suzi (Orgs.). **Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 2014, p. 17-41.

SUZUKI, Márcia dos Santos. **Ou isto ou aquilo: um estudo sobre o sistema dêitico da língua Sateré-Mawé**. 1997. 165 p. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim, 1997.

TEIXEIRA, Peri. (Org.). **Sateré-Mawé - Retrato de um Povo Indígena**. Belém: UNICEF / Fundo de População das Nações Unidas, 2005.

TESNIÈRE, Lucien. **Éléments de syntaxe structurale**. Paris: Klincksieck, 1959.

THAM, Shiao Wei. **Possession as non-verbal predication**. In: FAYTEK, Matthew; GOSS, Matthew; BAIER, Nicholas; MERRILL, John; NEELY, Kelsey; DONNELLY, Erin; HEATH, Jevon (Eds.). *Proceedings of the thirty-ninth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, Berkeley, p. 302-316, 2013.

VALLEJOS, Rosa. Non-verbal predication. In: \_\_\_\_\_, Rosa. **A grammar of Kukama-Kukamiria: A language from the Amazon**. Leiden and Boston: Brill, 2016, p. 329-363.  
<https://doi.org/10.1163/9789004314528>

VELÁZQUEZ-CASTILLO, Maura, 1996. Non-Verbal Predicative Construction. In: \_\_\_\_\_, Maura. **The Grammar of ownership: Inalienability, incorporation and possessor ascension in Guaraní**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1996, p. 66-69.  
<https://doi.org/10.1075/slcs.33>

VILELA, Mário. Circunstantes e Predicados Complexos. In: ENDRUSCHAT, Annette; VILELA, Mário; WOTJAK, Gerd (Orgs.). **Verbo e Estruturas Frásicas: Actas do IV**

Colóquio Internacional de Linguística Hispânica. Porto: Revista da Faculdade de Letras, 1993, p. 195-216.

VILLAS BÔAS, Orlando; VILLAS BÔAS, Claudio. **Xingu - os índios e seus mitos**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1970.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; CAUX, Camila de; HEURICH, Guilherme Orlandini. **Araweté: Um povo tupi da Amazônia**. Edições SESC: São Paulo, 2017.

WETZER, Harrie. Preliminaries. In: \_\_\_\_\_, Harrie. **The Typology of Adjectival Predication**. Berlin – Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1996, p. 73-114.

WETZER, Harrie. Nouny adjectivals in typeA languages. In: \_\_\_\_\_, Harrie. **The Typology of Adjectival Predication**. Berlin – Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1996, p. 115-180.

WETZER, Harrie. Verby adjectivals in typeA languages. In: \_\_\_\_\_, Harrie. **The Typology of Adjectival Predication**. Berlin – Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1996, p. 181-230.